UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

RITA DE CÁSSIA KILEBER BARBOSA

O mundo, o núcleo e a mão: figuras da
cura em Clarice Lispector?
Um estudo psicológico de contos e do
depoimento de leitores

São Paulo
2013

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

RITA DE CÁSSIA KILEBER BARBOSA

O mundo, o núcleo e a mão: figuras da cura em
Clarice Lispector?
Um estudo psicológico de contos e do depoimento
de leitores

São Paulo
2013

RITA DE CÁSSIA KILEBER BARBOSA

O mundo, o núcleo e a mão: figuras da cura em Clarice
Lispector?

Um estudo psicológico de contos e do depoimento de
leitores

(Versão corrigida)

Tese apresentada ao

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Doutor em Psicologia

Área de concentração: Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. José Moura Gonçalves Filho

São Paulo
2013

Nome: BARBOSA, R. C. K.

Título: O mundo, o núcleo e a mão: figuras da cura em Clarice Lispector?
Um estudo de contos e do depoimentos de leitores.

Tese apresentada ao
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Doutor em Psicologia

Aprovado em: 10/06/2013

Banca examinadora:

Prof(a). Dr(a). **Yudith Rosenbaum** Instituição: **FFLCH - USP**
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). **Gilberto Safra** Instituição: **IPUSP- PUC**
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). **Arley Andriolo** Instituição: **IPUSP**
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). **Clarissa Medeiros** Instituição: -
Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof(a). Dr(a). **José Moura Gonçalves Filho** (orientador)
Instituição: **IPUSP**
Julgamento: _____ Assinatura: _____

A todos que foram, aos que não foram, aos que serão tocados por
Clarice Lispector.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. José Moura Gonçalves Filho pela parceria, pelo olhar inspirador de pesquisador-poeta, por ter acreditado no meu projeto embrionário e tê-lo amparado para nascer.

Aos depoentes que colocaram à disposição da pesquisa suas mais caras e íntimas memórias.

À Profa. Dra. Yudith Rosenbaum pela disponibilidade e simpatia bem-humorada, pela iniciação acadêmica no universo clariciano.

Ao prof.Dr. Gilberto Safra pela atenção cuidadosa com a pesquisa e com os pesquisadores.

À Profa. Dra. Clarissa Medeiros pela presença valiosa, com seu estilo carinhoso, sensível e preciso.

A todos que tornaram a tese tecnicamente possível e melhor: Caio de Andrea, Letícia Brasileiro, Matilde Kileber Barbosa, Gilbran Chalita e Paulo Botaro.

Aos amigos espirituais pela serenidade, pela força e pelas inspirações: eu não teria concluído a pesquisa sem vocês.

Aos meus pais: Mario Barbosa e Matilde Kileber Barbosa pelo seu amor e apoio incondicionais, pelo lar estável e aconchegante que me permitiu estudar e redigir a tese.

Às irmãs de alma: Fabia Helena Pereira, Letícia Brasileiro e Viviane Nassif (a quem também agradeço pela leitura dedicada de um conto).

A todos os amigos que alegram minha vida com suas singularidades e que têm um lugar eterno no meu coração: Gilbran Chalita, Jaqueline Magalhães, Caren Braun, Fernanda do Valle, Lilian Pedrosa e Marina Bialer.

À capes, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior, pela concessão da bolsa de doutorado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

Ao IPUSP pela oportunidade de realização do curso de doutorado.

A cruz de um homem é esquecer-se de sua própria dor. É nesse esquecer-se que acontece então o fato mais essencialmente humano, aquele que faz de um homem a humanidade: a dor própria adquire uma vastidão em que os outros todos cabem e onde se abrigam, são compreendidos; pelo que há de amor na renúncia da própria dor, os quase mortos se levantam.

Clarice Lispector

RESUMO

BARBOSA, R. C. K. **O mundo, o núcleo e a mão: figuras da cura em Clarice Lispector? Um estudo de contos e do depoimento de leitores.** 2013. 307 f. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

A escrita de Clarice Lispector provoca paixões em alguns leitores e em outros, invencível estranhamento. Depoentes deixaram sua contribuição para esta pesquisa, falando sobre seus sentimentos de gratidão e modificações alcançadas após a leitura do texto de Clarice. Nove contos da autora foram selecionados e analisados à luz da teoria psicanalítica de D. W. Winnocott e à luz da psicologia fenomenológica, buscando entender a sua maneira única e intensa de tocar os leitores. Três figuras que aparecem frequentemente em sua obra foram eleitas como centrais para a investigação do que aqui foi designado como cura: o **mundo**, o **núcleo** e a **mão**. Cada figura se relaciona a outros temas importantes: o **vivo** e o **neutro**. Clarice Lispector cura porque não pretende curar: quando os leitores aceitam a mão que ela lhes oferece, podem recuperar a autenticidade perdida e um olhar orientado para a vitalidade e a alteridade do mundo e dos núcleos.

Palavras-chave: Lispector, C. (1920-1977). Contos. Depoimentos. Leitores. Winnicott, D.W. (1896-1971). Psicanálise.

ABSTRACT

BARBOSA, R. C. K. **World, core and hand: images of healing in Clarice Lispector's work: A research with short stories and interviews with readers**. 2013. 307 f. Tese (Doutorado) –Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Clarice Lispector's writing brings passion to some readers, and in others, an unsurpassable uneasiness. Deponents let their contribution to this research, talking about their feelings of gratitude and changes reached after reading Clarice's texts. The author's nine short stories were selected and analyzed through D. W. Winnicott's psychoanalytic theory and the phenomenological psychology, in trying to understand the unique and intense way she touches her readers. Three images that often appear in Clarice Lispector's work were elected as central to the investigations which here were designated as healing: the **world**, the **core** and the **hand**. Each image links to other important subjects: the **living** and the **neutral**. Clarice Lispector heals because she does not intend to heal: when the readers take the hand she offers, they are able to recover their lost authenticity and a view oriented to vitality and to the cores and world's otherness.

Keywords: Lispector, C. (1920-1977). Short stories. Interviews. Readers. Winnicott, D.W. (1896-1971). Psychoanalysis.

**LISTA DE ABREVIATURAS DOS CONTOS SELECIONADOS DE
CLARICE LISPECTOR**

AGVP.....	A Geleia Viva como Placenta
AFTQ.....	A Festa do Termômetro Quebrado
AAM.....	As Águas do Mundo
MBP.....	Menino a Bico de Pena
OO.....	Os Obedientes
M.....	Mineirinho
PD.....	Perdoando Deus
EI.....	Encarnação Involuntária
ALE.....	A Legião Estrangeira

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. CURA CLARICIANA?.....	2
2.1. As figuras de um caminho.....	10
2.2. O ímã do mundo.....	11
2.3. A irradiação do mundo, o vivo, os lugares e a mão.....	15
2.4. A neutralização e seus avatares.....	22
2.5. O problema dos núcleos.....	29
3. MÉTODO.....	35
3.1. Critérios de seleção.....	40
3.1.1. Contos.....	41
3.1.2. Depoimentos.....	43
4. CONTOS E ANÁLISES.....	46
4.1. A Geleia Viva como Placenta.....	46
4.1.1. Análise.....	48
4.2. A Festa do Termômetro Quebrado.....	53
4.2.1. Análise.....	55
4.3. Análise Intertextual.....	57
4.4. As Águas do Mundo.....	62
4.4.1. Análise.....	65
4.5. Menino a Bico de Pena.....	76
4.5.1. Análise.....	80
4.6. Os Obedientes.....	89
4.6.1. Análise.....	95
4.7. Mineirinho.....	104
4.7.1. Análise.....	108
4.8. Perdoando Deus.....	116
4.8.1. Análise.....	120
4.9. Encarnação Involuntária.....	129
4.9.1. Análise.....	131
4.10. A Legião Estrangeira.....	136
4.10.1. Análise.....	151
5. DEPOIMENTOS.....	166
5.1 Camille.....	166
5.1.1. Análise.....	175
5.2 Laura.....	179

5.2.1 Análise.....	198
5.3 Aureliano.....	203
5.3.1. Análise.....	220
5.4 Margarida.....	224
5.4.1. Análise.....	234
6. A CURA: ALGUMAS CONCLUSÕES.....	238
REFERÊNCIAS.....	243
ANEXO.....	251

1. INTRODUÇÃO

O escritor não é um ser passivo
que se limita a recolher dados da
realidade mas deve estar no mundo
como presença ativa, em
comunicação com o que cerca.

Clarice Lispector¹

Vilma Arêas², entrevistada sobre a razão de a obra de Clarice Lispector despertar intensos sentimentos em seus leitores, inclusive veneração, comentou que muitos não a leem, apenas adoram, sem notar as dificuldades e os segredos do texto, identificando-se depressa com ele, perdendo os seus sentidos imanentes.

A adoração inibe a alteridade e aparição da escrita, faz depressa coincidir o texto com o adorador, substitui a experiência da leitura por um excesso de comentários emocionados e demais definidos apenas pelo lado do sujeito. O contrário, o excesso de zelo também pode caracterizar a adoração, por sua vez deixando o texto demais intocado, sem leitura ou só admitindo leituras profissionalmente autorizadas e já renomadas. Invisível a obra, texto ou invisível o leitor, o contato com o texto fica fora do campo da interrogação e da descoberta, acabando impotente, não se formando como *leitura*. A fecundidade do texto está nas leituras que ora nele se apoiam, ora soltam-se dele, renovando muito ciclos de apoio e soltura.

A escrita só permanece viva nos leitores quando estes podem se aproximar do texto, alimentando-se dele sem fazê-lo desaparecer, mas também

---

¹ Citações de Clarice como esta, retiradas do livro de Olga Borelli, referem-se a pequenos textos, anotações e fragmentos que Clarice produzia sem cessar e que foram ordenados pela amiga da autora. Alguns trechos compõem textos publicados, outros não foram aproveitados por Clarice.

² Em entrevista concedida ao jornal "O Estado de São Paulo" em 11 de dez de 2010. Vilma Arêas é docente e pesquisadora na Unicamp, autora de Clarice Lispector com a Ponta dos Dedos (2005).

afastando-se com alguma desenvoltura. Merleau-Ponty afirmava só conhecermos aquilo que criamos ou recriamos.

Pouco tempo depois de sua morte, Clarice Lispector já era uma das autoras mais pesquisadas pela comunidade acadêmica. Jaime Ginzburg, todavia, naquela mesma entrevista, mostrou preocupação com o que percebeu frequentemente entre estudantes ou jovens pesquisadores, todos apaixonados: “Querem, por empatia, dizer coisas que já foram ditas.” O leitor emocionado pode presumir que o contágio afetivo já vale a compreensão do texto e, sem responder por um paciente trabalho de leitura, pode também limitar-se a repisar o texto ou repisar aquilo que sobre ele ficou consagrado na recepção crítica especializada.

O fascínio pelo texto arrisca perdê-lo. Ao invés de alcançá-lo, a adoração arrisca inutilizá-lo. Nesta pesquisa não buscamos os adoradores, procuramos eleger e ouvir *leitores*. Não deixamos de nos perguntar: por que o amor do leitor? E, tratando-se de Clarice Lispector e dos giros vertiginosos de que o texto é capaz, também nos perguntamos: por que o medo do leitor? Mas não nos ocupamos do amor e do medo isoladamente, mas do amor e do medo *no leitor*, o amor e o medo que *nascem com o texto* e que marcam a *experiência da leitura*. Foram perguntas para nós muito importantes: por que o texto pode amedrontar e enamorar? O problema não foi diagnosticar leitores como amedrontados ou enamorados. A pergunta da pesquisa, mais objetiva, foi: o que, no texto de Clarice Lispector, comove e ganha ou afasta e perde o leitor?

Os relatos que colhemos de leitores trazem experiências tão profundas com o texto clariciano, vividas durante a leitura e estendidas para suas vidas, que a questão do que toca o leitor de Clarice Lispector tornou-se central. O que, no texto da escritora, parece tão profundamente atingir alguns leitores? Esta pergunta reflete uma possibilidade ainda mais ousada de investigação e na qual nos engajamos: pensar como curativa a leitura de Clarice Lispector.

2. CURA CLARICIANA?

Você há de me perguntar
por que tomo conta do mundo.
É que nasci incumbida.

Clarice Lispector

É sempre importante descobrir que
nosso trabalho se vincula a fenômenos
inteiramente naturais, e aos universais,
algo que esperaríamos encontrar nas
melhores poesias, filosofias e religiões.

Donald Woods Winnicott

O pediatra e psicanalista Donald Woods Winnicott fez uma belíssima palestra para médicos e enfermeiros depois publicada em “A cura” (1970), um artigo sobre aspectos do relacionamento humano que realizam um processo terapêutico. Eis o que gostaríamos de lembrar e que muito influenciou sobre o sentido desta pesquisa.

Com Winnicott, diríamos que as palavras têm identidade variada e que, se pudessem falar, contariam a história e vicissitude de suas raízes. A palavra “cura” tornou-se sinônimo de tratamento médico: doença exorcizada e saúde restaurada. Saúde e doença então dissociadas como acontecimentos demais exteriores um ao outro, o que é demais abstrato: não faz sentir o que na doença é alguma orientação, não faz sentir a saúde senão como ausência de doença.

Contudo, a palavra veio originalmente assinalar um traço de práticas religiosas, depois práticas medicinais, um traço que todas as práticas podem trazer ou perder. O termo foi cedo ligado também a práticas da arte e do direito. O que haveria de comum nas práticas curadoras? O cuidado. Curar é acompanhar, assegurar, proteger, favorecer, acentuar: são ações orientadas pela índole da coisa curada. Cura dos templos, cura dos bens, cura das obras, cura das pessoas. Um sentido bem diferente daquele primitivamente assumido

também por outra palavra latina: tratamento. Tratar é originalmente arrastar, conduzir pela força, manusear com brutalidade, designando operações menos orientadas pelos pacientes do que pelos agentes. Foi de onde veio nome para uma máquina de terraplanagem, o trator, que por sua vez derivou para a gíria “tratorar”. A cura e o tratamento, assim tomados, são incompatíveis: numa e noutro são opostas as posições do objeto e do sujeito.

Winnicott discutiu a necessidade de o médico abandonar ou superar a condição técnica e, aquém ou além de um especialista em diagnósticos e medicamentos, lidar com as emoções levantadas, aprofundadas e acachapadas pela doença, lidar com a vulnerabilidade e com a dependência dos doentes e responder-lhes como alguém sentido por eles como confiável. O psicanalista apontou uma capacidade que o médico precisaria trazer ou encontrar e que seria desejável já notar em estudantes de medicina: a inclinação para identificações cruzadas, ou seja, para imaginar-se no lugar do outro e permitir algo inverso. Identificações cruzadas sem dúvida constituem uma experiência de ajuda mútua, uma mão lavando a outra, mas incluem também e especialmente uma troca bastante assimétrica: o médico deixa-se levar para o centro de enfermidade e tormento do paciente; o médico deixa-se usar pelo paciente; o paciente então se serve do médico para assumir uma calma e um ânimo, um descanso e uma ação que, enquanto persistirem a doença e a angústia, são impossíveis de adquirir sozinho. Winnicott mais de uma vez descreveu situações em que a criança enferma ou angustiada refazia-se com o médico e no médico, usando-o, até que pudesse refazer-se por si mesma e em si mesma.

Não se deve pensar que, na cura, por ligar-se ao médico, a criança não esteja separada e só, porque a criança dirige o médico mais do que é por ele dirigida. O médico, acompanhando a criança, acompanha o seu modo próprio de adoecer e recuperar-se. A independência e a dependência são ambas, para Winnicott, relativas. De um lado, conta separação na dependência; e uma criança muito pequena, desde que os outros não sejam intrusivos, depende dos outros e apoia-se neles inclusive para estar só e para reagir ao mundo de modo

pessoal. De outro lado, conta na base da independência a lembrança ou a imaginação de um curador. A cura da criança pode pedir isolamento, mas apenas excepcionalmente e temporariamente, pois a doença parte do contato com mundo, isto é, parte de onde também parte a cura.

Evocando a relação mãe-bebê, Winnicott orienta-se pela capacidade de *holding* para ainda mais profundamente falar do “cuidar-curar”. Segundo o conceito winnicottiano, *holding* é nome para ações de amparo e que incluem o colo, o aleitamento, o contato silencioso, a comunicação calma, a conjugação do movimento da mãe com o ritmo corporal da criança, um modo terno e firme de segurar, o ódio dosado mas não inibido, a agressividade sem descarga mas disponível. O *holding* é feito da atenção confiante. E é a confiança do adulto na criança que gradualmente traz e vê surgir a confiança da criança no mundo. O *holding* é o que numa pessoa encoraja outra. A atenção confiante vai ladeando e alentando o desenvolvimento, a originalidade e a criatividade das crianças, a profundidade e a extroversão, as emoções, os gestos, a percepção, a imaginação, a memória, o pensamento, a fala, a solidão diferente do isolamento defensivo, a comunicação, a capacidade de viver impulsos, desejar, amar e odiar, a brincadeira, a pesquisa, o trabalho.

No contato médico-paciente inspirado pelo cuidar-curar “pode ser que o doente encontre uma solução pessoal para problemas complexos da vida emocional e das relações interpessoais; o que fizemos não foi aplicar um tratamento, mas facilitar o crescimento” (Winnicott, 1970, p. 114).

A cura, tal como a delimitamos, não vem de uma instrução que a tivesse transformado em conduta técnica. A naturalidade com que acontece é um imprescindível ingrediente seu. Pode espontaneamente acontecer entre a mãe e o bebê, entre nós, na cidade, no trabalho, em casa. Pode ser surpreendida nas religiões, na filosofia, nas artes. Parece comparecer na leitura de Clarice Lispector.

Clarice era mais amiga do mistério do que da informação. Os dados de conhecimento são frequentemente desencantados e indiferentes. Seu texto,

entretanto, é conciso, sem enfeite, elaborado com grande precisão, sem desperdício de palavras, sem verbalismo. A objetividade de suas descrições podia beirar a crueza, a franqueza sem rodeios, embora nunca a indiferença. Numa crônica sobre a cidade de Brasília, ela certa vez se apresentou como uma mulher simples, um pouco sofisticada, misto de camponesa e de estrela do céu. Clarice Lispector alcançou temas de altíssima complexidade, um grau originalíssimo de conquistas formais, esposou profundamente o fluxo e o tempo da consciência mais livre.

Seu ponto de partida, entretanto, foi frequentemente um episódio formado na vida diária, embora surpreendido como um episódio vital e como o avesso do cotidiano. Seus personagens, por sua vez, foram muitas vezes encontrados em gente à margem, mas trazida para o centro e revelada com inusitado poder: os pobres, as empregadas domésticas, os loucos, um cego, um bandido, algumas mulheres, algumas crianças. Estes episódios próximos e distantes de nós, estas pessoas próximas e afastadas da média dos humanos, torna a literatura de Clarice Lispector capaz de encontrar o leitor no que é comum e trazê-lo para o que é incomum.

Nas narrativas de Clarice Lispector, a memória de coisas, lugares, natureza, bichos, cidade, pessoas, assinala muita proximidade com a vida comum, a vida de toda gente, mas também prepara e realiza um distanciamento que faz sobretudo assinalar o que morreu, o que resistiu e o que reviveu. Nos romances, contos ou crônicas, a narradora descreve as circunstâncias em que foi trazida para muito perto dos seres ou dos episódios que serão lembrados. São circunstâncias e lembranças que podem se formar para qualquer um de nós. Mas o trabalho da memória vai progredir em Clarice de um modo inesperado e revelador. Um trabalho que muitos de nós não realizaríamos, mas que a leitura acompanha e deixa acessível, curando-nos de não realizá-lo. Uma cura que então realizamos com ela e nela, antes de eventualmente a realizarmos sem ela, mas graças a ela.

Nos textos de Clarice Lispector, as horas e os lugares apontados como

propícios para lembrar, depois as lembranças mesmas e o modo de esmiuçá-las, tudo traz vestígios do modo de sentir e pensar da escritora: ela está presente de muitas maneiras nas coisas narradas. Clarice vive nos textos. Os textos, por assim dizer, parecem alguém. A escritura tem a marca de sua personalidade, mais ainda do que o vaso tem a mão do oleiro, porque os textos de Clarice Lispector nos põem frequentemente a ouvi-la muito diretamente. Os textos a trazem para muito perto do leitor.

As narrativas de Clarice Lispector amplificam extraordinariamente os seus ponto de partida: sondam gradualmente o modo como a narradora ou personagens vão sendo atingidos e vão sendo solicitados pelo objeto. São narrativas de uma solicitação que é corporal, psicológica e moral. É visceral e espiritual a participação da narradora na natureza e dinamismo da coisa narrada. A narradora passa para o objeto e se deixa ocupar por ele. A narrativa dificilmente deixa longe o leitor: chama ou puxa. O leitor fica suspenso, sem as orientações do modo corriqueiro de sentir e pensar. Quando percebe ingressar no campo do texto, sente frequentemente ter passado para o corpo e alma da narradora, antes de ter podido orientar-se por si mesmo. O leitor fica muito aproximado da narradora, aproximado por dentro. Alguém que algumas vezes pede abertamente a participação do leitor: pede a mão, mostrando-se em apuros; dá a mão, supondo os apuros em que colocou o leitor; pede a paciência e a disposição para alegrias difíceis, encorajando. Parece quase sem equivalentes a maneira como a leitura de Clarice Lispector pode ser vivida como interpelação.

Não é raro ouvir leitores emocionados, percebendo a escritora muito perto, como um vizinho íntimo. Recolhemos de alguns a impressão de que Clarice falava-lhes diretamente, conhecendo-os de tal modo que era como se tivesse vindo dizer-lhes o que há muito tempo precisavam dizer-se e não diziam, porque não conseguiam, porque não sabiam com que palavras dizer, porque tinham medo.

A narrativa clariciana compromete o leitor também por mais um aspecto.

Suscita constantemente o espanto, interrogações e novos pensamentos. Os textos mantêm seu potencial germinativo, sem restringir numa só direção a pesquisa que abrem. Há mais de um sentimento aberto. Vem pelo menos um assunto de cada sentimento.

Por exemplo, o conto “Uma galinha”. Começa com uma caçada à galinha que é poupada da morte porque fugiu invencivelmente dos seus perseguidores e botou um ovo. Isso a destaca temporariamente da condição indiscriminada de animal de abate. A primeira a sentir assim é uma criança, depois os adultos. Passado um tempo, comem a galinha subitamente. A unicidade de pessoa, isso é reservado aos humanos ou estende-se aos animais? Ou nem sequer vale para os humanos? Crianças e adultos ligam-se diferentemente aos bichos? Na galinha afinal devorada, a necessidade pesou mais que a ética? Ética na relação com animais? Fora o caso das leituras muito arbitrárias, segundo os caprichos do leitor, não são sentimentos e assuntos quaisquer: são balizados pelo texto, mas sempre mais de um. E acontece do leitor sentir-se mordido por um mais que por outros assuntos possíveis. Isto faz o assunto mordente parecer um assunto escolhido ou que me escolheu, um ato de corresponsabilidade: o leitor sente que as perguntas são suas tanto quanto sente que foram trazidas por Clarice.

De acordo com Benjamin, os narradores como Nicolai Leskov aproximam-se dos sábios, pois suas histórias perscrutaram de tal modo a realidade, aproveitando e potenciando narrativas populares, investigando tipos, pessoas, lugares, acontecimentos caseiros e acontecimentos públicos, passando pelo que é familiar e demorando-se no que é estranho, que acabam trazendo conselhos ou direções não para alguns, mas para muitos de nós, para todos que se tenham reconhecido no mundo narrado. O acervo do narrador é uma vida de experiências próprias e alheias que parecem conversar e compreender-se mutuamente.

Seria temerário aproximar sem mais Clarice Lispector e Nicolai Leskov, já que o segundo era encontrado num mundo que ainda admitia o que Walter

Benjamin chamou de uma comunidade de experiência, distinguindo-a de vivências muito subjetivas, isoladas umas das outras e incomunicáveis, próprias de um mundo que desmanchou comunidades, erigiu sociedades de massa e fez os objetivos do Capital, gerais, abstratos, prevalecerem sobre objetivos concretos das pessoas e dos grupos. Objetivos gerais são equivalentes e devoram objetivos concretos, que são diferentes, heterogêneos, mas que por isso mesmo conversam, entram em acordo, entram em desacordo, desenvolvendo muito o senso prático e espiritual da vida humana.

Os escritores modernos não falam em nome de um mundo igual e não dispõem de um mundo comum, mas parecem alcançar sobre o mundo contemporâneo uma consciência muitas vezes minuciosa do que ficou abstrato, geral, igual para todos, uma consciência do que foi arruinado e do que resistiu, mantendo-se diverso, rico de formas e de sentidos, permitindo a pessoas diversas que se aproximem e conversem, troquem formas e sentidos, influenciando-se e enriquecendo-se mutuamente. É o que entendemos Alfredo Bosi (1977) chamar de “Literatura de Resistência”.

Há algo na literatura de Clarice Lispector que ainda se assemelha à consciência dos antigos narradores. Por exemplo, a escritora traz modos diversos mas coerentes de sentir e pensar o que ela mesma designou como o vivo ou como *núcleos faiscantes*. Ela traz experiências de descobrir e cobrir, experiências que dão o mundo vivo e que o perdem. Isto pode emocionar o leitor, pode fazer sentido, pode trazer alguma orientação, alguma cura. Sem prescrever ou tratar, cura por ver e falar de um outro ângulo, cura por tocar o que estava morto e reanimar, cura por metáforas e histórias, por palavras. Cura por experimentação vicariante: viver com Clarice e em Clarice o que não viveríamos sozinhos. Cura por caminhos desconcertantes, mais ou menos angustiantes, paradoxais: alcançar um remédio tomando também o contrário do remédio. O contato com a impureza da barata para purgar minha aversão e deixar aparecer o outro, mais livre de mim, mais puro: mais longe de mim, mais estranho e selvagem; e paradoxalmente mais perto.

2.1. As figuras de um caminho

Nós julgamos possível desenhar a leitura do texto clariciano como um caminho que, de um modo nem sempre equilibrado, passa por três estações: o mundo, o núcleo e a mão. A noção de estações, quando tomada de modo excessivamente espacial, pode enganar. No quadro da leitura, cada uma delas parece esclarecer e exigir as demais. Talvez devêssemos falar em figuras, figuras do texto, figuras da leitura, figuras da cura. E, assim sendo, tratemos de logo limitar o uso que faremos da noção de figura³:

- ❖ A figura corresponde ao aspecto de um objeto. Admitimos, portanto, variação de figuras para um mesmo objeto, diversas figurações de um mesmo objeto, diversos aspectos.
- ❖ A figura, apanhando aspecto, quer apanhar o objeto como um ente sensível.
- ❖ A figura toma o objeto sensível também como um objeto temporal. A coisa sensível tomada segundo sua variação no tempo da experiência. O objeto varia com a gradual e crescente experiência que se faz acerca dele, a experiência regulada por ele e que o quer incessantemente revelar. A figura é apresentação objetiva da coisa, mas apresentação sem cessar, nunca exaustiva. Na figura, mesmo quando completa, vibra sempre algum inacabamento.
- ❖ A figura quer propor o objeto sob um aspecto pessoal, agarrado à experiência de um sujeito.
- ❖ A figura quer propor-se pessoalmente, mas sem exagero idiossincrático. Um aspecto do objeto vivido pessoalmente, mas, ao mesmo tempo, um aspecto capaz de falar a outros sujeitos, parecendo retirado de uma experiência mais ou menos intersubjetiva ou compartilhada.

---

³ Figura, para esta investigação, guarda parcial inspiração na leitura de Erich Auerbach (1997). Certos traços da definição técnica consagrada por Auerbach foram aqui adotados. Mas recortamos o termo apenas de um modo que fosse válido e frutífero no quadro limitado de nossa pesquisa. Não se trata, portanto, do emprego integral do conceito auerbachiano. O conteúdo e extensão que o termo assumiu para nós devem ser tomados em relação com a tarefa e o procedimento específicos que a pesquisa exigiu e de que nossa competência menor foi capaz.

2.2. O ímã do mundo

O mundo é uma das principais figuras na escrita clariciana, a mais predominante e abrangente. Como uma palavra tão genérica, que inclui quase tudo, pode distinguir a literatura de uma escritora?

O mundo é o ponto de partida, remoto e atual, mais antigo e maior do que eu, antes e além de mim. Na obra de Clarice Lispector, o mundo é destrinchado não como nos romances históricos ou regionais em que a investigação literária lembra ou supera a investigação etnográfica. Uma cidade, por exemplo, pode contar como o disparador da narrativa, mas será menos a cidade do que um trecho de cidade, um pequeno lugar e em pequena hora: o ambiente de uma sala ou da rua, por exemplo, a sala ou a rua ao final da tarde, depois que o trabalho diário terminou, parou e deixou agora indeterminadas as ações e as coisas todas; quem trabalhou, então desamarrado das obrigações, agora descansou e pode ser diferentemente visitado pelo mundo.

O pequeno espaço e o pequeno tempo são menos vistos do que entrevistados pela influência e resultados deixados sobre os moradores da casa ou sobre os pedestres na rua. E, neste sentido, mesmo que o mundo clariciano não apareça por documentação histórica suficiente, é certo que o pequeno espaço e o pequeno tempo alcançam sinais que pesquisadores de sociedade aproveitariam. Mas a direção para a qual a operação da autora parece levar apanha os sinais do mundo de maneira tal que lembra a visada *existencialista*, mais do que a sociológica ou a etnológica. Ao mesmo tempo, a investigação de Clarice Lispector não termina em confessionalismo, diminuindo e perdendo o mundo ao exaltar o sujeito. Sua pergunta não é: que fazemos do mundo? Mas é: que faz o mundo de nós? E principalmente: que fazemos do que o mundo faz de nós? Não é uma investigação sobre os destinos do mundo em nós sem tornar-se principalmente uma investigação de nossos destinos no mundo.

O mundo é vibração: ele vibra subterraneamente, aflora e faz vibrar os

seres que são por ele tocados. O mundo é movimento já ou movimento iminente. Esse mundo inclinado a mexer é muito visitado pela escritora e sempre revelado por dois lados: o mundo parece estático, mas germina⁴; o mundo é imobilizado por dura casca, mas pode subitamente quebrar e escorrer como clara e gema vivas.

Semente ou ovo, nunca pedra, o centro do mundo é vivo. A vitalidade de tal modo caracteriza o mundo para Clarice Lispector que o adjetivo vivo é afinal substantivado e muitas vezes preferido: lemos “mundo”, “mundo vivo” e finalmente “o vivo”.

O mundo, sua vibração e o seu movimento não são apenas físicos, e só são percebidos quando combinamos sentimento e atenção, linguagem e silêncio. O centro do mundo não pode ser apreendido por percepção mecânica ou inteligência vazia, só pelo gosto de sua vida e por palavras que não percam o paladar. O mundo que aparece apagado, desvitalizado, coberto por cascas, é o mundo que precisou ser muito trabalhado social e individualmente para que se tornasse estéril e insignificante.

O mundo é encontrado pela experiência, mas não como uma fabricação da experiência: o objeto imanta a experiência, chama a experiência e é sempre um pouco mais do que a experiência dele me deu. Na obra de Clarice Lispector, a aparição maior do mundo vivo é preparada pela aparição menor dos locais, coisas, bichos ou pessoas. E é como outro que aparece, talvez sendo mais acertado o emprego de maiúscula: o Outro, maior, muito maior que o sujeito que pretenderia contê-lo e ajustá-lo aos seus medos e aos seus interesses.

O mundo ordinário é sempre descortinado como extraordinário, indomável, não-eu capaz de retirar-me de mim mesma. É nesse campo de sentidos que comparece a expressão “o Deus”, meio sagrada e meio profana, buscando comunicar a ideia de uma transcendência invencível do mundo. O mundo é

---

⁴ Aludimos aqui a Adélia Prado e um verso seu do poema “Leitura”, de possível reminiscência clariciana: “Eu sempre sonho que uma coisa gera, nunca nada está morto. O que não parece vivo, aduba. O que parece estático, espera.” (p. 17)

capaz de levantar o medo e a reverência que se tem diante do que é grande demais. O mundo escapa ao corpo: é inapreensível. Escapa ao espírito: é mistério. Não consigo pegar, só tocar e falar dele como quem o toca sem agarrar.

O mundo é inumano e humano. É a natureza que acorda e assusta, abriga e desabriga. É a cultura que promove ou esconde a vida. O mundo impele sempre, angustiando e animando. Em Clarice Lispector, o mundo não sou eu, mas mexe sempre comigo e eu me pareço com ele.

Toda esta experiência do mundo foi conquistada gradualmente pela obra de Clarice Lispector. É o julgamento de Alfredo Bosi (1994), que chama atenção para a “educação existencial” progressivamente realizada. O começo da caminhada teria privilegiado o caminhante mais que o caminho, deixando relatos mais introvertidos. Nos textos de iniciação, a escritora teria se aproximado “do mundo exterior como quem macera a afetividade e afia a atenção: para colher atmosferas e buscar significações raras, mas ainda numa tentativa de absorver o mundo pelo eu” (p. 424). Entretanto, o ato de escrever cada vez mais praticado como liberdade para o objeto, a atenção cada vez mais disponível, foi devolvendo ao mundo de um modo extraordinário. A este respeito, Alfredo Bosi acentua a situação de **A paixão segundo G.H.** (1964) como de uma obra divisora.

Há tal exacerbação do momento interior que, a certa altura do seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise. O espírito, perdido no labirinto da memória e da auto-análise, reclama um novo equilíbrio. Que se fará pela recuperação do objeto. Não mais na esfera convencional de algo-que-existe-para-o-eu (nível psicológico), mas na esfera de sua própria e irredutível realidade. O sujeito só “se salva” aceitando o objeto como tal; como a alma que, para todas as religiões, deve reconhecer a existência de um Ser que a transcende para beber nas fontes da sua própria existência. Trata-se de um salto do psicológico para o metafísico, salto plenamente amadurecido na consciência da narradora. [...] E a obra toda é um romance de educação existencial. (Bosi, 1994, p. 424)

Epifania é a palavra empregada para descrever momentos em que o mundo

encontra o sujeito muito aberto para as luzes e sombras do objeto. São momentos de contato e comunicação equilibrados pelo silêncio e pela palavra. No caso de Clarice Lispector, há palavras trazidas do silêncio, trazidas do sentimento do mundo, há palavras trazidas de muito silêncio, trazidas do sentimento neutro do mundo. E há silêncio trazido das palavras, quando as palavras calam a escritora ou o leitor, levando para sentimentos nunca antes sentidos. A palavra descoberta assume um significado muito forte na literatura de Clarice Lispector. Descobrir parece feito de dois movimentos: a escritora alcança horas em que o objeto é desvencilhado de visões viciadas, visões comandadas por apegos do eu ou por conveniência social, e entrega-se a um novo sentido da realidade. As descobertas dependem de muito desprendimento. O andarilho precisa despojar-se de “tudo aquilo que impede o espírito de caminhar com as forças nuas do próprio ser” (p. 424), o que vemos, como Alfredo Bosi, tão bem representado já na abertura de **A paixão segundo GH:**

Perdi alguma coisa que me era essencial, que já não me é mais. Não me é necessária, assim como se eu tivesse perdido uma terceira perna que até então me impossibilitava de andar, mas que fazia de mim um tripé estável.

O despojamento atingido por G.H. precisou “atravessar até o âmago a náusea do contato” (p. 425) e ganhou um grau tão alto de experiência suprapessoal que Alfredo Bosi reconheceu um vínculo entre a paixão de G.H. e *Agapé*, a misericórdia que

só se realiza baixando ao humilde, o objeto-abjeto, para assumi-lo e compreendê-lo. Contrariamente a Eros, que se inflama só quando ascende à fruição do que é belo. G.H. ultrapassa a repugnância que vem de um eu demasiado humano; e atinge a comunhão de si mesma com o inseto: então não há mais eu e mundo, mas um Ser de que um e outro participam (Bosi, 1994, p. 425).

2.3. A irradiação do mundo, o vivo, os lugares e a mão

A exposição ao mundo tornou-se exposição a uma realidade viva e transcendente, alcançada pela escritora e então disponível para leitores. A resistência do eu fracassou e o mundo vivo o impeliu para fora de si mesmo: nada será como antes. Muitos leitores testemunham isso: um antes e um depois de Clarice Lispector. Isso torna a leitura muito exigente: precisa ser suportada porque pode tornar-se insuportável. O que aparece vivo atrai de forma quase irresistível, tornando a indiferença quase impossível. Parece não ser mais possível esquecer o que foi vivido e preservar o antigo estado orientado pelas rotinas da casa ou do trabalho. Tudo pode parecer vazio e insustentável se não incluir a experiência viva. No conto “Os obedientes”, os pacatos cidadãos visitados pelo mundo vivo e despreparados para ele tornaram-se apáticos ou suicidas.

Quando o chamado do mundo é atendido, tudo muda: o perfil das coisas todas ou das pessoas pode ficar desmanchado. A identidade dos entes pode ficar insólita ou sem sentido, sem valer e merecer nossa confiança e adesão. O resgate da rotina passa a depender de um esforço, ela deixa de ser automática. E o esforço fracassa um tanto. As instituições e as pessoas poderão facilmente parecer repulsivas ou risíveis, bastando que pareçam um pouco maquinais.

Em “Amor”⁵, Ana, quando se depara com um cego que mascava chicletes, cai num sentimento alternadamente designado por duas palavras: vida e misericórdia. A palavra “vida” e a vida mesma entram em duas diferentes ordens semânticas e que correspondem a duas diferentes experiências. Há uma vida descoberta naquela tarde, a vida que surge na passagem pelo cego, prossegue pelo Jardim Botânico e fica desalojada em casa, mas insistente,

---

⁵ O conto integralmente transcrito está em Anexo.

chamando subterraneamente. E há a vida doméstica de todos os dias, que amortece ou amordaça a outra primeira vida, aquela então afastada, silenciosa, mas operando ocultamente, insistindo ao redor, arrepiando como um frio. Analogamente, há a misericórdia, a bondade vertiginosa e há a bondade do marido, dos irmãos do marido e das mulheres dos irmãos, a bondade sem perigo: o conto faz contraste entre a bondade sem lugar dos amantes ou dos santos e a bondade bem instalada e contente dos irmãos; a intensa bondade e a bondade comedida; a bondade ardida e a bondade apagada; a bondade desorientada e a bondade apumada. Há o mundo sujo a que Ana sentiu pertencer e há a casa limpa a que Ana não pertence mais. A casa que limpou o mundo já não pode mais ser sua. Essas oposições dividem a protagonista de um modo dilacerante: nenhuma unidade é alcançada, nenhuma síntese, e à noite as oposições terminarão sem energia no quarto, logo antes de Ana dormir, enquanto se pentear. No leitor, entretanto, as oposições talvez permaneçam ativas, perturbadoras ou intrigantes.

A passagem pelo Jardim Botânico segue-se à passagem pelo cego, uma preparada pela outra. O cego e o jardim tornam-se mediadores e fiadores de uma mudança em Ana que, de volta à casa, fica sem parceria e apoio. O apelo vital do cego e depois do jardim levantam culpa em relação aos familiares que - sem sentir o apelo que Ana sente, sem dar a mão senão para jantar, dormir e tampar - estranham-na e tornam-se estranhos para ela: parece à personagem que, sentindo vida e misericórdia, é chamada para fora de casa, para *lugares que precisam dela e de que ela precisa*; parece que o sentimento vital, caso não seja evitado, irá fatalmente fazê-la esquecer e desligar-se de filhos, marido satisfeito, irmãos do marido, esposas dos irmãos. Pisaria nos filhos caso não se cuidasse, pois aconteceu de vê-los sob aspecto demais impessoal, mecânico, como *pernas compridas que correm* e como *rostos iguais*, indistintos. Recordemos a terrível cena em que a mãe vital estranha o filho habitual e lhe pede para não deixá-la esquecer-se dele.

A visão do cego mascando chicletes parece valer a visão de um deficiente que, sem renunciar ao prazer desinteressado, extravasa pura vida, furando a

imagem de um coitado amarrado à deficiência. É visão que abre outras: faz ver a face sob roupas que a queriam muito coberta (*junto dela havia uma senhora de azul com um rosto*) e obriga a visão misericordiosa da face desprezada e repugnante: Ana beijaria o leproso, agora nunca seria só sua “irmã”.

O isolamento social desaloja, infunde sentimentos de culpa, pode desencorajar: quem vê sozinho a vida pode ficar sem lugar no mundo e abandonar a visão. Sem encontrar comunidade, a pessoa antevê uma desmoralização, o banimento do tipo sofrido pelos loucos. Ana viu o cego a mascar prazerosamente e foi abalada pela vitalidade e amor daí despertados. Mas... *Em cada pessoa forte havia a ausência de piedade pelo cego e as pessoas assustavam-na com o vigor que possuíam.* Ana, então, instintivamente, foi buscar consolo onde não havia ninguém e onde a vida contasse sem oposição: o Jardim Botânico *era um mundo de se comer com os dentes* e onde a consciência parecia sonhar. Um lugar real e que ao mesmo tempo embala estados oníricos, descansa, aconchega o núcleo de alguém, como um berço para o eu renascido do mundo vivo. O vasto jardim *parecia acalmá-la, o silêncio regulava a respiração de Ana; ela adormecia dentro de si.*

De volta para casa, Ana se vê em terra sem transe, limpa. O lugar vai progressivamente roubar-lhe o mundo. A “vida sadia” parece-lhe agora doente, um modo moralmente insano de viver. A casa e os seus sadios moradores vão apagar da mulher o cego e a natureza; e, assim, vão limpando a mulher de si própria. Perdendo seus lugares propícios, o eu perde o eu. Ana quer iludir a perda, quer inutilmente safar-se pelo esforço: gostaria de fabricar um eu postigo e retomar compromisso com a unidade e a ordem da sociedade saneada. Ao mesmo tempo, ela teme esquecer e abandonar o cego e o jardim, arrastada para o lado dos que já não sentem mais nada, não enxergam os pobres e não se acalmam em jardins selvagens.

A respiração da vida, a consciência inspirada e a ação foram afinal desperdiçadas quando, sem lugar e sem parceiros, Ana não encontrou sustento: *penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum*

mundo no coração.

A consciência e a ação são perturbadas e inspiradas pelo chamado do mundo vivo e pelos paradoxos que levanta: o bem parece mal; o mal parece bem; a amante parece odiar; a bondade é dolorosa; a misericórdia é violenta; o anseio é ânsia; o compadecimento é padecimento; o amor é ruim; a piedade é crua e sufoca; a vida é horrível; a vontade de viver é a pior vontade; a verdade é nojenta; os seres vivos, vulneráveis e perecíveis como ostras ou flores, são lânguidos, o aspecto é tão doce quanto asqueroso; a vida abafada perdura ao redor em secreto trabalho e parece ameaçar como no calor do céu um avião estremeedor; as águas prometem castigar, querem explodir, arrebenhar e inundar; a força é indiferente, a fraqueza é lúcida; a letargia é moral, a alma é imoral; os vivos morrem ou matam e os mortos sobrevivem e são cordiais. A consciência de Ana estava tocada, mas também estilhaçada pelo que percebeu. A consciência e a ação, quando tocadas, mas sem interlocutores e sem comunidade com outros agentes, acabam impotentes, desarticuladas, confusas, desorientadas.

O que faria Ana se seguisse o chamado do cego? Iria sozinha, responde a narradora. **Laços de Família**, um livro de 1960, apresenta várias vezes um espírito perscrutador mas que afinal não consegue sustentar sozinho a vida das descobertas e esmorece. Ir ao mundo pode não bastar, a conquista vital estaria sempre por um triz quando praticada isoladamente. Acreditar demais em resultados que fossem obtidos apenas e tão somente por mim mesmo seria quase admitir a possibilidade de eu me erguer com as próprias mãos, puxando-me pelos cabelos: minha abertura para a vitalidade e alteridade do mundo parece apenas selada quando dividida com mais alguém.

É notável que, no período de ensaios mais extrovertidos, o medo do mundo não é o mesmo que aquele tão solitariamente sofrido no período de ensaios anteriores. O medo parece menor, menos desintegrador, aliviado pela figura da mão de mais alguém, a mão de outrem. Em **A Paixão Segundo G.H.**, a mão estendida ou a mão solicitada a quem tenha embarcado com a escritora na

aventura do vivo aparece mais de uma vez. Em momentos inesperados, mas fundamentais e comoventes, a narradora, pausando a narrativa, interpela diretamente o leitor para pedir-lhe ou dar-lhe a mão.

Voltemos a Ana. Ela previu a rejeição caso não desistisse de sua súbita vitalidade. Ana faz várias alusões ao isolamento ou ao banimento social. Há a cena de rua, já mencionada, onde não reconhece em ninguém a piedade pelo cego. O caráter doloroso da bondade que ele lhe inspira parece ligado não só ao desconcerto de um impulso poderoso, mas também à condição pública em que ninguém parece compartilhá-lo.

Outro exemplo, também já mencionado: a cena de casa em que mãe e filho se abraçam e Ana percebe seu filho como um boneco. A mãe aperta com medo o menino, que chora assustado, chama mamãe para tentar reencontrá-la por trás da mulher esquisita. Sem resposta, chamar a mãe atirou o menino no desamparo. Ele escapa para proteger-se, mira de longe e, mais seguro, lança à mãe um horrível olhar de reprovação, que a envergonha.

Outro ainda: o marido tinha apenas derrubado o café, mas a sensibilidade aumentada de Ana a fez imaginar que pudesse ser um estouro do fogão. Naquela tarde, ela chegara faiscante à casa morna e temia que tudo estourasse por não suportar o mundo que trazia. O marido riu, sem entender, desconhecendo a esposa e supondo que ela havia simplesmente se equivocado. Depois do cego e do jardim, era para a esposa que tudo em casa parecia risível e parecia triste. Sem notar que banalizava o medo da esposa, apaziguou quem estava tão assustada quanto viva. A comunicação resultou desencontrada e esterilizante. A mão do marido estendeu-se para Ana, o que não era habitual, mas estendeu-se para tampar:

Hoje de tarde alguma coisa tranquila se rebentara, e na casa toda havia um tom humorístico, triste. É hora de dormir, disse ele, é tarde. Num gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver.

Último exemplo, talvez o mais grave, pois a solidão vai ao máximo: Ana anteviu a rejeição por aquele mesmo que a havia acordado. E a narradora fala então em banimento. *Sentia-se banida porque nenhum pobre beberia água nas suas mãos ardentes.(...) Humilhada, sabia que o cego preferiria um amor mais pobre. E, estremecendo, também sabia por quê.* Ele se envergonharia dela e do amor que, sem saber, havia ele mesmo encorajado. Eu temo em alguém o que parte também de mim e nos deixa a todos mais ou menos descomedidos e desajeitados.

As dificuldades do contato com o vivo não são pequenas e fazem a gente tremer. A angústia que vem é de tipo confusional, embaralha o bem e o mal, a vida e a morte, o atraente e o repelente, o fascinante e o horripilante; o amor e o horror. Os mais vivazes movimentos humanos são mesmo paradoxais: o que primeiro nos desorienta pode mostrar-se o meio de uma orientação maior e mais profunda. Mas não sejamos demais otimistas: os textos de Clarice Lispector várias vezes passam por vivências paradoxais e felizes, mas a escritora soube igualmente bem descrever e narrar desgraça ou tragédia. Na obra de Clarice, há reversibilidade entre angústia e cura: a cura é mais ou menos angustiada. Mas a cura pode ser vencida pela angústia. Quem daria conta de expor-se sozinho à irradiação do mundo? As frases que dão de uma só vez o amor e o horror de Ana, o amor e o terror de amar, são amiúde cercadas por frases que dão a solidão de Ana, sem parceiros e interlocutores na multiplicação do mundo.

Um impasse trazido pelos chamados do vivo, o drama daí decorrente, não é coisa de curar por um só indivíduo - a pessoa retirada do relacionamento com os outros e detida na esfera abstrata do relacionamento do eu com o eu - como se uma saída pudesse ser esperada das maquinações do ego e dispensasse ações da comunidade. Considerar que a escritora visasse qualquer coisa como apenas o amadurecimento individual implicaria a despolitização da literatura de Clarice Lispector e também seria não atinar com o sentido propriamente ético do seu itinerário. As saídas e os becos humanos ligam os humanos aos outros humanos. A náusea que sobe à garganta de Ana é tanto a náusea da mulher

grávida quanto a náusea da mulher abandonada: o leitor retome o conto e veja como isso é notável. É náusea de quem ingressou na tremenda esfera do vivo e foi largada,desmoralizada ou banida. A capacidade de viver o mundo que se abriu vivo não é tarefa a que obriguemos uma pessoa solitária e menos ainda a pessoa banida. É grande a compaixão de Clarice Lispector pelos isolados e os ridicularizados.

2.4. A neutralização e seus avatares

Em Clarice Lispector, a percepção do mundo como mundo vivo é frequentemente mediada por percepção que devemos chamar “neutra” porque toma o objeto fora dos sinais e valores gregários e também fora dos sinais e valores egóticos. Toma o objeto fora da perspectiva demais organizada pelas instituições sociais ou pela personalidade excessivamente orientada e que presume já tudo conhecer. O primeiro tempo das narrativas é frequentemente dedicado a uma operação de neutralização: o desprendimento de todo sentido previamente fixado para o objeto por injunções coletivas ou individuais.

Que é neutralizar, o que é pôr sob perspectiva neutra? Nossa resposta vai se guiar pela *atitude* reconhecível na escritora, atitude a que ela convida também os leitores. Trata-se de uma atitude que o texto mesmo e a leitura ajudam a formar. Almejamos assinalar alguns traços dessa atitude e que possam valer como notas psicológicas.

Atitude, em psicologia social, é uma inclinação de sentimento e pensamento que os outros humanos ajudam a formar ou desmanchar. A atitude neutra exigida do leitor de Clarice Lispector é precedida pela atitude que a escritora parece muito conscientemente ter testemunhado como uma atitude exigida pela alteridade dos objetos. Não é possível apreender o que nos supera, só tocar. E isso exige desprendimento de todos os modos muito armados de sentir e pensar já disponíveis no terreno da vida comum ou da vida privada.

A atitude completamente neutra é impraticável, pois talvez ninguém possa perfeitamente sacrificar sentir como sente e pensar como pensa. E talvez ninguém possa absolutamente desligar-se do que nossos semelhantes e vizinhos sentiram e pensaram. Contudo, a tarefa fica factível graças a duas operações reconhecíveis na escritora:

- a) sentir e pensar por variação de ângulos; e

b) sentir e pensar como quem se imagina em lugares alheios de sentimento e pensamento, prosseguindo na variação de ângulos agora pelo expediente de sentir e pensar imaginando como o fariam aqueles que não sou eu e que já vi ou presumi sentindo e pensando.

A variação de ângulos como tarefa da pessoa sozinha e da pessoa vicariante é o que põe o sentimento e o pensamento sob uma perspectiva que nunca seria minha se eu não a tivesse alcançado por variações vividas comigo mesmo e com os outros. O resultado difere de qualquer coisa que eu alcançaria pensar sem os outros e só de um ângulo, geralmente aquele que não desafia minha tolerância ou a tolerância social e me mantém disposto a sentir e pensar só o que não parecer intolerável.

Em Clarice Lispector, o desafio à intolerância tanto de pessoas quanto de instituições parece mesmo um objetivo ativamente perseguido: propor-se a sentir tudo, especialmente o que for quase intolerável. A massa branca da barata? Atingi-la com a língua que toca e com a língua que fala do toque!

Uma outra dupla de princípios derivou então da primeira: pensar com o corpo para, movendo-se por linguagem, também pensar além dele. Pensar como um pensador encarnado, para quem a linguagem é sempre uma operação mais ou menos casada com o corpo. E a linguagem supera a informação corporal, mas apoiando-se nela como numa alavanca. Pensar nunca sem sentir; sentir para pensar.

A ordem rotineira, a pesada ordem dominante, parece não querer encontrar o mundo. As coisas, as plantas, os bichos e as pessoas ficam sem o seu potencial de despertar e de tirar os despertados da banalidade cotidiana ou do controle gregário. Predominam as pequenas e grandes repugnâncias que os seres nos levantam.

A transição da repugnância social e pessoal, o nojo e a náusea, para a desinibição, a passagem do toque aversivo para depois só o toque, isto parece corresponder ao que o texto clariciano busca incessantemente. Se o asco não é vencido, que seja ao menos exposto sem desculpas. Que a pessoa sozinha não

vença definitivamente o asco não será pretexto para que os outros sejam acusados, a pessoa vitimizada e o asco justificado. A condição subjetiva e intersubjetiva da capacidade de sermos neutros é razão para sermos delicados mas também exigentes uns com os outros e com nossas maneiras de nos associarmos no medo.

É a atitude neutra diante do mundo que libera aos poucos o sentimento do mundo vivo. A figura amarrada do mundo, passando pelo acolhimento neutro, libera a figura viva e solta do mundo como uma correnteza e traz a intuição da vida mesma.

O deslumbramento com um mundo sublimado - sem ratos - e o horror paralisante com o mundo - onde encontramos ratos mortos - são maneiras de não soltá-lo, de querê-lo segundo meu prazer ou meu desprazer. É substituir a influência centrífuga do mundo por uma contenção centrípeta praticada por mim ou por nós.

Oh, não se assuste tanto! (...) repeti como se pudesse alcançá-la antes que, desistindo de servir ao verdadeiro, ela fosse (...) servir ao nada. Eu que não me lembrara de lhe avisar que sem o medo havia o mundo. (Lispector, 1971/1999, ALE, p.79-80)

Um mundo que só pode existir segundo o limite do meu medo, um mundo que não pode assustar nem espantar, deixa de existir. O que é necessário não é que não se tenha medo, tampouco que o medo regule o que posso saber do mundo e o que não posso saber. Este seria o caso em que eu diria a mim mesmo: só posso saber o que não me dá medo; e não quero saber nada do que me dá medo.

Existe certa convicção de que a verdade e o medo sejam incompatíveis, nunca simultâneos: quem tem medo não vive a verdade; quem vive a verdade não tem medo. Eu diria a mim mesmo: se algo traz medo, não é verdadeiro e precisa ser eliminado como superstição; se algo não traz medo, então é verdadeiro e pode ser conquistado.

A verdade pode assustar sem que seja necessário eliminá-la ou dominá-la.

Em contrapartida, o meu medo não precisa ser eliminado para que eu pudesse viver a verdade. Clarice Lispector parece conviver com o medo, vivendo ora com medo e ora sem medo. Viver o medo não é ser arrastado por ele e nem eliminá-lo, bastaria que algumas ou várias vezes eu pudesse viver o que me dá medo sem me limitar a viver só o medo que me dá, tendo a dizer só que me dá medo e mais nada. O mundo que assusta Clarice Lispector faz mais do que só assustá-la e dá sempre mais do que apenas o medo. A escritora parece viver o medo. E também parece não vivê-lo demais, servindo-o como um escravo serve ao seu senhor. O medo não seja meu dono e eu não seja o dono dele. Isso pode bastar para que vivamos o mundo. Dominar o mundo não é condição para fazê-lo existir pra mim. E deixar de dominá-lo não faz o mundo deixar de existir. Seria necessário que o mundo pudesse existir sem precisar todo tempo existir para mim ou para a minha tranquilidade. O mundo assusta porque existe e não sou eu. E inversamente: só permitindo que não seja eu é que o mundo pode existir, assustar e fazer mais por mim do que só assustar.

A neutralização desarma a compreensão funcional, aquela forma de inteligência que se satisfaz com decisões sobre os entes restringidas à correspondência de todos e cada com nosso apetite ou nossas necessidades utilitárias: valendo todos e cada um por sua capacidade nutritiva ou serventia, ficam fixados como coisas de consumir e usar. Nada que neles adivinhasse mistério, enigma ou outros sentidos.

Enquanto permanecemos no meio de objetos que existem segundo nossa fome e interesse, nosso comportamento adquire o automatismo e a previsibilidade de qualquer consumidor ou usuário. E aplicaremos sobre pessoas a mesma regra aplicada sobre coisas. Então tudo e todos perdem aquela independência e beleza que só atenção neutra, desinteressada, pode outra vez sentir. É como enxergar pela primeira vez: visão virgem, selvagem. E então é aí que recomeça o mundo, o movimento do mundo, a vida do mundo, tudo muito maior do que eu e do que nós. É bom estar preparado para a vertigem, porque a vida do mundo vai ficar solta como as tempestades ou os ventos, livre de tudo que a abafava: o vivo aparece, começa a agir e a gente

agora sente.

A neutralização nem sempre é agradável. Dá um mundo que pede passagem e entra. Se não lhe abrimos a porta, pode arrombar, machucando ou triturando a subjetividade. Há horas, na escritora ou em personagens, que a subjetividade parece quase abandonada e parece que só passa o mundo, mais poderoso que nunca. A neutralização pode revelar um mundo aterrador, intempestivo, capaz de derrubar tudo que estivesse imobilizado.

Vivo estava tudo. Tudo é vivo, primário, lento, tudo é primariamente imortal. (...) havíamos endurecido a geléia viva em parede, havíamos endurecido a geléia viva em teto; havíamos matado tudo o que se podia matar, tentando restaurar a paz da morte em torno de nós, fugindo ao que era pior que a morte: a vida pura, a geléia viva. (Lispector, 1972/1999, AGVP, p. 402-403)

O vivo unifica as criaturas vivas, liga tudo o que foi vivificado:

Eu sabia que nós somos aquilo quem tem de acontecer. Eu só podia servir-lhe a ela de silêncio. E, deslumbrada de desentendimento, ouvia bater dentro de mim um coração que não era o meu. Diante de meus olhos fascinados, diante de mim, como um ectoplasma, ela estava se transformando em criança. (Lispector, 1971/1999, p. 74)

“O sal, o iodo, tudo líquido, deixam-na por uns instantes cega, toda escorrendo – espantada de pé, fertilizada”. (Lispector, 1971/1999, AAM, p. 145)

“[...] vi a vida se abrir na sua carne e me espantei, e vi a matéria de vida, placenta e sangue, a lama viva. Em Mineirinho se rebentou o meu modo de viver”. (Lispector, 1978/1999, M, p. 124)

O vivo passa pela natureza das coisas e das plantas e dos bichos, passa pela natureza humana. Vibrante, é a pulsação do mundo. Tudo pode estar vivo, bastando um olhar neutro para que a vida escorra e manifeste-se como

suprema realidade: uma realidade maior, anterior e posterior a tudo, por dentro e por fora de tudo, a matéria, o ectoplasma, o Deus.

O vivo toma um caráter ígneo, pneumático, sonoro, um caráter líquido infinitamente abrangente. Como fogo, ar, som ou água, inflama, sopra, sussurra ou flui. Pode ganhar ondas furiosas e incendiar, tombar, ensurdecer ou encharcar. O leitor atingido vai aparecer, desaparecer, salvar-se, danar-se, viver, morrer, receber, perder, desadormecer, sonhar, curar, adoecer. Renascer ou sucumbir vai depender do impacto sofrido, vai depender de estarmos duros ou flexíveis e vai depender dos lugares e de outros humanos que acompanhem ou contrariem nossa alteração.

A literatura de Clarice Lispector vive de reencontrar e conviver com o mole, a lama, a geleia, a placenta. A coisa é mais viva quando é úmida; e quando se torna ostra deixa de ser coisa. A experiência dessa umidade nós relacionamos a Winnicott e aos estados de “não-integração”, condição que é diferente de estados desintegrados, cindidos. Estados não integrados são aqueles estados relaxados do corpo, da alma, da consciência e que se abrem, recebem o mundo, acolhem: são, segundo o psicanalista, condição e fundamento de nossa criatividade. A criatividade decorre da capacidade do “eu” em viver sem horror o “não-eu”, balançando entre não-integração e alguma gradual integração.

As pedras, as árvores, as feras, a cidade, os cidadãos, tudo amolece sob o olhar clariciano, pode às vezes dissolver. Os seres todos parecem interagir e trocar energia. Somos nós também, as pessoas, incluídos no círculo das interações. O vivente une-se aos viventes, como que fazendo uma só voz com eles. Mas também recua, faz silêncio perto deles ou conversa: a sensibilidade para os perfis e a atenção para a pluralidade das vozes estão presentes na obra da escritora. A separação dos viventes difere de um divórcio e, mais precisamente, difere de uma dissociação. Separação pode permitir comunicação. Contudo, separação é sobretudo solidão, silêncio, contato silencioso, grandes temáticas claricianas. Uma solidão que, diferente do isolamento, persiste nas horas em que cada ser, por si mesmo e de modo bem

próprio, aproxima-se dos outros. Um silêncio que tanto liga quanto desliga os silenciosos, a ligação não sendo mais nem menos valorosa que o desligamento.

No artigo “Clarice Lispector e o espírito das línguas”, Claire Varin (2004) notou que tanto os escritos quanto a escritora tinham uma mesma “necessidade de confronto com as palavras dos outros, as línguas dos outros”.(p. 204) Clarice falava português, inglês, francês, espanhol e parece que um pouco de italiano. Filha de judeus ucranianos, cresceu brasileira e querendo pertencer ao mundo mais que ao Brasil.

2.5. O problema dos núcleos

A subjetividade precisa recuar para deixar o mundo passar. Mas as experiências amplificadas do mundo vivo, as experiências superlativas do vivo, incapturável, um grande outro, são como imensas ondas de vida em que a subjetividade pode naufragar ou desaparecer. A transcendência não pode ser vivida quando se torna descomunal. Às vezes parece não bastar um mergulho ou a imersão e a escritora parece desejar o naufrágio mesmo, nem sequer um desaparecimento só temporário.

Há textos em que “a soberba impersonalidade” do vivo, sua indiferença em relação aos viventes que o desejam, a indiferença do Deus, da substância primária e neutra, parece sublimada e só celebrada, sem que seja estimada a desolação dos viventes e o risco para eles de despersonalização caso sejam atirados contra o Ser sem a mão dos seres. Não é a despersonalização das pessoas aderidas aos papéis sociais, mas a despersonalização dos amantes quando querem praticar o desaparecimento de qualquer intervalo em que fossem ainda reconhecíveis o amante e o amado. Há textos em que parece vir a vontade de uma voz impossível: uma voz sem o falante e que fosse feita de só falar o ser.

Mas nada disso é absolutamente evidente em nenhum texto da autora. A orientação de Clarice Lispector para a grande vida não deixa sem reconhecimento uma orientação para as pequenas vidas. Nunca é evidente um sentimento indiscriminado do Ser Maiúsculo e um sentimento derrotado dos seres minúsculos, então desprezados.

O mar e a escuridão. Dois seres vastíssimos que costumam aparecer nas narrativas de Clarice Lispector. Por vezes, o mar e a escuridão são o ponto de partida ou o ponto de chegada, o ápice da narrativa. O mar e a escuridão começam sendo eles mesmos e passam a metaforizar a vida infinita e imortal do mundo. Nestes casos, a afeição que tenha visitado os seres finitos e mortais

vai parecer lateral e temporária, só passagem para o amor e a admiração do ser maior que tudo abraça e supera.

Nas imersões claricianas, muitas vezes é incontestável o seu anseio de só silenciar, sem sequer guardar reverência, pois a reverência ainda separa o mergulhador e o oceano. Um anseio assim apaixonado tornaria difícil ou impossível decidir se corresponde a um desejo de fusão ou de comunhão. Por isso é que queremos agora acentuar os textos de comunhão entre núcleos, núcleos cujo centro não estão em si mesmos, núcleos descentrados e centrífugos, mas ainda assim núcleos, separados e irredutíveis. Julgamos que as leituras cautelosas podem reconhecer, a respeito do mundo e dos núcleos, uma variação nos textos de Clarice Lispector que ora faz mistura e ora faz distância ou coordenação entre quatro fenômenos: a fusão, a reversibilidade, a separação e a comunhão.

Nas vezes em que há separação entre mundo e núcleo, fica mais visível um gosto pela multiplicidade das fisionomias e das vozes. A separação reage à confusão, tempera o fascínio da reversibilidade, faz apreciar os núcleos e admite comunhão entre núcleos e com o mundo espantoso.

Se houvesse constante equilíbrio na obra de Clarice Lispector, ela estaria dividida entre dois temas: o mundo e os núcleos. A onipresença da figura mundo, entretanto, não vale para a figura dos núcleos. A explosão neutra do vivo muitas vezes enfraquece e vence a experiência das formas separadas.

O núcleo, em Clarice Lispector, é tema controverso e nos distancia de uma linha forte de interpretação que ficou consagrada por intérpretes de base heideggeriana - Benedito Nunes seja lembrado como um caso muito representativo.

A ideia de núcleo faz mais de uma aparição na obra da escritora e foi de lá que o tomamos para realçá-lo quando ele não aparecer textualmente. São vezes em que fica afirmada uma experiência que, recorrendo a Lévinas (1988), nós a designaríamos como vivência da unicidade não-identitária e que inclui especialmente, mas não só, a vivência de pessoas.

A identidade está ligada a sinais carregados por alguém e que vêm de seu prolongado vínculo com os horizontes e coordenadas de um mundo estável: são marcas ou atributos mais ou menos fixos, mais ou menos móveis. Podem ser descritos quase do modo como descrevemos uma coisa ou um conjunto afinado de coisas, comparando, contrastando e unindo uma coisa a outras coisas, um conjunto a outro.

Numa mulher que se aproxima, por exemplo, poderíamos verificar uma indiana. A decisão terá sido conduzida por uma infinidade de signos reconhecíveis no corpo e no jeito da moça. A pele e os cabelos, a estatura, evocam caracteristicamente a fisionomia da população milenarmente instalada naquela região da Terra e em que, tal como ocorre com povos e regiões, a espécie humana viveu com a natureza um processo bem particular de interação ontogenética e filogenética. As maneiras, as vestes, o idioma e tantos outros sinais ligam-se, por sua vez, a formações histórico-culturais resultantes das práticas de trabalho, ação e conversação também ali consolidadas. Haverá traços que distinguem a mulher em seu próprio grupo: por exemplo, um ofício ou uma arte em que foi iniciada e que adotou por tradição e com originalidade.

Os detalhes de determinação do tipo indiano podem crescer sem fim: conhecem instituições e variações institucionais que se foram reafirmando e modificando com a atividade conservadora e inventiva dos indianos. O ponto é que todos estes traços mostram a mulher em duradouro relacionamento com o seu mundo natal e associam a identidade de um mundo e a identidade de seus habitantes.

Pode acontecer, todavia, que a percepção da mulher experimente um desprendimento das informações horizontais e, por assim dizer, aconteça verticalmente. É quando a percepção vai além das informações identitárias a que havíamos amarrado a mulher e deixa aparecer alguém: aquela mulher e nenhuma outra! Ela furou os esquemas cognitivos aos quais a tínhamos anexado. De agora em diante, minhas palavras só poderão interpelá-la, falar a ela, jamais conhecê-la. Apareceu alguém a quem se pode estender a mão ou

com quem conversar sem nunca mais confundir com seus conterrâneos, seus compatriotas, seus congêneres. Agora não a confundo com ninguém no mundo, nenhum semelhante. O nome próprio sai de uma manifestação assim e vem só sinalizá-la: fico sabendo que o nome da moça é Lata Mangeshkar, mas com isso não sei nada, só sei que posso assim chamá-la. Se a chamo, ela responde voltando-se para mim, vou acenar-lhe ou aproximar-me dela. Se conversarmos sobre sua condição indiana, isto nunca será conversar sobre ela tanto quanto simplesmente conversar com ela. Nestes instantes é que a máscara indiana anima-se como um rosto único e irrepetível, incomparável, irredutível, sem correspondentes. Esse é o núcleo.

Há em Clarice Lispector, como em toda literatura, a experiência do rosto. E há vezes em que a experiência encontra também a visão de coisas, árvores ou bichos. No conto "Uma Galinha", atentemos para o emprego fortemente singular assumido pelo pronome *uma*. O que importa agora é só frisar o acontecimento de se haver ali vivido verticalmente uma galinha, uma só, ela, a galinha que até desistiram de sacrificar e manjar, porque entrou num campo de percepção em que vibrou sua revelação separada: a galinha apareceu destacada e temporariamente livre de uma confusão com os galináceos todos, assim subsistindo em companhia dos humanos até que o tempo e outras intempéries voltaram a recobri-la pela percepção indiscriminada e ela, aquela, voltou a parecer apenas mais um galináceo e foi sacrificada, comida, esquecida.

Em "A festa do termômetro quebrado", o mercúrio frustra as mãos que o querem apanhar. Como um núcleo invencível, foge em mil bolinhas prateadas, em cada uma ainda o mesmo mercúrio. As bolinhas, por sua vez, pequenos corpos resilientes, dividem-se mais ainda se o esmagamento não parar. Qualquer pausa na manipulação e as bolinhas aproveitam para restaurar o primeiro núcleo, unindo-se de novo. Núcleo ou pequenos núcleos persistentes, separados.

O espírito, através do corpo como meio, não se deixa contaminar pela vida, e esse pequeno e faiscante núcleo é o último reduto do ser humano. As feras também possuem esse núcleo irradiante, tanto que elas se conservam íntegras, indomesticáveis e vitais. (Lispector, 1972/1999, AFTQ, p. 425)

“[...] é uma coisa que em nós é tão intensa e límpida como uma grama perigosa de *radium*, essa coisa é um grão de vida que se for pisado se transforma em algo ameaçador”. (Lispector, 1978/1999, M, p.124-125)

Núcleo faiscante, irradiante, selvagem. É o grão cintilante que não pode ser adestrado: invencível, intangível e incognoscível. Ameaçador quando pisado. Está nas coisas, nas feras, nos humanos.

Em “Os espelhos”, a meditação traz Clarice Lispector para a levíssima condição de quem não marcasse um espelho e concedesse assim, em jejum de si mesmo e em extrema delicadeza, que o espelho mesmo aparecesse, sem cor e sem contornos. A ausência de cor de um espelho é comparada à ausência de gosto da água: o espelho e a água como manifestações neutras do mundo.

A ausência de cor ou de gosto são ambas descritas como “violenta ausência”. É que outra vez houve a irrupção da violenta impersonalidade do vivo. Houve quase anulação da pessoa que não devia aparecer refletida pelo espelho para que ele aparecesse, quase anulação de núcleos. A anulação carrega também a extrema delicadeza de deixar ser o espelho e de deixá-lo aparecer. O ser do espelho é então visto incolor, insípido, incólume, imune, absoluto, emancipado de quaisquer marcas subjetivas que o tivessem colonizado: espelho neutro. O neutro.

É curioso que a meditação sobre os espelhos não tenha cruzado o horror do duplo. Se topasse comigo mesmo aí fora, eu diante de mim mesma, um outro eu mesmo; se topasse com um eu que não sou eu e, ao mesmo tempo, é o perfeito equivalente de mim, então eu viveria como uma ilusão o sentimento de

mim como de um eu único. O nivelamento de mim a um outro, e dele a mim, roubaria de ambos sua ipseidade. Aquela mínimo de separação possível e que repousa sobre o fato de que eu sou eu, intransferível, sem equivalente, estaria enfraquecido em realidade e em consciência. E a experiência do duplo é o que, em certa medida, o espelho e a experiência de ver-se ao espelho podem quase efetivar. A realidade do eu depende de não ser possível realizá-lo fora de si próprio: o eu que se apresentasse diante de si, como um objeto que se dá ao conhecimento, perderia sua realidade. Uma ilusão de que os espelhos são capazes.

Foi Emmanuel Lévinas(1988) quem asseverou, paradoxalmente, que o eu só cai no sentimento de si próprio quando antes caiu no sentimento de um eu impróprio, um outro eu, não um eu duplicado, mas alguém que não sou eu.

A interrupção da visão do espelho por causa de minha imagem nele refletida é experiência diferente da interrupção do sentimento de mim por causa da duplicação de minha imagem no espelho. Num caso, o espelho, coberto pela imagem-pedra de mim mesmo, ficaria impedido de aparecer como água: eu estaria no lugar do mundo e bloqueando sua manifestação neutra e líquida. No outro caso, a petrificação de minha imagem no espelho dá o horror de uma experiência de mim que não é apenas a experiência de uma coisa em lugar de alguém, mas é como a experiência de uma duplicação que faz quase irremediavelmente perder a intuição de um núcleo único e separado.

Há disso em Clarice Lispector: visão do ser sem visão de alguém; visão do ser e visão de alguém. Há os casos em que a visão do ser e a visão de alguém ficam fundidas, ficam separadas, fazem conflito, fazem comunhão.

3. MÉTODO

De acordo com Umberto Eco (2005), existem critérios para limitar as interpretações. Cada narrativa pode significar muitas coisas, mas há sentidos que seria despropositado sugerir. Ele questiona o paradigma demais devotado ao leitor, afirmando um tipo de intérpretes que, tais como leitores ávidos, reivindicam o lugar de senhores e subordinam ou perdem o texto. São como romanos que se fixam sobre territórios invadidos. Ou são como nômades levianos “que abandonaram seu território original e que se movimentam em qualquer território como se fosse seu, prontos a abandoná-lo também”. Um texto não é terra de ninguém e há limites contra a interpretação invasora: “(...) a interpretação deve falar de algo que deve ser encontrado em algum lugar, e de certa forma respeitado”. (p. 50-51)

A materialidade do texto precisa contar e pede interpretação que não lhe atribua um sentido qualquer, mas explique por que essas palavras podem fazer várias coisas e não outras. Há critérios públicos e não imperialistas para uma boa interpretação. Interpretar não é fuçar e devassar intenções externas do autor (muito difíceis de descobrir e frequentemente irrelevantes para a interpretação de um texto). A tarefa de interpretar é resistir às intenções também externas do intérprete (que desbastariam o texto até uma forma que servisse a seu propósito): a intenção decisiva é a intenção no texto; encontrada pelo leitor que, desarmado, lê.

A interpretação dos contos foi feita verticalmente, tomando cada conto como um todo e horizontalmente, quando eles passam a dialogar.

A análise dos depoimentos seguiu alguns critérios que reduziram inúmeras possibilidades de interpretação. Não pretendemos analisar os depoentes, mas sua experiência de leitura de Clarice Lispector. Procuramos evitar interpretações de personalidade. A análise procurou ouvir o

leitor e concentrar-se em traços marcantes da leitura. A memória da leitura: foi isso o que guiou a análise. Interessava acolher e pensar:

- ❖ Os textos de Clarice Lispector mais significativos para cada leitor.
- ❖ Lembranças, ideias e sentimentos, enfim experiências a que tais textos conduziram. Apontamentos que o leitor fez de questões e temas que a obra lhe trouxe e de convites que lhe fez. Impasses, dificuldades ou barreiras na leitura do texto. Isto tudo foi empenhado na decisão de como o leitor avaliou a obra e a experiência da leitura. Nada foi isolado da leitura e utilizado para qualquer retrato psicológico independente.
- ❖ Frases ou passagens eventualmente guardadas e evocadas pelo leitor.
- ❖ Relato de alterações ocorridas na vida do leitor e que considerou trazidas pelo texto clariciano. Aqui foi onde mais contou a ideia de uma cura pela leitura.
- ❖ Como o depoente percebe ou imagina a recepção das narrativas de Clarice em outros leitores.
- ❖ Convergências e divergências entre as posições dos leitores. Reflexões sobre posições dos leitores e possíveis acordos ou desacordos com o ponto de vista assumido pela pesquisadora ao longo da pesquisa.

O modo de interpretar não pode ser arbitrário, mas uma decisão tomada a partir do contato com a obra. A narrativa de Clarice Lispector parece deixar três fortes procedimentos:

- ❖ exposição ao mundo e a outrem;
- ❖ comunidade com os outros;
- ❖ voz própria.

Três procedimentos que podem inspirar procedimentos metodológicos e estão relacionados aos seus dois objetos, mundo e núcleos:

- ❖ como ao mundo e a outrem, a exposição à obra pede a atitude quanto possível neutra;
- ❖ um coro com outras vozes precisa ser preparado, uma comunidade

obtida de harmônicos e dissonantes que tiram do isolamento o monarca e o seu monólogo, constituindo discursos mais válidos porque aceitaram variar segundo a variação do mundo e a variação pelos outros;

- ❖ a voz própria, encontrada com os outros, não a primeira e nem a última, em todo caso precisa aparecer ativamente, sob pena de deixar interpretações só repisadas sem nenhuma autoridade, originalidade e influência sobre novas interpretações.

a. Exposição neutra

Clarice entra em terceiro estado, nem interior, nem exterior, mas intermediário. Um estado alcançado como um “estado neutro”, precedido por flutuação e mergulho em estados muito diversos, sem priorizar nenhum, até que saia dali um ponto de vista que não teria sido nunca atingido antes da flutuação e do mergulho.

Só por estado neutro, que não é indiferença, é que a percepção do mundo parecerá “do mundo”. O mundo é, por assim dizer, descoberto. E este estado intermediário espera e busca a correspondência de lugares também intermediários, que não são o mundo interno e nem mundo alheio, mas “espaços transicionais” (Winnicott, 1953).

Eu ia andando pela Avenida Copacabana e olhava distraída edifícios, nesga de mar, pessoas, sem pensar em nada. Ainda não percebera que na verdade não estava distraída, estava era de uma atenção sem esforço, estava sendo uma coisa muito rara: livre. Via tudo, e à toa. Pouco a pouco é que fui percebendo que estava percebendo as coisas. (Lispector, 1971/1998, PD p. 41)

Em Moisés (1989), lemos que as descrições de Clarice Lispector promovem “uma espécie de descascamento fenomenológico, que busca apreender cada objeto em sua íntima e intransferível individualidade”. (p. 155). Em José Américo Motta Pessanha(1989), também lemos que Clarice opera redução

fenomenológica: “buscando emudecer as racionalizações tradicionais, cristalizadas, e os hábitos de vida, o que faz é a *epoché* da memória e do entendimento automatizado e rotineiro” (p. 184).

A *epoché* clariciana, quem sabe, conduziria passos assim de interpretação:

- ❖ Abrir-se aos textos tais como se mostram, aproveitando o estranhamento, anotando e respeitando peculiaridades;
- ❖ Não explicar, não dar nada como efeito mecânico de causas invisíveis e de que o intérprete possuiria o segredo;
- ❖ Não traduzir por ideias preconcebidas: ideias externas só podem esclarecer se primeiro ouviram e depois conversaram com as ideias do enunciador;
- ❖ Evitar prévia hierarquização dos episódios psicológicos: a hierarquia que comportam, se é que a comportam, precisa ter partido dali e não das preocupações do intérprete;
- ❖ Incluir-se no campo instaurado pela pesquisa: tudo diferente de um observador altivo; no máximo, um observador tão forasteiro quanto participante.

b. Comunidade

“Não quero mais uma vida particular pois quando eu fico muito sozinha, eu não existo. Eu só existo no diálogo”. (Borelli, 1981, p. 48)

Receber tudo: palavras e temas que os interlocutores repetem, palavras inusitadas, acordo e conflito de palavras, as contradições, os paradoxos, os problemas insolucionados e as resoluções. Pôr tudo em conversa, fazendo cruzar as vozes diversas: conversaremos Clarice, os depoentes e os pesquisadores.

c. Voz própria

Conversando, ousamos um ponto de vista. E que sirva para novas conversas.

Em resumo, o que entendemos por um ato de interpretação? Sua matéria foram contos e depoimentos, tomados cada um tanto por seu conjunto, quanto por seus elementos. Houve signos fortes: estações ou figuras em que ficaram condensados movimentos inteiros de experiência e pensamento. Noções: o que signos fortes condensam e se pode desdobrar. Enigmas ou impasses. Regimes de sensibilidade, intenções, atitudes. Ações ou interações retratadas, o drama e argumento dos contos ou episódios vividos pelos depoentes.

Interpretar foi discriminar ou compor palavras e ideias, melhor atinando com o ponto de vista ali tecido e com o que dá a pensar. Foi passar pelo manifesto e pelo latente, tais como foram reconhecíveis, sem abandonar o conto ou depoimento. Foi frisar um caminho, às vezes ousando prolongá-lo além do ponto em que ficou interrompido ou, noutras vezes, prolongando-o para outro ponto, tratando de sustentar quaisquer prolongamentos.

A interpretação foi textual e, finalmente, intertextual. Entre manifestações singulares pode haver pontes e barreiras, encontros e desencontros, ligando de forma variada os depoentes e os pesquisadores a Clarice Lispector e àquilo a que ela mesma se ligou. O desafio foi fomentar um diálogo, que talvez não possa deixar de ser mais ou menos tenso. Importa um trabalho que conjugue energias, que se exponha à prova dos outros e que se comunique com eles.

3.1. Critérios de seleção

Não pretendemos constituir um ensaio de interpretação literária, o que, aliás, excede a competência da pesquisadora. Então por que a ousadia de mais um estudo sobre Clarice Lispector, em certa medida menor, já que um estudo de psicologia?

Não queremos aprender Clarice Lispector através da psicologia tanto quanto aprender psicologia com Clarice Lispector. Esta pesquisa já encontrou uma primeira expressão no artigo⁶ “A geléia, o mercúrio e a placenta: um convite de Clarice Lispector à Psicanálise”.

A tarefa geral da pesquisa está no esforço por examinar assuntos psicológicos a partir de contribuições trazidas da literatura de Clarice Lispector e trazidas por leitores, exames quanto possível conscientes de importantes resultados obtidos por especialistas brasileiros da crítica literária. A tarefa específica implicou ligar a leitura de Clarice Lispector a caminhos de cura, o que supôs: delimitar a noção de cura por que nos orientamos; sondar, pelo exemplo de alguns contos, figuras que neles pareçam articular percursos que podem ser parcialmente percebidos como caminhos de cura; considerar pelo depoimento de alguns leitores os aspectos pelos quais a leitura foi por eles sentida como um percurso curativo.

Isto resultou numa pesquisa de Psicologia Social debruçada sobre nove contos e sobre os depoimentos de quatro leitores. Um projeto em fronteira com a Psicanálise Winnicottiana e, quanto possível, moderado por resultados da Crítica Literária dos contos de Clarice Lispector.

---

⁶ O artigo foi escrito a quatro mãos, em parceria com o meu orientador. BARBOSA, R.C.K.&GONÇALVES FILHO, J.M. “A geléia, o mercúrio e a placenta: um convite de Clarice Lispector à Psicanálise”. TRIEB. Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Psicanálise e Literatura, v. VI, n. 1, junho 2007, p. 51-60.

3.1.1. Contos

O principal critério para sua seleção foi a ocorrência notável de três noções: o mundo, o núcleo e a mão. Estas noções e seu relacionamento dão o recorte e o foco primordial de nossa investigação. São noções de riquíssimos ingredientes psicológicos.

Falamos aqui em noções, e poderíamos como antes ter dito figuras. Por que, então, o emprego agora do termo *noção*? Os objetos claricianos vão se desdobrando, ganham complexidade alcançada no tempo e pela distensão cada vez mais agonística da consciência banal. Uma *noção* é conhecimento que não paramos de ruminar, conhecimento que inspira conhecimento, e é conhecimento nunca capaz de esgotar e definitivamente assimilar a coisa conhecida.

As noções de que um texto foi capaz dão o seu poder de alterar o leitor e, para nós, o seu potencial curativo: o mundo opera no texto de Clarice Lispector com tal vitalidade que pode alegrar o leitor e pode deixá-lo em apuros. A alegria pede dedicação, depende da ajuda da escritora e, segundo nosso entendimento, varia para cima ou para baixo segundo o modo como o texto viveu equilíbrio ou desequilíbrio entre a experiência do neutro vivo e dos núcleos separados.

Aquelas três noções também nos conquistaram pelo quanto beneficiam assuntos muito encarecidos pela Psicologia Social: o mundo, o ser-no-mundo, a pessoa, a identidade, a ipseidade, a psicologia dos incluídos e dos marginalizados.

Seguem os contos selecionados e as justificativas de sua escolha. São apresentados segundo a ordem em que foram analisados, o que obedeceu às finalidades dessa pesquisa e geralmente não acompanhou a ordem cronológica de publicação:

- ❖ A geléia viva como placenta (1972) – O tremor do vivo e o endurecimento, duas angústias irreduzíveis.
- ❖ A festa do termômetro quebrado (1972) - O núcleo indevassável e a esperança.
- ❖ Águas do mundo (1974) – Um caso de encontro (contato, comunicação, erotismo) com o mundo vivo e neutro, mediado concretamente pelo encontro com o mar.
- ❖ Menino a bico de pena (1969) – A vitalidade instintiva versus a cultura e a linguagem gregárias.
- ❖ Os obedientes (1964) – A insinuação da consciência viva nos despreparados; a desvitalização progressiva e irreversível.
- ❖ Mineirinho (1962) –O núcleo pisado, o apelo instintivo da agressividade, a punição mortal e prepotente.
- ❖ Perdoando Deus (1970) – Um rato morto e os equívocos ou descobertas da consciência.
- ❖ Encarnação Involuntária (1971) – A reconciliação com a subjetividade, depois de desaparecer e voltar com o outro.
- ❖ A legião estrangeira (1969) – Ofélia e a vizinha: o contato da vitalidade latente com a vitalidade maternal; mas outra vez a força dos obedientes.

Os contos, segundo o seu desfecho, foram também divididos em dois grupos, auxiliando a composição de dois caminhos claricinos:

- ❖ Contos de cura, onde personagens despertam da inconsciência ou da letargia e dão um passo: “A festa do termômetro quebrado”, “Águas do mundo”, “Perdoando Deus” e “Encarnação Involuntária”.
- ❖ Contos de cura agonística, onde as personagens ficam impedidas de andar, mas em que o desfecho crítico ainda pode mover indiretamente o leitor, não sem dele exigir passos próprios e reflexões que o texto apóia só tangencialmente, podendo deixar o leitor em angustiado mal-estar, um sentimento débil ou mórbido do vivo: “A geléia viva como placenta”, “Menino a bico de pena”, “Os obedientes”, “Mineirinho” e “A legião estrangeira”.

3.1.2. Depoimentos

Esta pesquisa é feita de uma aposta que não é só da pesquisadora e de seu orientador: a literatura de Clarice Lispector, os seus textos são chamados a percursos pessoais, percursos de percepção, memória, imaginação e pensamento, percursos de afetos. É uma obra extraordinariamente rica de um sentimento incomum das coisas, plantas, bichos, pessoas, um desconcertante sentimento da natureza e da cidade, o sentimento do mundo, o sentimento do outro. É uma obra de quase inigualável psicologia, talvez só comparada a outras realizações também da Literatura ou de Ciências que tenham sido orientadas de forma importante pelas Artes. A aposta tornou-se a aposta de que dois psicólogos poderiam aprender muito com Clarice Lispector e ousou formar-se como um convite a todos os psicólogos.

Neste ponto foi que começou a nos interessar os caminhos dos outros leitores de Clarice Lispector.

Os depoentes são convidados a uma entrevista e, consentindo, são avisados de que o depoimento será filmado e transcrito. Poderão editá-lo mais de uma vez, se assim preferirem, até que lhes pareça satisfatório. As entrevistas possuem roteiros, são estimuladas, mas também abertas: o depoente tem a proposta de uma tarefa, mas não desejamos que a tarefa quebrasse a naturalidade do processo enunciador e dialógico de uma conversa.

O critério para a seleção dos depoentes foi a eleição de leitores já iniciados em textos de Clarice Lispector e que alegassem ou fosse neles reconhecível alguma profunda gratidão pelo texto da autora, ainda que alcançada por percalços. O critério, se falível ou certo, foi mantido nas duas circunstâncias.

A convocação dos depoentes:

Esta nossa pesquisa pede o depoimento de quem tenha vivido alguma importante

mudança pessoal com a leitura de Clarice Lispector. Julgamos ser o seu caso. Podemos considerar que você viveu uma leitura assim de Clarice Lispector, não podemos?

Se não fosse você o depoente, seria difícil conseguir outros, por isso, todo cuidado será tomado para impedir indevida exposição dos depoentes. Até assinarmos um termo de compromisso para garantir as condições protetoras.

Instruções aos depoentes na abertura das entrevistas:

Vou dizer algo que você haverá de entender. Antes de tudo, busco memórias. Mais que opiniões, afetos, teorias, busco memórias! Sei que a memória levanta opiniões, sentimentos, afetos e teorias. A memória é o sentimento do passado e é o trabalho de expressão, interpretação e revelação desse sentimento. Então, tudo vai interessar muito, tudo o que você disser! Mas você entendeu, né? É a memória que deve guiar você!

O roteiro:

1-Você se lembra da primeira vez que entrou em contato com uma narrativa de Clarice Lispector?

2-Você poderia fazer uma lista das narrativas que já leu?

[Pergunta coringa⁷: Quer dizer algo sobre elas? Quais foram mais marcantes?]

3-Destas obras que você listou, há uma que tenha o(a) tocado especialmente? Você se lembra? Poderia contar como foi?

4-Independente de qualquer marco atrás, você diria que Clarice segue sendo uma autora importante para você?

5-Você diria que o que a leitura lhe trouxe, poderia trazer a muitos leitores, a quaisquer leitores? O que você diria que os textos de Clarice fazem, em geral, com os leitores?

[Pergunta coringa: A leitura de Clarice Lispector modificam nossa maneira de sentir,

---

⁷ Pergunta coringa é aquela de que a entrevistadora só se servirá quando o depoente já não a tiver adivinhado nas perguntas anteriores.

perceber, pensar?]

Termo de compromisso:

Eu, Rita de Cássia Kileber Barbosa, pesquisadora, tomarei todos os cuidados para impedir qualquer tipo de exposição indevida do depoente:

- ❖ *Os depoimentos serão filmados, mas caso o depoente não aceite esta condição, poderá ser apenas gravado.*
- ❖ *O nome poderá ser substituído por um pseudônimo.*
- ❖ *O texto final poderá ser editado quantas vezes o depoente assim desejar: o todo ou as partes poderão ser alteradas.*
- ❖ *O depoente poderá ter acesso às minhas interpretações sobre o seu depoimento, sugerir alterações e censurar trechos.*

4-CONTOS E ANÁLISES

4.1. A GELÉIA VIVA COMO PLACENTA⁸ (29/01/1972)

Este sonho foi de uma assombração triste. Começa como pelo meio. Havia uma geléia que estava viva. Quais eram os sentimentos da geléia. O silêncio. Viva e silenciosa, a geléia arrastava-se com dificuldade pela mesa, descendo, subindo, vagarosa, sem se esparramar. Quem pegava nela? Ninguém tinha coragem. Quando a olhei, nela vi espelhado meu próprio rosto mexendo-se lento na sua vida. Minha deformação essencial. Deformada sem me derramar. Também eu apenas viva. Lançada no horror, quis fugir da minha semelhante — da geléia primária — e fui ao terraço, pronta a me lançar daquele meu último andar. Era noite fechada, e isso eu via do terraço, e eu estava tão perdida de medo que o fim se aproximava: tudo o que é forte demais parece estar perto de um fim. Mas antes de saltar do terraço, eu resolvia pintar os lábios. Pareceu-me que o batom estava curiosamente mole. Percebi então: o batom também era de geléia viva. E ali estava eu no terraço escuro com a boca úmida da coisa viva.

Quando já estava com as pernas para fora do balcão, foi que vi os olhos do escuro. Não “olhos no escuro”: mas os olhos do escuro. O escuro me espiava com dois olhos grandes, separados. A escuridão, pois, também era viva. Aonde encontraria eu a morte? A morte era geléia viva, eu sabia. Vivo estava tudo. Tudo é vivo, primário, lento, tudo é primariamente imortal.

Com uma dificuldade quase insuperável consegui acordar-me a mim

---

⁸ Texto originalmente publicado como “A Geleia Viva” na segunda parte de **A Legião Estrangeira** (1964), denominada *Fundo de gaveta*, também em 1964. Em seguida, o texto foi publicado com o título “A geleia viva como placenta” no *Jornal do Brasil*, em 1972. O livro *Fundo de gaveta* foi posteriormente publicado, com algumas alterações, em 1978 com o título **Para não esquecer**, e este texto reaparece como “A Geleia Viva”. Posteriormente, também foi publicado no livro **A descoberta do mundo** (1984).

mesma, como se eu me puxasse pelos cabelos para sair daquele atolado vivo.

Abri os olhos. O quarto estava escuro, mas era um escuro reconhecível, não o profundo escuro do qual eu me arrancara. Senti-me mais tranqüila. Tudo não passara de um sonho. Mas percebi que um dos meus braços estava para fora do lençol. Como um sobressalto, recolhi-o: nada meu deveria estar exposto, se é que eu ainda queria me salvar. Eu queria me salvar? Acho que sim: pois acendi a luz da cabeceira para me acordar inteiramente. E vi o quarto de contornos firmes. Havíamos — continuava eu em atmosfera de sonho — havíamos endurecido a geléia viva em parede, havíamos endurecido a geléia viva em teto; havíamos matado tudo o que se podia matar, tentando restaurar a paz da morte em torno de nós, fugindo ao que era pior que a morte: a vida pura, a geléia viva. Fechei a luz. De repente um galo cantou. Num edifício de apartamentos, um galo? Um galo rouco. No edifício caiado de branco, um galo vivo. Por fora a casa limpa, e por dentro o grito? Assim falava o Livro. Por fora a morte conseguida, limpa, definitiva — mas por dentro a geléia elementarmente viva. Disso eu soube, no primário da noite. (p. 402-403).

4.1.1. ANÁLISE

A narradora conta-nos um sonho. Uma geleia estava viva: silenciosa, movia-se coesa. A narradora onírica olha para a geleia e vê seu próprio rosto espelhado na superfície da coisa que se arrasta pela mesa; fica horrorizada e quer fugir. Vai ao terraço pronta a lançar-se dali. Antes de saltar, resolve pintar os lábios com batom, que ela descobre também feito do mesmo material vivo e úmido da geleia. Quando já está com as pernas para fora do balcão, vê os olhos do escuro e não olhos no escuro. Acorda, percebe um escuro agora reconhecível, não mais o escuro profundo do qual se arrancou. Recolhe os braços para dentro do lençol, a fim de que nada arrisque outra vez expor-se ao escuro vivo. Acende a luz, vê a parede e o teto em contornos firmes, como o que quer que fosse vivo se houvesse endurecido em parede, em teto. Fecha a luz e ouve de repente o canto de um galo. Do lado de fora de tudo o que estava emparedado e fechado, fora de tudo que havia conseguido matar, fora de tudo que se havia tornado duro e branco, um galo canta. Ela soube disso no sonho: tudo era geleia elementarmente viva.

A narrativa começa aberta por um sonho ou pesadelo, por um pesadelo ou um sonho.

O contato com o vivo, contagiante, mais ou menos traumático, perturbador, desorganizador, e afinal a comunicação com o vivo, a comunicação sustentada por sentimento e discurso, a experiência do vivo, ambos, o contato intenso e a experiência comunicativa, sempre parecem em Clarice Lispector supor ou suscitar uma alteração de consciência.

O estado mais relaxado de pensamento, o estado mais desamarrado da cognição, um estado mais fluente de percepção, imaginação e memória, lembra ou é mesmo o estado do sonhador. O estado de tipo onírico ou o estado mesmo onírico são estados menos defensivos, menos egóticos: um eu muito armado não se coloca entre mim e o vivo. Trata-se de um eu que se retira ou se

desmancha e, sem todavia desaparecer, deixa acontecer o contato a alguma comunicação com o vivo e então torna-se ele mesmo um eu vivo.

O sonho perturbador começou como que pelo meio, ou seja, a história estava já em clímax.

A geleia viva, como uma massa compacta não se esparrama, nem se derrama, arrasta-se e move-se silenciosamente. A imagem despertava temor.

Quando a mulher vê sua imagem refletida na massa da geleia, a sua vida entra em contato com a vida da geleia, elas se identificam, são feitas da mesma substância ou daquilo que a narradora vai chamar de *deformação essencial*⁹. Ela quis fugir de sua semelhante, de si mesma, da vida, tentando o suicídio.

Noite fechada no terraço escuro: metáfora da profunda ausência de, qualquer luz, qualquer orientação, onde está a mulher sem referências, perdida. Esse sentimento intenso demais do vivo, sentido como insustentável, indica que o fim está próximo. O nível de tensão era máximo nesse ponto, aproximando-se de uma tragédia.

Antes de saltar do terraço, interrompendo a ação prevista, a mulher resolve pintar os lábios. A ironia e o humor claricianos comparecem. Ela se pinta para fugir da intensidade através do trivial? Ela precisa de algo sem importância diante da gravidade da situação, a fim de afastar o medo?

O recurso ao batom parece como a frágil tentativa de restaurar a pessoa muito abalada pelo contágio do vivo: é a tentativa de tornar firme a pessoa que começou a desmoronar, estando perto de cair e morrer. É como aprumar por maquiagem, dignamente, a pessoa atingida e derrotada por aquilo que ela não consegue viver: é como trazer debilmente para a dignidade de sujeito a pessoa que, mais que tudo, sente-se assujeitada e impotente.

É a exterioridade que salva do que se tornou interiormente insuportável. A pintura dos lábios, então, confirma afinal a iniciativa do suicídio e o seu sentido:

---

⁹ Deformação essencial, a geleia e a mulher criadas na substância primordial e fecunda, placentária, a substância viva que se reforma continuamente, feita de variar e não de resumir-se numa só forma.

quem sente que está morrendo decide morrer; o assujeitado decide tornar-se sujeito e vencer, morrendo para o que o mata. Mas fracassa.

Para a surpresa da personagem e dos leitores, o batom não interrompe o pesadelo, mas dá continuidade a ele: é mole, é de geleia viva também. Com a boca úmida e as pernas para fora do balcão, a narradora vê os olhos do escuro que a espiam. A escuridão também é viva. Se tudo está vivo, para onde está fugindo? Não há como fugir: a morte é viva, tudo é vivo, primário, lento e imortal.

Quando acorda, com dificuldade, como se estivesse presa, atolada, alivia-se ao perceber que estava sonhando. No ambiente de vigília, tudo está tranquilo, com contornos firmes. O braço para fora do lençol faz um contraponto a esta imagem de segurança.

Se no mundo onírico, tudo é mole, úmido, vivo e o medo ficava exposto; na vigília, tudo deve ficar coberto. Sua salvação depende de ela conseguir recolher o braço para dentro do lençol, cobrir-se e ficar bem acordada.

A mulher tem um *insight* sobre o significado do seu sonho, quando, influenciada pelo clima onírico, percebe que a geleia mole foi, na vigília, endurecida em parede, teto...A vida mole foi endurecida e morta para restaurar a paz e evitar o medo.

Um galo que canta de dentro de um edifício caiado de branco, um grito que sai de uma casa limpa, como o braço descoberto, é indício de que não se consegue exterminar o vivo, de que ele resiste na vigília.

A morte conseguida ficaria por fora, limpa, branca, tranquila; e, por dentro, permaneceria a geleia viva.

Assim falava o Livro. A Bíblia? Como será melhor analisado em contos subsequentes, aparecem aqui e ali personagens bíblicas em Clarice Lispector, como se tivessem sido colocadas ao acaso. Contudo, se maior atenção for dada a elas, a narrativa dialoga com as escrituras milenares, por vezes homenageando, por vezes criticando ironicamente, por vezes revertendo seu

sentido. De qualquer maneira, essa comunicação intertextual contribui para o alargamento da compreensão da obra da escritora, como uma chave que pudesse decodificar uma mensagem cifrada, fazendo surgir mais uma imagem do texto caleidoscópico clariciano.

O edifício caiado de branco é símbolo da pureza ou limpeza e segue na mesma linha de interpretação do trecho: *por fora a casa limpa, e por dentro o grito? Assim falava o Livro*. A palavra “limpa” aparece duas vezes nesta crônica. Segundo o evangelho de Mateus (23:25-28), Jesus teria dito:

Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês limpam o exterior do copo e do prato, mas por dentro estão cheios de ganância e cobiça... Vocês são como sepulcros caiados: bonitos por fora, mas por dentro estão cheios de ossos e de todo tipo de imundície... por fora parecem justos ao povo, mas por dentro estão cheios de hipocrisia e maldade.

Os sepulcros, antigos túmulos, costumavam ser pintados por uma mistura que levava cal, que é branca, para que parecessem limpos.

Em outro trecho, perguntaram a Jesus por que os seus discípulos violavam a tradição dos antigos (referência às leis judaicas sobre higiene), pois eles não lavavam as mãos quando tomavam suas refeições. Cristo teria respondido que não era o que entrava na boca do homem que o enlameava, mas o que saía da sua boca, porque isto partiria do coração, tornando-o impuro.

A palavra “limpo”, em Clarice Lispector, aparece de forma crítica, em oposição ao ideal de pureza. A limpeza aparente, exterior parece mascarar o grito ou a impureza, ou a maldade interior. O grito partido de dentro revela uma natureza humana que é geleia, pulsional, visceral e assustadora.

No final da crônica, a palavra “galo” é citada quatro vezes. Há duas aparições emblemáticas do “canto do galo” na tradição católica. De acordo com os quatro evangelistas, Cristo previu e disse a Pedro, o discípulo mais próximo, que ele iria negá-lo, quando o galo cantasse. Outra referência, é o rito mais importantes da igreja: a missa do galo, celebrada no Natal, simbolizando o amanhecer, pois galos cantam ao raiar do dia. O canto do galo seria representante da luz de novos tempos que Jesus menino traria para a

humanidade.

O galo aparece depois que ela apaga a luz e retorna às sombras oníricas, onde questões incômodas foram reveladas. O canto rouco do galo seria a lucidez que insiste em ser ouvida apesar do som precário e das paredes do edifício? Apontaria para uma luz que não pode ser apagada, o galo como o vivo?

*****

4.2. A FESTA DO TERMÔMETRO QUEBRADO¹⁰ (30/09/1972)

Sempre foi e será uma festa para mim quando se quebra em casa um termômetro e liberta-se a gota gorda e contida de mercúrio prateado, ali no chão, dando uma pequena corrida e depois imobilizando-se, imune. Tento pegá-lo com cuidado, auxiliada pela agudez de uma folha de papel que passa deslizadoramente por baixo dela. Ou dele, o mercúrio. Que não se pode pegar: no momento em que eu penso que o peguei ele se estilhaça mudo nos meus dedos como mudos fogos de artifício, como o que dizem que nos acontece depois da morte — o espírito vivo se espalha em energia solta, pelo ar, pelo cosmo. Que impossibilidade de capturar a gota sensível. Ela simplesmente não deixa e guarda a sua integridade, mesmo quando repartida em inúmeras bolinhas esparsas: mas cada bolinha é um ser à parte, íntegro, separado. Basta porém que eu alcance ligeiramente uma delas e ela é atraída velozmente pela que está próxima e forma um conjunto mais cheio, mais redondo. Sonho tanto hoje que quebrei um termômetro como em criança, sonho em milhares de termômetros quebrados e muito mercúrio denso e lunar e frio se espalhando. E eu a brincar, toda séria e concentrada em alto grau, a brincar com a matéria viva de uma enorme quantidade do metal de prata. Imagino-me a mergulhar como num banho nesse vasto mercúrio que imagino saído dos termômetros: ao mergulhar milhares de bolas se soltariam, cada uma por si mesma, grossas, impassíveis. O mercúrio é uma substância isenta. Isenta de quê? Nada explico, recuso-me a explicar, recuso-me a ser discursiva: é isento e basta. Parece possuir um frio cérebro que comanda as suas reações. Sinto-me em relação a ele como se eu o amasse e ele nada sentisse por mim, nem sequer uma obediência de objeto. O mercúrio é um objeto que tem vida própria. Lidar com

---

¹⁰ Texto publicado no Jornal do Brasil em 1972 e posteriormente no livro **A descoberta do mundo** (1984).

ele é uma experiência não substituível por outra qualquer. Ele não se cede a ninguém. E ninguém consegue pôr-lhe a mão. O espírito, através do corpo como meio, não se deixa contaminar pela vida, e esse pequeno e faiscante núcleo é o último reduto do ser humano. As feras também possuem esse núcleo irradiante, tanto que elas se conservam íntegras, indomesticáveis e vitais.

Noto que passei do mercúrio ao mistério das feras. É que o mercúrio — que constitui matéria lunar — faz meditar, leva-me, de uma verdade a outra, até o núcleo de pureza e integridade que está em cada um de nós. Quem? Quem não brincou com o termômetro quebrado? (p. 424-425).

4.2.1 ANÁLISE

Em “A festa do termômetro quebrado”, a narradora entrega-se a lembranças e devaneios com mercúrio liberado. Festeja a gota caída, correndo o chão e parando imune. Para pegá-la, só o artifício cuidadoso de uma folha de papel por baixo. Surpreende que a gota livre mantenha sua integridade. Quando o tentamos pegar, o material prateado, incapturável, estilhaça em várias bolinhas, que voltam a se atrair e unir. Duas imagens vão seguir-se ao mercúrio e reforçá-lo: mudos fogos de artifício e o espírito vivo depois da morte, espalhando-se pelo cosmo. O devaneio reúne lembranças da infância a uma cena onírica: um banho de mercúrio denso, lunar, frio; e ela nele mergulhada, vendo grandes e grossas bolas soltando-se. Descobre um metal que reage às manipulações, recusa a “obediência de objeto” e desperta a meditação espiralada, progressiva e retroativa: a narradora, de uma verdade a outra, caminha do mercúrio para nós e para as feras, e das feras de volta a nós e ao mercúrio, cada vez mais circulando e aproximando a intuição de um faiscante núcleo, último reduto, núcleo irradiante de pureza e integridade, onde nos mantemos todos inteiros, indomesticados e vitais.

A gota sensível de mercúrio saída de um termômetro que se quebrou foi uma experiência única na infância da narradora e faz parte de seus devaneios como adulta. A bola liberta dava pequenas corridas e imobilizava-se. Era uma festa porque esse material prateado, lunar, diferente por suas características, levou-lhe a brincadeiras sérias, e depois à reflexão e a verdades.

O mercúrio não era obediente como um objeto, não podia ser capturado, não cedia a ninguém, mantinha sua integridade, mesmo quando se dividia: cada bola era um ser separado, vivo e imune e caso fossem aproximadas, atraíam-se de volta: oscilavam entre a individualidade e a fusão.

O mercúrio era impassível, isento, como se tivesse um cérebro frio, não sentia. Apesar da alegria da menina brincando com as bolinhas de mercúrio, há

uma tristeza: ela brinca com as gotinhas mas não sente que elas brincam com ela de volta; elas não se encontram. É uma brincadeira solitária.

A narradora percebia que o material preservava maximamente sua individualidade. Não se relacionava com ninguém, nem como objeto amoroso: não sabia receber amor; nem mesmo numa relação de submissão, onde as trocas afetivas seriam estereotipadas, com pouca espontaneidade. Nada, vazio de ligação.

Se alguém tentasse pegá-lo, ele se estilhaçava, como mudos fogos de artifício. A narradora comparou o estilhaçamento do mercúrio àquilo que dizem que acontece com a energia espiritual na morte: o espírito se espalharia em energia solta pelo cosmo, pelo ar.

Esta energia espiritual, este núcleo seria algo protegido pelo corpo para que não se contaminasse com a vida. A “vida”, neste sentido, difere do “vivo” do texto da geleia, pois está mais próxima da ideia do vivo endurecido. O núcleo seria o último reduto de pureza, responsável pela condição íntegra, vital e selvagem de humanos e feras.

4.3. ANÁLISE INTERTEXTUAL

A geleia tinha movimento, semelhante ao de alguém, estava “viva” no sonho. Também o mercúrio: “é um objeto que tem vida própria”. Tanto a geleia quanto o mercúrio são feitos da mesma matéria dos humanos, são “vivos”.

As coisas e os humanos aparecem entre o vivo e o morto, entre o escuro profundo e o escuro reconhecível, o mole e o duro, a noite e o branco, o úmido e o limpo, o grito e a paz, o movimento e o definitivo, a exposição e a fuga, o livre e o capturado, a vida íntegra e a vida estilhaçada, o núcleo faiscante e o corpo domesticado, o puro e o contaminado: um contínuo acontecer de nascimentos e mortes. Uma figura paradoxal e instável da vida e do humano que haveria de agradar psicanalistas.

Instáveis, a geleia e o mercúrio são sem forma? São informes? Não. Não são sólidos e rígidos, mas tampouco dissolutos e dissolventes, senão para quem se alarmasse e os quisesse capturar. O vivo é pastoso, escorregadio, proteico e mercurial, ninguém que o possa pegar.

O caráter incapturável do vivo comparece nitidamente no texto sobre o mercúrio. No primeiro texto, só implicitamente. O vivo é incapturável, a tentativa de capturá-lo corresponde ao seu estilhaçamento, sua destruição, corresponde à morte.

A geleia tornou-se, no primeiro texto, o signo do vivo. A geleia que, na vigília, é anódina, no sonho está viva, é vida e se move. Somos como que conduzidos aos poderes vitais do sonho em contraste com o caráter mortiço e amortecedor da vigília. Há inicialmente um antagonismo entre o que nos vem pelo sonho e o que predomina na vigília. Em seguida, os poderes do sonho passam a informar também a vigília. O antagonismo entre sonho e vigília cede, então, à comunicação.

O sonho traz o vivo, traz realidade que a vigília rouba ao endurecê-la.

Contudo, o vivo onírico vai reaparecer em vigília, quando e onde, até então, tudo parecia morto. O sonho, no segundo texto, contará outra vez: vai aparecer como devaneio que entrega a narradora a um tempo encantado de criança, a um eu que brinca e a um eu imaginativo:

Sempre foi e será uma festa para mim quando se quebra em casa um termômetro e liberta-se a gota gorda e contida de mercúrio prateado (...). (...) Sonho tanto hoje que quebrei um termômetro como em criança, sonho em milhares de termômetros quebrados e muito mercúrio denso e lunar e frio se espalhando. E eu a brincar, toda séria e concentrada em alto grau, a brincar com a matéria viva de uma enorme quantidade do metal de prata. Imagino-me a mergulhar como num banho nesse vasto mercúrio que imagino saído dos termômetros: ao mergulhar milhares de bolas se soltariam, cada uma por si mesma, grossas, impassíveis.

A variada relação entre sonho e vigília, extraída dos dois textos, pode ser assim formulada: o sonho traz realidade viva que a vigília rouba ou amortece; a vigília, sob perspectiva onírica, recupera a vida, confirma afinal a vida que o sonho guardou. A vigília contém o que o sonho realiza maximamente.

O escuro do sonho é vivo, esfumado e infinito; o escuro do quarto é nítido e definido. O escuro profundo do sonho empurra a narradora ao escuro do quarto como ao escuro morto, compreendido, sem olhos, sem personalidade, sem alteridade e transcendência.

De volta à vigília, a narradora cai no escuro reconhecível. Sob efeito do sonho, todavia, pressente a vida que pode advir do quarto escuro, quarto então quase vivo. Acendendo a luz da cabeceira, cai no reconhecimento de tudo que é de contornos firmes: quarto, parede, teto, a casa limpa, tudo endurecido, “havíamos matado tudo”. Fecha a luz. E do escuro, antes reconhecível, parte agora o canto rouco de um galo que, por dentro, acorda o grito humano. Como uma revelação da vida sob a mortalha da vigília: *assim falava o Livro*. No primário da noite, a personagem sabe outra vez o vivo.

Vivendo ou morrendo, o destino é a geleia: imortal, inescapável. Há uma exigência contínua e irresistível de experimentação da geleia, que pode levar ao

horror e ao desejo de morte, de paz. Este horror dá a entender o horror próprio a alguém que observa com olhos vigilantes e quer a vida fixada, delimitada e demais conhecida, capturada, morta. Este experimentador precisa matá-la para se tranquilizar, desejando até suicídio.

Mas, curiosamente, o horror do vivo parece então deslocar-se para o horror das coisas vigiadas, deslocando da morte que é vida invencível para a morte que é vida capturada. O horror da vida capturada revela o anterior horror da vida como o horror da pessoa alarmada que confunde a experiência móvel, mas não indefinida da vida, com a experiência de uma dissolução e de uma queda abismal em nada, no vazio.

Assim, há dois horrores. O horror corriqueiro que o texto clariciano denuncia, horror da vida e do vivo. E há o horror que o texto clariciano instiga, horror pela vida amortecida, demasiadamente contida, limitada, possuída, detida, encarcerada.

A narradora esposou o corriqueiro horror pelo quase informe para superá-lo. Para afinal afirmá-lo e sustentá-lo como uma experiência desejável e curadora, vencendo o enganoso sentimento do mundo demais limitado como mundo real.

O horror e o desespero iniciais vão ceder ao júbilo diante da vida pulsante, inevitável e epifânica. No segundo texto, o mercúrio vivo dá-se ao brincar. É comparado a um pequeno núcleo faiscante que não se deixa contaminar pela vida banal e que é o abrigo radical do homem e da fera:

O espírito, através do corpo como meio, não se deixa contaminar pela vida, e esse pequeno e faiscante núcleo é o último reduto do ser humano. As feras também possuem esse núcleo irradiante, tanto que elas se conservam íntegras, indomesticáveis e vitais. (...) o mercúrio faz meditar, leva-me de uma verdade a outra, até o núcleo de pureza e integridade que está em cada um de nós. (Lispector, 1999, p. 425)

Neste ponto, como não evocar Donald Woods Winnicott (1965/2002) e sua afirmação de que, para a personalidade intocada, conta um núcleo (a core) que corresponde ao *true self* da personalidade dissociada: um núcleo nunca em

comunicação com objetos mortos e sem interior, nem mesmo com objetos ordinários, objetos de sentido difundido, iguais, objetos de consumo ou utilidade gerais. A pessoa percebe, diz o psicanalista, que o núcleo de alguém deve nunca ser tocado pela realidade normal e superficial: precisa permanecer isolado do que é puramente exterior, deve permanentemente não se comunicar com objetos demais objetivos. Precisa nunca ser encontrado por agentes ou realidades que o queiram devassado e conhecido, precisa permanecer inatingível, isento, inacessível aos poderes da intrusão e da reificação.

O “faiscante núcleo”, nos humanos como nas feras, excede toda posse e vigilância, como geleia ou mercúrio não apanhados. Geleia primária. É como placenta, o estofo originário de cada um, seu estado puro. Mercúrio imune: um ser à parte, íntegro e separado. O núcleo multiplicado e plural: os núcleos singulares, um em cada coisa, em cada fera, em cada um de nós.

Os núcleos estão em tudo que as trocas mortíferas ressecaram e endureceram. São o que o sonho e o devaneio vão outra vez expor. Os episódios oníricos, a atitude onírica, vão devolver à realidade trivial os seus núcleos, o seu sabor, vão fazer saber. A vigília delimita e conhece; o espírito noturno liberta e sabe. O dia condena, a noite ou a sombra salvam. Os sonhos e também os devaneios, em pleno dia, curam.

As rotinas cotidianas formam cascas grossas em torno dos núcleos vitais. Desejariam defendê-los? As cascas, na natureza, são amigas da germinação. Entre nós, nem sempre. Como assinala Hannah Arendt (1958/2007), há experiências que, para cumprirem seu ciclo, têm necessidade de luz e de um público; há outras, contudo, cujo florescimento pede sombra e solidão.

Discriminar umas e outras, discriminar seus ambientes apropriados, eis um dom da sutileza. Públicas ou recônditas, as experiências todas pedem cascas, suaves ou robustas. Mas sempre cascas que as venham agasalhar sem sufocar. Há as cascas que são como o respeito ou o segredo, como uma capa não para esconder e refrear, mas para proteger. Os núcleos teimam uma irradiação, uma aparição, mas não dispensam refúgios, sobretudo em mau

tempo e em espaços inóspitos. As cascas dos núcleos são como pele, não como couraças de isolamento: os núcleos pedem contornos que preservem sua integridade e vitalidade e que não os venham impedir.

Outra característica que aproxima o vivo e o núcleo é a ausência de ruído. O vivo é o silêncio que simplesmente persiste e talvez por isso tanto apavore. O núcleo é mudo, incomunicável, apenas se irradia e faísca pelo ar, pelo cosmo. O silêncio difere da citada paz ou tranquilidade mortíferas, pois estas calam o que precisa falar; já o silêncio permite que as vozes ou gritos sejam escutados.

A vitalidade ameaçada é um dos temas prediletos de Clarice Lispector. (Análise intertextual com o conto “Menino a bico de pena”, que discute a condição vital e selvagem dos bebês em relação à socialização, potencialmente domesticadora). No texto sobre o mercúrio, o tema aparece sutilmente. O núcleo ou energia espiritual mais individualizada resiste bravamente à manipulação, protegido pela casca do corpo. No texto sobre a geleia viva, o embate fica mais evidente. O vivo resiste de dentro do edifício caído, da casa limpa e da coberta.

Os núcleos irradiantes são tenazes, mesmo quando cercados por mortos de todos os lados. A violência quer destruí-los. Quando o reduto das coisas, das feras e dos humanos, é invadido, o protesto é máximo. Se a violência prevalece, o corpo e o espírito estilhaçam (a morte ou a dissociação como últimas provas de sua resistência e para deixar desorientados os seus agressores) ou retraem (podem conhecer um fechamento máximo e defensivo: ficam sem frutificar, mas não se rendem aos invasores). O contra-ataque. Não é assim que Donald Woods Winnicott nos quer propor a delinquência, o autismo ou a psicose nas crianças?

Como o vivo vive? Cada pessoa é fera: deseja viver ou escapa. Grita o vivo dentro do que queremos morto. Pode ser ouvido por outros vivos.

*****

4.4 - AS ÁGUAS DO MUNDO¹¹

Aí está ele, o mar, a mais ininteligível das existências não humanas. E aqui está a mulher, de pé na praia, o mais ininteligível dos seres vivos. Como ser humano fez um dia uma pergunta sobre si mesmo, tornou-se o mais ininteligível dos seres vivos. Ela e o mar.

Só poderia haver um encontro de seus mistérios se um se entregasse ao outro: a entrega de dois mundos incognoscíveis feita com a confiança com que se entregariam duas compreensões.

Ela olha o mar, é o que pode fazer. Ele só lhe é delimitado pela linha do horizonte, isto é, pela sua incapacidade humana de ver a curvatura da terra.

São seis horas da manhã. Só um cão livre hesita na praia, um cão negro. Por que é que um cão é tão livre? Porque ele é o mistério vivo que não se indaga. A mulher hesita porque vai entrar.

Seu corpo se consola com sua própria exiguidade em relação à vastidão do mar porque é a exiguidade do corpo que o permite manter-se quente e é essa exiguidade que a torna pobre e livre gente, com sua parte de liberdade de cão nas areias. Esse corpo entrará no ilimitado frio que sem raiva ruge no silêncio das seis horas. A mulher não está sabendo: mas está cumprindo uma coragem. Com a praia vazia nessa hora da manhã, ela não tem o exemplo de outros humanos que transformam a entrada no mar em simples jogo leviano de viver. Ela está sozinha. O mar salgado não é sozinho porque é salgado e grande, e isso é uma realização. Nessa hora ela se conhece menos ainda do que conhece o mar. Sua coragem é a de, não se conhecendo, no entanto prosseguir. É fatal não se conhecer, e não se conhecer exige coragem.

Vai entrando. A água salgada é de um frio que lhe arrepiava em ritual as pernas.

---

¹¹ O texto aparece no livro **Felicidade Clandestina** (1971) com este título. No Jornal do Brasil dia 13/10/1973 e depois no livro **A descoberta do mundo** (1984), foi publicado como “Águas do mar”.

Mas uma alegria – a alegria é uma fatalidade – já a tomou, embora nem lhe ocorra sorrir. Pelo contrário, está muito séria. O cheiro é de uma maresia tonteante que a desperta de seus mais adormecidos sonos seculares. E agora ela está alerta, mesmo sem pensar, como um caçador está alerta sem pensar. A mulher é agora uma compacta e uma leve e uma aguda – e abre caminho na gelidez que, líquida, se opõe a ela, e no entanto a deixa entrar, como no amor em que a oposição pode ser um pedido.

O caminho lento aumenta sua coragem secreta. E de repente ela se deixa cobrir pela primeira onda. O sal, o iodo, tudo líquido, deixam-na por uns instantes cega, toda escorrendo – espantada de pé, fertilizada.

Agora o frio se transforma em frígido. Avançando, ela abre o mar pelo meio. Já não precisa da coragem, agora já é antiga no ritual. Abaixa a cabeça dentro do brilho do mar, e retira uma cabeleira que sai escorrendo toda sobre os olhos salgados que ardem. Brinca com a mão na água, pausada, os cabelos ao sol quase imediatamente já estão se endurecendo de sal. Com a concha das mãos faz o que sempre fez no mar, e com altivez dos que nunca darão explicação nem a eles mesmos: com a concha das mãos cheia de água, bebe em goles bem grandes, bons.

E era isso o que lhe estava faltando: o mar por dentro, como o líquido espesso de um homem. Agora ela está toda igual a si mesma. A garganta alimentada se constringe pelo sal, os olhos avermelham-se pelo sal secado pelo sol, as ondas suaves lhe batem e voltam pois ela é um anteparo compacto.

Mergulha de novo, de novo bebe mais água, agora sem sofreguidão pois não precisa mais. Ela é a amante que sabe que terá tudo de novo. O sol se abre mais e arrepi-a ao secá-la, ela mergulha de novo: está cada vez menos sôfrega e menos aguda. Agora sabe o que quer. Quer ficar de pé parada no mar. Assim fica, pois. Como contra os costados de um navio, a água bate, volta, bate. A mulher não recebe transmissões. Não precisa de comunicação.

Depois caminha dentro da água de volta à praia. Não está caminhando sobre as águas – ah nunca faria isso depois que há milênios já andaram sobre as

águas – mas ninguém lhe tira isso: caminhar dentro das águas. Às vezes o mar lhe opõe resistência puxando-a com força para trás, mas então a proa da mulher avança um pouco mais dura e áspera.

E agora pisa na areia. Sabe que está brilhando de água, e sal e sol. Mesmo que o esqueça daqui a uns minutos, nunca poderá perder tudo isso. E sabe de algum modo obscuro que seus cabelos escorridos são de um náufrago. Porque sabe – sabe que fez um perigo. Um perigo tão antigo quanto o ser humano.

4.4.1. ANÁLISE

As condições da liberdade para o mar:

1- Desconhecer

Os protagonistas do conto são mistérios vivos: o mar e a mulher. Os respectivos mistérios impediriam a relação entre eles, ou aguçaria-lhes a atração?

Um encontro entre desconhecidos. O encontro supõe e pede estranhezas e vai revelar semelhanças, a semelhança dos seres como mistérios vivos. Os textos de Clarice Lispector são mais feitos da narrativa de mistérios do que narrativa de suas decifrações: é mistério vivido e desdobrado, não mistério interrompido e iluminado.

O contato ou a comunicação não estão em equilíbrio nos contos. Neste prevalece o contato e certos ingredientes da comunicação, como o conhecimento que é atingido por avaliação crítica, negativa, até depreciativa. O que é preciso compreender e valorizar: a comunicação já armada com o mundo faz perder o caráter vivo e neutro do mundo¹². Mas há sempre, afinal, um grau de comunicação, de experiência apoiada por sentimento e discurso, senão sequer haveria uma narrativa. Também é preciso compreender e valorizar este traço, inclusive o conhecimento do mundo que daí advém, mas que já não é o conhecimento preliminar que impedia o conhecimento final.

O que liga a mulher e o mar e seguirá ligando, o que os atrai e os trará para o contato, é justamente feito do fato de serem incognoscíveis, não detidos pelos limites da percepção, este ato primeiro de conhecimento que pondo o mar delimitado pelo limite do horizonte, incapaz de ver a curvatura da Terra, arrisca deixar de vê-lo, concentrando-nos nos limites que nossa cognição lhe impôs:

---

¹² Feito o quadro de nossas três figuras, interessará como que abandoná-las para eventualmente encontrá-las vivamente em cada conto. Não partiremos das figuras, tais como antes avaliadas, para os contos, tanto quanto de cada conto para as figuras nele mais salientes.

neste sentido, a percepção pode nos dar menos o mar além de nós do que uma contida representação do mar em nós. O desconhecimento os liga, a mulher e o mar. O conhecimento, a cognição é que os separa e impediria o contato e comunicação.

O mar, acessível para quem trivialmente o conhece, torna-se acessível para a mulher no modo em que não é possuído por conhecimento. O conhecimento deles faz perdê-los. A inteligibilidade deles, que desarma quem os quer conhecidos, prepara quem os quer encontrar.

Diferente da entrada no mar transformada em jogo leviano de viver; a inteligibilidade dos seres dá mais o ser dos seres do que nos daria um conhecimento deles.

Desconhecer-se, além disso, é um ato corajoso porque significa também desistir da pequenina imagem conhecida e familiar construída sobre si mesmo, abrir mão do ego, das proteções, desarmar a identidade social, questionar respostas fáceis para questões novas.

O outro, o mar, o mundo só poderiam ser percebidos com neutralidade, se o si mesmo já tivesse se tornado voluntariamente desconhecido. O desconhecimento prepara para a entrega.

A situação do conhecimento e da vontade na experiência viva e neutra do mundo. Isto chama atenção. A experiência pode vir a alimentar conhecimento e vontade, mas nunca parece partir deles. Pelo contrário, conhecimento e vontade já montadas impedem a manifestação viva e neutra do mundo, a manifestação antes permitida pela suspensão de conhecimento e vontade, pela distração, pelo relaxamento, muito mais do que pelo exercício do conhecimento e da vontade.

Isto lembra o que Simone Weil (1996) nos diz sobre a atenção: atenção é aprimoramento da percepção para as sutilidades do objeto. A atenção demanda dedicação e tempo. A filósofa recomenda um olhar contemplativo, sem interpretação, olhar até que a compreensão aconteça, olhar sem se apegar ao que é visto.

Quando o olhar desinteressado percorre o objeto, reconhecendo suas várias facetas sem se fixar em nenhuma em especial, encontra uma unidade mais consistente do que aquela que se poderia encontrar através de um relance.

O olhar atento é paradoxal, é a distração do foco: olhar sem esforço. Fixação leva apenas ao vazio, ao invés de guiar até a complexidade do objeto. Caçar o objeto assusta sua aparição. O bom caçador que renuncia ao resultado imediato e sabe esperar, é presenteado pela aproximação do alvo.

A atenção do caçador clariciano é leve, está sem pensar, alerta aos movimentos do que está vivo. Outra vez, citemos Simone Weil (1996), conseguir uma uva arrancando-a do cacho, faz os outros bagos se desprenderem e tudo cair no chão. Atenção delicada é recuar diante do que perseguimos ao invés de desejar possuí-lo e consumi-lo vorazmente. A atenção é amor pelo objeto.

A voracidade consome principalmente o próprio consumidor que iludido se esvai em desesperados ciclos cada vez mais curtos de fome-saciedade. Sua salvação depende de poder recuar: esperar antes de agir, olhar antes de comer, escutar antes de falar, atentar antes de possuir, renunciando e contemplando para uma nutrição prolongada, com a companhia do objeto.

2-A oposição

Um dos talentos de Clarice Lispector é revelar facetas sutis da realidade por meio de definições paradoxais. A oposição, Clarice nos ensina, pode ser um pedido, um convite.

A mútua entrega entre a mulher e o mar seria possível? O mar, atentamente observado pela mulher que se encantou por ele, a convida a sair de si, entregando-se. Livre das convenções egóicas e dos jogos humanos, a mulher também está livre para o mar.

A mulher hesitou, recuou antes de entrar no mar. Enquanto entrava, o mar lhe impôs resistência com suas frias águas. Mútua oposição? Ingredientes para o encontro.

Da mesma forma, aqueles que acreditam ser a coragem explícita e intrépida o ponto de partida para um ato heróico, com Clarice percebem que a coragem é conquistada pelo gradual caminhar: a coragem potencial e secreta é lentamente fortalecida pelo processo.

A palavra “fatal” foi usada duas vezes:

*É **fatal** não se conhecer, e não se conhecer exige coragem.*

Fatal no sentido daquilo que é inevitável e no sentido de mortífero, poder matar. Por que o desconhecimento de si exige coragem, se ele é inevitável? Não deveria ser trivial, banal?

Não, porque é preciso se desconhecer a cada passo, andar na corda bamba, que é o inverso das certezas asseguradoras. Desconhecer-se é um risco, envolvendo várias pequenas mortes do ego, incluindo a sustentação da experiência de ausência do conhecido para que algo novo possa surgir no horizonte perceptivo.

*Mas uma alegria **fatal** – a alegria é uma fatalidade – já a tomou, embora nem lhe ocorra sorrir.*

A palavra “fatal” também aparece para adjetivar a alegria do contato com o mar. A alegria clariciana é fatal porque não se pode escapar dela, ela toca e toma a pessoa, é algo tão sério, que a gravidade de sua presença impede, paradoxalmente, de sorrir. A alegria surpreende, pegando a mulher desprevenida, alterando o humor, colocando em risco alguma estabilidade anterior.

3-O corpo, o eu, o si mesmo encapsulado. A exiguidade.

O cão negro não se indaga, ele simplesmente se entrega à vida, sem se questionar: é sua liberdade. A indagação, neste conto, tem sentido negativo, atrapalha a entrega.

O corpo humano é isolado porque foi indagado e fechado por respostas. A mulher indaga e só a exiguidade de seu corpo, sua pequenez física, sua insignificância, precariedade, perecibilidade, vulnerabilidade diante da grandeza autosuficiente do mar e da natureza inspiram uma humildade reconfortante. Se por um lado, o conto traz reflexões sobre o corpo humano com, em certa medida, descontada sua exiguidade, como imagem de um eu encapsulado na água de um si mesmo em redoma, ensimesmado, por outro, ele é constituído na fronteira entre a ipseidade e a necessidade de relacionamento.

O isolamento, o desamparo da praia vazia sem mais ninguém, é aqui, positivo, pois se desprende de uma orientação demasiadamente humana, corriqueira, leviana, deixa o corpo da mulher mais livre, sem a couraça de um corpo preparado para só jogar com o mar, sem entrar e sem ser penetrado pelo mar.

O que sela o encontro entre a mulher e o mar é uma mútua entrega confiante. Apesar dos fechamentos, há abertura para o encontro.

Quando dentro do mar, alerta pelo mar e para o mar, a mulher está compacta, leve e aguda. Algo compacto e incomunicável como o núcleo, mas que se expressa através da agudeza de uma seta abrindo caminho com seu gesto sem força ou esforço, com leveza.

O eu que entra em contato com o mar é compacto, é vivo, água brilhante, leve, agudo, é núcleo faiscante e contrasta com um eu coberto, um eu social, gregário, adormecido, mortiço, opaco, pesado, vestido de conhecimentos e vontades tanto quanto de ignorância do mundo, de si mesmo e de pusilanimidade, isolado do núcleo vivo de si mesmo.

Quem perde humildade, perde liberdade; quem é livre, entrega-se. Quem tem (ou imagina ter) muito poder ou conhecimento não se arrisca, não se entrega. A condição neutra e corajosa está relacionada à experiência que nos prepara para a entrega, para o contato que nos cura do medo.

Na paródia evangélica: a mulher caminha dentro da água e não sobre as águas, como Cristo. Não tem nenhum poder, apenas imerge, experimenta. São as possibilidades humanas que a tornam humilde, livre e plena na sua pequenez.

4-O ritual

Em seu artigo sobre a atenção em Simone Weil, Ecléa Bosi (2003) chamou a atenção para os estudos bramanísticos da filósofa e comentou um importante trecho dos *Upanishads*¹³ onde Brama cria a vida a partir de um gesto de desapego: “Quando só existia o mar imóvel e luminoso, num ato de esquecimento de si, Brama põe os mundos em movimento e a vida subiu do oceano como floco de nata no leite”.

Ah o mar...propulsor e fertilizador da vida. O amor da mulher por ele, levou-a ao desapego de si e a ofertar-se, como num ritual primitivo. A entrada ou entrega ao mar não era trivial, pelo contrário, tinha caráter sagrado. Não bastava entrar de forma banal, ela fez um sacrifício: o ritual da entrega. Desapegar-se não é destruir o eu, mas participar das forças cósmicas que o transcendem.

O caráter de tipo religioso chamado sagrado parece várias vezes assumir o contato com o mundo e se deixa reconhecer pela própria escritora como transmutação de tipo mais ou menos místico, inclusive formando o contato pelo aspecto de um ritual. Assim, ritual não é derivativo tanto quanto inaugural e só

---

¹³ Coleção de textos filosóficos que formam a base teórica da religião Hindu. De acordo com esta crença, os textos contém revelações a respeito da verdadeira natureza da realidade e descrevem formas de salvação.

então estendido para outras esferas de experiências, lá já antes propostas como religiosas ou não. Trata-se, então, como que do ritual de uma religião natural, muito primitiva, antiga, selvagem, não precedida por qualquer instrução ou religiões instituídas.

Eis o que lemos em G.H.:

Quando uma pessoa é o próprio núcleo, ela não tem mais divergências. Então ela é a solenidade de si própria, e não tem mais medo de consumir-se ao servir ao ritual consumidor – o ritual é o próprio processar-se da vida do núcleo, o ritual não é exterior a ele: o ritual é inerente. (Lispector, 1964/1998, p. 115)

Através da entrega como sacrifício ritual, a mulher está se realizando, agindo em acordo com seu núcleo e, neste momento, não está em conflito. A entrega, saída do eu superficial, reafirma a expressão do eu-núcleo. Desta maneira, entregar-se não é perder-se de si, despersonalizar-se, pois a perda é apenas do eu superficial, construído. Como a perda da terceira perna, um tripé estável, do qual pensamos precisar, mas que impede a instabilidade inerente ao caminhar. Entregar-se é o que a vida espera de nós e contrasta com a ideia de consumo, de medo de se desperdiçar ou de ser consumido, possuído de forma egoísta, sem amor. A entrega ritual fala de uma plenitude de si que impulsiona a pertencer, a participar de algo que transcende o eu exterior.

A entrada no mar foi precedida pela saída do isolamento, pelo religamento, que tem um caráter sagrado, religação à vida própria e ao mundo para então poder ser estendido ao encontro com um amante. O núcleo expresso, vivido, deixou a mulher plena, ativada, vitalizada e desperta para a sexualidade que está além de descargas de tensão e impulsos biológicos; a sexualidade como encontro, troca.

5-O erótico

Por que Clarice realiza um encontro sexual entre o mar e a mulher e não entre dois humanos?

O caráter erótico da descoberta do mundo, e que se reflete como descoberta erótica também de si mesmo e dos humanos todos, não é, justamente, retirado de relações inter-humanas para então ser reencontrado ou aplicado na relação com o mundo, pelo contrário, quando por exemplo, o contato com o mar ganha traço erótico, em seu clima é que reaparece ou cresce o erotismo também ingrediente das relações inter-humanas. E quando o contato com o mundo é encontrado e é representado já pelo contato com o professor de Sofia, o namorado de Macabéa, um casal como os obedientes, Mineirinho, a freira...pessoas e não com coisas naturais e artefatos, vegetais, bichos, exemplos: o mar, o mercúrio, o batom, as palavras e a linguagem, a vitória-régia, a rosa, o rato, a galinha? Neste caso é também dali que se faz um vínculo mais ou menos erótico para então entender se há outros vínculos eventualmente, e não por empréstimo deslocado de outros vínculos humanos para estes que abrem o contato erótico disparador.

A primeira aparição de um contato amoroso com o mar aparece neste trecho: *como no amor em que a oposição pode ser um pedido*. Não é uma relação ideal ou linear, mas paradoxal, complexa e exigente. Consequência do aprofundamento, a relação se torna explicitamente erótica através desta frase: Era isso o que lhe estava faltando: *o mar por dentro, como o líquido espesso de um homem*.

Depois da experiência sensual com o mar, fica *toda igual a si mesma*. A entrega ritual que vira erótica partiu de um gesto próprio, ancorado em seu eu-núcleo, e a levou até a comunhão calma de si: doar-se que é recuperar-se profundamente, fortalecendo-se após o banho amoroso de troca com o mar da vida. Ela sai do mar, sai como mar, mas sai, como eu-mar. De tal modo a mulher e o mar misterioso vão ligar-se, que a mulher dele sairá líquida, salgada e ensolarada, mulher-mar.

6-O líquido. A cura.

A mulher foi fertilizada pelo líquido vital. O “líquido” e suas imagens aparecem fortemente neste conto: o mar como líquido originário, placentário que deu à luz todos os seres; mar amoroso que desafia, banha e ilumina; mar amante com líquido sexual, fertilizante. Para Regina Pontieri (2001), a água é muito relevante na poética clariciana dos elementos, principalmente na forma do mar e da chuva:

Remetendo ao inconsciente, a água se vincula aos demais semas – vida, animal, vegetal, fundo, flutuante, reprodução e profusão – subsumindo-os: brotando do habitat líquido primeiro, a vida vegetal ou animal se configura, ao mesmo tempo, como verticalidade e horizontalidade, como fundura e flutuação. Mas sobretudo como movimento contínuo e vertiginoso de engendramento cujas leis são as do corpo. Parece que estamos próximos do mar primordial de que fala G.H., aquele cujo planctum alimentou os inícios da vida no planeta. (p. 158)

A água é um dos aspectos do mundo vivo, figura central para a cura clariciana. Mundo vivo que é mistério, outro, não-eu. É o mundo intrigante que desperta a mulher de um sono ensimesmado e a convida a mergulhos em águas estrangeiras, proporcionando encontro com o outro e com o que lhe é próprio, ao mesmo tempo.

É curativo também o caminho que leva até o mar: águas do mundo. Assumir a pequenez do corpo e a ignorância, a coragem para sustentar o duplo desconhecimento de si e do mar, e ainda assim prosseguir, fez parte das condições para o encontro.

O encontro com o mar despertou a narradora dos mais adormecidos sons seculares. Despertaria os leitores do sono?

A ideia do despertar de um sono em Clarice Lispector é marcante, persistente e indica abertura da percepção, desvelamento, esclarecimento. Na crônica “Mineirinho”, despertar do sono tem um sentido semelhante: despertar é retirar um tampão que embota e impede a compreensão da realidade.

Se o sono está do lado do embotamento, o estado alerta sem pensar assemelha-se à postura do habilidoso caçador sereno que espera confiante encontrar seu objetivo.

Essa condição de disponibilidade, liberdade e abertura sem pensar apareceu também no conto “Perdoando Deus”. A contribuição da psicanálise de Winnicott, neste ponto, auxilia a entender o estado descrito por Clarice. Ele chamou de “não-integração” (1962) um estado tranquilo, de confiança e segurança, onde não há necessidade de estar integrado, de preocupar-se, de pensar. Esta condição relaxada permite a fruição estética, cultural e religiosa e está ligada a experiência de ser e à criatividade. É um descanso para a árida e trabalhosa vida integrada. Esta é a condição para encontrar o mar, mundo vivo, é a condição neutra.

A disponibilidade para desconhecer-se seria um despertar e uma preparação para a cura clariciana.

O conto inicia com a mulher se descascando do supérfluo, daquilo que atrapalha o contato com o mundo vivo e termina com ela firme, segura e confiante. Passou a brilhar como quem realizou uma experiência: a capacidade de entrar na condição neutra, entregar-se, trocar com mar e assim conquistar si própria através da ligação com um outro.

Neste gesto, a mulher e o mar formaram uma unidade, uma nova realidade alcançada e não dissolvida. O ego cedeu lugar ao objeto, alargando o senso de realidade. Ganhou um contato com o mar, ganhou um eu marítimo, líquido. Esse parece ser o principal aspecto curativo que foi elaborado ao longo do texto.

A mulher é comparada a um navio: *Quer ficar de pé parada no mar. Assim fica, pois. Como contra os costados de um navio, a água bate, volta, bate. E outro trecho: Às vezes o mar lhe opõe resistência puxando-a com força para trás, mas então a proa da mulher avança um pouco mais dura e áspera.*

Cada encontro era uma viagem e ela seria como um navio compacto vencendo a oposição amorosa das ondas que finalmente a aceitaram.

O conto termina falando de um perigo antigo: o medo de perder-se nas águas vivas, medo de enlouquecer? O vivo fertiliza e apavora, não se pode esquecer! Cada encontro é uma aventura onde arriscamos nos perder e nos ganhar.

*****

4.5. - MENINO A BICO DE PENA¹⁴

Como conhecer jamais o menino? Para conhecê-lo tenho que esperar que ele se deteriore, e só então ele estará ao meu alcance. Lá está ele, um ponto no infinito. Ninguém conhecerá o hoje dele. Nem ele próprio. Quanto a mim, olho, e é inútil: não consigo entender coisa apenas atual, totalmente atual. O que conheço dele é a sua situação: o menino é aquele em quem acabaram de nascer os primeiros dentes e é o mesmo que será médico ou carpinteiro. Enquanto isso – lá está ele sentado no chão, de um real que tenho de chamar de vegetativo para poder entender. Trinta mil desses meninos sentados no chão, teriam eles a chance de construir um mundo outro, um que levasse em conta a memória absoluta a que um dia já pertencemos? A união faria a força. Lá está ele sentado, iniciando tudo de novo mas para a própria proteção futura dele, sem nenhuma chance verdadeira de realmente iniciar.

Não sei como desenhar o menino. Sei que é impossível desenhá-lo a carvão, pois até o bico de pena mancha o papel para além da finíssima linha de extrema atualidade em que ele vive. Um dia o domesticaremos em humano, e poderemos desenhá-lo. Pois assim fizemos conosco e com Deus. O próprio menino ajudará sua domesticação: ele é esforçado e coopera. Coopera sem saber que essa ajuda que lhe pedimos é para o seu auto-sacrifício. Ultimamente ele até tem treinado muito. E assim continuará progredindo até que, pouco a pouco – pela bondade necessária com que nos salvamos – ele passará do tempo atual ao tempo cotidiano, da meditação à expressão, da existência à vida. Fazendo o grande sacrifício de não ser louco. Eu não sou louco por solidariedade com os milhares de nós que, para construir o possível,

---

¹⁴ Texto publicado originalmente como “Desenhando um menino” na segunda parte de **A Legião Estrangeira**, *Fundo de Gaveta* em 1964. Depois, no *Jornal do Brasil* em 03/08, 09/08, 16/08, 23/08 e 30/08 de 1969. Em seguida, também aparece em **Felicidade Clandestina** (1971), como “Menino a bico de pena”, em **Para não esquecer** (1978) como “Desenhando um menino” e em **A descoberta do mundo** (1984).

também sacrificaram a verdade que seria uma loucura.

Mas por enquanto ei-lo sentado no chão, imerso num vazio profundo.

Da cozinha a mãe se certifica: você está quietinho aí? Chamado ao trabalho, o menino ergue-se com dificuldade. Cambaleia sobre as pernas, com a atenção inteira para dentro: todo o seu equilíbrio é interno. Conseguido isso, agora a inteira atenção para fora: ele observa o que o ato de se erguer provocou. Pois levantar-se teve consequências e consequências: o chão move-se incerto, uma cadeira o supera, a parede o delimita. E na parede tem o retrato de O menino. É difícil olhar para o retrato alto sem apoiar-se num móvel, isso ele ainda não treinou. Mas eis que sua própria dificuldade lhe serve de apoio: o que o mantém de pé é exatamente prender a atenção ao retrato alto, olhar para cima lhe serve de guindaste. Mas ele comete um erro: pestaneja. Ter pestanejado desliga-o por uma fração de segundo do retrato que o sustentava. O equilíbrio se desfaz – num único gesto total, ele cai sentado. Da boca entreaberta pelo esforço de vida a baba clara escorre e pinga no chão. Olha o pingo bem de perto, como a uma formiga. O braço ergue-se, avança em árduo mecanismo de etapas. E de súbito, como para prender um inefável, com inesperada violência ele achata a baba com a palma da mão. Pestaneja, espera. Finalmente, passado o tempo necessário que se tem de esperar pelas coisas, ele destampa cuidadosamente a mão e olha no assoalho o fruto da experiência. O chão está vazio. Em nova brusca etapa, olha a mão: o pingo de baba está, pois, colado na palma. Agora ele sabe disso também. Então, de olhos bem abertos, lambe a baba que pertence ao menino. Ele pensa bem alto; menino.

-Quem é que você está chamando? Pergunta a mãe lá da cozinha.

Com esforço e gentileza ele olha pela sala, procura quem a mãe diz que ele está chamando, vira-se e cai para trás. Enquanto chora, vê a sala entortada e refratada pelas lágrimas, o volume branco cresce até ele – mãe! Absorve-o com braços fortes, e eis que o menino está bem no alto do ar, bem no quente e no bom. O teto está mais perto, agora; a mesa, embaixo. E, como ele não pode mais de cansaço, começa revirar as pupilas até que estas vão mergulhando na

linha de horizonte dos olhos. Fecha-os sobre a última imagem, as grades da cama. Adormece esgotado e sereno.

A água secou na boca. A mosca bate no vidro. O sono do menino é raiado de claridade e calor, o sono vibra no ar. Até que, em pesadelo súbito, uma das palavras que ele aprendeu lhe ocorre: ele estremece violentamente, abre os olhos. E para o seu terror vê apenas isso: o vazio quente e claro do ar, sem mãe. O que ele pensa estoura em choro pela casa toda. Enquanto chora, vai se reconhecendo, transformando-se naquele que a mãe reconhecerá. Quase desfalece em soluços, com urgência ele tem que se transformar numa coisa que pode ser vista e ouvida senão ele ficará só, tem que se transformar em compreensível senão ninguém o compreenderá, senão ninguém irá para o seu silêncio ninguém o conhece se ele não disser e contar, farei tudo o que for necessário para que eu seja dos outros e os outros sejam meus, pularei por cima de minha felicidade real que só me traria abandono, e serei popular, faço a barganha de ser amado, é inteiramente mágico chorar para ter em troca: mãe.

Até que o ruído familiar entra pela porta e o menino, mudo de interesse pelo que o poder de um menino provoca, pára de chorar: mãe. Mãe é: não morrer. E sua segurança é saber que tem um mundo para trair e vender, e que o venderá.

É mãe, sim é mãe com fralda na mão. A partir de ver a fralda, ele recomeça a chorar.

-Pois se você está todo molhado!

A notícia o espanta, sua curiosidade recomeça, mas agora uma curiosidade confortável e garantida. Olha com cegueira o próprio molhado, em nova etapa olha a mãe. Mas de repente se retesa e escuta com o corpo todo, o coração batendo pesado na barriga: fonfom!, reconhece ele de repente num grito de vitória e terror – o menino acaba de reconhecer!

-Isso mesmo! Diz a mãe com orgulho, isso mesmo, meu amor, é fonfom que passou agora pela rua, vou contar para o papai que você já aprendeu, é assim mesmo que se diz: fonfom, meu amor! Diz a mãe puxando-o de baixo para cima e depois de cima para baixo, levantando-o pelas pernas, inclinando-o para trás,

puxando-o de novo de baixo para cima. Em todas as posições o menino conserva os olhos bem abertos. Secos como a fralda nova.

4.5.1. ANÁLISE

Por que é difícil entender e desenhar, apreender aquilo que é atual, real?

A análise intertextual com a crônica “A festa do termômetro quebrado” deixa uma pista através da ideia de núcleo incomunicável, uma área intocável, que se mantém singular e selvagem, a salvo de invasões e comunicações, reconhecido apenas por suas manifestações autênticas. Daí a dificuldade para defini-lo: como o mar e a mulher do conto “As águas do mundo”, o menino é mistério incognoscível.

A técnica de desenho com nanquim, no bico de pena, mesmo sendo muito fino e delicado, ainda assim, mancha o papel marcando-o, definindo uma imagem de menino, tirando-o de sua atualidade e dando-lhe contornos fixos. Quem foi desenhado por outros, por meio de linhas indeléveis, corre o risco de identificar-se com tal imagem desenhada e buscar alcançá-la.

Momentos cotidianos de socialização e aprendizagem da linguagem entre um menino e sua mãe ocultam a domesticação cujo potencial de adoecimento pode fazer as pessoas perderem-se de si, distanciarem-se de seu potencial inovador e de seu núcleo singular incapturável.

O narrador sonhou com um mundo outro, formado por meninos livres, singulares, portadores do novo arendtiano¹⁵ que mantivessem na memória a importância de serem atuais e autênticos. Por outro lado, sabia que tais meninos talvez não tivessem uma chance verdadeira para isso.

Como conviver num mundo formado por pessoas que fossem como bolinhas inapreensíveis de mercúrio? Como construir regras para pessoas cuja vitalidade e liberdade impedissem de prever seus comportamentos e de controlá-las?

---

¹⁵ O milagre da liberdade está contido nesse poder-começar que, por seu lado, está contido no fato de que cada homem é em si um novo começo, uma vez que, por meio do nascimento veio ao mundo que existia antes dele e vai continuar existindo depois dele”. (Arendt, 2007, p. 43)

Como se sabe, o medo despertado pela liberdade e pelo novo, o medo de meninos selvagens reiteradamente leva ao policiamento social. Com isso não quero dizer que a liberdade e a novidade só tragam contribuições, elas ameaçam e desintegram o que foi estabelecido e conquistado, fazendo sentido recomendar que as inaugurações sejam temperadas. O que é instituído, todavia, endurece e desvitaliza, eliminando juntamente com os desestabilizadores o seu poder de trazer ares frescos. O que é instituído tende à repetição e como qualquer instituição, teme a alteração. O medo institucional faz frequentemente a violência contra “meninos não amestrados” Instituição é entendida por Guirado (2004) como “um conjunto de práticas que se repetem e que, enquanto se repetem, legitimam-se; sendo a legitimação uma espécie de naturalização daquilo que é instituído”. (p.56) Neste conto, a socialização, uma orientação indispensável à vida, periga transformar-se em domesticação, prevalecendo o acordo tácito de que devemos aprimorar o nosso incômodo contra a originalidade.

Embora a mãe interrompesse o ritmo do menino a todo instante com suas perguntas e seu discurso, ela foi sentida por ele como boa e carinhosa cujo colo era quente e acolhedor.

Cambaleia sobre as pernas, com a atenção inteira para dentro: todo o seu equilíbrio é interno. Conseguindo isso, agora a inteira atenção para fora: ele observa o que o ato de se erguer provocou. O “dentro” e o “fora” foram marcados no texto com ênfase, sugerindo que o processo de domesticação coloque estas instâncias em oposição.

O retrato de “o menino” poderia ser compreendido como a fixação de uma imagem ideal para ele, que se por um lado, tende a ser limitante e cruel, por outro, pode ser um fator de desenvolvimento que tiraria o menino do chão, de sua natureza toda potencial e o levaria a progredir, tornando-o melhor, o melhor que pudesse ser, mesmo que não se transformasse no menino do retrato. No texto, é o retrato de “o menino” que o sustenta em pé, como faria um guindaste.

O menino pestanejou, ou seja, rompeu a ligação com o ideal externo e

passou a concentrar-se no seu interior, mesmo que por alguns segundos, retirando a atenção do retrato e caindo no chão novamente. Esta imagem sugeriu que, no limite, as necessidades corporais (como pestanejar) cortam o contato com o exterior, forçando o recolhimento e atrapalhando a socialização perfeita. O trecho em que o menino tentou recuperar sua baba poderia ser entendido como uma tentativa de recuperação de si, do que seria corporal e pessoal.

Quando o menino acordou, lembrou da palavra “mãe” e não da mãe simplesmente, enfatizando o papel simbólico dela no conto. Percebendo sua ausência, ele chorou e começou a aprender os jogos sociais de poder: *é inteiramente mágico chorar para ter em troca: mãe.*

Enquanto chorava, foi tentando adaptar-se ao que a mãe esperava dele. Mãe seria não morrer, do ponto de vista corporal, emocional e social. No entanto, este mundo ao qual estava se submetendo iria trai-lo, um dia, ou seja, iria deixá-lo completamente dependente das estruturas sociais, ainda assim solitário porque embora lutemos contra a solidão, ela é inexorável, com o agravante de tê-lo incapacitado para recuperar sua singularidade selvagem e autônoma que fora domesticada. Esta parece ser a mágoa do narrador: tanta concessão e cooperação paga com deslealdade.

O menino pareceu não ver o que havia de errado com seu molhado: olhou com cegueira, mas ao mesmo tempo, estava curioso, queria entender. Ele reconheceu o “fonfom” num grito de vitória e terror que passou pelo seu corpo todo: a cultura teria se misturado ao seu corpinho, tomando-o por dentro? A onomatopéia poderia representar a entrada do mundo simbólico no corpo e na vida da criança. A mãe contaria ao pai seus avanços, tentando incentivá-lo, mas também sugerindo um elemento afetivo-coercitivo da socialização que faz a criança desenvolver-se para agradar os pais.

No parágrafo final, a domesticação ganhou terreno e consagrou-se: a mãe passou a manipular o menino que foi puxado e virado daqui pra lá e vice-versa. Ele queria aprender, queria socializar-se (representado pelos olhos abertos).

Sua natureza viva e úmida (representada pelo molhado) ficou enxuta, assim como seus olhos diante da fralda nova.

Olga de Sá (1979), discorrendo sobre os famosos momentos epifânicos na obra de Clarice Lispector, afirmou que as epifanias não são apenas aquelas que transfiguram o banal em beleza, mas também epifanias críticas e corrosivas, com percepções decepcionantes que causam enjoo, náusea e tédio.

Nós reconhecemos neste conto a ironia¹⁶, que informou o vértice por que transcorreu nossa leitura. A ironia, no narrador, acompanha a atenção para o que no menino é delicadamente selvagem e pede defesa. Trata-se de uma atenção protetora mas, várias vezes, agressiva. O que o narrador vislumbra para os meninos todos acompanha a revolta pelo que os desenha a bico de pena, um desenho tão delicado quanto muito bem marcado. A ternura da mãe é respeitada tanto quanto é focalizada mais de uma vez como ternura suspeita: o carinho da mãe não parece livre de instrução, é carinhosa tanto quanto é educadora; o zelo não é livre de precocidade e pronta orientação; a mãe, por assim dizer, não aproveita ludicamente o desajeitamento do filho tão pequeno, acolhe sem soltura o menino desarrumado, para organizar e adaptar, sem brincar.

Mendes de Sousa (2000) aponta que:

é pelo jogo irônico que o leitor tem acesso à desconstrução do caso: o que se diz “verdadeiro” para a protagonista é antecipadamente apresentado ao leitor como “não-verdadeiro”. Para o narrador, a verdadeira vida é a outra, a que foi ocultada, a que está por detrás da máscara, da cobertura, e que a todo momento pode estalar. Contudo, o jogo entre o oculto e o visível é extremamente complexo. (p. 113)

Quando a ironia é decodificada, percebe-se sua função crítica sobre a socialização das crianças. Clarice ironizou a docilidade dos bebês, afirmando que o menino colaborava com sua própria domesticação, sem saber que era

---

¹⁶ Como também apontou Luciana Pires em seu artigo “Concepções da Infância em Clarice Lispector” apresentado no XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências, USP, 2008.

um autossacrifício.

Ao invés da palavra “socialização”, a autora utilizou “domesticação”, escolha que sugere uma transformação do selvagem em civilizado.

Selvagem¹⁷, além de habitante da selva, não civilizado, bárbaro, grosseiro, intratável, arisco, é aquele que cultiva a solidão, que evita o convívio social, que vive só. No conto clariciano, o menino estava imerso em si e no tempo imediato, num ritmo próprio, iniciando ainda a socialização e desenvolvendo noções de ego e de tempo compartilhado.

Na obra da escritora, é possível identificar seu apreço pela manutenção de uma pureza, de uma ingenuidade essencial que embora não seja exatamente boa, pelo contrário, ainda assim, era-lhe fundamental. Por exemplo, no seu primeiro romance, a palavra “selvagem” apareceu no título **Perto do coração selvagem**. Joana, a personagem principal, é cruel e fria, mas autêntica, não cedia, não se dobrava.

Civilizado¹⁸, é aquele que tem educação, civilização, cultura, indivíduo cortês, civil, urbano. Em termos claricianos, civilizado é aquele homem desesperado com a própria solidão, sem conseguir vivê-la e aproveitá-la, que cedeu tudo de si para os outros, para viver em sociedade e ficou esvaziado. Corresponde ao discurso socializante que tira o menino do conto de sua condição atual, selvagem:

[...] ele tem que se transformar numa coisa que pode ser vista e ouvida senão ele ficará só, tem que se transformar em compreensível senão ninguém o compreenderá, senão ninguém irá para o seu silêncio ninguém o conhece se ele não disser e contar, farei tudo o que for necessário para que eu seja dos outros e os outros sejam meus, pularei por cima de minha felicidade real que só me traria abandono, e serei popular, faço a barganha de ser amado [...]

---

¹⁷ Disponível na Internet: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=selvagem&style=k>
[05 set. 2012]

¹⁸ Disponível na Internet: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=civilizado&style=k>
[05 set. 2012]

As críticas claricianas incidem sobre as duras exigências feitas em nome da boa convivência: as pessoas educadas na infância devem destruir sua originalidade e potencialidades subversivas da ordem, devem deteriorar-se em favor do bem comum e assim, podem ser desenhadas, fixadas, tornando-se previsíveis através de índices sociais, como idade e profissão. A dimensão humana selvagem corresponde à ideia de núcleo que atrapalha a plena realização de regras e expectativas rígidas demais.

Contudo, há também a dimensão humana sociável que deseja participar e pertencer, como apontou seu biógrafo Benjamin Moser (2009), uma questão cara à Clarice Lispector. Para Winnicott (1986/1999), o ser humano tende à saúde e ao desenvolvimento. Ele quer ser uma pessoa como as outras, quer adaptar-se, mas conta com a ajuda do ambiente facilitador. Seria importante para os educadores confiarem nesta tendência. A natureza humana é social e precisa conviver em grupo, apesar da necessidade de preservação da sua singularidade.

No conto, ela aponta para os perigos de fazer concessões e sacrifícios demais pelos outros, abrindo mão da própria singularidade, que por vezes é considerada loucura, ameaçando a estabilidade da pessoa, deixando-a vazia, triste e repleta de mágoas. Exercitar a autenticidade com liberdade tinha algo de curativo para a escritora.

Do ponto de vista do ser civilizado, algumas questões aparecem: ser reconhecido e identificado socialmente seria preferível a ser si mesmo, seria mais seguro? A repetição e a adaptação à tradição garantiriam a proteção futura? Seria preciso fazer o sacrifício de não ser singular e louco em solidariedade aos outros para construir um mundo possível? A socialização é necessária à salvação?

Dada a imaturidade biológica e emocional dos bebês, estão em constante desenvolvimento, movimento e transformação vital. Para isso, dependem dos cuidados do ambiente, podendo secar e morrer se forem domesticados.

Por outro lado, a vida civilizada exige a constituição de identidade, ego, imagens e traços socialmente reconhecíveis. A palavra, símbolo da cultura e da civilização, fixa o instante-já, mas logo depois de fixado, já é outro. Há uma tentativa de apreender o ser e o instante inapreensíveis: o seu hoje, a atualidade, a coisa apenas atual, totalmente atual ou real vegetativo. A questão da apreensão do instante-já foi uma das principais temáticas do livro **Água Viva** de Clarice Lispector.

A palavra é reconhecida como fundamental, contudo nunca cumpre sua função integralmente: não há palavra que dê conta do indizível, como Clarice gostava de nos lembrar, ou seja, não há cultura que socialize completamente a natureza humana, assim como não há humanidade sem símbolo, sem socialização. Oponentes ou dialéticos, a socialização e o respeito às singularidades são necessários à humanidade.

O narrador elencou oposições entre palavras, possivelmente, indicando que o conto tratava da dualidade: tempo atual versus tempo cotidiano; meditação versus expressão; existência versus vida. Contudo, estas oposições parecem estar a serviço da crítica e por isso foram colocadas em formato dicotômico, enquanto na experiência humana coexistem.

No conto, há dois narradores cujas funções são complementares: um observador e comentador exterior e um que descreve o ponto de vista, os sentimentos e pensamentos do menino, enfatizando os efeitos da socialização na constituição da subjetividade infantil. Às vezes, eles se misturam, como no trecho: (...) *ninguém **o** conhece se **ele** não disser e contar, **farei** tudo o que for necessário para que **eu** seja dos outros e os outros sejam **meus** (...)* (grifos nossos) O discurso em terceira pessoa do narrador passa, na mesma frase, a ser o do personagem, em primeira pessoa.

Numa carta a sua irmã, no livro **Correspondências**, Clarice afirmou: “Até cortar os *próprios defeitos* pode ser perigoso. Nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro” (grifos nossos, p. 165). A frase está no mesmo sentido do conto: defeito corresponde a um traço depreciado, assim

criado por opinião alheia, por um julgamento que acusa, isola e despreza na pessoa julgada um traço seu, obrigando-a a cortá-lo, sem tomá-lo no clima da experiência inteira de alguém. Há traços que, abstraídos, parecem justapostos à pessoa, passíveis então de uma fria extirpação. São traços cujo aspecto separado levanta condenação e que, entretanto, integrados à fisionomia e à alma de alguém, dão-nos a pessoa com legitimidade maior do que os traços que isolamos para aplaudir.

Olga Borelli (1981) narrou uma situação sobre a vida de Clarice como esposa de diplomata. A escritora conheceu a família de um ministro: a esposa, apesar de bondosa e simples, temia tudo o que fosse “original”, o que incluía roupas, esportes, e incluía também o que Clarice dissesse. Não era difícil sentir-se defeituosa perante a esposa ministerial. Clarice passou a se calar e a mentir para se adaptar. Não se sentia capaz de aparições em que não precisasse se impor ou ceder diante de pessoas vigilantes, e este torturante impedimento fazia-lhe temer um colapso. A adaptação à vida social era insuportável, ameaçadora. Sua rebeldia antissocial, ligeiramente agressiva, irônica, era um pedido de hospitalidade.

Se nós e Olga Borrelli acertamos ou não sobre Clarice, o fato é que percebemos alguém obrigado aos outros e privado de hospitalidade. A leitura de Clarice Lispector é, muitas vezes, uma experiência que hospeda nossos defeitos. Sem isolá-los, tornam-se defeitos esposados como nós mesmos e não como estigmas. O que em sociedade parece muito depressa defeituoso, assumindo opacidade, peso e sentido desmoralizadores, é abraçado e assumido por Clarice como um traço, entre outros tantos, capaz de revelar alguém sem estigmatizar.

A frase escrita à irmã não apresenta uma mulher condescendente com defeitos, os seus ou os alheios. O que afirma é que a experiência de defeitos separados e estigmatizados não traz a experiência de alguém. Ninguém se faz sentir sobre a base de traços arrancados e em que não vibra a ligação com um núcleo pessoal. Mesmo aquilo que em mim eu desejasse superar, sentindo aí

um obstáculo, um impasse, um impedimento de mim mesma, eu precisaria, para a superação, que ainda assim o que me contradiz fosse percebido como eu mesma. Nós só superamos defeitos respeitados. E eis mais um remédio: a escritora, em tantos momentos, é de tal modo capaz de respeitar e perdoar, capaz de um sim inteiro, coisa bem diferente de aprovação ou reprovação, que no elemento deste respeito e perdão poderemos mais que nunca desejar os desafios do mundo e a superação de nós mesmos. A percepção de nossas possibilidades acompanha a percepção “neutra” de nossos defeitos: fora da compaixão, nossos defeitos recrudescem. A hospitalidade que não encontramos em sociedade e que um leitor de Clarice pode nela encontrar, é um bem que a escritora mesma talvez não tenha podido igualmente reservar-se, porque, em certo sentido, ninguém pode ser hospedeiro para si mesmo: a hospitalidade pede ao menos duas pessoas, só então ficando disponível em cada uma separadamente.

Neste conto, se julgamos duríssima a observação da mãe do menino, não é porque pensamos que Clarice lhe tivesse recusado o respeito e o perdão, mas é que nos pareceu reconhecível que o menino é que se encontra desamparado de hospitalidade, predominantemente focalizado como objeto de educação e sujeito de adaptação. Uma condição muito dolorosa e a que Clarice Lispector parecia extremamente sensível.

A autenticidade e sua busca ou recuperação marcou muitos dos textos da escritora e parece ser um dos aspectos centrais e curativos de sua obra, seu coração selvagem. Assim, este conto pode ser considerado matriz do pensamento da autora a respeito da cura como objeto desta pesquisa, ainda que não haja uma experiência curativa para a domesticação do personagem na narrativa.

*****

4.6.- OS OBEDIENTES¹⁹

Trata-se de uma situação simples, um fato a contar e esquecer.

Mas se alguém comete a imprudência de parar um instante a mais do que deveria, um pé afunda dentro e fica-se comprometido. Desde esse instante em que também nós nos arriscamos, já não se trata mais de um fato a contar, começam a faltar as palavras que não o trairiam. A essa altura, afundados demais, o fato deixou de ser um fato para se tornar apenas a sua difusa repercussão. Que, se for retardada demais, vem um dia explodir como nesta tarde de domingo, quando há semanas não chove e quando, como hoje, a beleza ressecada persiste embora em beleza. Diante da qual assumo uma gravidade como diante de um túmulo. A essa altura, por onde anda o fato inicial? ele se tornou esta tarde. Sem saber como lidar com ela, hesito em ser agressiva ou recolher-me um pouco ferida. O fato inicial está suspenso na poeira ensolarada deste domingo – até que me chamam ao telefone e num salto vou lambar grata a mão de quem me ama e me liberta.

Cronologicamente a situação era a seguinte: um homem e uma mulher estavam casados.

Já em constatar este fato, meu pé afundou dentro. Fui obrigada a pensar em alguma coisa. Mesmo que eu nada mais dissesse, e encerrasse a história com esta constatação, já me teria comprometido com os meus mais desconhecíveis pensamentos. Já seria como se eu tivesse visto, risco negro sobre fundo branco, um homem e uma mulher. E nesse fundo branco meus olhos se fixariam já tendo bastante o que ver, pois toda palavra tem a sua sombra.

Esse homem e essa mulher começaram – sem nenhum objetivo de ir longe demais, e não se sabe levados por que necessidade que pessoas têm –

---

¹⁹ Texto publicado no livro **A legião estrangeira** (1964), depois em **Felicidade clandestina** (1971), no Jornal do Brasil em 02/12 e 09/12 de 1972 e depois no livro **A descoberta do mundo** (1984).

começaram a tentar viver mais intensamente. À procura do destino que nos precede? e ao qual o instinto quer nos levar? instinto?!

A tentativa de viver mais intensamente levou-os, por sua vez, numa espécie de constante verificação de receita e despesa, a tentar pesar o que era e o que não era importante. Isso eles o faziam a modo deles: com falta de jeito e de experiência, com modéstia. Eles Tateavam. Num vício por ambos descoberto tarde demais na vida, cada qual pelo seu lado continuamente distinguir o que era do que não era essencial, isto é, eles nunca usariam a palavra essencial, que não pertencia a seu ambiente. Mas de nada adiantava o vago esforço quase constrangido que faziam: a trama lhes escapava diariamente. Só, por exemplo, olhando para o dia passado é que tinham a impressão de ter – de algum modo e por assim dizer à revelia deles, e por isso sem mérito – a impressão de ter vivido. Mas então era de noite, eles calçavam os chinelos e era de noite.

Isso tudo não chegava a formar uma situação para o casal. Quer dizer, algo que cada um pudesse contar mesmo a si próprio na hora em que cada um se virava na cama para um lado e, por um segundo antes de dormir, ficava de olhos abertos. E pessoas precisam tanto poder contar a história delas mesmas. Eles não tinham o que contar. Com um suspiro de conforto, fechavam os olhos e dormiam agitados. E quando faziam o balanço de suas vidas, nem ao menos podiam nele incluir essa tentativa de viver mais intensamente, e descontá-la, como em imposto de renda. Balanço que pouco a pouco começavam a fazer com maior frequência, mesmo sem o equipamento técnico de uma terminologia adequada a pensamentos. Se se tratava de uma situação, não chegava a ser uma situação de que viver ostensivamente.

Mas não era apenas assim que sucedia. Na verdade também estavam calmos porque “não conduzir”, não inventar”, “não errar” lhes era, muito mais que um hábito, um ponto de honra assumido tacitamente. Eles nunca se lembrariam de desobedecer.

Tinham a compenetração briosa que lhe viera da consciência nobre de serem

duas pessoas entre milhões iguais. “Ser um igual” fora o papel que lhes coubera, e a tarefa a eles entregue. Os dois, condecorados, graves, correspondiam grata e civicamente à confiança que os iguais haviam depositado neles. Pertenciam a uma casta. O papel que cumpriam, com certa emoção e com dignidade, era o de pessoas anônimas, o de filhos de Deus, como num clube de pessoas.

Talvez apenas devido à passagem insistente do tempo tudo isso começara, porém, a se tornar diário, diário, diário. Às vezes arfante. (Tanto o homem como a mulher já tinham iniciado a idade crítica). Eles abriam as janelas e diziam que fazia muito calor. Sem que vivessem propriamente no tédio, era como se nunca lhes mandassem notícias. O tédio, aliás, fazia parte de uma vida de sentimentos honestos.

Mas, enfim, como isso tudo não lhes era compreensível, e achava-se muitos e muitos pontos acima deles, e se fosse expresso em palavras eles não o reconheceriam – tudo isso, reunido e considerado já como passado, assemelhava-se à vida irremediável. À qual eles se submetiam com um silêncio de multidão e com o ar um pouco magoado que têm os homens de boa-vontade. Assemelhava-se à vida irremediável para a qual Deus nos quis.

Vida irremediável, mas não concreta. Na verdade era uma vida de sonho. Às vezes, quando falavam de alguém excêntrico, diziam com a benevolência que uma classe tem por outra: “Ah, esse leva uma vida de poeta”. Pode-se talvez dizer, aproveitando as poucas palavras que se conheceram do casal, pode-se dizer que ambos levavam, menos a extravagância, uma vida de mau poeta: vida de sonho.

Não, não é verdade. Não era uma vida de sonho, pois este jamais os orientara. Mas de irreabilidade. Embora houvesse momentos em que de repente, por um motivo ou por outro, eles afundassem na realidade. E então lhes parecia ter tocado num fundo de onde ninguém pode passar.

Como, por exemplo, quando o marido voltava para casa mais cedo do que de hábito e a esposa ainda não havia regressado de alguma compra ou visita.

Para o marido interrompia-se então uma corrente. Ele se sentava cuidadoso para ler o jornal, dentro de um silêncio tão calado que mesmo uma pessoa morta ao lado quebraria. Ele fingindo com severa honestidade uma atenção minuciosa ao jornal, os ouvidos atentos. Nesse momento é que o marido tocava no fundo com pés surpreendidos. Não poderia permanecer muito tempo assim, sem risco de afogar-se, pois tocar no fundo também significa ter a água acima da cabeça. Eram assim os seus momentos concretos. O que fazia com que ele, lógico e sensato, se safasse depressa. Safava-se depressa, embora curiosamente a contragosto, pois a ausência da esposa era uma tal promessa de prazer perigoso que ele experimentava o que seria a desobediência. Safava-se a contragosto mas sem discutir, obedecendo ao que dele esperavam. Não era um desertor que traísse a confiança dos outros. Além do mais, se esta é que era a realidade, não havia como viver nela ou dela.

A esposa, esta tocava na realidade com mais freqüência, pois tinha mais lazer e menos ao que chamar de fatos, assim como colegas de trabalho, ônibus cheio, palavras administrativas. Sentava-se para emendar roupa, e pouco a pouco vinha vindo a realidade. Era intolerável enquanto durava a sensação de estar sentada a emendar roupa. O modo súbito do ponto cair no i, essa maneira de caber inteiramente no que existia e de tudo ficar tão nitidamente aquilo mesmo – era intolerável. Mas, quando passava, era como se a esposa tivesse bebido de um futuro possível. Aos poucos o futuro dessa mulher passou a se tornar algo que ela trazia para o presente, alguma coisa meditativa e secreta.

Era surpreendente de como os dois não eram tocados, por exemplo, pela polícia, pela mudança de governo, pela evolução de um modo geral, embora também falassem às vezes a respeito, como todo o mundo. Na verdade era pessoas tão reservadas que se surpreenderiam, lisonjeadas, se alguma vez lhes dissessem que eram reservadas. Nunca lhes ocorreria que se chamava assim. Talvez entendessem mais se lhes dissessem: “você simbolizam a nossa reserva militar”. Deles alguns conhecidos disseram, depois que tudo sucedeu: eram boa gente. E nada mais havia a dizer, pois que o eram.

Nada mais havia a dizer. Faltava-lhes o peso de um erro grave, que tantas vezes é o que abre por acaso uma porta. Alguma vez eles tinham levado muito a sério alguma coisa. Eles eram obedientes.

Também não apenas por submissão: como num soneto, era obediência por amor à simetria. A simetria lhes era a arte possível.

Como foi que cada um deles chegou à conclusão de que, sozinho, sem o outro, viveria mais – seria caminho longo para se reconstruir, e de inútil trabalho, pois de vários cantos muitos já chegaram ao mesmo ponto.

A esposa, sob a fantasia contínua, não só chegou temerariamente a essa conclusão como esta transformou sua vida em mais alargada e perplexa, em mais rica, e até supersticiosa. Cada coisa parecia o sinal de outra coisa, tudo era simbólico, e mesmo um pouco espírita dentro do que o catolicismo permitiria. Não só ela passou temerariamente a isso como – provocada exclusivamente pelo fato de ser mulher – passou a pensar que um outro homem a salvaria. O que não chegava a ser um absurdo. Ela sabia que não era. Ter meia razão a confundia, mergulhava-a em meditação.

O marido, influenciado pelo ambiente de masculinidade aflita em que vivia, e pela sua própria, que era tímida mas efetiva, começou a pensar que muitas aventuras amorosas seriam a vida.

Sonhadores, eles passaram a sofrer sonhadores, era heróico suportar. Calados quanto ao entrevisto por cada um, discordando quanto à hora mais conveniente de jantar, um servindo de sacrifício para o outro, amor é sacrifício.

Assim chegamos ao dia em que, há muito tragada pelo sonho, a mulher, tendo dado uma mordida numa maçã, sentiu quebrar-se um dente da frente. Com a maçã ainda na mão e olhando-se perto demais no espelho do banheiro – e deste modo perdendo de todo a perspectiva – viu uma cara pálida, de meia-idade, com um dente quebrado, e os próprios olhos...tocando o fundo, e com a água já pelo pescoço, com cinqüenta e tantos anos, sem um bilhete, em vez de ir ao dentista, jogou-se pela janela do apartamento, pessoa pela qual tanta gratidão se poderia sentir, reserva militar e sustentáculo de nossa

desobediência.

Quanto a ele, uma vez seco o leito do rio e sem nenhuma água que o afogasse, ele andava sobre o fundo sem olhar para o chão, expedito como se usasse bengala. Seco inesperadamente o leito do rio, andava perplexo e sem perigo sobre o fundo com uma lepidéz de quem vai cair de bruços mais adiante.

4.6.1. ANÁLISE

Há inicialmente uma narradora que soube da triste história do casal e está relutando em contá-la. Sua hesitação partiu de um conflito entre contar logo o fato, sem se importar muito, sem se deixar tocar; ou afundar o pé na história.

A história do casal resumir-se-ia a um fato a contar e esquecer? Não é o que aconteceu com a narradora que, em situação propícia, ficou perturbada pela lembrança do fato e comprometeu-se: o pé afundou para dentro da história do casal e de cada um dos cônjuges, o homem e a mulher e milhões de nós todos. Identificamos duas posturas diversas ligadas às palavras **fato** e **afundamento**.

O fato, a coisa ocorrida só apresentada segundo a tolerância dos outros, pertence ao ambiente rotineiro dos casais obedientes.

Fato é o que aconteceu, visto de um ponto de vista comum, sensato e pragmático: aconteceu, contou-se ou não e esqueceu-se dele. Quem experimenta as histórias como fatos achata as profundidades e torna tudo raso, superficial, homogêneo. Se tudo fica igualmente raso, mantemo-nos numa rotina onde reina a indiferença e a falta de sentido da qual fazem parte os colegas de trabalho, o ônibus cheio e as palavras administrativas, o ambiente demasiadamente viril da masculinidade aflita e eficaz.

No texto, o fato tornou-se aquela tarde árida e sufocante de domingo, como a vida do casal, que parecia acontecer à revelia deles. Os obedientes não tinham o “objetivo” de ir longe demais. As palavras “vontade” e “desejo” não apareceram no conto. O que os impulsionaria? O destino ou o instinto, duas possibilidades onde a vontade própria não atua.

Já o afundamento sugere a profundidade, o comprometimento, fica-se preso, enredado. Afunda-se no terreno, no pastoso ou no líquido, locais simbólicos do vivo: no úmido, na lama, no sangue. Estas referências à água e ao vivo são derivadas da análise intertextual com o conto “As águas do mundo”

e se opõem ao ressecamento da tarde e da história do casal.

O texto apresentou a narradora que afundava enquanto os personagens estavam no deserto, na secura, no excesso de controle e segurança que impedia o acesso à realidade viva.

“Afundamento”²⁰:

- 1) ir ou fazer ir ao fundo;
- 2) adentrar-se muito adiante; penetrar, embrenhar-se;
- 3) examinar com atenção, detidamente.

O casal obediente não ousava afundar no vivo com muita frequência, mas a narradora sim, foi capaz de aprofundar-se na história deles e entender o que eles não entendiam, comprometendo-se a ser porta-voz do seu sofrimento: *não lhes era compreensível; não o reconheciam; isso tudo não chegava a formar uma situação para o casal; eles não tinham o que contar.*

Se a narradora continuasse hesitando em contar o sentimento inquietante que o caso despertou, explodiria. Depois de o pé ter afundado, ela hesitou também entre sentir raiva da vida obediente deles ou compaixão pela angústia do casal. A reflexão dolorosa deixou o assunto suspenso, até que o telefone da narradora tocou e ela saiu da meditação solitária, agradecendo a presença de um interlocutor que a libertou da difícil situação.

A história pareceu ser menos importante do que sua difusa repercussão, despertada pelo terrível fim: ataraxia e suicídio. Talvez pior que a morte da mulher, tenha sido a aridez e desvitalização da vida de ambos. A narradora pareceu ter se lembrado da vida desértica deles e associou-a à tarde seca de domingo *quando há semanas não chove e quando, como hoje, a beleza ressecada persiste embora beleza.* A beleza ressecada da vida dos obedientes despertou na narradora uma triste gravidade, silenciosa e pesada, semelhante a que se tem diante dos mortos. Mesmo belos, os fatos e a vida do

---

²⁰Disponível na internet: <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=afundamento&cod=88065> [05 out. 2012].

casal estavam mortos.

O casamento do homem e da mulher despertou na narradora uma metáfora, possivelmente uma imagem derivada de seus desconhecíveis pensamentos: risco negro em fundo branco. Chamou-lhe a atenção o fundo branco, aquilo que apóia o traço e que fica invisível, assim como um significante carregando um significado mais corrente e outro mais distante, sua sombra.

Há a palavra “risco” e que significa perigo. E há a palavra homófona “risco” que, por sua vez, significa traço. Vou me permitir interpretar o casamento dos obedientes como um risco duplo: risco negro em fundo branco e risco como advertência contra viver mais intensamente que poderia afundá-los, afogando-os no vivo.

Clarice acreditava que pescar as entrelinhas era o objetivo das palavras. Gostava de colocar as palavras para trabalhar em níveis diversos: explícitos e sombrios, a fim de apresentar, sem explicar, uma ideia mais complexa:

Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra-a entrelinha- morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, poder-se-ia com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é escrever ‘distraidamente’.
(Lispector, 1973/1980 p. 21)

Daí a importância de escolher bem as palavras para contar a história do casal, pois a vida explícita dos obedientes (o risco negro) não era o mais importante a seu respeito. O fundo branco, o que não foi vivido e poderia não ser dito também, continuaria escondido, abafado, soterrado. A narradora queria encontrar as palavras certas para não trair o fundo branco.

O conto “Os obedientes” dialoga com “Menino a bico de pena”, não só no tom ligeiramente agressivo e irônico, como na ausência de cura clariciana. Assim como no conto do menino, os obedientes cederam sua autenticidade em troca de um acordo tácito, onde receberiam em troca proteção, pertencimento e reconhecimento. Exemplos deste acordo no texto: *ponto de honra assumido*

tacitamente; tarefa a eles entregue; correspondiam grata e civicamente à confiança que os iguais haviam depositado neles. Pertenciam a uma casta. O papel que cumpriam, com certa emoção e com dignidade; não era um deserto que traísse a confiança dos outros.

O casamento deles poderia ser também um risco negro finíssimo de nanquim feito a bico de pena, em fundo branco, marcando, prendendo a ideias prévias que esvaziavam mais do que comprometem.

Os obedientes estavam na idade crítica, na meia-idade, quando é comum que as pessoas façam uma avaliação da própria vida, porque passam a viver as consequências do que plantaram e sentem falta do que não germinou. Contudo, eles não eram capazes disso: *Eles abriam as janelas e diziam que fazia muito calor [...] O tédio, aliás, fazia parte de uma vida de sentimentos honestos; era heróico suportar.* Esse calor excessivo, vida desértica, insuportavelmente abafada, impedia qualquer reflexão verdadeiramente frutífera.

Como viver mais intensamente sem ir longe demais? Pareciam ansiar pela vida, pelo vivo, mas o medo e a obediência tornavam o anseio inconsciente comedido, anulando-o. Tinham um anseio impedido. Distanciaram-se de seu núcleo singular, perderam o contato consigo mesmos e usavam técnicas para viver mais intensamente, que parecia mais um objetivo entre outros da lista prudente do casal que faziam tudo *com falta de jeito, de experiência, com modéstia*. Talvez fosse mais preciso dizer que eles faziam tudo sem criatividade, sem profundidade. Queriam fazer como os outros, copiar vidas alheias.

Não usavam a palavra “essencial” porque não fazia parte do seu ambiente, era justamente o que lhes faltava: essência, no sentido do que é inerente à algo ou alguém, relativo à ipseidade, à natureza nuclear das coisas.

Clarice identificou as características dos obedientes:

1 – Anônimos – anulavam o que poderia diferenciá-los, não ameaçavam os outros com suas idiossincrasias, em troca de serem amados e de pertencerem ao clube dos iguais.

2 –Inexpressivos e indiferentes— Não eram calmos e reservados ou tímidos, a rotina que abafava, fazia-os arfar. Talvez não sentissem tédio porque não tinham consciência de seus sentimentos, era como se nunca lhe mandassem notícias de si mesmos. Os outros os viam como reservados, mas eram indiferentes a tudo. Clarice usou a palavra “reservados” para falar sobre uma aparente timidez ou introversão, mas não eram introvertidos, subjetivos, pelo contrário, não se relacionavam com seu núcleo, não conseguiam se relacionar também com os outros e nem com o mundo.

Eram da reserva militar, sombra da palavra “reservados” com a qual Clarice brincou. Como os reservistas do serviço militar aguardam sua oportunidade de defender o país, eram seres em potencial, esperando sua oportunidade de participar da vida. Eram “boa gente” por falta de adjetivos para descrevê-los, eram definidos pela ausência de características, pelo “não”. Não usavam sua criatividade, nem a agressividade: não conduziam, não erravam, ou seja, não assumiam suas vidas faiscantes.

Não ousavam errar. O erro grave, caro para Clarice, é o que tantas vezes abre por acaso uma porta, levando a caminhos outros, tirando-nos da estagnação. Não tinham coragem de abandonar as certezas e diretrizes corretas, simétricas. Como levavam as coisas a sério demais, provavelmente não tinha capacidade de brincar, não tinham senso de humor, tão fundamental para a saúde, como afirmava Winnicott (1971). Além do papel da criatividade como constituinte do ser, o humor iguala os homens nas suas fraquezas e mazelas, ajudando o reconhecimento de nossa igualdade. Aí está outra ambiguidade: precisavam pertencer ao clube dos iguais sem a capacidade de se reconhecerem como tais. A igualdade garantia segurança, mas realmente não significava nada para eles. Escondida atrás da aparente modéstia, estava o medo de perder a proteção. Não eram egoístas, nem soberbos, mas mal constituídos como pessoas e inseguros.

Clarice afirmou que eram obedientes pelo gosto da simetria e não por submissão. Talvez a estética e o discurso da homogeneidade combinassem

mais com pessoas inautênticas e estas tivessem se tornado suas únicas possibilidades.

3- Exilados – Estavam exilados de si e do mundo, num não-lugar. Nem a vida social, que parecia ser a razão de suas vidas, era plenamente vivida. Não podiam ser cidadãos: não eram tocados pela política, pelas mudanças da vida, apesar da fala automática sobre tais assuntos.

4- Submetidos à irrealidade – A vida que não era subjetiva, também não era concreta, era uma vida de ilusão, de fantasia que diferia do sonho. Sonho é aquele anseio por realizar e viver aquilo que ainda está por vir. Não tinham uma vida de sonho, porque o sonho supõe um contato com ideias, valores e anseios próprios para o futuro; não tinham também uma vida concreta, porque esta depende de um contato com a realidade, pautada no seu enfrentamento. No caso deles, o sonho não viria nunca, porque eles não tinham notícias de seus anseios, como vida de mau poeta: uma busca contínua, sem foco, sem excessos. Foram amordaçados e estavam magoados, mas continuavam cedendo e conformando-se. Devido à falta de compreensão do que realmente lhes acontecia, fechavam-se ainda mais em seus pontos de vista, pois qualquer questionamento poderia ameaçar desestruturar o sofrível equilíbrio que construíram.

Algumas das técnicas dos obedientes, a fim de viver mais intensamente: à maneira de contabilistas, verificavam a receita e a despesa, pesavam o que era e o que não era importante, faziam um balanço da vida para tentar descontar a tentativa de viver mais intensamente do imposto de renda... sem conseguir pensar, como apareceu no trecho: [...] *sem o equipamento técnico de uma terminologia adequada a pensamentos*. Seu pensamento era lógico, sensato, mas sem reflexão, sem olhar para si mesmos.

Todo esse esforço vago e constrangido não tinha resultado e pareciam expectadores de suas vidas, com uma angústia difusa diante da impotência. Não dirigiam as próprias vidas a partir de um centro, de um núcleo singular. Não sabendo que sofriam, não sabiam o que fazer e não conseguiam nem

contar sua história ou questioná-la.

Esse sofrimento dos obedientes aproxima-se muito do que Winnicott (1960) descreveu como *falso-self*. Ele descreve casos em que a pessoa fica escondida e um *self* cuidador toma a frente da vida. O *falso-self* é uma defesa que existe para proteger o verdadeiro *self*. O *falso-self* hipertrofia a mente, a inteligência que assume o controle da vida da pessoa, tentando compensar algum grau de privação emocional. O pensamento substitui os cuidados maternos, mas impede o desenvolvimento do verdadeiro *self*. Se, no momento inicial, foi uma defesa eficiente, ao longo do tempo, a mente pode entrar em colapso e a personalidade pode desintegrar-se, devido à fragilidade do verdadeiro *self*.

Pessoas com essa defesa parecem superficiais, vazias e vivem de acordo com ideias alheias. Perderam o contato com o núcleo singular e não sabem que sofrem. A obediência lhes traz uma falsa segurança, um conforto e uma gratidão e assim, não a questionam. Vivem como personagens de si mesmos, com máscaras, e não como seres únicos. O *falso-self* oferece uma vida morna, sem riscos, mas também sem alegrias. A aparentemente estáveis, emocionalmente tentam equilibrar-se, sem nenhuma chance de conseguir.

Felizmente havia uma inquietação, como apareceu no conto: dormiam agitados, apesar de toda calma obediente que desconsiderava a excessiva adaptação. A pressão interna exercida pelo grande anseio de existir verdadeiramente pode levar a algumas situações que ameaçam desarticular a defesa. No caso dos obedientes, o anseio não foi sustentado, nem teve força suficiente para colocá-los em contato consigo mesmos e com o mundo.

Pessoas com angústias semelhantes as dos obedientes, muitas vezes, recorrem a medicamentos para também fazer calar a última voz que clama por uma vida autêntica. Não queremos dizer que todo e qualquer uso de medicação seja indevido, mas que em casos como este, agrava consideravelmente o sofrimento ligado à muda inexpressividade.

Apesar da dificuldade, havia lampejos de esperança muito fracos, insipientes e incapazes de sustentar um movimento concreto e persistente em

busca da própria história e singularidade. Quando a rotina se quebrava e interrompia-se a corrente da falsa estabilidade, brechas para uma nova percepção se abriam. Ao mesmo tempo em que esta brecha era instigante, despertava a curiosidade, era intolerável, ameaçadora e a contragosto, eles fugiam destes momentos concretos. Viver uma vida própria seria equivalente a trair a confiança dos outros, de acordo com a doutrina da domesticação.

O homem, sem a presença da esposa, sem precisar usar a conhecida máscara que esperavam dele, ficava livre com a promessa de prazer perigoso, mas também assustado diante da vida pulsante. Tocava nesse fundo de realidade, mas precisava subir rapidamente porque arriscaria afogar-se no vivo excessivo e estranho que lhe cobria a cabeça. A água acima da cabeça caracterizava a desobediência. Sua vida desértica trazia, vez em quando, um oásis de realidade insuportável.

A mulher era dona de casa e tocava o fundo da realidade quando emendava roupas, uma atividade repetitiva, que a libertava da atenção concentrada, do trabalho lógico e objetivo, levando-a ao encontro de seus anseios cuidadosamente evitados no restante do dia. Mais que o marido, a mulher passou a trazer os anseios de futuro para o presente de uma forma secreta, meditativa e não ainda concretizada na ação.

O desespero que passavam juntos e a incapacidade de realmente alterar suas vidas, levou os obedientes a concluírem que viveriam mais sem o outro. É evidente que seria mais uma tentativa inútil de modificação na conjuntura externa da vida, impossibilitados de mudar a percepção, os sentimentos e os pensamentos sobre suas existências, tateavam como cegos.

Mais fracasso. A mulher deixou de tocar a realidade e passou a viver sob fantasia contínua, vivendo entre meias verdades que a confundiam; o homem buscou salvação na vida aflitiva e clichê das aventuras amorosas. Sofriam as dificuldades não enfrentadas, suportando heroicamente a vida sem sentido de brigas por trivialidades.

Sacrificavam-se em nome do amor, sem saber amar, sem saber existir. Um

se escorava no outro. Sacrificavam-se para agradar e ter em troca o que achavam que precisavam, diferente de um sacrifício feito por alguém que é capaz de concessões por amor. Amar envolve doação de si e saber ser amado é poder receber do outro o que ele pode dar, como numa dança irregular onde nem sempre são satisfeitas as próprias necessidades, mas se pode fruir os desejos, porque se tratam de pessoas que se sustentam nas próprias pernas.

A mulher não suportou seu olhar vazio no espelho, mergulhou na realidade vívida e perigosa, destruindo sua existência inócua. Cansou de evitar os erros e de tentar consertar a vida, ou os dentes. Quebrou com tudo e foi desobediente. Esse derradeiro gesto, apesar de mostrar um grau considerável de desespero e desesperança, talvez tenha sido um dos poucos livres, espontâneos e corajosos em favor dos próprios anseios e sentimentos diante de uma vida desvitalizada e irremediável.

O homem não mais se entregou ao vivo aquoso, preferindo andar sobre o fundo seco do rio: optou de vez pela vida irreal. A imagem a que Clarice nos convidou lembrou a de um homem que não mais se importasse com os riscos da vida: andava rapidamente, perplexo e sem perigo, sem destino, perdido, frágil e enlouquecido.

O fim triste de ambos sugere que a obediência, assim como a domesticação, faça perder de vista a singularidade. Talvez pudéssemos supor uma raiz para a obediência na domesticação, entre outras raízes possíveis. A obediência excessiva dos personagens parece uma dor originada de um contato desastroso com o ambiente, com o outro, com o mundo e que assim os mantém posteriormente, como comandantes distantes de soldados quebrados.

O vivo era ameaçador demais, o núcleo singular não foi encontrado e não conseguiram oferecer, nem receber a mão de alguém. A cura não foi possível para os personagens, mas um lampejo apareceu através da narradora: e as *pessoas precisam tanto poder contar a história delas mesmas*. Eles não podiam, mas a narradora contou-a aos leitores.

*****

4.7. MINEIRINHO²¹

É, suponho que é em mim, como um dos representantes de nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um facínora. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram Mineirinho do que os seus crimes. Perguntei a minha cozinheira o que pensava sobre o assunto. Vi no seu rosto a pequena convulsão de um conflito, o mal-estar de não entender o que se sente, o de precisar trair sensações contraditórias por não saber como harmonizá-las. Fatos irreduzíveis, mas revolta irreduzível também, a violenta compaixão da revolta. Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara demais; e no entanto nós o queríamos vivo. A cozinheira se fechou um pouco, vendo-me talvez como a justiça que se vingava. Com alguma raiva de mim, que estava mexendo na sua alma, respondeu fria: "o que eu sinto não serve para se dizer. Quem não sabe que Mineirinho era criminoso? Mas tenho certeza de que ele se salvou e já entrou no céu." Respondi-lhe que "mais do que muita gente que não matou".

Por quê? No entanto a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matarás. Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim.

Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no terceiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca esta trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina -

---

²¹ Texto publicado pela primeira vez na revista *Senhor*, em 1962. Depois, foi publicado no livro **A legião estrangeira**, *Fundo de Gaveta*, em 1964 e na reedição, em **Para não esquecer** (1978).

porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro.

Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por precisar dela. Enquanto isso durmo e falsamente me salvo. Nós, os sonsos essenciais. Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro dever que eu seja sonsa, que eu não exerça a minha revolta e o meu amor, guardados. Se eu não for sonsa, minha casa estremece. Eu devo ter esquecido que embaixo da casa está o terreno, o chão onde nova casa poderia ser erguida. Enquanto isso dormimos e falsamente nos salvamos. Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde demais - vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu - que ao homem acuado, que a esse não nos matem. Porque sei que ele é o meu erro. E de uma vida inteira, por Deus, o que se salva às vezes é apenas o erro, e eu sei que não nos salvaremos enquanto nosso erro não nos for precioso. Meu erro é o meu espelho, onde vejo o que em silêncio eu fiz de um homem. Meu erro é o modo como vi a vida se abrir na sua carne e me espantei, e vi a matéria de vida, placenta e sangue, a lama viva. Em Mineirinho se rebentou o meu modo de viver. Como não amá-lo, se ele viveu até o décimo terceiro tiro o que eu dormia? Sua assustada violência. Sua violência inocente - não nas consequências, mas em si inocente como a de um filho de quem o pai não tomou conta. Tudo o que nele foi violência é em nós furtivo, e um evita o olhar do outro para não correremos o risco de nos entendermos. Para que a casa não estremeça. A violência rebentada em Mineirinho que só outra mão de homem, a mão da esperança, pousando sobre sua cabeça aturdida e doente, poderia aplacar e fazer com que seus olhos surpreendidos se erguessem e enfim se enchessem de lágrimas. Só depois que um homem é encontrado inerte no chão, sem o gorro e sem os sapatos, vejo que esqueci de lhe ter dito: também eu.

Eu não quero esta casa. Quero uma justiça que tivesse dado chance a uma coisa pura e cheia de desamparo e Mineirinho - essa coisa que move montanhas e é a mesma que o faz gostar "feito doido" de uma mulher, e a mesma que o levou a passar por porta tão estreita que dilacera a nudez; é uma coisa que em nós é tão intensa e límpida como uma grama perigosa de radium,

essa coisa é um grão de vida que se for pisado se transforma em algo ameaçador - em amor pisado; essa coisa, que em Mineirinho se tornou punhal, é a mesma que em mim faz com que eu dê água a outro homem, não porque eu tenha água, mas porque, também eu, sei o que é sede; e também eu, não me perdi, experimentei a perdição. A justiça prévia, essa não me envergonharia. Já era tempo de, com ironia ou não, sermos mais divinos; se adivinhamos o que seria a bondade de Deus é porque adivinhamos em nós a bondade, aquela que vê o homem antes de ele ser um doente do crime. Continuo, porém, esperando que Deus seja o pai, quando sei que um homem pode ser o pai de outro homem. E continuo a morar na casa fraca. Essa casa, cuja porta protetora eu tranco tão bem, essa casa não resistirá a primeira ventania que fará voar pelos ares uma porta trancada. Mas ela está de pé e Mineirinho viveu por mim a raiva, enquanto eu tive calma. Foi fuzilado na sua força desorientada, enquanto um deus fabricado no último instante abençoa às pressas a minha maldade organizada e a minha justiça estupidificada: o que sustenta as paredes de minha casa é a certeza de que sempre me justificarei, meus amigos não me justificarão, mas meus inimigos que são os meus cúmplices, esses me cumprimentarão; o que me sustenta é saber que sempre fabricarei um deus a imagem do que eu precisar para dormir tranquila, e que outros furtivamente fingirão que estamos todos certos e que nada há a fazer. Tudo isso, sim, pois somos os sonsos essenciais, baluartes de alguma coisa. E sobretudo procurar não entender.

Porque quem entende desorganiza. Há alguma coisa em nós que desorganizaria tudo - uma coisa que entende. Essa coisa que fica muda diante do homem sem o gorro e sem os sapatos, e para tê-los ele roubou e matou; e fica muda diante do S. Jorge de ouro e diamantes. Essa alguma coisa muito séria em mim fica ainda mais séria diante do homem metralhado. Essa alguma coisa é o assassino em mim? Não, é o desespero em nós. Feito doidos, nós o conhecemos, a esse homem morto onde a grama de radium se incendiara. Mas só feito doidos, e não como sonsos, o conhecemos. É como doido que entro pela vida que tantas vezes não tem porta, e como doido compreendo o que é

perigoso compreender, e só como doido é que sinto o amor profundo, aquele que se confirma quando vejo que o radium se irradiará de qualquer modo, se não for pela confiança, pela esperança e pelo amor, então miseravelmente pela doente coragem de destruição. Se eu não fosse doido, eu seria oitocentos policiais com oitocentas metralhadoras, e esta seria a minha honorabilidade.

Até que viesse uma justiça um pouco mais doida. Uma que levasse em conta que todos temos que falar por um homem que se desesperou porque neste a fala humana já falhou, ele já é tão mudo que só o bruto grito desarticulado serve de sinalização. Uma justiça prévia que se lembrasse de que nossa grande luta é a do medo, e que um homem que mata muito é porque teve muito medo. Sobretudo uma justiça que se olhasse a si própria, e que visse que nós todos, lama viva, somos escuros, e por isso nem mesmo a maldade de um homem pode ser entregue à maldade de outro homem: para que este não possa cometer livre e aprovadamente um crime de fuzilamento. Uma justiça que não se esqueça de que nós todos somos perigosos, e que na hora em que o justiceiro mata, ele não está mais nos protegendo nem querendo eliminar um criminoso, ele está cometendo o seu crime particular, um longamente guardado. Na hora de matar um criminoso - nesse instante está sendo morto um inocente. Não, não é que eu queira o sublime, nem as coisas que foram se tornando as palavras que me fazem dormir tranquila, mistura de perdão, de caridade vaga, nós que nos refugiamos no abstrato.

O que eu quero é muito mais áspero e mais difícil: quero o terreno.

4.7.1. ANÁLISE

Esta análise não é um estudo tanto de literatura quanto de psicologia, contudo, importa citar o amplo trabalho realizado por Yudith Rosenbaum (2010) sobre este texto. Ela trabalhou com o texto jornalístico, além das várias referências psicanalíticas, enquanto nesta análise predominam referências winnicottianas, e eventualmente, da Psicologia gestáltica e fenomenológica.

Apesar das diferenças, há dois pontos de convergência, principalmente, quando ela afirmou que a crônica de Clarice existe para resgatar o homem antes do doente do crime e que a escritora construiu uma ética da compaixão.

Uma forte razão que levou Clarice Lispector a estudar direito foi seu sonho de modificar o sistema penitenciário brasileiro. Em “Mineirinho”, houve uma pesada crítica à justiça estabelecida, chamada por ela de “punitiva”. Propôs uma outra justiça que chamou de “prévia” ou “mais doida”, onde eu quis inclusive encontrar sugestões para uma “profilaxia” social da “doença do crime”.

A narradora apontou duas falhas graves da justiça punitiva:

- 1- Concepções defensivas sobre a natureza humana e sobre como a humilhação e a indiferença social não definem, mas contribuem para a transformação da agressividade em violência;
- 2- Ações que incrementam a violência com mais outras violências mais difíceis de superar, pois organizaram o medo coletivo. Os policiais transformaram-se em criminosos quando predominou uma lógica infantil e retaliativa que levou à vingança, perdendo de vista a própria lei que defendiam e que condena o homicídio.

Embaixo da casa está o terreno.

A casa é uma metáfora da justiça, das leis sociais, símbolo da civilização: projeto humano em harmonia com solo natural. Já que toda casa é construída

num terreno, como elaborar um projeto arquitetônico que respeite as condições do solo? Quais são as possibilidades de relacionamento entre a casa e o terreno?

Como já foi citado anteriormente, na obra de Clarice Lispector, o terreno, assim como a placenta, a lama, a umidade, a água são exemplares do *vivo*. Embaixo da civilização domesticadora e da justiça punitiva, está o *vivo* primordial. O terreno vivo clariciano está irmanado aos impulsos agressivo-sexuais e sexual-agressivos.

O princípio das leis é impedir que um impulso individual ou coletivo prejudique a maioria ou minoria das pessoas, assim, qualquer justiça é construída sobre uma concepção a respeito dos impulsos humanos.

O que a narradora chamou de “coisa” pura e desamparada, intensa e límpida, grão de vida, grama perigosa de *radium* aproxima-se da figura do *núcleo* selvagem e faiscante. Tal força vital move montanhas, é a essência do amor, da compaixão e da persistência. Mineirinho teve seu núcleo pisado e a pura intensidade se tornou ódio, punhal ameaçador. Os mineirinhos não são obviamente perdidos, como se costuma dizer, eles experimentaram compulsoriamente a perdição: perdas, privações e violências de todos os tipos.

No conceito winnicottiano (1956) de *tendência antissocial*, essa compreensão clariciano se fortalece. Crianças que tiveram alguns cuidados básicos e sofreram muitas perdas, reagem agressivamente contra familiares, cuidadores e quando adolescentes e adultos, agridem a sociedade e suas leis. A agressividade é aqui um pedido mudo de ajuda, que simboliza o medo da perda e a esperança de ter de volta duradouramente o que foi visto e perdeu-se de vista.

Em Mineirinho, a agressividade acuada transformou-se em violência. Neste ponto, é possível estabelecer uma análise intertextual com o conto “Menino a bico de pena”. O menino daquele texto é um ser atual e autêntico que poderia mudar o mundo, mas não tem chance de fazê-lo por causa da domesticação de sua singularidade. Mineirinho não foi domesticado, teve seu núcleo singular

pisado. É um outro destino para o núcleo, diferente nas consequências, mas semelhante na incompreensão humana. A importância e respeito pela autenticidade pode transformar não apenas a justiça, mas antes, a socialização das crianças. Aqueles que têm mãe e pai, depois de terem suas necessidades satisfeitas, são mais capazes de lidar com seus impulsos.

Uma casa da justiça construída *no* terreno, *com* o terreno dos impulsos estaria integrada a elas, aproveitando as possibilidades e respeitando seus limites. Muito provavelmente, seria uma casa cuja forte estrutura ligada ao solo a tornaria firme, funcionando de forma mais fluida. A casa da justiça punitiva é construída *sobre* o terreno. Sobre o terreno, a casa está dissociada, não ligada aos alicerces e pode cair. Uma justiça que não considere os impulsos assemelha-se à casa frágil e instável.

A justiça *prévia* seria mais doida, ousada e humana, entenderia a natureza humana, sendo capaz de mão e de compaixão. Ela responderia pelos que se desesperaram e ficaram mudos, distantes da fala, sem voz, sem serem ouvidos, representados apenas pelo bruto grito.

Nova casa poderia ser erguida no terreno, ou seja, novas organizações sociais e jurídicas mais efetivamente justas poderiam existir. A justiça *prévia*, que faz jus ao que foi pisado, o núcleo vivo de uma vida insubstituível, como alternativa à justiça vingativa que multiplica a pisada.

Manter uma sociedade estruturada sobre a injustiça é como viver numa casa fraca e vulnerável. A casa da justiça vingativa está desligada de seus alicerces, do terreno das necessidades e desejos e assim, está sempre ameaçada, prestes a desabar. Tem apenas a aparência de justiça, não é eficaz. A opressão violenta da justiça punitiva volta os oprimidos contra a sociedade. A punição castiga e satisfaz quem se vinga, mas não consegue impedir ou evitar a violência de acontecer. As raízes da violência não estão na transgressão da lei, são mais antigas e profundas.

O que mantém em pé esta casa da justiça vingativa que só aparentemente protege, mas não resiste à primeira ventania, nem com as portas trancadas?

1. O apoio ideológico de oportunistas que não querem o bem comum, mas apenas obter vantagens efêmeras e paliativas;
2. A crença que divide as pessoas entre bons - sonsos que dormem tranquilos e ficam calmos em suas casas trancadas porque não há nada a fazer - e maus - aqueles cujo impulso pisado explode;
3. A fabricação de uma divindade que abençoaria a maldade organizada e justificaria a vingança dos policiais.

O episódio de Mineirinho rebentou o modo sonso de viver da narradora, mostrou-lhe que fora enganada e que esta justiça não protegia a vida de ninguém. O despertar do sono, do estado anestesiado de tamponamento característico dos “sonsos essenciais”, revelou à narradora sua parcela de contribuição na violência que explodiu nele e na violência contra Mineirinho.

Quem é o sonso clariciano? É um sonso funcional, que precisa ser indiferente para sua casa (da justiça punitiva) funcionar e não estremecer. Ele não exerce sua revolta, nem seu amor; não procura entender, nem conhecer, não reconhece seus erros, mas fabrica um deus para se justificar, e assim falsamente se salvar, acreditando que está certo e que não há nada a fazer. Depois disso, o sonso vai dormir tranquilo.

Sair de si para ver o ponto de vista do outro é tarefa difícil para os sonsos. Acomodam-se em si mesmos, adaptando-se a condições injustas e cruéis, a fim de levar uma vida sem sobressaltos, sem dor e sem reflexão. Como se isso fosse possível, como se a omissão não fosse uma ação com consequências graves.

Há semelhança entre o sonso clariciano e o burocrata arendtiano (1963) que se limita a cumprir ordens, sem distinguir uma ação justa de uma injusta, inclusive banalizando o mal realizado tantas vezes sem nenhuma responsabilidade. Não perceber, não se questionar e apenas seguir o fluxo de compreensões sociais compulsórias torna-os negligentes e cúmplices de assassinatos.

A escritora nos convida, convida os sonsos à cura. Cura-se aquele que vai além do mal-estar, aquele que mexe na própria alma para entender o que acontece dentro e fora dela, apesar dos véus ideológicos que encobrem a realidade; desenvolvendo a capacidade de se identificar com o outro e defendê-lo contra os mesmos crimes contra os quais gostaria de se encontrar protegido.

A sonsice impediu que a agressividade de Mineirinho fosse percebida em paretesco com a agressividade de um filho e que a agressividade contra ele fosse percebida como prolongamento e agravamento assassino da falta de cuidado. A narradora entendeu que o impulso pisado do bandido explodiu em violência, entendeu a matéria da vida, o vivo, foi o que arrebatou a sociedade padrastra.

Em Clarice, o erro é recorrentemente avaliado como precioso. Valorizar o erro é abrir mão de ter sempre razão, é assumi-lo sem ficar tão culpado que o erro paralise, nem tão indiferente que ele seja ignorado. É preciso ter coragem de olhar no espelho que é o erro, de se ver, de se questionar, de se repensar, é preciso fazer diferente. Somente assim o erro salva, se for visto como uma oportunidade preciosa para a alteração. Assumir e valorizar o erro é condição para curar-se da sonsice: a narradora percebeu seu erro e acordou.

Clarice escreveu esse texto após o mal-estar e a reflexão causados pela leitura de uma notícia policial no jornal. A narradora e sua cozinheira se depararam com um conflito: a sensação de segurança que a morte de um criminoso despertou, e ao mesmo tempo, a revolta compadecida e a identificação com o bandido assassinado de forma cruel. Justificativas não aplacaram a angústia despertada pelo conflito.

A experiência compartilhada entre a narradora e sua cozinheira sobre a notícia, no primeiro parágrafo, apareceu marcada através da primeira pessoa do plural (nós), enfatizando a universalidade do “nós”, falando não apenas por si mesma, mas como representante dela e da cozinheira e afinal como uma representante dos humanos que reagem a uma vida perdida, devido ao caráter insubstituível do alvejado.

A narradora levou os leitores a acompanharem sua compreensão do ocorrido e o significado de seus sentimentos, distinguindo-os em cada tiro que atingiu o bandido: se os dois primeiros tiros cumpriram o papel de pacificar e aliviar; o terceiro deixou alerta; o quarto tiro desassossejou, desconcertou; o quinto e o sexto deixaram claro que se tratava de vontade de matar e a narradora ficou envergonhada de ser protegida por policiais covardes, que justificavam e escondiam seu ódio atrás da lei. O sétimo e oitavo tiros criminosos ouviu com horror; o nono e o décimo a fizeram tremer de impotência; no décimo primeiro, espantada diante de um enigma tão grande, chamou por Deus. No décimo segundo, aproximou-se de Mineirinho: era seu irmão e no décimo terceiro, ela ficou ainda mais próxima, misturou-se ao outro, sentindo e querendo sentir com ele a morte violenta.

Ficou irmanada a Mineirinho. O sentimento apareceu nos seguintes trechos do texto:

*em mim como um representante de **nós**;*

*o décimo terceiro tiro me assassina – porque **eu sou o outro**. Porque **eu quero ser o outro**;*

*que ao homem acuado, que a **esse** não **nos** matem.*

A aproximação gradual apareceu na linguagem: começou com a compaixão por Mineirinho e foi indo até que os pronomes que designavam, por um lado a narradora e os cidadãos (nos), e de outro, Mineirinho (esse) se misturassem.

No entanto, houve tanto separação quanto mistura nestas frases. Ela queria ser o outro. De acordo com Hannah Arendt (1971), a vontade tem uma liberdade infinitamente maior do que o pensamento, que não escapa do princípio de não contradição. A narradora não poderia ser Mineirinho, mas sua vontade, colocou-a num outro ponto de vista, de onde pôde enxergar outras coisas, sem contradição, sem deixar de ser si mesma. Ela não se misturou efetivamente, nem teve delírios de fusão. Ter vontade de sair do próprio pensamento, do pensamento sonso, fez mais por ela do que se pode imaginar.

A crônica é uma resposta ética ao apelo representado pela morte trágica de Mineirinho, mas também uma resposta àqueles que consideravam Clarice alienada e principalmente subjetiva. A narradora sentiu-se obrigada a responder, sentia-se responsável pela injustiça cometida contra ele e contra a humanidade. Ela foi solidária, amiga, irmã e no limite, quis ser o próprio assassinado. A morte do outro lhe dizia respeito. Isso é amor, não do tipo Eros, mas o amor fraternal, do tipo da caridade. Seu desprendimento a fez renunciar a sua posição confortável em benefício do outro e de outros. A compreensão do desespero alheio, que se revelou desespero próprio, levou a entender uma vida pisada e incineradora. Não deixou Mineirinho morrer sozinho e lhe ofereceu a mão.

Além da igualdade de condições entre os cidadãos no pacto social, a consequência psicológica da lei “não matarás” vai mais longe: impede de sofrer e de cometer o crime, protege uma pessoa contra a outra, mas também contra si mesma. É um alívio que exista barreira externa para tal impulso.

Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim.

Ela aponta para a agressividade presente em si e como seria terrível para ela, que não estava mais tão cega, tão sonsa, tão adoentada, ter matado alguém: “Assim como a transcendência da vontade de matar está em, por se conhecer esse abismo, impedir que os outros matem”. (Lispector, 1978/1999, p. 93)

Matar alguém não é um ato fácil, de acordo com Lévinas: “O rosto está exposto, ameaçado, como se nos convidasse a um acto de violência. Ao mesmo tempo, o rosto é o que nos proíbe de matar”. (1988, p. 78)

Embora possa enganar o leitor mais distraído, o texto não defende o sublime, mas pretende desmascarar os sonsos e seu frágil discurso. O que Clarice propôs foi o reconhecimento do mais difícil: das forças impulsivas presentes em todos e que precisam de cuidados.

A cura que encontro nesta crônica seria a capacidade de compreender a matéria do vivo, saindo da condição sonsa; reconhecendo os próprios erros e limites; assumindo uma postura mais corajosa, mais doida, mudando de comportamento por se opor à ideologia dominante e por se perceber como igual ao outro, sendo capaz de amor, de compaixão, de dar a mão e de escolher entre a manutenção da justiça vingativa ou a construção da nova casa da justiça prévia.

*****

4.8. PERDOANDO DEUS²²

Eu ia andando pela Avenida Copacabana e olhava distraída edifícios, nesga de mar, pessoas, sem pensar em nada. Ainda não percebera que na verdade não estava distraída, estava era de uma atenção sem esforço, estava sendo uma coisa muito rara: livre. Via tudo, e à toa. Pouco a pouco é que fui percebendo que estava percebendo as coisas. Minha liberdade então se intensificou um pouco mais, sem deixar de ser liberdade. Não era tour de propriétaire, nada daquilo era meu, nem eu queria. Mas parece-me que me sentia satisfeita com o que via.

Tive então um sentimento de que nunca ouvi falar. Por puro carinho, eu me senti a mãe de Deus, que era a Terra, o mundo. Por puro carinho, mesmo, sem nenhuma prepotência ou glória, sem o menor senso de superioridade ou igualdade, eu era por carinho a mãe do que existe. Soube também que se tudo isso “fosse mesmo” o que eu sentia – e não possivelmente um equívoco de sentimento – que Deus sem nenhum orgulho e nenhuma pequenez se deixaria acarinhar, e sem nenhum compromisso comigo. Ser-Lhe-ia aceitável a intimidade com que eu fazia carinho. O sentimento era novo para mim, mas muito certo, e não ocorrera antes porque não tinha podido ser. Sei que se ama ao que é Deus. Com amor grave, amor solene, respeito, medo, e reverência. Mas nunca tinham me falado de carinho maternal por Ele. E assim como meu carinho por um filho não o reduz, até o alarga, assim ser mãe do mundo era o meu amor apenas livre.

E foi quando quase pisei num enorme rato morto. Em menos de um segundo estava eu eriçada pelo terror de viver, em menos de um segundo estilhaçava-me toda em pânico, e controlava como podia o meu mais profundo grito. Quase correndo de medo, cega entre as pessoas, terminei no outro quarteirão

---

²² Texto publicado no livro **Felicidade clandestina** (1971), no Jornal do Brasil em 19/09/1970 e depois no livro **A descoberta do mundo** (1984).

encostada a um poste, cerrando violentamente os olhos, que não queriam mais ver. Mas a imagem colava-se às pálpebras: um grande rato ruivo, de cauda enorme, com os pés esmagados, e morto, quieto, ruivo. O meu medo desmesurado de ratos.

Toda trêmula, consegui continuar a viver. Toda perplexa continuei a andar, com a boca infantilizada pela surpresa. Tentei cortar a conexão entre os dois fatos: o que eu sentia minutos antes e o rato. Mas era inútil. Pelo menos a contigüidade ligava-os. Os dois fatos tinham illogicamente um nexos. Espantava-me que um rato tivesse sido o meu contraponto. E a revolta de súbito me tomou: então não podia eu me entregar desprevenidamente ao amor? De que estava Deus querendo me lembrar? Não sou pessoa que precise ser lembrada de que dentro de tudo há o sangue. Não só não esqueço o sangue de dentro como eu o admito e o quero, sou demais o sangue para esquecer o sangue, e para mim a palavra espiritual não tem sentido, e nem a palavra terrena tem sentido. Não era preciso ter jogado na minha cara tão nua um rato. Não naquele instante. Bem poderia ter sido levado em conta o pavor que desde pequena me alucina e persegue, os ratos já riram de mim, no passado do mundo os ratos já me devoraram com pressa e raiva. Então era assim?, eu andando pelo mundo sem pedir nada, sem precisar de nada, amando de puro amor inocente, e Deus a me mostrar o seu rato? A grosseria de Deus me feria e insultava-me. Deus era bruto. Andando com o coração fechado, minha decepção era tão inconsolável como só em criança fui decepcionada. Continuei andando, procurava esquecer. Mas só me ocorria a vingança. Mas que vingança poderia eu contra um Deus Todo-Poderoso, contra um Deus que até com um rato esmagado podia me esmagar? Minha vulnerabilidade de criatura só. Na minha vontade de vingança nem ao menos eu podia encara-Lo, pois eu não sabia onde é que Ele mais estava, qual seria a coisa onde Ele mais estava e que eu, olhando com raiva essa coisa, eu O visse? no rato? naquela janela? nas pedras do chão? Em mim é que Ele não estava mais; Em mim é que eu não O via mais.

Então a vingança dos fracos me ocorreu: ah, é assim? pois então não guardarei segredo, e vou contar. Sei que é ignóbil ter entrado na intimidade de Alguém, e

depois contar os segredos, mas vou contar – não conte, só por carinho não conte, guarde para você mesma as vergonhas Dele – mas vou contar, sim, vou espalhar isso que me aconteceu, dessa vez não vai ficar por isso mesmo, vou contar o que Ele fez, vou estragar a Sua reputação.

...mas quem sabe, foi porque o mundo também é rato, e eu tinha pensado que já estava pronta para o rato também. Porque eu me imaginava mais forte. Porque eu fazia do amor um cálculo matemático errado: pensava que, somando as compreensões, eu amava. Não sabia que, somando as incompreensões, é que se ama verdadeiramente. Porque eu, só por ter tido carinho, pensei que amar é fácil. É porque eu não quis o amor solene, sem compreender que a solenidade ritualiza a incompreensão e a transforma em oferenda. E é também porque sempre fui de brigar muito, meu modo é brigando. É porque sempre tento chegar pelo meu modo. É porque ainda não sei ceder. É porque no fundo eu quero amar o que eu amaria – e não o que é. É porque ainda não sou eu mesma, e então o castigo é amar um mundo que não é ele. É também porque eu me ofendo à toa. É porque talvez eu precise que me digam com brutalidade, pois sou muito teimosa. É porque sou muito possessiva e então me foi perguntado com alguma ironia se eu também queria o rato para mim. É porque só poderei ser mãe das coisas quando puder pegar um rato na mão. Sei que nunca poderei pegar num rato sem morrer de minha pior morte. Então, pois, que eu use o magnificat que entoia às cegas sobre o que não se sabe nem vê. E que eu use o formalismo que me afasta. Porque o formalismo não tem ferido a minha simplicidade, e sim o meu orgulho, pois é pelo orgulho de ter nascido que me sinto tão íntima do mundo, mas este mundo que eu ainda extraí de mim de um grito mudo. Porque o rato existe tanto quanto eu, e talvez nem eu nem o rato sejamos para ser vistos por nós mesmos, a distância nos iguala. Talvez eu tenha que aceitar antes de mais nada esta minha natureza que quer a morte de um rato. Talvez eu me ache delicada demais apenas porque não cometi os meus crimes. Só porque contive os meus crimes, eu me acho de amor inocente. Talvez eu não possa olhar o rato enquanto não olhar sem lividez esta minha alma que é apenas contida. Talvez eu tenha que chamar de “mundo” esse meu

modo de ser um pouco de tudo. Como posso amar a grandeza do mundo se não posso amar o tamanho de minha natureza? Eu, que sem nem ao menos ter me percorrido toda, já escolhi amar o meu contrário, e ao meu contrário quero chamar de Deus. Eu, que jamais me habituarei a mim, estava querendo que o mundo não me escandalizasse. Porque eu, que de mim só consegui foi me submeter a mim mesma, pois sou tão mais inexorável do que eu, eu estava querendo me compensar de mim mesma com uma terra menos violenta que eu. Porque enquanto eu amar a um Deus só porque não me quero, serei um dado marcado, e o jogo de minha vida maior não se fará. Enquanto eu inventar Deus, Ele não existe.

4.8.1. ANÁLISE

O título “Perdoando Deus” desperta o interesse do leitor. De acordo com as tradições religiosas, não seria Deus Aquele que perdoa os imperfeitos? Quem poderia perdoá-Lo e do quê, supondo-se a Sua perfeição?

A narradora é a personagem que andava a beira mar, quando se deparou com um rato morto. Ela andava satisfeita, feliz e grata com a beleza do mundo, a ponto de desejar ser a mãe do que existia. Seu pensamento estava flutuante, sem foco, num pensar sem esforço, que parecia livre e leve. Não sentia necessidade de se prender ou de possuir nada, demonstrando um sentimento desapegado e carinhoso que ela chamou de sentimento maternal por Deus. Amor maternal por Deus não é comum. Em relação a Ele, o amor tradicionalmente destinado é o grave, o solene, talvez o medroso ou reverente: amor dedicado a um pai, ou a uma autoridade; sentimentos de quem depende e precisa. Os sentimentos da narradora, naquele momento, não eram de filha necessitada, mas de quem tinha mais a dar do que a receber.

Em vez de filha, passou a sentir-se a mãe de Deus, uma inversão significativa. Então, apareceu o rato morto, que lhe despertou terror e medo. Uma nova inversão e a mãe se tornou criança: *sua boca ficou infantilizada; lembrou que tinha pavor de ratos desde pequena; e ficou decepcionada como só em criança acontecera*. A atitude da mulher serena e generosa foi interrompida por algo que a desagradou, revelando sua vulnerabilidade e instabilidade. Bastou algo contrariá-la para romper-se a boa disposição e o equilíbrio.

Ela saiu de um estado relaxado, confiante, amoroso e passou rapidamente para outro tenso, medroso, estilhaçado. Com Winnicott (1962), identificamos, neste momento, uma tentativa da narradora de experimentar um estado não-integrado. A *não-integração* permanece como um estado em que se pode

sempre retornar para relaxar do esforço da *integração*²³. Provavelmente, não tinha ainda alcançado de forma satisfatória a integração, porque diante do rato inesperado que exigiu reação e que poderia levar à compreensão do ocorrido, ela se desintegrou. *Desintegração* é uma defesa contra angústias primitivas, como a ameaça de aniquilação. Clarice descreveu a dolorida fragmentação: *Estilhaçava-me toda em pânico*.

É possível que a potência e grandeza do que experimentou tenha inspirado a narradora a tentar trazer Deus para perto, tornando-O seu filho, mas com o encontro com o rato morto, tudo desabou, ela sentiu-se solitária, roubada da experiência de maternidade anterior. Tornou Deus seu antagonista, seu inimigo. Finalmente, reencontrando sua pequenez, conseguiu perdoar-se.

Houve quatro reações diante da frustração: rebeldia, vitimização, fechamento e vingança.

1- Rebeldia – Não via sentido e portanto não se comprometia com nenhuma palavra (lei): nem espiritual, nem terrena, apenas seguia seus impulsos. Imaginava não precisar aprender mais nada, acreditava que já tinha aceitado o sangue, representante do vivo, da agressividade, como aparece na análise intertextual com o conto “Mineirinho”.

2- Vitimização –Por que Deus colocara um rato morto no seu caminho? Deus poderia ter considerado seu pavor por ratos. Ele estava sendo grosseiro com ela. Deus tornou-se seu perseguidor.

3- Fechamento – Imaginou que Deus a punia e ficou decepcionada, com o coração fechado. Afastou-se Dele: em mim Ele não estava mais.

4- Vingança – O rato lhe mostrava suas próprias sujeiras, mas ela não conseguia aceitá-las e por isso, queria vingar-se, mostrando as falhas de Deus. Ela faria a vingança dos fracos: não guardar segredo sobre a Sua intimidade, contar o que acabara de acontecer e mostrar a todos que Deus não era bom e

---

²³ Estar integrado é sentir: “eu sou, eu existo, eu adquiro experiências, enriqueço-me e tenho uma interação introjetiva e projetiva com o não-eu, o mundo real da realidade compartilhada” (Winnicott, 1962, p. 60).

justo e assim, estragar sua reputação.

Seguiu-se outra virada no conto. Passados os momentos vividos na desintegração, uma nova possibilidade de integração se iniciou. A mulher humildemente aceitou que o mundo também era rato, ou seja, que o mundo trazia obstáculos à completa satisfação, o mundo desafiava e amedrontava. Numa análise intertextual com a crônica “A geleia viva como placenta” onde encontramos a afirmação de que vivo estava tudo, neste conto, o rato morto também foi um representante do vivo. O rato morto cumpriu uma função vital, despertando a personagem e mostrando-lhe um espelho: ela não estava preparada para tudo, era frágil, instável e carente, como todos. A mulher não poderia ser a mãe de Deus, era prepotência. Não conseguia sequer suportar a própria hostilidade, estava desamparada e só diante do vivo.

A narradora identificou características suas que a impediam de aceitar o rato:

1-Orgulho – Não aceitava o rato, o mundo e os obstáculos porque negava seus próprios defeitos, o que a levou à auto-indulgência quando estava revoltada: não precisava aprender mais nada. Não conseguia aceitar suas limitações, nem amar-se e o castigo seria amar um mundo só inventado;

2- Egoísmo – Seu modo era brigando e queria fazer tudo à sua maneira. Não sabia ceder; queria amar um ideal, o que a satisfaria e não o que simplesmente era;

3- Melindre – Ela se ofendia à toa. O melindre é o estado afetivo de fragilidade excessiva que dilata a proporção e a natureza das agressões sofridas. A raiz do melindre está no egoísmo. O melindroso sente que tudo e todos estão contra ele, não aceita revezes, não aceita o que considera inoportuno ou indevido, como se ele tivesse mais direitos que os outros e não devesse e por isso não suportasse passar por aquilo;

4- Teimosia – Ela precisava que lhe dissessem as coisas com brutalidade, do contrário, não cedia;

5 – Possessividade – Como ela queria tudo para si, o mundo, Deus, não queria o rato também?

A dificuldade de se perceber orgulhosa e egoísta, querendo somente o que lhe agradava, sem importar-se com os outros, igualou a mulher ao rato nojento que não sabia sobre sua imundície: o rato existe tanto quanto eu, e talvez nem eu nem o rato sejamos para ser vistos por nós mesmos, a distância nos iguala. O rato representa a sujeira, a impureza que costumamos apontar no outro distante e que queremos manter distante, mas que é a nossa própria sujeira. Neste ponto, o rato aproximou-se da barata do romance **A paixão segundo G.H.** Aproximamos sua concepção de “sujeiras inerentes” de impulsos agressivo-sexuais e sexual-agressivos. A pré-adolescente Sofia, do conto “Os desastres de Sofia”, debatia-se entre desejos secretos e crueldades direcionadas ao professor, sentia-se impura e sonhava com o dia em que se tornaria adulta, com mãos limpas. A hostilidade e os crimes de que a narradora se julga capaz foram analisados melhor no conto “Mineirinho”. (1964).

No início do conto, narradora e mundo estavam numa relação íntima e amorosa porque o mundo se misturava com ela: *esse meu modo de ser um pouco de tudo*. Depois, o mundo lhe foi extraído num grito, houve separação. O rato quebrou a unidade mãe-mundo. E ela estranhou o mundo, estranhou Deus e percebeu-se estranha, incapaz da integração de que parecia ser antes capaz (de aceitar o sangue, o vivo). O mundo clariciano é um mundo com o qual é possível misturar-se e ao mesmo tempo, é alteridade, mostra o outro em si e fora de si. O mundo, em Clarice, lembra um espaço transicional, como diria Winnicott (1975), lugar simultaneamente encontrado e inventado, onde a composição entre o familiar e o estranho às vezes conforta e outras vezes amplia a capacidade de tolerar perdas e frustrações. O caminho curativo que julgamos reconhecível na narrativa passou pela percepção do mundo como não-eu, que desencadeou outras percepções como a de que o eu é um outro imundo, cheio de falhas e fracassos.

Outro ingrediente da cura foi o que podemos chamar amor, agora com o

desconforto de uma palavra de uso fácil e muito geral. Vejamos se podemos, mais ou menos, descrevê-lo pelo espírito da narrativa. Percebeu que sentir carinho era diferente de amar, que não era nada fácil. Seu carinho, amor fácil, estava baseado num cálculo errado: supunha que somando os saberes a respeito das coisas, das pessoas, de Deus, ela estaria amando-os, acreditava que as suas características somadas despertariam seu amor. Era um amor presunçoso. Amar verdadeiramente era difícil, seria fazer um cálculo correto: somar as incompreensões, não acreditando saber tanto sobre o outro e não sendo o conhecimento sobre ele a razão do sentimento. Amar é estar mais disponível para o amado do que transformar o outro num objeto para meu saber e meu amor. Amor respeitoso do mistério do outro é difícil.

O amor que sentiu no começo do conto parecia livre, natural, espontâneo e leve. Numa análise intertextual com conto “A Legião Estrangeira”, esse amor livre era o amor de ver um pintinho gracioso. Contudo, com a aparição do rato morto, a narradora desintegrou-se, perdeu o mundo ou Deus como objeto de amor, não podia mais amar, só odiava e temia. Não havia mais alguém que pudesse ser mãe. Com isso, não estou dizendo que amor de mãe tenha que ser sem falhas, nem que para ser boa mãe a mulher não possa ter seus momentos de instabilidade. Clarice tinha apreço pela maternidade, pelo amor cuidadoso, que era um tema frequente em sua obra. Diversas mães estão presentes em suas narrativas, entre elas as que hesitam, temem, mas comprometem-se com o outro. Esse amor dedicado a alguém é eficiente, compromissado:

-Você quer ser a mãe dele?

Eu disse que sim, em sobressalto. (...) Porque é de noite, porque estou sozinha na noite de outra pessoa, porque este silêncio é muito grande para mim, porque tenho duas mãos para sacrificar a melhor delas e porque não tenho escolha. Então estendi a mão e peguei o pinto. (ALE, 1971, p.66)

Ser mãe é ser impelida de tal modo ao outro que não se tem escolha; é acolher o desamparado, frágil e assustado pintinho; é sentir-se responsável, sacrificando-se por ele. O sacrifício em Clarice pode ser positivo, como neste

caso, em que é doação de si e pode ser negativo, como aparece em “Os obedientes”, sacrifício como uma troca narcísica, onde um se sacrifica pelo outro ou em troca de uma falsa estabilidade, onde não há amor pelo objeto, nem pelo mundo, mas um objeto misturado a um “eu”, um objeto que funciona como apoio para um “eu” frágil.

O amor maternal, como aquele solene dedicado a Deus, ritualiza a incompreensão - que é condição para uma exposição ao outro fora da prepotência – ganhando a simplicidade que promove a entrega sóbria, sem vaidade, transformando sacrifício em oferenda. A narradora descobriu que a solenidade e o formalismo não feriam a simplicidade, como poderia parecer, num primeiro olhar. A simplicidade foi perdida com o orgulho de se achar íntima e credora de Deus, do mundo, apenas por ter nascido.

Esta crônica que se segue é a minha preferida da autora e fala deste amor eficaz que não teme, que não tem nojo da dor, da irascibilidade do outro, da indigência do outro, da vulnerabilidade do outro, amor disponível e não amor entesourado:

Talvez seja uma das experiências humanas e animais mais importantes. A de pedir socorro e, por pura bondade e compreensão do outro, o socorro ser dado. Talvez valha a pena ter nascido para que um dia mudamente se implore e mudamente se receba. Eu já pedi socorro. E não me foi negado. Senti-me então como se eu fosse um tigre perigoso com flecha mortal cravada na carne, e que estivesse rondando devagar as pessoas medrosas para descobrir quem lhe tiraria a dor. E então uma pessoa tivesse sentido que um tigre ferido é apenas tão perigoso como uma criança. E aproximando-se da fera, sem medo de tocá-la, tivesse arrancado com cuidado a flecha fincada. E o tigre? Não, certas coisas nem pessoas nem animais podem agradecer. Então eu, o tigre, dei umas voltas vagarosas em frente à pessoa, hesitei, lambi uma das patas e depois, como não é a palavra o que tem importância, afastei-me silenciosamente. (Lispector, 1984, p. 112)

Neste conto, há uma proximidade maior com Deus, diferente do que aconteceu em outras partes da obra, como em **A paixão segundo G.H.**, em que Deus é neutro. Aqui, Deus assume um traço muito pessoal. A experiência

de tipo religioso em Clarice não deriva de instrução institucional, é uma experiência, por assim dizer, de religiosidade primitiva, ancorada sobre a exposição ao outro incognoscível, irreduzível a mim mesmo.

Há, ao que tudo indica, grande compreensão em Clarice Lispector de muitos traços e movimentos da experiência mística: é o que o leitor mais de uma vez parece levado a descobrir, por mais de um leitor – habituado ou não a práticas religiosas, rituais e informais, o leitor de religiosidade leve ou densa, também o leitor desligado de prática religiosa ou ligado a elas por oposição crítica – poderá ter sentido com o texto clariciano que foi trazido para o centro de vivências que, se não admitirem completa caracterização como vivências místicas, parecem comunicar-se por dentro com a condição e os estados chamados místicos.

Seus textos reproduzem o vocabulário cotidiano de um país católico e sincrético, onde as religiões convivem e se misturam. Nas narrativas claricianas, há diversas metáforas e paródias religiosas. Ela usa imagens, símbolos, palavras, passagens bíblicas, evangélicas, estabelecendo um diálogo intertextual, escrita que retoma o original homenageando, reforçando, invertendo seu sentido ou dando-lhe outro, questionando-o. Uma atividade metalinguística de reversão em que uma natureza dupla aparece: o ato da escrita e da leitura, como sugere Olga de Sá (1980).

Por exemplo, a imagem da “virgem anunciada” comparece algumas vezes no conto “Os desastres de Sofia”. Além dessa, há outras referências neste conto: pecado, demônio, freiras, salvação, matéria de Deus. Em “A legião estrangeira”, aparecem as festas tradicionais católicas ligadas ao momento dos personagens: Natal, Páscoa e flores roxas da Paixão de Cristo, que aparece também no título do livro *A paixão segundo G.H.*.

No conto “As águas do mundo”, o trecho “Não está caminhando sobre as águas – ah nunca faria isso depois que há milênios já andaram sobre as águas – mas ninguém lhe tira isso: caminhar dentro das águas” dialoga com a passagem evangélica em que Jesus anda sobre as águas: “Já se fazia noite

alta, quando em alto mar os discípulos avistaram um homem andando por sobre as águas. Ficaram muito amedrontados, dizendo ser um fantasma e, Jesus lhes disse :-“ Calma, sou eu”. (Mateus XXII: 14-36)

“Magnificat”²⁴ é a resposta de Maria à prima Isabel que se tornou oração. Na ocasião de uma visita, quando a prima estava grávida de João Batista, Maria que chegava, foi carinhosamente recebida com as palavras que se tornaram a oração “Ave-Maria” e respondeu com o “Magnificat”.

Por que Clarice teria escolhido esta oração? De acordo com o Evangelho, Maria, grávida de Jesus por meio de uma concepção milagrosa, agradeceu a Deus *às cegas sobre o que não se sabe nem vê*. É uma oração de louvor, de agradecimento, mesmo sem ver ou saber com precisão o que lhe aconteceria. Um gesto espontâneo de entrega. Maria como símbolo da maternidade incondicionalmente amorosa, sentia-se um instrumento para revelar a grandeza de Deus e ficou honrada por ter sido escolhida para ser mãe do Seu filho, colocando-se como Sua serva. A oração fez um contraponto à mulher soberba que pretendeu ser mãe de Deus. Maria é a mãe humilde que disse “sim” sem compreender ou ver, exemplo de amor eficaz e comprometido.

Muitas vezes, orgulho e egoísmo são falsamente reconhecidos como sinais de boa auto-estima, enquanto generosidade e perdão parecem fraquezas. A este respeito, o conto “Amor” trouxe a ideia de amor e bondade insuportáveis, porque inaceitáveis, desvalorizados socialmente. A narradora inicialmente aparece instalada em si mesma, cheia de si, vivendo de um contentamento que se estende ao mundo como a ela mesma. Mas, desavisada do caráter insólito de sua segurança egótica, não estava preparada para a experiência do rato, ou seja, do mundo como outro, não-eu. A visão do rato, desintegrando a visão

---

²⁴ Magnificat: A minh'alma engrandece o Senhor e o meu espírito se alegrou em Deus meu Salvador / Pois Ele me contemplou na humildade da sua serva / Pois desde agora e para sempre me considerarão bem-aventurada / Pois o Poderoso me fez grandes coisas / Santo é Seu nome! / A Sua misericórdia se estende a toda a geração daqueles que o temem / Com o Seu braço agiu mui valorosamente / Dispersou os que no coração tem pensamentos soberbos / Derrubou dos seus tronos os poderosos / Exaltou os humildes, encheu de bens os famintos despediu vazios os ricos / Amparou a Israel Seu servo para lembrar-se da Sua misericórdia / A favor de Abraão e sua descendência / Como havia falado a nossos pais.

auto-referida de um mundo contente, acabou inicialmente por ameaçar a própria narradora de desintegração. Parecia poderosa, mas era frágil, vivia de uma confiança baseada em realidades narcisicamente constituídas. Ela poderia aceitar-se e amar-se se não conseguia amar o rato? Ela queria viver num mundo sem rato e apresentar-se sem rato para si mesma. Afirmou que precisava aceitar, talvez como o início do amor-próprio, sua natureza hostil que afinal permitiu não recusar o rato morto, em substituição à auto-indulgência cega com os próprios defeitos. Esconder e conter o ódio não tornaria ninguém capaz de amor inocente ou maternal.

Sem amor-próprio, Deus seria apenas um contraponto lógico: Ele é bom, perfeito e os humanos, ruins e imperfeitos. É um modo de se acusar, de se punir, sem amor, sem aceitação das limitações, sem verdadeira humildade. Sem se conhecer, escolheria amar o seu contrário; sem se aceitar, não queria ser scandalizada pelos outros que a espelhavam. Enquanto o pensamento idealizado inventar metas inatingíveis para si: *enquanto eu inventar Deus, Ele não existe.*

*****

4.9.- ENCARNAÇÃO INVOLUNTÁRIA²⁵

Às vezes, quando vejo uma pessoa que nunca vi, e tenho algum tempo para observá-la, eu me encarno nela e assim dou um grande passo para conhecê-la. E essa intrusão numa pessoa, qualquer que seja ela, nunca termina pela sua própria auto-acusação: ao nela me encarnar, compreendo-lhe os motivos e perdôo. Preciso é prestar atenção para não me encarnar numa vida perigosa e atraente, e que por isso mesmo eu não queira o retorno a mim mesmo.

Um dia, no avião...ah, meu Deus – implorei – isso não, não quero ser essa missionária!

Mas era inútil. Eu sabia que, por causa de três horas de sua presença, eu por vários dias seria missionária. A magreza e a delicadeza extremamente polida de missionária já me haviam tomado. É com curiosidade, algum deslumbramento e cansaço prévio que sucumbo à vida que vou experimentar por uns dias viver. E com alguma apreensão, do ponto de vista prático: ando agora muito ocupada demais com os meus deveres e prazeres para poder arcar com o peso dessa vida que não conheço – mas cuja tensão angelical já começo a sentir. No avião mesmo percebo que já comecei a andar com esse passo de santa leiga: então compreendo como a missionária é paciente, como se apaga com esse passo que mal quer tocar no chão, como se pisar forte viesse prejudicar os outros. Agora sou pálida, sem nenhuma pintura nos lábios, tenho o rosto fino e uso aquela espécie de chapéu de missionária.

Quando eu saltar em terra provavelmente já terei esse ar de sofrimento-superado-pela-paz-de-se-ter-uma-missão. E no meu rosto estará impressa a doçura da esperança moral. Porque sobretudo me tornei toda moral. No entanto quando entrei no avião estava tão sadiamente amoral. Estava, não, estou! Grito-me eu em revolta contra os preconceitos da missionária. Inútil: toda a

---

²⁵ Texto publicado no livro **Felicidade clandestina** (1971), no Jornal do Brasil em 04/07/1970 e depois no livro **A descoberta do mundo** (1984).

minha força está sendo usada para eu conseguir ser frágil. Finjo ler uma revista, enquanto ela lê a Bíblia.

Vamos ter uma descida curta em terra. O aeromoço distribui chicletes. E ela cora mal o rapaz se aproxima.

Em terra sou uma missionária ao vento do aeroporto, seguro minhas imaginárias saias longas e cinzentas contra o despudor do vento. Entendo, entendo. Entendo-a, ah, como a entendo e ao seu pudor de existir quando está fora das horas em que cumpre sua missão. Acuso, como a missionariazinha, as saias curtas das mulheres, tentação para os homens. E, quando não entendo, é com o mesmo fanatismo depurado dessa mulher pálida que facilmente cora à aproximação do rapaz que nos avisa que devemos prosseguir viagem.

Já sei que só daí a dias conseguirei recomeçar enfim integralmente a minha própria vida. Que, quem sabe, talvez nunca tenha sido própria, senão no momento de nascer, e o resto tenha sido encarnações. Mas não: eu sou uma pessoa. E quando o fantasma de mim mesma me toma – então é um tal encontro de alegria, uma tal festa, que a modo de dizer choramos uma no ombro da outra. Depois enxugamos as lágrimas felizes, meu fantasma se incorpora plenamente em mim, e saímos com alguma altivez por esse mundo afora.

Uma vez, também em viagem, encontrei uma prostituta perfumadíssima que fumava entrefechando os olhos e estes ao mesmo tempo olhavam fixamente um homem que já estava sendo hipnotizado. Passei imediatamente, para melhor compreender, a fumar de olhos entrefechados para o único homem ao alcance de minha visão intencionada. Mas o homem gordo que eu olhara para experimentar e ter a alma da prostituta, o gordo estava mergulhado no New York Times. E meu perfume era discreto demais. Falhou tudo.

4.9.1. ANÁLISE

Este conto é narrado em primeira pessoa sobre a experiência de encontros com outras vidas tão atraentes que o desejo de vivê-las na própria pele era completamente irresistível.

Regina Pontieri (2001), comentando um ensaio de Nádya Battella Gotlib (1990), identificou na escritura de Clarice Lispector

(...) um aspecto que parece fundamental para a compreensão do movimento de identificação e reversibilidade que, na obra, une – como direito e avesso do mesmo – todo um feixe de polaridades: eu/outro, sujeito/mundo, interior/exterior, espírito/corpo, vidente/visível. (p. 80)

A narradora imitava os gestos das pessoas-alvos da encarnação para conhecer suas almas. A superfície revelando o núcleo através das reversibilidades: eu/outro, interior/exterior, espírito/corpo. Indo além destes pares, no conto, é no corpo, no rosto de uma que está refletido o traço moral da outra, é no próprio corpo da narradora que incide a influência da freira. *E no meu rosto estará impressa a doçura da esperança moral.*

Havia dois movimentos contrários no fenômeno da encarnação involuntária: aceitar a alteridade do outro, e assimilá-la ao eu. Superficialmente, o “outro” é transformado em “eu”; mais profundamente ocorre o inverso: o “eu” vira “outro” após as reversões claricianas. A encarnação traz, provisoriamente, um desligamento ou perda de si mesmo, e finalmente traz também uma reconquista de singularidade viva (reconquista de vida única, em contato basal com as vidas únicas dos outros). A encarnação traz o reencontro entre o fantasma de si e ela mesma, onde havia alegria e forte comoção, fortalecendo a dupla que voltava a viver junta mundo afora. Isso quer dizer que havia singularidade e alteridade, mas que não eram polaridades estanques ou mistura indiferenciada e sim posições flexíveis e reversíveis, cujos efeitos benéficos aparecem no conto.

Mais exemplos de verdadeiras e falsas polaridades no texto. Na descrição

da encarnação involuntária, Clarice usou duas palavras aparentemente em oposição: “intrusão” e “rendição”.

“Intrusão”²⁶ significa introduzir-se impropriamente, sem convite ou merecimento. A etimologia da palavra sugere “entrada à força”, uma violência. O substantivo “intrusão” fica surpreendentemente atenuado e positivamente aproveitado no conto, enfatiza o aspecto impulsivo da experiência que impelia a mulher à vida alheia. Talvez chame atenção também o fato de a encarnação ser unidirecional - a missionária não convidou a mulher para observá-la, não promoveu que alguém se encarnasse nela; a encarnação não é recíproca, a missionária não se encarnou de volta na mulher leiga.

Deste ponto de vista, a encarnação era uma intrusão no outro, mas não a fim de dominá-lo, explorá-lo, compará-lo ao “eu”, julgá-lo e acusá-lo pelas diferenças; pelo contrário, era um desejo de aproximação máxima para compreendê-lo: [...] *eu olhara para experimentar e ter a alma [...]*.

Há desejo ligado à “intrusão”, compreendido como atração irresistível, algo que impulsiona à ação em direção ao ser desejado, assim como há desejo no que faz sucumbir e é receptivo, é abertura para o outro. Render-se é “não resistir, ser vencido; ceder, entregar-se”. Ao impulso de abertura para o outro, segue-se à rendição de si mesmo e assim, as oposições entre as palavras aparecem como partes complementares do mesmo processo.

O desejo, na encarnação, não era uma vontade, algo que partisse ativamente do sujeito desejante. Como o ferro que não é arrastado para o ímã, tanto quanto é simplesmente atraído por ele, na encarnação, há um impulso para entregar-se. Que poder tem o ferro para impedir a atração exercida pelo ímã? *Um dia, no avião...ah, meu Deus – implorei – isso não, não quero ser essa missionária!*

O adjetivo “involuntário” reforça a ideia de entrega onde qualquer resistência seria inútil. A narradora não estava no comando, não tinha mais poder do que a

---

²⁶ Disponível na internet: <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=intrus%25C3%25A3o> [20 nov. 2012].

outra, nem estava submetida a ela: sua força foi usada para experimentar a fragilidade da missionária. Encarnar-se é desejar com força a vulnerabilidade, a abertura para experimentação do outro, sem escravidão ou humilhação.

Apesar disso, antes da rendição, duas forças lutavam na mulher: hospedar o ponto de vista estranho em si versus preservar-se. Seria a vida do outro mais encantadora que a dela e capaz de inutilizar a mulher para capturá-la definitivamente? Talvez esse fosse um desejo de Clarice e do humano: ser atraído, arrebatado pelo outro, entregar-se a ele num primeiro momento, que é seguido pelo maior pavor: ser capturado, feito prisioneiro, perdendo-se de si. Há, pois, uma questão que retiramos do primeiro movimento do conto e parece ser: como se relacionar com o outro sem ser submetido; como proteger um núcleo pessoal sem ficar isolado? A resposta para essa pergunta, a cura para esta angústia pode estar relacionada à atitude neutra.

O neutro é a principal figura de cura deste texto, que é uma belíssima imagem do descentramento que vivifica o mundo. Segue-se o processo que leva à atitude neutra, seguindo os passos da narradora em sua experiência de encarnação involuntária:

- ❖ Abertura egóica para deixar-se atrair pelo desconhecido;
- ❖ Encantamento que leva à observação do não-eu (ex: É com curiosidade, algum deslumbramento e cansaço prévio que sucumbo à vida que vou experimentar por uns dias viver.);
- ❖ Compreensão, aceitação e perdão para a alteridade (ex: essa intrusão numa pessoa, qualquer que seja ela, nunca termina pela sua própria auto-acusação; Entendo-a, ah, como a entendo e ao seu pudor de existir quando está fora das horas em que cumpre sua missão);
- ❖ Conflito entre as forças centrípetas (em direção ao núcleo) e centrífugas (em direção ao mundo) (ex: ando agora muito ocupada demais com os meus deveres e prazeres para poder arcar com o peso dessa vida que não conheço - No avião mesmo percebo que já comecei a andar com esse passo de santa leiga: então compreendo como a missionária é

paciente...);

- ❖ Rendição e entrega ao outro (ex: inútil: toda a minha força está sendo usada para eu conseguir ser frágil);
- ❖ Alteração de ponto de vista, de ângulo, que pode ser trabalhoso e cansativo (ex: Porque sobretudo me tornei toda moral. No entanto quando entrei no avião estava tão sadiamente amoral);
- ❖ Retorno feliz à própria vida depois de experiências criativas (ex: [...] então é um tal encontro de alegria, uma tal festa, que a modo de dizer choramos uma no ombro da outra).

A dúvida da narradora era se haveria algo como uma “vida própria” ou uma pessoa era o resultado de múltiplas encarnações. Neste ponto, a posição de Clarice e de Winnicott (1963) convergem: “(...) eu sou uma pessoa”.

De acordo com o psicanalista, o bebê já nasce humano e é alguém, não no sentido egóico, mas no sentido de que possui um núcleo (Winnicott, 1963) único e singular que o distingue de outros e que não é constituído através das relações. É um núcleo que deve permanecer intacto, permanentemente incomunicável, como algo sagrado, protegido num templo, como discutido na análise da crônica “A festa do termômetro quebrado”. A partir deste núcleo, desenvolve-se o ego integrado, capaz de comunicar-se, de trocar com o mundo. Antes das relações objetais, há alguém, uma vida própria que precisa permanecer, apesar das trocas egóicas entre pontos de vista.

Embora a narradora tenha advertido o leitor contra os perigos de perder-se de si mesma, ela transitava bem entre os estados integrado e não-integrado. Daí a alegria quando o “fantasma” da mulher a tomava de volta (re-integração), depois de ter sido tomada pelos outros (abertura, não-integração). Era uma alegria profunda reencontrar-se consigo e confiar que poderia abrir-se ao mundo e fechar-se em segurança, sem ter sido destruída, ou consumida pelo outro.

Não perdeu a vida própria, mas se enriqueceu com a vida alheia e os pontos de vista outros. A mulher não roubou a vida da missionária, nem foi

assimilada e eliminada por ela: entendeu sua maneira de sentir e pensar e partiu. As encarnações aumentavam a confiança na habilidade de abrir-se e fechar-se ao outro, fortalecendo a própria identidade. Terminadas as encarnações: “saímos com alguma altivez por esse mundo afora”.

Quando a mulher encontrou a prostituta, o leitor foi levado a supor que tudo se daria da mesma maneira como aconteceu com a missionária, mas a narrativa clariciana sempre surpreende. Por que a encarnação ocorreu entre a missionária e a mulher satisfeita com sua amoralidade e não aconteceu entre ela e a prostituta, aparentemente mais semelhante?

A encarnação não acontecia em todos os outros interessantes. Nem todos podiam habitar a mulher, apesar da curiosidade que a vida da prostituta lhe despertava. A encarnação não era compulsória, fortalecendo a ideia de uma atração da ordem do desejo, uma “eleição secreta”.

Entre a prostituta e a narradora houve incompatibilidades de almas: elas não se atraíram o suficiente para uma encarnação. A prostituta não desejava realmente o homem-alvo de seu olhar fatal, parecia desejar, era sedutora. O sedutor joga, usa estratégias, age com esforço para conquistar alguém, ao invés de simplesmente confiar no impulso involuntário a que o desejo leva. O sedutor não deseja o outro, não quer entregar-se a ele, mas precisa conquistá-lo, possuí-lo e controlá-lo: experiência oposta à disponibilidade e entrega que uma encarnação exige. O sedutor é um hipnotizador, um verdadeiro intruso, explorador do outro.

A mulher capaz de abertura para o outro não conseguiu retroceder ao nível da prostituta, com fechamento egóico necessário para seduzir, porque ela só era capaz de sucumbir.

*****

4.10. A LEGIÃO ESTRANGEIRA²⁷

Se me perguntassem sobre Ofélia e seus pais, teria respondido com o decoro da honestidade: mal os conheci. Diante do mesmo júri ao qual responderia: mal me conheço – e para cada cara de jurado diria com o mesmo límpido olhar de quem se hipnotizou para a obediência: mal vos conheço. Mas às vezes acordo do longo sono e volto-me com docilidade para o delicado abismo da desordem.

Estou tentando falar sobre aquela família que sumiu há anos sem deixar traços em mim, e de quem me ficara apenas uma imagem esverdeada pela distância. Meu inesperado consentimento em saber foi hoje provocado pelo fato de ter aparecido em casa um pinto. Veio trazido por mão que queria ter o gosto de me dar coisa nascida. Ao desagradarmos o pinto, sua graça pegou-nos em flagrante. Amanhã é Natal, mas o momento de silêncio que espero o ano inteiro veio um dia antes de Cristo nascer. Coisa piando por si própria desperta a suavíssima curiosidade que junto de uma manjedoura é adoração. Ora, disse meu marido, e essa agora. Sentira-se

grande demais. Sujos, de boca aberta, os meninos se aproximaram. Eu, um pouco ousada, fiquei feliz. O pinto, esse piava. Mas Natal é amanhã, disse acanhado o menino mais velho. Sofríamos desamparados, curiosos.

Mas sentimentos são água de um instante. Em breve – como a mesma água já é outra quando o sol a deixa muito leve, e já outra quando se enerva tentando morder uma pedra, e outra ainda no pé que mergulha – em breve já não tínhamos no rosto apenas aura e iluminação. Em torno do pinto aflito, estávamos bons e ansiosos. A meu marido, a bondade deixa ríspido e severo, ao que já nos habituamos; ele se crucifica um pouco. Nos meninos, que são mais graves, a bondade é um ardor. A mim, a bondade me intimida. Daí a

---

²⁷ Texto publicado em **A legião estrangeira** (1964), no Jornal do Brasil em 03/08, 09/08, 16/08, 23/08 e 30/08 de 1969 e nos livros **Felicidade Clandestina** (1971) e **A descoberta do mundo** (1984).

pouco a mesma água era outra, e olhávamos contrafeitos, enredados na falta de habilidade de sermos bons. E, a água já outra, pouco a pouco tínhamos no rosto a responsabilidade de uma aspiração, o coração pesado de um amor que já não era mais livre. Também nos desajeitava o medo que o pinto tinha de nós; ali estávamos, e nenhum merecia comparecer a um pinto; a cada piar, ele nos espargia para fora. A cada piar, reduzia-nos a não fazer nada. A constância de seu pavor acusava-nos de uma alegria leviana que a essa hora nem alegria mais era, era amolação. Passara o instante do pinto, e ele, cada vez mais urgente, expulsava-nos sem nos largar. Nós, os adultos, já teríamos encerrado o sentimento. Mas nos meninos havia uma indignação silenciosa, e a acusação deles é que nada fazíamos pelo pinto ou pela humanidade. A nós, pai e mãe, o piar cada vez mais ininterrupto já nos levava a uma resignação constrangida: as coisas são assim mesmo. Só que nunca tínhamos contado isso aos meninos, tínhamos vergonha; e adiávamos indefinidamente o momento de chamá-los e falar claro que as coisas são assim. Cada vez ficava mais difícil, o silêncio crescia, e eles empurravam um pouco o afã com que queríamos lhes dar, em troca, amor. Se nunca havíamos conversado sobre as coisas, muito mais tivemos naquele instante que esconder deles o sorriso que terminou nos vindo com o piar desesperado daquele bico, um sorriso como se a nós coubesse abençoar o fato de as coisas serem assim mesmo, e tivéssemos acabado de abençoá-las.

O pinto, esse piava. Sobre a mesa envernizada ele não ousava um passo, um movimento, ele piava para dentro. Eu não sabia sequer onde cabia tanto terror numa coisa que era só penas. Penas encobrimdo o quê? Meia dúzia de ossos que se haviam reunido fracos para quê? Para o piar de um terror. Em silêncio, em respeito à impossibilidade de nos compreendermos, em respeito à revolta dos meninos contra nós, em silêncio olhávamos sem muita paciência. Era impossível dar-lhe a palavra asseguradora que o fizesse não ter medo, consolar coisa que por ter nascido se espanta. Como prometer-lhe o hábito? Pai e mãe, sabíamos quão breve seria a vida do pinto. Também este sabia, do modo como as coisas vivas sabem: através do susto profundo.

E enquanto isso, o pinto cheio de graça, coisa breve e amarela. Eu queria que também ele sentisse a graça de sua vida, assim como já pediram de nós, ele que era a alegria dos outros, não a própria. Que sentisse que era gratuito, nem sequer necessário – um dos pintos tem que ser inútil – só nascera para a glória de Deus, então fosse a alegria dos homens. Mas era amar o nosso amor querer que o pinto fosse feliz somente porque o amávamos. Eu sabia também que só mãe resolve o nascimento, e o nosso era amor de quem se compraz em amar: eu me revolia na graça de me ser dado amar, sinos, sinos repicavam porque sei adorar. Mas o pinto tremia, coisa de terror, não de beleza.

O menino menor não suportou mais:

-Você quer ser a mãe dele?

Eu disse que sim, em sobressalto. Eu era a enviada junto àquela coisa que não compreendia a minha única linguagem: eu estava amando sem ser amada. A missão era falível, e os olhos de quatro meninos aguardavam com a intransigência da esperança o meu primeiro gesto de amor eficaz. Recuei um pouco, sorrindo toda solitária, olhei para minha família, queria que eles sorrissem. Um homem e quatro meninos me fitavam, incrédulos e confiantes. Eu era a mulher da casa, o celeiro. Por que a impassibilidade dos cinco, não entendi. Quantas vezes teria eu falhado para que, na minha hora de timidez, eles me olhassem. Tentei isolar-me do desafio dos cinco homens para também eu esperar de mim e lembrar-me de como é o amor. Abri a boca, ia dizer-lhes a verdade: não sei como.

Mas se me viesse de noite uma mulher. Se ela segurasse no colo o filho. E dissesse: cure meu filho. Eu diria: como é que se faz? Ela responderia: cure meu filho. Eu diria: também não sei. Ela responderia: cure meu filho. Então – então porque não sei fazer nada e porque não me lembro de nada e porque é de noite – então estendo a mão e salvo uma criança. Porque é de noite, porque estou sozinha na noite de outra pessoa, porque este silêncio é muito grande para mim, porque tenho duas mãos para sacrificar a melhor delas e porque não tenho escolha.

Então estendi a mão e peguei o pinto.

Foi nesse instante que revi Ofélia. E nesse instante lembrei-me de que fora a testemunha de uma menina.

Mais tarde lembrei-me de como a vizinha, mãe de Ofélia, era trigueira como uma hindu. Tinha olheiras arroxeadas que a embelezavam muito e davam-lhe um ar fatigado que fazia os homens a olharem uma segunda vez. Um dia, no banco da praça, enquanto as crianças brincavam, ela me dissera com aquela sua cabeça obstinada de quem olha para o deserto: “Sempre quis tirar um curso de enfeitar bolos”. Lembrei-me de que o marido – trigueiro também, como se se tivessem escolhido pela secura da cor – queria subir na vida através de seu ramo de negócios: gerência de hotéis ou dono mesmo, nunca entendi bem. O que lhe dava uma dura polidez. Quando éramos forçados no elevador a contato mais prolongado, ele aceitava a troca de palavras num tom de arrogância que trazia de lutas maiores. Até chegarmos ao décimo andar, a humildade a que sua frieza me forçara já o amansara um pouco; talvez chegasse em casa mais bem servido. Quanto à mãe de Ofélia, ela temia que à força de morarmos no mesmo andar houvesse intimidade e, sem saber que também eu me resguardava, evitava-me. A única intimidade fora a do banco do jardim, onde, com olheiras e boca fina, falara sobre enfeitar bolos. Eu não soubera o que retrucar e terminara dizendo para que soubesse que eu gostava dela, que o curso de bolos me agradaria. Esse único momento mútuo afastara-nos ainda mais, por receio de um abuso de compreensão. A mãe de Ofélia chegara mesmo a ser grosseira no elevador: no dia seguinte eu estava com um dos meninos pela mão, o elevador descia devagar, e eu, oprimida pelo silêncio que, à outra, fortificava – dissera num tom de agrado que no mesmo instante também a mim repugnara:

-Estamos indo para a casa da avó dele.

E ela, para meu espanto:

-Não perguntei nada, nunca me meto na vida dos vizinhos.

-Ora, disse eu baixo.

O que, ali mesmo no elevador, me fizera pensar que eu estava pagando por ter sido sua confidente de um minuto no banco do jardim. O que, por sua vez, me fizera pensar que ela talvez julgasse me ter confiado mais do que na realidade confiara. O que, por sua vez, me fizera pensar se na verdade ela não me dissera mais do que nós duas percebêramos. Enquanto o elevador continuava a descer e parar, eu reconstituíra seu ar insistente e sonhador no banco do jardim – e olhara com olhos novos para a beleza altaneira da mãe de Ofélia. “Não contarei a ninguém que você quer enfeitar bolos”, pensei olhando-a rapidamente.

O pai agressivo, a mãe se guardando. Família soberba. Tratavam-me como se eu já morasse no futuro hotel deles e ofendesse-os com o pagamento que exigiam. Sobretudo tratavam-me como se nem eu acreditasse, nem eles pudessem provar quem eles eram. E quem eram eles? Indagava-me às vezes. Por que a bofetada que estava impressa no rosto deles, por que a dinastia exilada? E tanto não me perdoavam que eu agia não perdoada: se os encontrava na rua, fora do setor que me era circunscrito, sobressaltava-me, surpreendida em delito: recuava para eles passarem, dava-lhes a vez – os três trigueiros e bem vestidos passavam como se fossem à missa, aquela família que vivia sob o signo de um orgulho ou de um martírio oculto, arroxeados como flores da Paixão. Família antiga, aquela.

Mas o contato se fez através da filha. Era uma menina belíssima, com longos cachos duros, Ofélia, com olheiras iguais às da mãe, as mesmas gengivas um pouco roxas, a mesma boca fina de quem se cortou

. Mas essa, a boca, falava. Deu para aparecer em casa. Tocava a campainha, eu abria a portinhola, não via nada, ouvia uma voz decidida:

-Sou eu, Ofélia Maria dos Santos Aguiar.

Desanimada, eu abria a porta. Ofélia entrava. A visita era para mim, meus dois meninos daquele tempo eram pequenos demais para sua sabedoria pausada. Eu era grande e ocupada, mas era para mim a visita: com uma atenção toda interior, como se para tudo houvesse um tempo, levantava com cuidado a saia

de babados, sentava-se, ajeitava com cuidado a saia de babados, sentava-se, ajeitava os babados – e só então me olhava. Eu, que então copiava o arquivo do escritório, eu trabalhava e ouvia. Ofélia, ela dava-me conselhos. Tinha opinião formada a respeito de tudo. Tudo o que eu fazia era um pouco errado, na sua opinião. Dizia “na minha opinião” em tom ressentido, como se eu lhe devesse ter pedido conselhos e, já que eu não pedia, ela dava. Com seus oito anos altivos e bem vividos, dizia que na sua opinião eu não criava bem os meninos; pois meninos quando se dá a mão querem subir na cabeça. Banana não se mistura com leite. Mata. Mas é claro a senhora faz o que quiser; cada um sabe de si. Não era mais hora de estar de robe; sua mãe mudava de roupa logo que saía da cama, mas cada um termina levando a vida que quer. Se eu explicava que era porque ainda não tomara banho, Ofélia ficava quieta, olhando-me atenta. Com alguma suavidade, então, com alguma paciência, acrescentava que não era hora de ainda não ter tomado banho. Nunca era minha a última palavra. Que última palavra poderia eu dar quando ela me dizia: empada de legume não tem tampa. Uma tarde numa padaria vi-me inesperadamente diante da verdade inútil: lá estava sem tampa uma fila de empadas de legumes. “Mas eu lhe avisei”, ouvi-a como se ela estivesse presente. Com seus cachos e babados, com sua delicadeza firme, era uma visitaço na sala ainda desarrumada. O que valia é que dizia muita tolice também, o que, no meu desalento, me fazia sorrir desesperada.

A pior parte da visitaço era a do silncio. Eu erguia os olhos da máquina, e não saberia há quanto tempo Ofélia me olhava em silncio. O que em mim pode atrair essa menina? Exasperava-me eu. Uma vez, depois de seu longo silncio, dissera-me tranqila: a senhora é esquisita. E eu, atingida em cheio no rosto sem cobertura – logo no rosto que sendo o nosso avesso é coisa tão sensível – eu, atingida em cheio, pensara com raiva: pois vai ver que é esse esquisito mesmo que você procura. Ela que estava toda coberta, e tinha mãe coberta, e pai coberto.

Eu ainda preferia, pois, conselho e crítica. Já menos tolerável era o seu hábito de usar a palavra portanto com que ligava as frases numa concatenação que

não falhava.

Dissera-me que eu comprara legumes demais na feira – portanto – não iam caber na geladeira pequena e – portanto – murchariam antes da próxima feira. Dias depois eu olhava os legumes murchos. Portanto, sim. Outra vez vira menos legumes espalhados pela mesa da cozinha, eu que disfarçadamente obedecera. Ofélia olhara, olhara. Parecia prestes a não dizer nada. Eu esperava de pé, agressiva, muda. Ofélia dissera sem nenhuma ênfase:

-É pouco até a feira que vem.

Os legumes acabaram pelo meio da semana. Como é que ela sabe? Perguntava-me eu curiosa. “Portanto” seria a resposta talvez. Por que eu nunca, nunca sabia? Por que sabia ela de tudo, por que era a terra tão familiar a ela, e eu sem cobertura? Portanto? Portanto.

Uma vez Ofélia errou. Geografia – disse sentada defronte a mim com os dedos cruzados no colo – é um modo de estudar.

Não chegava a ser erro, era mais um leve estrabismo de pensamento – mas para mim teve a graça de uma queda, e antes que o instante passasse, eu por dentro lhe disse: é assim mesmo que se faz, isso! Vá devagar assim, e um dia vai ser mais fácil ou mais difícil para você, mas é assim, vá errando, bem, bem devagar.

Uma manhã, no meio de sua conversa, avisou-me autoritária: “Vou em casa ver uma coisa mas volto logo”. Arrisquei: “Se você está muito ocupada, não precisa voltar”. Ofélia olhou-me muda, inquisitiva. “Existe uma menina muito antipática”, pensei bem claro para que ela visse a frase toda exposta no meu rosto. Ela sustentou o olhar. O olhar onde – com surpresa e desolação – vi fidelidade paciente, confiança em mim e o silêncio de quem nunca falou. Quando é que eu lhe jogara um osso para que ela me seguisse muda pelo resto da vida? Desviei os olhos. Ela suspirou tranqüila. E disse com maior decisão ainda: “Volto logo”. Que é que ela quer? – agitei-me – por que atraio pessoas que nem sequer gostam de mim?

Uma vez, quando Ofélia estava sentada, tocaram a campainha. Fui abrir e deparei com a mãe de Ofélia. Vinha protetora, exigente:

-Por acaso Ofélia Maria está aí?

-Está, escusei-me como se a tivesse raptado.

-Não faça mais isso, disse ela para Ofélia num tom que me era dirigido; depois voltou-se para mim e, subitamente ofendida: Desculpe o incômodo.

-Nem pense nisso, essa menina é tão inteligente.

A mãe olhou-me em leve surpresa – mas a suspeita passou-lhe pelos olhos. E neles eu li: que é que você quer dela?

-Já proibi Ofélia Maria de incomodar a senhora, disse agora em desconfiança aberta. E segurando firme a mão da menina para defendê-la, parecia defendê-la contra mim. Com uma sensação de decadência, espiei pela portinhola entreaberta sem ruídos: lá iam as duas pelo corredor que levava ao apartamento delas, a mãe abrigando a filha com murmúrios de repreensão amorosa, a filha impassível a fremir cachos e babados. Ao fechar a portinhola percebi que ainda não mudara de roupa e, portanto, assim fora vista pela mãe que mudava de roupa ao sair da cama. Pensei com alguma desenvoltura: bem, agora a mãe me despreza, portanto estou livre de a menina voltar.

Mas voltava, sim. Eu era atraente demais para aquela criança. Tinha defeitos bastantes para seus conselhos, era terreno para o desenvolvimento de sua severidade, já me tornara o domínio daquela minha escrava: ela voltava, sim. Levantava os babados, sentava-se.

Por essa ocasião, sendo perto da Páscoa, a feira estava cheia de pintos, e eu trouxe um para os meninos. Brincamos, depois ele ficou pela cozinha, os meninos pela rua. Mais tarde Ofélia aparecia para a visita. Eu batia a máquina, de vez em quando aquiescia distraída. A voz igual da menina, voz de quem fala de cor, me entontecia um pouco, entrava por entre as palavras escritas; ela dizia, ela dizia.

Foi quando me pareceu que de repente tudo parara. Sentindo falta do suplício,

olhei

a enevoada. Ofélia Maria estava de cabeça a prumo, com os cachos inteiramente imobilizados.

-Que é isso, disse.

-Isso o quê?

-Isso! Disse inflexível.

-Isso?

Ficaríamos indefinidamente numa roda de “isso?” e “isso!”, não fosse a força excepcional daquela criança, que, sem uma palavra, apenas com a extrema autoridade do olhar, me obrigasse a ouvir o que ela própria ouvia. No silêncio da atenção a que ela me forçava, ouvi finalmente o fraco piar do pinto na cozinha.

-É o pinto.

-Pinto? Disse desconfiadíssima.

-Comprei um pinto, respondi resignada.

-Pinto! Repetiu como se eu a tivesse insultado.

-Pinto.

E nisso ficaríamos. Não fosse certa coisa que vi e que antes nunca vira.

O que era? Mas, o que fosse, não estava mais ali. Um pinto faiscara um segundo em seus olhos e neles submergira para nunca ter existido. E a sombra se fizera. Uma sombra profunda cobrindo a terra. Do instante em que involuntariamente sua boca estremecendo quase pensara “eu também quero”, desse instante a escuridão se adensara no fundo dos olhos num desejo retrátil que, se tocassem, mais se fecharia como folha de dormideira. E que recuava diante do impossível, o impossível que se aproximara e, em tentação, fora quase dela: o escuro dos olhos vacilou como um ouro. Uma astúcia passou-lhe então pelo rosto – se eu não estivesse ali, por astúcia, ela roubaria qualquer

coisa. Nos olhos que pestanejaram à dissimulada sagacidade, nos olhos a grande tendência à rapina. Olhou-me rápida, e era a inveja, você tem tudo, e a cobiça – ela me queria para ela. Devagar fui me reclinando no espaldar da cadeira, sua inveja que desnudava minha pobreza, e deixava minha pobreza pensativa; não estivesse eu ali, e ela roubava minha pobreza também; ela queria tudo. Depois que o tremor da cobiça passou, o escuro dos olhos sofreu todo: não era somente a um rosto sem cobertura que eu a expunha, agora eu a expusera ao melhor do mundo: a um pinto. Sem me verem, seus olhos quentes me fitavam numa abstração intensa que se punha em íntimo contato com minha intimidade. Alguma coisa acontecia que eu não conseguia entender a olho nu. E de novo o desejo voltou. Dessa vez os olhos se angustiam como se nada pudessem fazer com o resto do corpo que se desprendia independente. E mais se alargavam, espantados com o esforço físico da decomposição que dentro dela se fazia. A boca delicada ficou um pouco infantil, de um roxo pisado. Olhou para o teto – as olheiras davam-lhe um ar de martírio supremo. Sem me mexer, eu a olhava. Eu sabia de grande incidência de mortalidade infantil. Nela a grande pergunta me envolvia: vale a pena? Não sei, disse-lhe minha quietude cada vez maior, mas é assim. Ali, diante de meu silêncio, ela estava se dando ao processo, e se me perguntava a grande pergunta, tinha que ficar sem resposta. Tinha que se dar – por nada. Teria que ser. E por nada. Ela se agarrava em si, não querendo. Mas eu esperava. Eu sabia que nós somos aquilo que tem de acontecer. Eu só podia servir-lhe a ela de silêncio. E, deslumbrada de desentendimento, ouvia bater dentro de mim um coração que não era o meu. Diante de meus olhos fascinados, ali diante de mim, como um ectoplasma, ela estava se transformando em criança.

Não sem dor. Em silêncio eu via a dor de sua alegria difícil. A lenta cólica de um caracol. Ela passou devagar a língua pelos lábios finos. (Me ajuda, disse seu corpo na bipartição penosa. Estou ajudando, respondeu minha imobilidade.) agonia lenta. Ela estava engrossando toda, a deformar-se com lentidão. Por momentos os olhos tornavam-se puros cílios, numa avidez de ovo. E a boca de uma fome trêmula Quase

sorria então, como se estendida numa mesa de operação dissesse que não estava doendo tanto. Ela não me perdia de vista: havia marcas de pés que ela não via, por ali alguém já tinha andado, e ela adivinhava que eu tinha andado muito. Mais e mais se deformava, quase idêntica a si mesma. Arrisco? Deixo eu sentir?, perguntava-se nela. Sim, respondeu-se por mim.

E o meu primeiro sim embriagou-me. Sim, repetiu meu silêncio para o dela, sim. Como na hora de meu filho nascer eu lhe dissera: sim. Eu tinha a ousadia de dizer sim a Ofélia, eu que sabia que também se morre em criança sem ninguém perceber. Sim, repeti embriagada, porque o perigo maior não existe: quando se vai, se vai junto, você mesma sempre estará; isso, isso você levará consigo para o que for ser.

A agonia de seu nascimento. Até então eu nunca vira a coragem. A coragem de ser o outro que se é, a de nascer do próprio parto, e de largar no chão o corpo antigo. E sem lhe terem respondido se valia a pena. “Eu”, tentava dizer seu corpo molhado pelas águas. Suas núpcias consigo mesma.

Ofélia perguntou devagar, com recato pelo que lhe acontecia:

-É um pinto?

Não olhei para ela.

-É um pinto, sim.

Da cozinha vinha o fraco piar. Ficamos em silêncio como se Jesus tivesse nascido. Ofélia respirava, respirava

-Um pintinho? Certificou-se em dúvida.

-Um pintinho, sim, disse eu guiando-a com cuidado para a vida.

-Ah, um pintinho, disse meditando.

-Um pintinho, disse eu sem brutalizá-la.

Já há alguns minutos eu me achava diante de uma criança. Fizera-se a metamorfose.

-Ele está na cozinha.

-Na cozinha? Repetiu fazendo-se de desentendida.

-Na cozinha, repeti pela primeira vez autoritária, sem acrescentar mais nada.

-Ah, na cozinha, disse Ofélia muito fingida, e olhou para o teto.

Mas ela sofria. Com alguma vergonha notei afinal que estava me vingando. A outra sofria, fingia, olhava para o teto. A boca, as olheiras.

-Você pode ir pra cozinha brincar com o pintinho.

-Eu...? perguntou sonsa.

-Mas só se você quiser.

Sei que deveria ter mandado, para não expô-la à humilhação de querer tanto. Sei que não lhe deveria ter dado a escolha, e então ela teria a desculpa de que fora obrigada a obedecer. Mas naquele momento não era por vingança que eu lhe dava o tormento da liberdade. É que aquele passo, também aquele passo ela deveria dar sozinha. Sozinha e agora. Ela é que teria de ir à montanha. Por que – confundia-me eu – por que estou tentando soprar minha vida na sua boca roxa? Por que estou lhe dando uma respiração? Como ousou respirar dentro dela, se eu mesma...-

somente para que ela ande, estou lhe dando os passos penosos? Sopro-lhe minha vida só para que um dia, exausta, ela por um instante sinta como se a montanha tivesse caminhado até ela?

Teria eu o direito. Mas não tinha escolha. Era uma emergência como se os lábios da menina estivessem cada vez mais roxos.

-Só vá ver o pintinho se você quiser, repeti então com a extrema dureza de quem salva.

Ficamos nos defrontando, dessemelhantes, corpo separado de corpo; somente a hostilidade nos unia. Eu estava seca e inerte na cadeira para que a menina se fizesse por dentro de outro ser, firme para que ela lutasse dentro de mim; cada vez mais forte à medida que Ofélia precisasse me odiar e precisasse que eu

resistisse ao sofrimento de seu ódio. Não posso viver isso por você – disse-lhe minha frieza. Sua luta se fazia cada vez mais próxima e em mim, como se aquele indivíduo que nascera extraordinariamente dotado de força estivesse bebendo de minha fraqueza. Ao me usar ela me machucava com sua força; ela me arranhava ao tentar agarrar-se às minhas paredes lisas. Afinal sua voz soou em baixa e lenta raiva:

-Pois vou ver o pinto na cozinha.

-Vá sim, disse eu devagar.

Retirou-se pausada, procurava manter a dignidade das costas.

Da cozinha voltou imediatamente – estava espantada, sem pudor, mostrando na mão o pinto, e numa perplexidade que me indagava toda com os olhos:

-É um pintinho! Disse.

Olhou-o na mão que se estendia, olhou-me, olhou de novo a mão – e de súbito encheu-se de um nervoso e de uma preocupação que me envolveram automaticamente em nervoso e preocupação.

-Mas é um pintinho! Disse, e imediatamente a censura passou-lhe pelos olhos como se eu não lhe tivesse dito quem piava.

Ri. Ofélia olhou-me, ultrajada. E de repente – de repente riu. Ambas então rimos, um pouco agudas.

Depois que rimos, Ofélia pôs o pinto no chão para andar. Se ele corria, ela ia atrás, parecia só deixá-lo autônomo para sentir saudade; mas se ele se encolhia, pressurosa ela o protegia, com pena de ele estar sob o seu domínio, “coitado dele, ele é meu”; e quando o segurava, era com mão torta pela delicadeza – era o amor, sim, o tortuoso amor. Ele é muito pequeno, portanto precisa é de muito trato, a gente não pode fazer carinho porque tem os perigos mesmo; não deixe pegarem nele à toa, a senhora faz o que quiser, mas milho é grande demais para o biquinho aberto dele; porque ele é molezinho, coitado, tão novo, portanto a senhora não pode deixar seus filhos fazerem carinho nele; só eu sei que carinho ele gosta; ele escorrega à toa, portanto chão de cozinha

não é lugar para pintinho.

Há muito tempo eu tentava de novo bater à máquina procurando recuperar o tempo perdido e Ofélia me embalando, e aos poucos falando só para o pintinho, e amando de amor. Pela primeira vez me largara, ela não era mais eu. Olhei-a, toda de ouro que ela estava, e o pinto todo de ouro, e os dois zumbiam como roca e fuso. Também minha liberdade afinal, e sem ruptura; adeus, e eu sorria de saudade.

Muito depois percebi que era comigo que Ofélia falava.

-Acho...acho que vou botar ele na cozinha.

-Pois vá.

Não vi quando foi, não vi quando voltou. Em algum momento, por acaso e distraída, senti há quanto tempo havia silêncio. Olhei-a um instante. Estava sentada, de dedos cruzados no colo. Sem saber exatamente por quê, olhei-a uma segunda vez:

-Que é?

-Eu...?

-Está sentindo alguma coisa?

-Eu...?

-Quer ir no banheiro?

-Eu...?

Desisti, voltei à máquina. Algum tempo depois ouvi a voz:

-Vou ter que ir para casa.

-Está certo.

-Se a senhora deixar.

Olhei-a em surpresa:

-Ora, se você quiser...

-Então, disse, então eu vou.

Foi andando devagar, cerrou a porta sem ruído. Fiquei olhando a porta fechada. Esquisita é você, pensei. Voltei ao trabalho.

Mas não conseguia sair da mesma frase. Bem – pensei impaciente olhando o relógio – e agora o que é? Fiquei me indagando sem gosto, procurando em mim mesma o que poderia estar me interrompendo. Quando já desistia, revi uma cara extremamente quieta: Ofélia. Menos que uma ideia passou-me então pela cabeça e, ao inesperado, esta se inclinou para ouvir melhor o que eu sentia. Devagar empurrei a máquina. Relutante fui afastando devagar as cadeiras do caminho. Até parar devagar à porta da cozinha. No chão estava o pinto morto. Ofélia! Chamei num impulso pela menina fugida.

A uma distância infinita eu via o chão. Ofélia, tentei eu inutilmente atingir à distância o coração da menina calada. Oh, não se assuste muito! Às vezes a gente mata por amor, mas juro que um dia a gente esquece, juro! a gente não ama bem, ouça, repeti como se pudesse alcançá-la antes que, desistindo de servir ao verdadeiro, ela fosse altivamente servir ao nada. Eu que não me lembrara de lhe avisar que sem o medo havia o mundo. Mas juro que isso é a respiração. Eu estava muito cansada, sentei-me no banco da cozinha.

Onde agora estou, batendo devagar o bolo de amanhã. Sentada, como se durante todos esses anos eu tivesse com paciência esperado na cozinha. Embaixo da mesa, estremece o pinto de hoje. O amarelo é o mesmo, o bico é o mesmo. Como na Páscoa nos é prometido, em dezembro ele volta. Ofélia é que não voltou: cresceu. Foi ser a princesa hindu por quem no deserto sua tribo esperava.

4.10.1. ANÁLISE

Já no primeiro parágrafo, três ideias fundamentais foram anunciadas e ganharão consistência ao longo de texto: o delicado abismo da desordem, o desconhecimento, o despertar certo e incerto.

1- O delicado abismo da desordem. Em “Amor”, lemos que Ana entra em contato com a íntima desordem. Desordem, na obra clariciana, tem um sentido positivo: o vivo que desarruma a excessiva ordem ressecadora e mortífera com a graça, a beleza, a descontração, as falhas, o contentamento. A palavra “abismo” tempera o tom positivo, lembrando-nos do susto profundo que esse vivo pode nos dar, deixando-nos sem forma, piando, apelando por socorro. Ofélia era atraída pela desordem da vizinha.

2- O desconhecimento: *mal os conheci, mal me conheço, mal vos conheço*. Neste conto, mal conhecer ou desconhecer será a mesma coisa que encobrir, mascarar. Uma defesa contra o susto de viver. A palavra no texto é cobertura: desconhecer é cobrir as dores e potencialidades da vida, do nascimento, do renascimento.

Recusar conhecer é temer a intimidade, prevenindo-se contra a desordem nos outros e em mim. É conduta recatada, reativa e antagonista: é sempre distância de si e dos outros. É disciplina social, comportamento automatizado: deixa um traço de ausência como se tivéssemos sido hipnotizados, um tema forte também em “Os obedientes”. Desconhecer por supor conhecer, é pior que ignorar. É conhecer demais e antecipadamente, sem deixar lugar para a incognoscibilidade dos humanos e do mundo. Eis outro tema forte e que assinalamos também em “As águas do mundo” e em “Menino a bico de pena”: a incognoscibilidade dos outros. O desconhecimento

pode também ser um ato positivo de viver e proteger o mistério dos seres, sua transcendência e irredutibilidade. Este desconhecimento positivo contrasta muito com o desconhecimento defensivo: num caso, desconhecer é viver sem horror a desordem íntima dos seres ou sua ordem incognoscível; aqui, neste conto, desconhecer é evitar toda desordem ou superordenar. Arrumação demais entorpece ou constrange. Em “Mineirinho”, os sonsos essenciais dormem o longo sono. O excesso de ordem da família Santos Aguiar, os seus lemas e o seu irascível isolamento tornava-os soberbos e intimidadores. A menina Ofélia aparece exageradamente adaptada, tão ingênua quanto prepotente. O conhecimento do mundo e dos núcleos irradiantes é como um conhecimento sentido e praticado, um conhecimento que ganha o nosso silêncio antes de ganhar nossa inteligência.

- 3- O despertar certo e incerto: [...] *às vezes acordo do longo sono e volto-me com docilidade para o delicado abismo da desordem.* Despertar é certo: o mundo, os núcleos, o vivo, isto se impõe e chama; inclinamo-nos para isto como que instintivamente; há sempre a hora disso manifestar-se, quando foi recebido ou quando explodiu e furou o longo sono ou o escrúpulo. Despertar é incerto: a pessoa despertada pode estar demais sozinha, pode estar demais desprevenida para o que nunca compartilhou e nunca viveu; isso faz outra vez dormir.

Neste conto, a narradora-personagem, ao ganhar um pinto um dia antes do Natal, lembrou-se de história vivida com uma antiga família vizinha. Havia sinais para adivinharmos o paralelo estabelecido entre a chegada do pinto e a de Jesus menino: a vida que nasce todos os dias, em qualquer data, é também acontecimento extraordinário e merece ser celebrada com silêncio reverente²⁸.

Este conto é como uma fenomenologia do silêncio e sua variação. A palavra “silêncio” aparece dezessete vezes ao longo do texto e não pode passar despercebida.

Há o silêncio suscitado por coisa nascida, um pintinho como Jesus na Manjedoura. Silêncio natalino, um silêncio que assume como que sacralidade e é adoração. Adoração que é a suavíssima curiosidade, a percepção feita de perceber à distância, contemplar.

Há o silêncio desconcertado, ferido pelo pio dos recém-nascidos e dos renascidos. Passada alguma hesitação, este silêncio acompanha olhar, estender a mão e alcançar a criatura. Acolher com atenção o pintinho e Ofélia, importar-se com eles. Abraçar sem machucar. Combinação de distância e proximidade. Tocar, agarrar ou beijar sem desaforo, sem asfixiar ou abafar. Conjugação de respeito pelo objeto e liberdade para o objeto: aquilo que Winnicott ousou designar como uso de objeto e que é a mesma coisa que amor simples e desinibido, uma intimidade solta, o que aqui Clarice Lispector chamou amor livre. Este silêncio é informado pelos sofrimentos da coisa nascida: a insegurança e a vulnerabilidade. Não os sofrimentos acrescidos, mas os sofrimentos que correspondem ao nascimento mesmo, o fato de se ter alcançado a vida, o fato de estar vivo e viver, o assombro e o medo da vida mesma. A vida que dá à luz os vivos também os traz para uma noite: a

---

²⁸ O natal cristão passou a ser comemorado dia 25 de dezembro, como se sabe, data de muitas festas precedentes como o natalis invictis solis (nascimento do vitorioso sol), a saturnalia (festa romana decorrente do solstício de inverno), os cultos solares entre celtas e germânicos. O motivo central era suplicar pelo retorno da luz e do calor do sol, depois do inverno de noites longas e muito frias. A liturgia cristã retoma a ideia e identifica o menino Jesus nascido em manjedoura como o Cristo, luz do mundo, luz dos homens.

incerteza, o risco, a imprevisão. A graça e a fragilidade dos vivos furam os nossos esquemas técnicos de cuidado, nossa ciência e filosofia. Diante deles ficamos ignorantes e modestos. Os vivos vulneráveis reclamam uma franqueza de amor, uma prontidão de estender a mão que confunde nossa bondade comedida, desafiam nossos recalques, incomodam: o silêncio que suscitam pode crescer como embaraço, acanhamento ou aborrecimento.

Há o silêncio envergonhado, surgido da revelação de que nós não nos compreendemos bem, não amamos bem. Amor e compreensão são tão certos quanto sua falibilidade. O silêncio de quem falha pode ser cúmplice involuntário do silêncio soberbo, que assume ares superiores, mede os outros como inferiores e nega que mancamos todos. Muitas vezes, o amor que nos reservamos é só o do “eu”, é boa educação, atenção professoral e repreensão. Há também o silêncio que é consentimento para os mancos e que é como a face muda do perdão.

Há o silêncio entre os pais de Ofélia e a narradora. O silêncio do contato evitado, que os fortificava e a enfraquecia. O silêncio só interrompido pela fala arrogante, defensiva e até grosseira. Um silêncio frio, que força a humildade dos outros e que só se acalma com servilismo.

Há o silêncio ruim entre Ofélia e a narradora. A menina se arroga a verdade, dirige e reprova a mulher, afastando. Neste clima, o seu silêncio é observação da mulher, possivelmente atração pela mulher descoberta, mas de onde sai para julgá-la esquisita.

Há o silêncio da parceria maternal em que a menina, passando como que pelo interior da mulher, usando a branda e firme fiadora, passa perto da coisa viva.

Um texto que nos leva gradualmente por tantas e tão diversas experiências do silêncio, leva a uma cura dos silêncios nos dois sentidos da palavra: os silêncios são apurados e curtidos por várias fases; os silêncios variam de suas formas mais mórbidas para suas formas mais vitais.

Há o pintinho, a coisinha breve e amarela, o encanto de sua pequena aparição: o sinal da vida, a vida mesma, puro acontecimento. Clarice inicia o conto com a imagem do pinto, o vivo desnudado na pequena criatura, só penas cobrindo ossos fracos, o que põe já uma equação: estar vivo, estar desamparado.

Magníficas metáforas trazidas das manifestações e alterações da água: a água deixada leve pelo sol, o vapor d'água; a água enervada, tentando morder uma pedra; a água no pé que mergulha, o que a mim faz recordar o conto “Os obedientes” e os pés também mergulhados, comprometidos e que afundam. Tais imagens são irmanadas às graduais modificações dos sentimentos da narradora e de sua família diante do pinto. Vejo-os comprometidos com a criatura.

Vida vaporosa piando por si própria despertou sentimentos de curiosidade, perplexidade, desamparo e adoração. O marido sentia-se grandalhão diante da delicadeza da vida, o que o estorvava; os meninos aproximaram-se da vidazinha com espontaneidade e abertura; a narradora a contemplou.

Vida enervada e aflita, mordendo, chamando a bondade no marido, nos filhos e na narradora, e levantando ansiedade. A bondade deixou ríspido e severo o marido, crucificado pelo que devia à avezinha; deixou ardorosos os meninos; intimidou a mulher. Nada aplacou o terror do pinto. Inábeis na tarefa de serem bons, os sentimentos aquosos mudaram novamente. Com o coração pesado de um amor que não era mais livre, surgiu o desejo de se responsabilizarem pela vida do pinto.

O medo que o pinto tinha deles os desajeitava. Não sabiam como agir e como serenar o vivente do susto profundo de estar vivo. Cada piar condenava, reduzindo-os à inação. A fragilidade do pinto, reprovando-os, afastava-os, mas mostrava que precisava deles: *expulsava-nos sem nos largar*. Como lidar com o medo da vida? Com resignação envergonhada? Com indignação e acusação do medo alheio?

Estar vivo é angustiar-se: impossível *consolar coisa que por ter nascido se*

espanta. Os meninos idealizaram os adultos na esperança de os pais ou a mãe livrarem o pinto do medo e nos livrarem do medo do pinto, eliminando definitivamente os medos todos.

A vida aparece sob duas formas no início do conto: vida celebrada e vida que se apavora. Prevalece o pavor e a celebração fica inconsistente. O pinto tremia, coisa de terror, não de beleza. Ele piava, não se deleitava, ele era a alegria alheia e não a própria. Alegria alienada: glória de Deus e alegria dos homens, contentamento dos outros. O acento cai não sobre a gratuidade do bem de viver, mas sobre a efemeridade e fragilidade da vida.

Mas então aparece a afirmação de que o horror do nascimento é só resolvido por mãe. Cura pelo amor? As coisas não são tão simples e o movimento anterior do conto não ficou esquecido. Somos então surpreendidos pela fina discriminação de dois amores. Era amar o próprio amor querer que o pinto fosse feliz só porque eles o amavam: é o amor de quem se compraz em amar, revolvendo-se na graça de lhe ser dado amar: *sinos repicavam porque sei adorar*. Persiste a criatura sem cuidados, adorada por este amor que não salva e que se serve dela, amando tanto quanto ignorando.

Há o amor suscitado pelo pinto, natural como ele mesmo, como a vida, como tudo o que é vivo, um amor livre, amor primordial e fluente. O amor primordial é suscitado pela vida primordial e dela participa como fluxo que responde ao fluxo. O amor suscitado quer fluir. Para fluir, pede liberdade. Há o contraponto, quando o amor deixa de ser livre e é obrigação, amor desajeitado, canalizado, formalizado, esvaziado, é a bondade penosa, a responsabilidade pelos outros feita de contida amolação ou do zelo ansioso por mostramo-nos bons. Essa bondade seria como vaidade da pessoa bondosa, como trunfo egótico.

Mas o pinto tremia espantado. A coisinha aterrorizada. Quão breve, efêmera, sem garantia e proteção esta pequena vida. Ele sabia disso do modo como as coisas vivas o sabem: através do susto profundo de ter nascido e viver.

Só mãe e mão resolvem o nascimento, a vida. É um outro amor: amar sem retornar, saindo continuamente de si para outrem, amor que pode passar sem recompensa, solitário, solidário, eficaz. Não sabia como salvar o pinto e a criança, mas disse “sim”, estendeu a mão.

A mãe efetiva, suscitada pelo filhinho amarelo, vivo e desamparado. A mãe retoma o amor livre, acrescido, alterado em amor eficaz, porque orientado pelo objeto e para o objeto, amor centrífugo: é a mãe sem filosofia, sem ciência de como maternar, mas que estende a mão e salva.

Mas então surge outro tipo de mãe, concorrente, a mãe desajeitada que pensa: esperam de mim o socorro para a coisinha viva e que pia; eu tento também esperar de mim mesma, tento lembrar-me de como é o amor; não sei como amar; pode restar-me só o amor do próprio amor, o amor que se compraz em amar o objeto sem alcançá-lo e acalmá-lo. Esta mãe do amor refletido sobre si mesmo, sem objeto, incapaz de salvamento, amor centrípeto, suficiente em si mesmo, sem outro que o fizesse surgir e socorrer. É a mãe que ama sem ser amada: o filho não ama a mãe que encena o amor e não caminha para ele, não o alcança, não cura.

Finalmente, surge a mãe perdoada, um tipo intermediário e plausível: a mãe falível no amor que pratica. O perdão clariciano é geral e é restrito. Quando geral, cai sobre nós todos, sobre cada um: o que é vivo é verdadeiro, é assim; o que é vivo pede a nossa vida, é descoberto e descobre, é assim; o vivo faz tremer, é assim; a gente não ama bem, não nos assustemos muito, é assim. Em sentido restrito, o perdão fica inacessível e os presunçosos não são perdoados. Aqueles que comutaram amor em bondade vaidosa ou infalível sabedoria: desistindo de servir ao verdadeiro, foram altivamente servir ao nada. Os cobertos mentem socialmente e mentem para si mesmos: julgam-se à altura do amor porque são bons; bons em tudo.

O pinto do momento, *trazido por mão que queria ter o gosto de me dar coisa nascida*, lembrou a experiência antes vivida com a família de Ofélia, que vivia sob o signo de um “martírio oculto”: a correção, o êxito, a bondade. E sob o

signo de um “orgulho”: o pai, um homem agressivo, ligado ao destino de subir na vida, combinava dura polidez e a imagem de um lutador arrogante. Forçava a humildade nos outros. A mãe, uma mulher guardada contra o contato, contra a intimidade. Era superprotetora, exigente, opressiva. Afastava vizinhos e, se preciso fosse, falava-lhes com grosseria. Era desconfiada, evitava a proximidade e a conversa como quem evita o abuso. A narradora percebeu beleza na mulher de boca fina, olheiras roxas e aspecto fatigado, acolheu de forma simpática o seu sonho secreto de confeitar bolos. Compreendia no tom soberbo do homem uma história de lutas maiores. Indagava-se agudamente sobre eles e ela. A protetora distância dos outros acompanhava a protetora distância de si mesmos. E isso os fortalecia na encenação de superioridade. O fracasso empurrou a narradora para atitudes de agrado, quase adadoras, e para comportamentos acuados ou submissos. Ela havia franqueado um tanto as barreiras, retribuindo esquivas e rejeição por atenção e respeito.

Não se davam a conhecer: eram *cobertos*. Uma família armada de razões e orientações, habituados ao cotidiano, constantemente dedicados aos dias como a uma guerra. Legião Estrangeira é a expressão que intitulava um ramo do exército francês formado majoritariamente por forasteiros apátridas recrutados em troca de salário e segundo a disposição para tomar como pátria a Legião mesma, o que se fazia muitas vezes acompanhar por uma mudança de identidade. Agiram e agem em nações alheias, geralmente fazendo valer interesses coloniais ou imperialistas. Seus agentes vivem em acampamento militar, aplicando-se integralmente aos serviços do Exército: alimentam-se e banham-se, treinam e descansam, estudam ou jogam, acordam e dormem segundo as funções e tarefas da agenda militar, manhã, tarde e noite, incansavelmente.

A narradora de “A Legião Estrangeira”, mais que vizinha, tivera testemunhado uma família, especialmente uma menina, Ofélia. E talvez tenha sido ainda mais: reservava-lhe uma recepção neutra e paciente; fartava-se da menina, mas geralmente sem retaliação; noutras vezes foi mesmo mãe. Ofélia era autorreferente, invasiva, impondo verdades prontas à vizinha. Mas havia

nela o que a impelia para a casa da vizinha e para a vizinha, algo que parece governado até que um pintinho excita e põe em desgoverno. A casa da vizinha era a casa que abrigava pintinhos; a vizinha era a mulher que recebia pintinhos em casa. Entre o pintinho e a menina, mediados pela mulher, esboça-se uma outra criança cujo desenho, entretanto, fica interrompido.

Na falta de liberdade para o amor suscitado, o impulso, quando não simplesmente comprimido, é liberado com parcimônia e meticulosidade: cobre-se, veste a linguagem e os modos formalizados da bondade medida, recomendada e esperada, a bondade de que se tem a ciência e o protocolo. É a bondade exemplar dos que posam seguros: conhecedores das coisas, conhecedores do bem e do mal, perfeitos, obedientes da bondade, guias: os altivos Santos Aguiar (sábios santos a guiar). Na roda destes conselheiros modelares, a bondade traz prestígio, é amor de quem se compraz em amar e se faz por isso enaltecer.

A família havia produzido uma menina sem meninice, já obediente, precocemente coberta. O pintinho faiscara em seus olhos. A vida no pintinho nascido e na menina renascida aproximara-se dela, o impossível acontecera e fora quase dela. Ela desejou o pintinho. Recuou. Então, o desejo retraído, a menina desejou quem tivesse um pintinho em casa: inclinou-se para a rapina, a inveja – ela me queria para ela, ela queria tudo. Depois de passar a hora contida da cobiça, o desejo voltou e fazia decomposição do adulto precoce dentro dela: como um ectoplasma, ela estava se transformando em criança. Ela estava se dando ao processo. Tinha que se dar – por nada. Teria que ser. E por nada. Ela se agarrava em si, não querendo. Nós somos aquilo que tem de acontecer. Não sem dor: a dor de uma alegria difícil. Arrisco? Deixo eu sentir?, perguntava-se nela.

A narradora, por mais de um meio, sobretudo o silêncio, quer acompanhar, apoiar, favorecer o parto da menina:

(...) Arrisco? Deixo eu sentir?, perguntava-se nela. Sim,

respondeu-se por mim.

E o meu primeiro sim embriagou-me. Sim, repetiu meu silêncio para o dela, sim. Como na hora de meu filho nascer eu lhe dissera: sim. Eu tinha a ousadia de dizer sim a Ofélia, eu que sabia que também se morre em criança sem ninguém perceber. Sim, repeti embriagada, porque o perigo maior não existe: quando se vai, se vai junto, você mesma sempre estará; isso, isso você levará consigo para o que for ser.

A confiança aqui é imensa: levar a criança a abandonar-se à vida, à água viva, sem diluição, altera o eu que, ao contrário de afogar, vai respirar. Vai respirar como não respirava. Num mesmo lance, vai voltar a respirar a vida, o outro e a si mesmo. Confiança, afinal, exagerada, mais que materna. Um sim embriagado, um sim embriagante. Algumas vezes na obra clariciana, o sim à vida é excessivo, é embriaguez, sem apreciar o equilíbrio entre o vivo e os núcleos, sem lamentar a explosão dos núcleos, sem atinar com o problema da despersonalização, sem respeitar o medo da despersonalização. A vida é uma alegria difícil e por isso, a cura pelo vivo não se faz levianamente, sem os núcleos, sem a mediação de uma mão materna.

O grau de confiança é tamanho que ela chega a afirmar que não há perigo, ideia que tanto contrasta com outras neste mesmo texto ou com as de outros textos claricianos, onde ficam acentuados os riscos de viver: a vertigem, a desorientação, a extrema neutralização do eu, o isolamento social.

Assumir a vida, retomar o nascimento, assumir um “corpo molhado pelas águas”, pede abandono de um corpo “antigo”. A família Santos Aguiar é designada como família “antiga”, longamente curtida pelo orgulho e pela disciplina. O corpo antigo não é simplesmente o corpo anterior, mas um corpo longamente ressecado pela obediência, envelhecido e constrangido pela subordinação a um eu autoritário, que aconselha com superioridade e certeza, impingindo opiniões e procedimentos esquematicamente formados sobre tudo.

Quem está habituado a um eu superiorizado, poderá sofrer o renascimento como decomposição, deformação. Assumir o corpo renascido, o corpo vivo, também implica um segundo nível de agonia: a vida de quem renasce é sentida em terceira e primeira pessoa, “o outro que se é”. Assim, quem está habituado a um eu superconsciente pode sofrer o renascimento como alienação. O medo da vida aparece como medo de despersonalização. E contra isso é que a narradora, como uma mãe, desejava assegurar Ofélia: o outro, quando vivo, ascende um outro em mim, um eu também vivo; quando o eu fica vivo, sou eu.

Entre o vivo e o eu, a obra traz diversos destinos para a experiência: antagonismo, separação, confusão, comunicação. Há o vivo devorador dos núcleos, como vimos em “A geleia viva como placenta”, “Amor”; há núcleos imunes, sem desaparecerem com a proximidade do vivo, como em “A festa do termômetro quebrado” e “Encarnação involuntária”, onde também podemos encontrar o eu que se retira para dar passagem à vida, o eu que revive ao dar passagem à vida (um eu que, ganhando a vida do mundo, comuta-se num eu muito maleável, alcança o dom de se desmanchar sem desintegrar-se e extinguir-se). O eu derrotado pela vida, o eu eliminado, como em “Mineirinho”; o eu visitado pela vida mas sem condições para recebê-la em sua casa, como em “Menino a bico de pena” e “Os obedientes”; o eu superado, como em “As águas do mundo” e “Perdoando Deus”, como a narradora e vizinha deste conto, o eu corajoso.

A Ofélia de Clarice deveria dar sozinha o passo. Sozinha? Não se tratava de obrigar o passo, certamente: é penoso o passo, mas não se deve empurrar. Os passos praticados por obediência forçada dão qualquer coisa menos a vida. A vida, para ser encontrada, pede naturalidade. Como esperar naturalidade na pessoa sozinha? Como a encontraremos relaxada quando o vivo parecer ameaça de queimar, afogar, aterrar, arrastar, pulverizar, diluir, enterrar, estourar? Não apontava Winnicott que só pela sensível proximidade de alguém, pela terna mão, pela suave ou encorajadora voz é que uma criança, sem estar só, pode ficar sozinha? Entrar em não-integração sem entrar em desintegração,

desarticulação, explosão da personalidade. A ternura é o que a narradora oferece à Ofélia. Também severidade de quem reconhece que há perigo. O perigo da sensual onda da vida despertada pelo pintinho. O perigo do pintinho ele mesmo. O perigo das criaturas vivas que, núcleos isentos, separados, podem reagir como feras contra a intrusão de quem os deseja. E porque há perigo, há medo. E porque há medo, mas medo da vida, sendo vida o que está em jogo, é preciso desafiar a menina à coragem: salvá-la no estado de emergência para onde foi trazida ingênua pelo pinto.

- Um pintinho? Certificou-se em dúvida.

- Um pintinho, sim, disse eu guiando-a com cuidado para a vida.

- Ah, um pintinho, disse meditando.

- Um pintinho, disse eu sem brutalizá-la.

*Já há alguns minutos eu me achava diante de uma criança.
Fizera-se a metamorfose.*

(...)

- Você pode ir pra cozinha brincar com o pintinho.

- Eu...? perguntou sonsa.

- Mas só se você quiser.

(...)

(...) Era uma emergência como se os lábios da menina estivessem cada vez mais roxos.

- Só vá ver o pintinho se você quiser, repeti então com a extrema dureza de quem salva.

Segue uma impressionante descrição psicológica da parceria que, no socorro, se faz entre criança e adulto. A experiência é profunda e paradoxal, feita de separação e feita de uso da mulher pela menina. A experiência lembra o parto e foi mesmo anunciada como um parto:

Ficamos nos defrontando, dessemelhantes, corpo separado de corpo; somente a hostilidade nos unia. Eu estava seca e inerte na

*cadeira para que a menina se fizesse por dentro de outro ser, firme para que ela lutasse dentro de mim; cada vez mais forte à medida que Ofélia precisasse me odiar e precisasse que eu resistisse ao sofrimento de seu ódio. Não posso viver isso por você – disse-lhe minha frieza. Sua luta se fazia cada vez mais próxima e em mim, como se aquele indivíduo que nascera extraordinariamente dotado de força estivesse bebendo de minha fraqueza. Ao me usar ela me machucava com sua força; ela me arranhava ao tentar agarrar-se às minhas paredes lisas. Afinal sua voz soou em baixa e lenta raiva:
-Pois vou ver o pinto na cozinha.
-Vá sim, disse eu devagar.*

Termos negativos descreveram experiências positivas, assumindo emprego inesperado e revelador: hostilidade, secura, ódio, frieza, fraqueza, machucar, arranhar, raiva. A hostilidade une e separa, permite a ajuda e impede a ajuda infantilizadora, impede a conquista vicária e atíça a conquista autêntica. A secura, a frieza, são cirúrgicas: são para garantir na menina hostilidade necessária à coragem e também para suportar o ódio da menina. O ódio que surge na menina como quem quer dispensar e transferir a tarefa, torna-se alavanca da tarefa. A fraqueza da mulher, o seu despojamento, sua participação mais psicológica que ostensiva, o fato de mais sofrer do que agir ou o fato de sofrer ativamente (esta, aliás, é a própria definição de paciência), é o que apoia e alimenta a força e a ação da menina.

A menina então manifesta seu amor, seu tortuoso amor, vai com mão torta segurar o pintinho. Não foi isso isoladamente o que o matou.

A menina voltou a disfarçar sua insegurança e sua ignorância de amor, voltou a dizer coisas como “não deixe”, “é grande demais para ele”, “a senhora não pode deixar seus filhos fazerem carinho nele; só eu sei que carinho ele gosta”, “ele escorrega à toa, portanto chão de cozinha não é lugar para pintinho”, incorrendo no amor do amor que perde o objeto. E os poderes da pequena criatura viva sobre a menina defendida e ávida talvez tenham sido superestimados pela mulher: a menina foi prematuramente deixada a sós com o pinto.

A vizinha desejou que Ofélia retornasse e recebesse o perdão. A mulher

queria falar ao coração recriminado da meninazinha que havia quase emudecido: a gente não ama bem, a gente às vezes mata por amor. A mulher queria alcançar Ofélia, trazê-la como que pela mão de volta à vida e às criaturas vivas, consolada, confiante²⁹.

Queria tê-la avisado que “sem o medo havia o mundo”, frase que se faz entender por muito modos:

- ❖ o mundo excede o mundo construído e encolhido pelo medo;
- ❖ quando se vence o medo, a coragem traz o mundo;
- ❖ o mundo vem, é mais antigo e mais tenaz que a criatura amedrontada;
- ❖ o mundo sobrevive à nossa falta de jeito;
- ❖ o mundo amedronta; ao que a mulher acrescenta: “Mas juro que isso é a respiração.”

A mulher queria alcançar Ofélia antes que a menina fosse outra vez coberta pela altivez vazia. Mas Ofélia não retornou para o perdão e para o mundo: cresceu e foi ser no deserto a princesa que sua tribo esperava.

Em Clarice Lispector, a vida se mostra descrita como desejo, nada que se pudesse reduzir à pobre descrição funcionalista: um nível persistente de forma, energia, funcionamento e reprodução, no indivíduo e na espécie. A vida clariciana como desejo é uma inclinação para o outro, para o mundo, para as criaturas em redor. A vida clariciana, como desejo, é abertura. Entrar em abertura é ingressar na perigosa zona do desejo: quanto mais o desejo é chamado do *vivo* aos *vivos*, mais aumenta o sentimento de escorrer liquefeito ou afogar inundado; quanto mais o desejo é impulso dos próprios *vivos* em direção ao *vivo*, mediado por *vivos*, mais está presente o sentimento de um núcleo mercurial, também líquido masseparado, isento, íntegro.

Inclinando para o objeto, o desejo traz alteração de orientação e alteração de corpo, o corpo se estende e faz aliança com outros corpos e com lugares

---

²⁹ É o mesmo perdão que, no livro infantil *A mulher que matou os peixes*, uma mãe pede às crianças depois de confidenciar ter esquecido de alimentar o aquário dos filhos, encontrando mortos os peixinhos.

onde a vida pode correr e descansar como em colo ou berço para o eu nascido e renascido do mundo. A zona do desejo é turbulenta. A suave turbulência, a orientação para o objeto, a continuada inclinação para fora de si, faz a pessoa querer o objeto e querer a si mesma como objeto. O leitor demais agarrado a si mesmo como objeto pode não compreender Clarice Lispector.

Nas zonas de alta turbulência, o objeto é perdido, mas não a orientação para fora, e a continuada inclinação para fora de si, agora sem a imantação de um objeto. Ainda mais agitada, a pessoa isolada, sem parceiros ou lugares, sente desorientação, fragmentação ou desaparecimento do corpo e da pessoa: a pessoa existe, mas não sente sua existência pessoal, sente sua vida como um fluxo anônimo e despersonalizado. O leitor turbulento pode não suportar a leitura de Clarice Lispector.

Não pretendemos julgar as condições subjetivas da tolerância e aproveitamento da leitura da escritora. O texto clariciano é feito de giros vitais, o que em quase todas as vezes implicou exames do mundo, dos núcleos, e de diferentes apresentações de mediadores dos giros, parceiros e antagonistas do desejo, humanos e não-humanos. Bastará de alguns leitores algum testemunho de que lendo, giraram também.

É o desejo que repõe Ofélia em corpo e alma de criança e a orienta para um pintinho. A menina se apresentava como um adulto antecipado e fechado, mas sentia uma estranha e incontida atração pela desordem da vizinha, seja por prazer em ordená-la, seja por necessidade de desarrumar-se. Ofélia também foi atraída pelo pintinho, abriu-se, mas voltou ao fechamento: este fechamento é também desejo, o desejo amortecido e introvertido e que representa o afastamento ou a perda do mundo, preparando nossa falta de jeito com as criaturas. Não mais levada pelo objeto e para o objeto, uma criatura que, ao dominar o objeto com fórmulas de conhecimento e de abordagem, estrangulou o objeto e a atração do mundo.

*****

5-DEPOIMENTOS

5.1 – CAMILLE

Entrevistadora: Como já mencionei antes, esta entrevista tem o objetivo de colher experiências de leitores de Clarice Lispector, a experiência da leitura marcante de Clarice Lispector, suas leituras da obra da escritora. Vou dizer algo que vai entender. antes de tudo, quero colher memórias da sua experiência de leitura. mais que ideias ou afetos, colher lembranças suas. A memória vai naturalmente conduzir opiniões, sentimentos, mas vamos em busca da memória mesma. Memória é revelação do passado e, ao mesmo tempo, sua expressão e elaboração, então, tudo vai interessar muito, tudo o que você lembrar. você entendeu, né, é a memória que nos deve guiar!

Você lembra a primeira vez que entrou em contato com um texto de Clarice Lispector?

Camille: Eu lembro, é uma coisa que eu acho meio impossível a gente esquecer, né? Na verdade, eu tive um primeiro contato, não muito agradável, quando eu era adolescente. No ensino médio, a gente tem aquelas listas de vestibular, enfim, eu fui ler **Perto do coração selvagem** por solicitação da professora. Eu não entendi nada, achei estranhíssimo e esqueci que Clarice Lispector existia. Fui pro cursinho de vestibular, fiz quatro meses e lá a professora de literatura, encantadora, ela recitava os poemas de vários autores e também dizia trechos em prosa. Eis que ela apresenta pra mim **A paixão segundo G.H.** assim, de uma maneira belíssima. Ela narrou um trecho muito significativo da obra que é aquele momento que ela encontra o desejo de manducar da massa branca da barata etc. e tal. Eu fiquei com aquilo na mente. Saí dali, eu tinha meus dezessete anos, eu saí dali e fui comprar o livro. E aí comecei a ler a Clarice que conheço até hoje. Então, foi uma

experiência muito singular. A primeira se apagou mesmo porque não significou. Então essa memória, essa elaboração que você falou muito bem...Acho que assim o que eu consigo elaborar hoje é essa primeira leitura, que foi importante, de um estranhamento, de um prazer ao mesmo tempo. Bem clariciano, né?

Entrevistadora: Você poderia lembrar outros textos que já leu da autora?

Camille: Olha, nesse tempo de convívio com a Clarice, que não é muito pouco né, comecei a trabalhar com ela com dezoito anos, enfim são vinte, vinte e um anos que eu trabalho com a Clarice. Eu gosto muito dos contos. Tive um contato com “O Búfalo” muito significativo. Também de pensar o que é o espanto dessa narradora: sempre diz as coisas mais banais do mundo e da vida não é? Isso me marcou bastante quando eu encontrei “O Búfalo”. Essa voracidade, essa ferocidade tá muito presente na obra da Clarice. E também não posso deixar de citar, acho que é uma coisa que todo mundo passa, pelo conto “Amor”, que é a experiência da Ana que é de novo de voracidade, uma coisa muito presente na obra dela. E depois, eu nunca gostei das crônicas da Clarice. Só que é assim, eu acho que os desejos às vezes vêm assim: escondidíssimos. Eu fui fazer meu mestrado sobre as crônicas de Clarice. De repente, me apareceram textos que me diziam assim: “bom tá na produção da crônica clariciano toda a tônica da obra como um todo né? Então acho, todos eles recolhem, de certo modo, várias modalidades, várias temáticas, enfim. E aí eu trago essa experiência também de crônica, como um “não” que me dei, mas era um “sim” muito velado, talvez com medo de até descobrir a proporção da obra da Clarice em pequenas coisas e aí eu vim com essa ideia pro trabalho de mestrado. Eu fiquei muito feliz de ter, assim, ser agora leitora das crônicas da Clarice.

Entrevistadora: Você já leu todos os romances da Clarice? Tudo?

Camille: Eu li, menos um que eu digo e assumo; que eu falo aos meus alunos, falo nas bancas que eu vou. Inclusive, fui numa banca sobre esse livro, certa vez. Eu li mal, então eu digo que não li, que é **O lustre**. Ele me incomoda, não sei o que

acontece se eu o acho chato, se acho estranhíssimo, não sei o que te falar sobre isso. Mas é uma leitura que não fiz, foi...direitinho, bacana... foi de **O lustre**.

Entrevistadora: Destas obras lembradas, há alguma que a tenha tocado especialmente? Você se lembra? Poderia falar disso?

Camille: É, eu continuo dizendo assim que **A paixão segundo G.H.** é o meu livro incômodo, e meu livro apaixonado, porque eu acho que tudo o que a gente entende pouco, a gente continua buscando. Então é um livro que eu leio, releio e é a tônica do meu trabalho agora para o doutorado. E acho, ali também, um ponto crucial da obra da Clarice, como uma questão que eu defendo que é do modo de escrituração dela, né, essa narrativa, esse desejo: “só serei se eu narrar”, “não consigo ser sem a palavra”. Enfim, não que eu ache que Clarice tenha uma crença na palavra muito grande, eu acho que muitas vezes ela sabe que a palavra não dá conta e por isso que ela persegue tanto, né? Então, acho isso em G.H.: me pontua o caminho da escritura dela. Você pode voltar pro **Perto do coração selvagem**, ir até **A hora da estrela**, você vai ver ali a visão nuclear da obra da Clarice. Como experiência estética, e como experiência emocional, posso dizer que **A paixão segundo G.H.** é meu incômodo assumidíssimo.

Entrevistadora: Pessoalmente, como essa obra te tocou?

Camille: Bem, eu acho que todo mundo tem um pouco de medo de comer o impuro, fazer travessias tão difíceis, enfim, é como se eu comparo a G.H. um pouco com a travessia também na análise, ou na vida. Você tá de um lado da margem e tem outra mulher do outro lado que é você mesma e essa barata, essa metáfora... e você precisa tocá-la e trocar essa pele nossa antiga e pôr aquela pele que tá do outro lado da travessia, ter essa coragem de tecer as coisas mais inimagináveis de si mesma, né? Não é nem do “eu mesmo”, é do “si mesmo”. Então, eu acho que G.H. me faz isso. Então, me põe pra caminhar, pra entrar em contato absoluto com as coisas mais indesejáveis que eu gostaria de saber até que há em mim e que preciso elaborar, que preciso... enfim...

Entrevistadora: Estas experiências relacionadas aos textos de Clarice Lispector modificaram sua maneira de sentir, perceber e pensar?

Camille: Sim, eu negava isso, sabe, eu dizia: “imagine, eu não tenho nada de clariciano”, no sentido não do termo, como se fosse uma ONG clariciana. Não, não é nada disso! Eu acho que percebo a vida, e sou grata por isso, depois de conhecer Clarice. Porque a gente tem uma mania muito grande, eu acho, de querer abraçar as grandezas do mundo, as coisas gigantescas e tal e esquece de olhar a poeira das coisas, as coisas pequenas e saber que nelas estão as pulsões mais significativas da vida. Então, eu acho que as obras da Clarice olham pras coisas menores, no sentido de detalhes, de delicadezas, de momentos de espanto. Não precisa de grandes acontecimentos. Ela fala das empregadas domésticas, ela fala das que são esquecidas pela sociedade, numa profissão só braçal, e não é, elas têm o seu ganho de humano na obra da Clarice. Ela fala das coisas que ela vê numa rosa, lembro agora o conto “A imitação da Rosa”; ela fala de coisas que a gente não olha, para as quais a gente não dá importância, muitas vezes, e dali, ela acha que diz assim: “olha, a vida tá mais aqui do que lá!” Lembrei do conto da Carla que ela sai do cabeleireiro e vai entrar naquele carro luxuoso e tal, “A bela e a fera” e ela mostra que não é aquilo que tem que se ver, a vida não tá naquilo aqui, tá na ferida, no cego, enfim...Então, eu acho que mudou, então eu tenho uma visão, eu digo, às vezes, infelizmente árdua, mas assim com alegria: a Clarice nunca me deu tristeza na leitura. Muita gente diz que ela é melancólica, eu não sinto esse peso na obra da Clarice, muito pelo contrário, eu sinto uma leveza porque ver as coisas mais difíceis significa aprender a ver, aí você pode ver as coisas com mais leveza. Então, eu não tenho essa coisa de “Clarice me deixa pesada”, muito pelo contrário! Acho que ela me ensinou, eu sou grata, muito grata!

Entrevistadora: Essa memória inicial que você teve de dificuldade não ficou registrada, você acha que a primeira experiência mesmo foi depois que você foi reapresentada?

Camille: Sem dúvida! Porque não li o livro, né? Quer dizer, eu olhei, não entendi, não dei importância. Não tinha maturidade, acho, não tinha percepção. Eu olhei pra aquilo, falava: “quem é essa moça que narra o pai, a máquina, o tique-taque, não entendia nada, né? E deixei pra lá, isso porque sempre fui uma boa leitora sim, sempre fui curiosa pra ler, mas aquela obra significou pra ler..., não era o seu momento, não sei se a professora introduziu de uma maneira errada, também que nos afasta da leitura. Então, eu não registrei esse negativo de jeito nenhum. Eu fui registrar mesmo a partir de G.H., lá pros meus dezessete.

Entrevistadora: Você acha que Clarice é uma escritura de leitura exigente?

Camille: Eu acho. Não porque ela seja difícil, mas justamente, como eu disse agora, porque ela te exige a simplicidade das coisas e o ser humano não está acostumado com esse olhar, né, ele não acha que deve olhar pras coisas simples da vida. Ele deseja e verbaliza isso, não... quando ele entra em férias, por exemplo, eu vou passear, caminhar, mas ele tá fazendo isso talvez com um pouco de mascaramento e sem muita verdade nas coisas simples. Então, eu acho que ela exige sim, que você se confronte com uma barata, com uma coisa que seja uma metáfora da absoluta verdade da vida, absoluta simplicidade das coisas que significaria, talvez a alma selvagem das coisas, né? Eu acho que Clarice procura dizer pra gente: “olha a nossa natureza selvagem foi podada, foi castrada, foi de algum jeito domesticada demais e vamos então voltar a olhar isso!” E eu acho que para olhar isso não é fácil, é muito difícil, então ela é exigente sim!

Entrevistadora: Você diria que Clarice foi ou é uma autora importante para você? Apelo, agora para um balanço, não só para a memória.

Camille: É, eu acho que ela é, será sempre, no sentido de...nenhuma paixão obliterada sabe, se a gente, se a pessoa tem...que eu não gosto de nomeações de especialistas nisso, de apaixonados, eu acho que tento ser, pelo menos, uma leitora assim entregue, no sentido de saber o que significa estar na companhia dessa escritora, né? Então, eu acho que ela será porque ela é em vários campos, vários, assim, no campo da estética, na literatura, ela é uma escritora que

realmente, pra mim, a maior escritora brasileira, no sentido do que ela faz com o texto, o discurso, a linguagem, a modulação da narração que ela tem, o trabalho e a consciência da linguagem que ela apresenta. Não to dizendo que outros não sejam tão importantes, muito pelo contrário, mas eu acho que ela, como poucas escritoras, ela percebe o ritmo do que é ter o discurso nas mãos e o que é ter aquilo com elaboração das experiências da vida e tudo o mais. Não é confessional, não acho confessional a obra da Clarice. Ela não tá ali pra dizer de experiências, então: “agora eu vou escrever, como um diário de dona-de-casa”, que ela até fazia questão de dizer, é uma dona-de-casa escritora. Completamente consciente do discurso. Então, nesse campo, eu acho, ela é ultra-significativa. No campo do afeto, é o que eu disse, ela me faz aprender melhor as coisas, ver a vida de maneira muito mais interessante, desafiadora mesmo, angustiante evidente, abismal. Você caiu numa espiral quando você está lendo, mas tem que agradecer por cair na espiral e não ficar na coisa assim morna, na coisa do cotidiano. A vida não é isso! E no outro campo, da amplitude da obra mesmo, das temáticas, quer dizer, ela fala de muitas coisas o que significa o humano e a literatura como uma obra que diz do humano. Acho que é por isso, em várias frentes, você pode dizer que ela é a D. Clarice, né, não tem jeito!

Entrevistadora: O que a leitura lhe trouxe foi algo muito pessoal, não é mesmo? Mas, ainda assim, o que ela lhe trouxe poderia trazer a muitos leitores, a quaisquer leitores? O que você diria que os textos de Clarice fazem, em geral, com os leitores?

Camille: Olha, essas experiências são tão interessantes, porque como professora você leva e eu sempre dou um jeito de colocar a Clarice no programa, às vezes não tem nada a ver, em tese, porque a literatura amarra com qualquer área. E eu acho se as pessoas conhecessem um pouquinho melhor a obra da Clarice, enfim, ler literatura boa, né, uma literatura que é literatura mesmo. Não deixar de ler o entretenimento, não deixar de ler o que deseja, o que tem por gosto, mas descobrir essa área da estética literária, uma experiência assim sem limite nenhum. Eu acho que o que ela faz com o leitor que se permite. Na abertura do

G.H., ela diz que os leitores deveriam ser aqueles de alma já formada, né, isso todo mundo até se refere, mas eu acho que essa alma formada é a alma formada que é aquela dos olhos livres, né, aquela do olhar aberto, da alma sem medo de conhecer estranhezas. Então, se as pessoas se permitissem a ler, eu acho que seria uma experiência arrebatadora, né, no que tem de aprendizagem ali na obra da Clarice e acho que assim ela poderia puxar outras leituras da Literatura. Então, você vai ler Clarice, depois você vai ler Guimarães, você vai ler (...) autores que até lembrei de Lúcio Cardoso. Não acho que seja, mas que era uma das paixões claricianas, na escrita e da pessoa. Por que não descobrir outros autores com ela também? Ela cita muitas coisas, das crônicas, ela cita pessoas Katherine Mansfield, ela vai citando autores, então a leitora Clarice aparece na obra da Clarice, portanto, ler Clarice é experimentar outros leitores também. Você pode passear por esse campo de riqueza, ela negava: “eu não sou grande leitora”, é mentira! Tá na obra dela as leituras nas epígrafes, nas citações, em algumas crônicas ela não põe aspas “eu não sei quem escreveu isso, mas eu vou pôr porque é bacana”. Você vai se obrigando a ser um leitor mais atento também. Então, eu acho experiência de leitura é abrir. Ela abre.

Entrevistadora: Você acha que o leitor, qualquer leitor, seria capaz de entrar em contato com essas questões se começasse a ler Clarice?

Camille: Eu gosto de acreditar que o sujeito humano tem essa potencialidade interna, seja ele um doutor, pós-doutor, ou seja, de pessoas como a gente que é curiosa, de ler tudo mas...enfim, eu acho que sim, mas acho também como em toda a experiência na vida, não só de leitura, a pessoa precisa estar aberta à experimentação, a alma dela é uma grande experimentação, diferente de uma experiência qualquer. Eu acho que é uma experimentação, acho que é uma espécie de mergulho interno, sem ser só intimista também, porque tenho que ter ressalvas: “ah, ela é uma escritora feminista, intimista” (...) Não! Ela é uma escritora completa não tem nomeação, não cabe em fôrmas. Então eu acho que qualquer escritor pode e deveria se permitir ver a Clarice e ver a vida com mais cor, seria bem legal. Ah, se fosse assim, tá bom!

Entrevistadora: Uma visão otimista. Você queria acrescentar alguma coisa, além de algo que eu não perguntei, que te ocorreu em alguma pergunta. Você gostaria de acrescentar, de esclarecer uma memória, um sentimento?

Camille: Eu acho que era legal, sinceramente, é muito (...) legais essas suas pontuações e tal. Eu acho que tá na hora das pessoas verem a Clarice com menos peso. As pessoas falam na entrevista, falam que é uma escritora, é dura, é árdua, sim, porque tem que ser, porque o bom escritor é, seja ele falando de, sabe, lembrei aqui do **Sertão**, seja ele falando de Itapira, os incômodos são os mesmos porque a Literatura tá aí para desajustar, não tá aí para acertar em nada, porque ela fala da falta, eu lembro da Leyla Perrone-Moisés sempre dizendo isso, eu acho bárbaro, é uma dupla falta. Nasce dessa falta dupla do sujeito, da escritura, enfim. Ela não tá ali pra agradar ninguém, no sentido de (...) porque aí entramos no eixo do entretenimento. Mas eu acho que tá na hora da gente olhar Clarice um pouco com mais cor mesmo, ela tem um humor incrível das coisas, enfim. Até a professora Olga de Sá estava fazendo um levantamento do humor na obra da Clarice. Eu nem sei que pé anda esta pesquisa, que achei muito legal. Então, a gente precisa olhar Clarice com menos peso. Todo mundo fala que quem estuda Clarice é melancólico, é triste e tal. As tristezas, as melancolias são do sujeito humano, não vêm da obra. Você pode até se achar ali de um modo. Eu acho bem legal que você esteja indagando, inquirindo essa memória da experiência de ler Clarice. Como é pra cada um. Depois eu tenho muita curiosidade de ver tudo isso.

Entrevistadora: Algum outro conto que você queira citar que tenha passado despercebido nas outras questões, que você acha importante na sua experiência? Você citou o “Búfalo”, “Amor” (...)

Camille: “A bela e a fera”, “A ferida grande demais”. Eu acho assim também, uma outra questão, muito legal, está na “Felicidade Clandestina”, que inclusive, ali, eu falei dela falando de outros leitores. É um conto que trapaceia tanto a gente, porque ela vai falar do desejo da menina em ler **Reinações de Narizinho** do

Lobato e em nenhum momento ela diz o que tem lá dentro, né, ela não conta, não fala, ela procura, procura, ela tem a pulsão de um desejo de pertencer, no sentido de querer aquela obra pra si. Quando ela a tem, ela não lê, ela vai adiando a leitura, ela lê pequenas páginas maravilhosas, ela diz. E no final, ela fecha o conto sem dizer qualquer assunto sobre esse livro. Então, o que faz com o leitor mais atento? Eu vou a **Reinações**, eu vou a Lobato! Ela sabe como puxar e como dizer o caminho da estética literária, da leitura literária. Então, é mais um exemplo, acho muito legal dessa escritora que passeia sem fronteiras ou com fronteiras móveis por todo o lugar da Literatura. Eu lembro dele agora porque eu falei das leituras que ela cita, mas a gente tem uma infinidade. Por exemplo, acho interessante a primeira crônica de **A Descoberta do mundo** que é “A criança chata”, e a crítica toda dizia até há um tempo atrás, que ela não tem consciência social e que vai aparecer só com **A hora da estrela**. Primeiro que ter consciência social é ter consciência do humano. Então, ela tem na obra toda, eu acho. Segundo, que nesse “A criança chata”, a criança que chora de fome, ela fica indignada, ela fala da ira que ela sente ao ver aquilo, então você abre uma coletânea de crônicas com uma pontuação super preocupada com a condição humana no social, nas suas questões econômicas etc e tal. Enfim, se a gente parar de olhar os estereótipos, as nomeações (...) eu estou falando da obra da Clarice porque estamos falando de Clarice, mas vários outros escritores sofrem, como ela, o mesmo problema! Eu acho que a gente vai aprender um pouquinho mais e ver que a Literatura não tem um ponto único. O bom escritor fala de todas as coisas do humano mesmo. Lembrei também dessa que acho bem legal!

Entrevistadora: Ótimo! Obrigada, Camille!

Camille: Obrigada eu!

5.1.1 ANÁLISE

Camille chamou a atenção para a consciência social na obra clariciana, que não aparece apenas em **A hora da estrela**, mas está presente em toda a obra da autora. Afirmou assertivamente: ter consciência social é ter consciência do humano. A leitora foi enfática, acentuando que Clarice Lispector, quando traz sua atenção para os pobres, os famintos, os excluídos, os esquecidos, os invisíveis, os deficientes, alcança-os todos como gente atingida pelas grandes questões humanas. E, realmente, podemos lembrar quanto os desajustados, os isolados, os malucos, os bizarros, ganham a simpatia da escritora, especialmente quando os percebe livres para a vida ou reflexivos. Neles a escritora testemunha ou concebe gestos, sentimentos, anseios e pensamentos vitais, desprendidos da conduta média, das opiniões médias e da obediente ausência de perplexidade perante a vida fora e dentro de nós. Lembremos justamente de Macabéa e suas perguntas ou observações, menos ingênuas do que desconcertantes, concebidas pela escritora com inequívoca ternura e seriedade, sobriamente, sem nenhum rasgo de pieguice.

Camille, tendo o “Búfalo” e “Amor” em mente, diz ali encontrar e apreciar a voracidade, a ferocidade. Estão muito presentes na obra, opina ela. Mas inicialmente aconteceu desta leitora evitar as crônicas de Clarice Lispector, até que nelas percebeu aqueles momentos de espanto com as coisas pequenas: detalhes, delicadezas, a poeira das coisas como fonte dos impulsos mais significativos da vida. O olhar atento da escritora para a miudeza da vida. Tal como Camille o aborda, lembrou-nos o que lemos em Ecléa Bosi (1979/2009) sobre o lugar do pequeno na alteração profunda da vida: “A verdadeira mudança dá-se a perceber no interior, no concreto, no cotidiano, no miúdo; os abalos exteriores não modificam o essencial” (p. 73).

O pequeno brilha, destaca-se nos textos de Clarice Lispector e pulsa; a “alma selvagem das coisas” retorna vitoriosa, crua, forte, intocada, indomesticável,

muitas vezes faminta e feroz. São facetas do **vivo**. Nos contos citados por Camille, há sentimentos que ganham valores inesperados quando solicitados pela vida: o ódio contido, então liberado, buscado para ser vivido, morde e descobre o objeto, fica revelador ao invés de eliminador; a bondade parcimoniosa é vencida pela insuportável piedade, que precisa irromper e sair, exigida que foi pela vida do objeto e não pela avareza do sujeito; o estranhamento e o prazer vêm misturados.

Camille percebeu a importância da entrega na leitura de Clarice, o que faz correspondência com o que atrás chamamos **atitude neutra**. Ela acredita que qualquer leitor que se abra à experimentação, que esteja disposto a um mergulho interno desarmado, é tocado pela obra da escritora. Esta disponibilidade potencial, que a epígrafe de **A paixão segundo G.H.** diz esperar do leitor - o leitor "de alma já formada"- e que paradoxalmente é esperado aberto para muitas formas, para formas contrárias, até para a deformação. Esta alma livre não teme demais tocar e conhecer estranhezas: indica o leitor que pode ser alterado pelo texto de Clarice.

A leitora questionou a compreensão de muita gente que enfatiza o peso, os aspectos duros ou árduos da obra e para quem Clarice Lispector seria melancólica. Pelo contrário, Camille percebeu vários aspectos de uma escritora corada, talvez até mais contundentes e, que não condenam o leitor à melancolia—por exemplo a leveza e disposição nas situações aversivas ou estrangeiras, o humor, o aprendizado, a escritora muito despertada por outros escritores.

As tristezas e as melancolias por que passam os textos de Clarice não são da obra. São do sujeito humano, diz a leitora. São temas da obra e não os seus produtos: comparecem em tentativas de elaboração e transposição. São afirmações congruentes com o que Camille diz ter alcançado como leitora: ver as coisas mais difíceis. E ver as coisas mais difíceis, diz ela, significa aprender a ver, e aprender a ver com mais leveza.

Camille mostra não ignorar que Clarice definitivamente não escrevia para ensinar ou curar. Escrevia por necessidade e anseio, encontrando companhia,

alívio; dava a entender que escrevia para salvar-se: são dimensões demais psicológicas que arriscam um entendimento instrumental do que a movia para a literatura. Estes impulsos eram precedidos, abrangidos e superados pelo impulso maior: a descoberta do que quer que nas coisas ou pessoas, nos seres ou fatos a inquietasse ou despertasse, tirando de si mesma. E escrever era escavar sem esgotar. Quando em entrevista a Júlio Lerner respondeu à solicitação de indicar textos seus que valorizaria especialmente, mencionou “O ovo e a galinha” pelo mistério que a ultrapassava, um texto que ela mesma dizia não compreender. E mencionou “Mineirinho”, o bandido alvejado por treze balas quando uma bastaria: o enigma dos tiros sucessivos exigiu um texto e nesta entrevista deixa alguma ideia do que a escavação textual decifrou, o sinal da prepotência, o desconhecimento de si mesmo naquele que condenamos e matamos soberbamente. A dor escrita, não a dor banal mas a dor enigmática, busca desesperadamente interlocução e toca outros humanos, seus leitores que se identifiquem com a dor exigente. A sensibilidade burilada pela dor e pelo texto da escritora abre clareiras de significação, caminhos, indica saídas, pode curar, muitas vezes como antídotos feitos do veneno. A obra não é inofensiva: a cura passa por aquilo que nos pode também derrotar. Clarice Lispector não escreve para ensinar e, ainda assim, uma leitora não vê conflito em declarar-se uma aprendiz. No mesmo espírito de Camille, então dizemos que Clarice não escreve para curar, o que não impede e, pelo contrário, incrementa paradoxalmente as chances do leitor experimentar alguma cura.

Camille se apaixonou por **A paixão segundo G.H.**. Clarice faz aprender melhor as coisas, diz ela, faz ver a vida de maneira muito mais interessante, traz para a experiência da vida desafiadora, angustiante, abismal: *Você caiu numa espiral quando você está lendo, mas tem que agradecer por cair na espiral e não ficar na coisa assim morna, na coisa do cotidiano. A vida não é isso!* A leitura de Clarice é aqui realmente sentida como uma alegria difícil, mas alegria. O livro continua intrigando-a, incomodando, provocando e convidando para travessias perigosas e vitais, que a leitora compara à passagem de uma margem para outra de si mesma, troca da antiga pele por aquela obtida por travessia inimaginável e

pela elaboração das coisas mais indesejáveis de si mesma. E acrescenta tratar-se de coisas não do “eu mesmo”, mas do “si mesmo”, frisando um eu mais antigo, profundo e desconhecido, que se põe como terceira pessoa, tão mais radical que o eu conhecido, reduzido e redutor.

Essa maneira clariciana de rever pequenas pessoas e pequenas coisas, receber o positivo e o negativo, essa alegria difícil, isso faz compreender uma afirmação tocante e aparentemente simples: *Eu acho que percebo a vida, e sou grata por isso, depois de conhecer Clarice.*

*****

5.2. LAURA

Entrevistadora: Então, Laura, como eu já tinha conversado com você antes, essa entrevista tem o objetivo de colher experiências de leitores de Clarice Lispector, a experiência da leitura marcante de Clarice Lispector, suas leituras da obra da escritora. Vou dizer algo que vai entender. antes de tudo, quero colher memórias da sua experiência de leitura. mais que ideias ou afetos, colher lembranças suas. A memória vai naturalmente conduzir opiniões, sentimentos, mas vamos em busca da memória mesma. Memória é revelação do passado e, ao mesmo tempo, sua expressão e elaboração, então, tudo vai interessar muito, tudo o que você lembrar. você entendeu, né, é a memória que nos deve guiar!

Você lembra a primeira vez que entrou em contato com um texto de Clarice Lispector?

Laura – Eu lembro a primeira vez, o primeiro texto. Eu devia ter uns dezessete para dezoito anos. Antes de contar sobre isso, eu vou começar dizendo o seguinte: Clarice pra mim é uma experiência, é uma companheira, não é só o texto. É até diferente disso, tanto que eu não sei recitar os textos. Você falou da memória, mas a memória pra mim tem sentimento envolvido (risos). Tem até uma comunidade³⁰: “eu sinto Clarice Lispector”, e é verdade!

Entrevistadora: É isso aí!

Laura - Lembro que aos dezoito anos, quando eu já cursava a faculdade, eu me identificava totalmente com a Clarice. Então vamos voltar... Aos treze, catorze, quinze anos de idade (mesmo antes), eu era leitora, sempre fui. E desde essa idade eu também escrevia, desenhava, de forma natural; escrevia bastante por necessidade. E eu tinha apenas uma amiga para quem eu mostrava os textos. Um dia essa amiga me falou: “Nossa! Você escreve muito parecido com a Clarice

---

³⁰ Rerência à comunidade da rede social virtual Orkut.

Lispector!”. Digamos que esse tenha sido o primeiro momento em que ouvi falar da Clarice. E essa amiga ainda complementou: você é indigesta... Até hoje penso nisso, no que é ser indigesta.

Entrevistadora: Forma marcante.

Laura – É, é... então, né? Quem é que se parece comigo? Pensei. Quem? Minha atenção foi voltada para a Clarice por causa desse fato e eu fui procurar. Na época não li um livro inteiro, fechado, eu li contos. Te um conto que me marcou bastante, é aquele da galinha. Ele termina de forma cruel, mas ele humaniza a galinha, e isso me chamou muito a atenção. Mas esse não foi o maior: o maior veio depois. Eu comecei a ler mesmo nos momentos em que estive muito mal. Quando eu tentei tirar minha vida, reencontrei a Clarice e ela me ensinou a viver. O livro que me tirou desse momento de profunda morte foi **Uma aprendizagem ou o Livro dos Prazeres**. Eu me senti a própria Lóri. E era como se ela (a Clarice) me pegasse pela mão e dissesse: “olha, eu também não sabia que era assim, mas olha aqui, ó!”. E quando eu lia, ela estava falando pra mim, ela escrevia pra mim!

Entrevistadora: Essa é a impressão, mesmo!

Laura – Era esse o sentimento... E era tão evidente pra mim, que isso foi me alimentando a alma, é... a palavra é essa.

Entrevistadora: Você poderia lembrar outros textos que já leu da escritora? Você citou já dois, né?

Laura – Já, já citei dois. O mais impressionante é **A paixão segundo G.H.**, que é sobre o qual eu vou poder falar mais; **Um sopro de vida** também, mas é mais recente; eu li aquela coletânea **A descoberta do mundo**, que tem bastantes textos dela; **A legião estrangeira**, os contos que tem; de **A felicidade clandestina** mais ainda. E a **Água viva** é um livro que eu acho que eu ainda não estou pronta para terminar, eu comecei, mas ele é difícil pra mim, porque acho

que ele exige mais de mim, ele exige uma liberdade interior maior que eu ainda não alcancei. Então, eu posso citar esses.

Entrevistadora: Dessas obras lembradas, há alguma que tenha tocado especialmente? Você já começou a comentar, né? Você pode falar um pouco mais disso?

Laura – Posso. Então, eu vou só terminar de falar que esse livro, **Uma aprendizagem**, foi um livro que me tirou de um momento escuro. Aí eu tive o outro momento bem escuro, no qual eu também estava caminhando para a morte. E veio **A paixão segundo G.H.** e ela..., ela me pegou pela mão, literalmente, e me ensinou muita coisa, que me trouxe de volta à vida, que me deu esperança, que me ensinou o que é esperança e que a esperança é agora. Coisas que eu sentia, que eu não sabia que sabia e pior, que eu não sabia dizer; e alguém veio e disse o que eu sentia, e esse alguém foi ela. É uma relação muito estreita que eu tenho com a Clarice por causa disso. Eu, seguramente, te digo: a Clarice salvou a minha vida mesmo, de verdade. Isso é sério, bem sério! Eu fiz oficinas literárias e, quando fiz os cursos, eu cheguei a comentar: escrever é sério!

Entrevistadora: Muito!

Laura – Muito sério! Você pode salvar a vida de uma pessoa!

Entrevistadora: Você se sentiu modificada no seu sentimento, pensamento?

Laura - Modificada, sim. Eu cresci. Comecei a enxergar melhor a vida, interiormente. Nessa questão da esperança, da esperança que se realiza agora; no fato de ela te levar para suas origens. Tem uma frase que lembro muito, ela fala: “o nojo me fecunda”. Uma frase muito curta e eu fiquei (nossa!) muito tempo mastigando isso, pra entender isso mesmo: que o que há de ruim em nós, nos fecunda, faz brotar da gente aquilo que é necessário pra vida. O que há de podre em nós é também necessário pra nos adubar, pra nos fazer crescer, pra nos dar a vida. Essa foi uma aprendizagem que eu tive com ela. Nesse livro **A paixão**

segundo G.H tem a questão do “o Deus”, como ela chama. Eu acredito no Deus da Clarice, porque ele é muito mais abrangente do que qualquer religião possa dizer. Ela fala assim: que o Deus precisa da gente, que deus é imperfeito, como nós, e que ele precisa de nós. Isso me trouxe uma espiritualidade diferente, eu aprendi que ser espiritualizado é muito mais interno, muito mais subjetivo, do que em qualquer outro texto a respeito. Engraçado que tem horas que ela usa, nesse livro mesmo, comparações bíblicas, textos bíblicos que eu conheço, porque eu tive essa formação. E ela fala assim: quando você pede, isso é dado, você tem. E a Bíblia fala isso: “pedi e dar-se-vos-á; buscai e achareis”. Mas quando ela falou, eu confiei nela. É engraçado: acreditei mais nela.

Entrevistadora: Ela convence?

Laura – É. Não: ela mostra, é isso. Ela não quer te convencer, ela mostra, é bem assim. Eu lembro porque ela disse. É como se uma pessoa muito querida sua, uma pessoa em quem você acredita muito estivesse ali do seu lado dizendo: pede que você vai ter! É assim, simples assim. Outra coisa que acho admirável nela, é que ela não desperdiça nada, não desperdiça o tempo da gente, não desperdiça palavras, não desperdiça signos, ela não desperdiça uma vírgula! Esse livro começa com uma vírgula, porque tem tudo antes. Significa que ela não está indiferente ao que passou antes de começar tudo aquilo pra você. É isso que é interessante. Ela não rejeita, ela não é preconceituosa com relação aos textos. E eu também tive a oportunidade, depois, de ver uma entrevista dela, mas ela já estava no fim da vida, o que me ajudou a compreender melhor os textos. Ela fala assim: eu escrevo com simplicidade, eu escrevo coisas simples. Simples, imagina! É simples para quem quer entender, é para quem quer e se dispõe. Tem uma história bem legal pra contar: eu tenho uma amiga e ela não lê. Certo dia eu descobri que ela nunca tinha lido um livro na vida. E ela não é uma pessoa fútil, ela é inteligente, querida, muito legal. E uma noite eu fiquei admirada quando ela falou: “eu não aguento ler, não aguento ler”. Então, eu estava com um livro da Clarice e disse: “perai!” E comecei a ler um trecho. Essa amiga então me disse assim: “Nossa! Eu entendi tudo o que ela quis me dizer! “Me dizer”, ela falou.

Entrevistadora: Contato direto!

Laura – É um contato direto. É isso que é impressionante. Eu não sou formada em dramaturgia, eu li, eu apenas li, não fiz nenhuma encenação pra ela. Não precisava. Eu não sei como é que ela faz isso, a Clarice Lispector, eu não digo nem no passado, porque ela não está morta, ela vive através da obra e ela está com a gente. Se você quiser, você tem ali um apoio, uma pessoa que vai te dar a mão, uma pessoa que mostra as fraquezas dela também. Porque é muito ruim quando você está tão mal, tão fraca, tão cheia de morte, e alguém vem e te diz: “Não, venha pra vida! Que é isso? Bota um perfume! Pinte os olhos!”... Ela não, ela desnuda a fraqueza, ela ora ao deus para que ela tenha uma mão pra segurar a mão dela. É a pessoa mais humana que eu já tive contato, e, ao mesmo tempo, é uma pessoa que enxerga sobre o que é humano. Ela faz uma ponte conosco assim. Nem sei se ela, eu acredito que nem ela imaginaria faria tanto bem, sabe?

Entrevistadora: Não imaginava, mesmo!

Laura – Eu imagino que não. Porque ela teve essa pulsão de escrever e de uma maneira tão desconfortável.

Entrevistadora: Angustiada.

Laura – Angustiada. Não só isso, até pelo fato de ela pôr a máquina nas pernas para escrever. Eu tentei fazer isso, porque eu tive uma máquina de escrever na adolescência. Eu tentei escrever desse jeito, é impossível! Não consegui escrever nem com o notebook nas pernas, entendeu? E ela fazia isso noite adentro! E depois de muito tempo eu soube das coisas que ela sofreu. Ela sempre foi muito bonita, e teve aquele acidente no qual ela se queimou, foi um sofrimento, deve ter sido terrível. Outra coisa que também aprendi com ela foi não me envergonhar por estar deslocada. Na minha adolescência, mesmo antes, eu sempre fui muito quieta. As pessoas exigem que você se enturme, que você participe. Eu nunca fui de “me enturmar”, teve épocas em que eu quase nem falava. Eu tinha uma amiga, um amigo, mas as conversas eram sempre com conteúdo sério. Só depois de

muitos anos eu aprendi a falar “abobrinhas”, como dizem. Mas antes eu era assim. Um dia fiquei sabendo que ela (a Clarice) chegava nas festas em que era convidada e ficava quieta, não falava com ninguém, acho que aquilo não fazia sentido e ela ia embora. Toquei nesse assunto porque vi, nessa atitude dela, tão idêntica à minha, que eu não era fora do que é humano, não estava fora, aquilo existia também! Então, ela, com as coisas que ela escreveu e com a vida que ela viveu, me fez entender que o humano é mais do que aquilo que dizem por aí, do que se convencionou.

Entrevistadora: Você diria que Clarice foi ou é uma escritora importante para você? Apelo agora para um balanço, não só para a memória.

Laura – Eu já fiz esse balanço, mas, nossa! Ela é a escritora mais importante pra mim, por causa disso tudo que acabei de contar: porque salvou minha vida, porque me ensinou a viver e por me acompanhar nos momentos escuros. Eu imagino assim mesmo: a Clarice esteve comigo num quarto escuro e me deu a mão, nesse quarto escuro, e falou: existe uma porta! Então, ela foi e ela é a mais importante pra mim.

Entrevistadora: O que a leitura lhe trouxe foi algo muito pessoal, não é mesmo? Mas ainda assim, o que ela lhe trouxe, poderia trazer a muitos leitores, a quaisquer leitores? O que você diria que os textos de Clarice Lispector fazem, em geral, com os leitores?

Laura – Todas as pessoas para quem eu apresentei os textos de Clarice, fossem jovens ou mais velhas, tiveram uma reação de compreensão de alguma coisa que não era vista antes. Então, posso dizer que ela amplia os horizontes das pessoas. Agora eu, sinceramente, não conheço uma pessoa que tenha me dito assim: eu odeio ler Clarice Lispector, o que ela me diz não me toca. Até quem não lê é tocada, como essa amiga que eu comentei. Portanto, por eu não conhecer uma só pessoa que tenha dito pra mim que não foi tocada por textos da Clarice, eu acredito que ela seja uma escritora para todos, que veio para todos. Mesmo aqueles que não gostem de ler ou até aqueles que não saibam ler, mas “se têm

ouvidos para ouvir”, eles ouvem. Não precisa ter mestrado ou doutorado, pode até ser analfabeto, ela veio pra eles também.

Entrevistadora: Queria acrescentar mais alguma coisa? Sobre alguma obra que você leu? Você falou de duas principalmente. “O ovo e a galinha” você comentou rapidamente. Você queria acrescentar alguma coisa?

Laura – Deixa eu lembrar...quero acrescentar sim. Que ela é também uma releitura; que tem essa característica de universalidade – acredito que, se lermos direitinho para uma criança um texto dela, a criança vai sentir. É, mas eu acredito que por essa característica de universalidade que ela tem... Eu acabei me perdendo, pensei em outras coisas agora. Você pode repetir a pergunta?

*Entrevistadora: Você comentou rapidamente sobre o “O ovo e a galinha”, você comentou mais sobre **A paixão segundo G.H.** e **O livro dos prazeres**. Se você tiver alguma coisa a mais a acrescentar, além deste texto, outros textos ou deste texto também. Fica à vontade pra completar o que você acha que não ficou completo.*

Laura – Então o que eu queria falar é sobre a universalidade dela, a releitura. Por ela ser universal, por ela abranger toda faixa etária, toda classe econômica, enfim, tudo o que for, ela também abrange as épocas, as eras. Quando eu li aos dezoito anos, era um livro; quando eu li aos vinte, era outro; quando eu li aos trinta, era outro; hoje, aos quarenta, eu encontro no mesmo texto muitas outras coisas. Claro que tenho isso com outros escritores de que gosto. Mas olha, mesmo agora, em que dei uma folheada no livro, comecei a ler algumas partes e já me lembrei de outras coisas, tive outra experiência. Por isso, pra mim Clarice é uma experiência, e é também um livro de cabeceira. Todos os livros dela são de cabeceira

Entrevistadora: Tem preferências?

Laura – A gente vai ter preferências. O fato é que ela transcende: transcende o tempo, transcende até o sujeito.

Entrevistadora: No tempo. Até o sujeito no tempo.

Laura - Ela tem essa característica sim, basicamente é isso.

Entrevistadora: Sobre “O ovo e a galinha”, você falou da galinha, você comentou, eu achei bonito. Não sei se você quer completar a ideia.

Laura – Na verdade, acho que chama “Uma galinha”, “Uma galinha” só, é outro texto. É o olhar dela, eu nunca tinha olhado uma galinha daquela forma. A capacidade que ela tem de descrever o que as pessoas podem ser. Podem ser sensíveis por causa de uma galinha. Era assim a história, eu não sei se você lembra. A galinha estava fadada a morrer ali naquela casa, porque iam cortar o pescoço, iam comer a galinha, era normal, isso era uma coisa natural antigamente. Minha avó matava galinha. Enfim, era assim. A galinha, percebendo isso, começou a lutar pra salvar a própria vida. E ela vai e as pessoas vão atrás, ela não desiste, ela foge, até que vai para o telhado. O pai da família consegue pegar a galinha no telhado. Ela, naquela aflição, bota um ovo. Nesse momento a família se compadece dela. A filha pede para não matá-la, porque “ela quer o nosso bem!”. Eles admiram a bravura da galinha por tentar salvar a própria pele. O pai diz: “já não quero que mate!” e surge aquele amor pela galinha. Ela vira uma galinha de estimação, convive com a família e aí, bem no fim do conto, a Clarice mostra que o ser humano é capaz dessa sensibilidade, eles transformam a galinha num personagem. Ela deixa de ser um animal: ela é uma mãe, porque lá tem um ovo, ela cuida do filho, então eles a personalizam. Essa capacidade que os seres humanos têm de sensibilizar, de personalizar, de conviver, Clarice mostra que é possível isso, há esperança. Há esperança, mas também há o outro lado. No fim das contas, eles acabam matando e comendo a galinha, como se fosse a coisa mais normal do mundo. Então, o que se mostra é que a necessidade muitas vezes vence. Ah, tem um texto que ela fala sobre a violência e no qual ela usa também uma galinha. Ela fala que nós comemos a galinha ao molho pardo para aplacar a nossa própria violência, que nos é inerente. No primeiro texto, ela trata da necessidade de sobrevivência e de como isso se sobrepõe a outros princípios.

Tem-se que deixar muitas vezes esses princípios de lado porque se precisa sobreviver. No entanto, ainda algo me chamou a atenção no texto “Uma galinha”: ficou registrada a existência da galinha; foi breve, mas foi uma existência, isso pra mim é muito valioso.

Entrevistadora: Sobre a experiência da Lóri que você sentiu, né, eu queria que você me contasse alguma memória sua da experiência de leitura.

Laura - Nossa! Eu era a Lóri! Eu era a própria Lóri! Só não tinha um Ulisses na minha vida, naquele momento. Eu não vou lembrar o texto exato, mas eu sei que era assim porque a Lóri não entendia o que era viver. Eu também não. Se eu pegasse o texto agora para ler, eu diria: eu era exatamente assim, por isso, é que foi tão importante. A Clarice me estendeu a mão, e me levou para tomar um banho de mar de madrugada, porque ela fazia isso. Então eu me sentia acompanhada. Aliás, eu lia de madrugada porque não conseguia dormir; eu lia e ela me fazia companhia e ela me contava como era. Eu me via na Lóri, e ela foi aprendendo a viver, é uma personagem que cresce. Ela sai de um ponto em que nada tinha sentido, a morte e a vida eram a mesma coisa; talvez a morte fosse até mais interessante. Até que ela chega num ponto em que ela se entrega ao amor, que talvez seja a finalidade toda da nossa existência. Entender o que é essa entrega pro amor, o amor *lato sensu*, não o amor carnal, nada assim, embora seja também bonito e importante. Até me ocorre alguma coisa agora... O amor carnal, na verdade, é uma obra de arte porque ele se realiza através da ação humana, como toda arte, enfim. Ela fala sobre essa grande experiência do aprender a viver, do que é viver, que é se entregar ao amor. E a Lóri toma consciência da existência, ela começa a se reconhecer; a Clarice mostra a beleza da qual a Lóri nem se dá conta. Quem vê é o Ulisses. Tem uma parte que a Lóri fala assim para um passarinho: “É tão bonito que voa!” E ele olha aquilo, é tão bonito e ela nem se dá conta da beleza que ela tem. Então, isso também, pra mim, foi marcante.

Entrevistadora: Diz algo pessoal?

Laura – Sim, de não se dar conta da beleza. Ela fala também sobre aquele cavalo, antes disso. Eu sou contrária à domesticação dos animais, sempre fui. E ela começa, no início do livro, a falar de um cavalo selvagem que vem comer na mão dela, e que “gosta ao, mesmo tempo, daquilo que é suave e selvagem”. Essa suavidade selvagem, que é quase um paradoxo, quase uma contradição, é um reconhecimento da existência, um respeito pela existência dos seres e também das nossas características. Esse livro me tirou mesmo da beira do abismo, me acompanhou e me ensinou a querer vida. O outro me ensinou outras coisas, mais profundas.

Entrevistadora: Se puder falar mais...

Laura – Tá!

Entrevistadora: Sobre as experiências do outro.

Laura - Pois é, a experiência do outro eu até vou dar uma olhada...(no livro)

Entrevistadora: Pode olhar...fica à vontade!

Laura – Porque é muita coisa que...Outra coisa, eu não descobri quem é o G.H. (risos).

Entrevistadora: Quem será? (ambos riem)

Laura – Quem será, né? Ah, eu também compreendi o que é o sentido da paixão. Tem um livro dela que chama **A via crucis do corpo**. Na que li esse livro, eu tinha lido um livro do Drummond que chama **Corpo**, são poemas que falam sobre as necessidades do corpo físico mesmo; muitas vezes a gente vive num plano muito mental e esquece da consciência corporal. Então, esse livro do Drummond fala sobre isso e é muito bonito. A Clarice fala sobre a *via crucis* do corpo. E essa foi uma experiência que eu tive durante a leitura do G.H. Porque aí eu entendi o que é paixão. Pensei comigo: como assim a paixão de Jesus? Que paixão? Porque a

gente tem a noção que paixão é aquele fogo que arde, aquela coisa que acaba. Mas não: a paixão é um processo.

Entrevistadora: Outro sentido da palavra “paixão”.

Laura – É! É algo vivido profundamente. Olha o texto dela: “Talvez só o pensamento me salvasse, tenho medo da paixão”. Porque a paixão exige a vivência, a experiência. Então, quando eu estava lendo esse livro aqui do G.H., eu tive essa compreensão da paixão pela experiência do corpo. Numa noite, de insônia, fui ler aquele texto bíblico que os católicos desmembraram nas “doze estações de Cristo”. E, pela primeira vez na vida, vivenciei a leitura - porque eu sempre tive muita pena de Jesus ter passado por aquilo. Eu lia rapidamente, distante, como uma “música ao longe”, nas palavras de Érico Veríssimo. Enfim, eu fui ler cada estação, vivenciando-a no corpo... E aí, sim, eu entendi o que é a paixão: paixão é aquilo que o corpo e a alma experienciam de uma maneira muito profunda. E há também as pessoas que Jesus encontra durante aquelas estações, nossa! Foi um sofrimento pra mim aquilo, mas também foi o que me libertou.

Entrevistadora: Marcante...

Laura – É. Foi o livro dela que me levou a entender melhor o que significa a paixão, que é essa vivência, essa experiência de corpo e alma e que a gente não deve ignorar. Há vezes que você olha uma coisa e você não enxerga essa coisa; tem vezes que você lê algo e não entende aquilo que está sendo dito pra você. Então, quando você experimenta, quando você não fica à margem daquilo que é a experiência, você se coloca na experiência, você vivencia a paixão. É o trajeto, é o processo, é tudo aquilo que se passa, são as pessoas que encontra no meio do caminho, é a dor física transmutada na dor da alma, que depois vai te levar a uma morte. Todo mundo vê, vivencia a morte de alguma forma, e uma morte que depois te dá redenção. Todo mundo tem que matar algo em algum momento. E existem várias mortes, ela falou isso pra mim, de alguma forma, mas eu não vou lembrar o texto. A Clarice me ensinou isso: que a morte não é a morte definitiva, mas é a morte necessária. Aquele negócio do nojo, que eu falei antes. A semente

apodrece, morre, mas pra poder virar outra coisa depois, a semente se transforma. Deixa eu ver, (olha o livro)... Quero achar o texto que... Bem, tem este também, no qual ela fala sobre o que é ser humano, olha só: “eu fizera o ato proibido de tocar no que é imundo”. Eu estava até esquecendo a coisa mais importante que é a tal da barata! (risos) Eu vi a barata, eu vi! Porque é a frase dela, mas eu vi a barata, eu vi, eu vi a barata! Eu tinha esperança que ela não comece a barata no livro, mas no fundo, eu sabia que ela ia comer. Por causa disso, porque é uma paixão, e a paixão experimenta, prova do impuro, do podre, daquilo que a gente quer rejeitar. É nesse momento que ela tem essa revelação. Há outras revelações aí na situação da barata: primeiro ela vê a barata. Eu lembro que também tive a sensação de ver a barata, aquilo era impuro em mim, mas que era meu, que era essencial e que eu deveria digerir, por pior que fosse. Lembro um trecho no qual ela fala dos cílios da barata, ela descreve, dá importância àquele ser: a barata é um ser que se adapta. Ela aprisiona a barata na porta do guarda-roupa e, assim, ela se dá o direito de aprisionar, de ser ruim, de tocar no impuro, mesmo nas coisas que a gente tão cristã, eu pelo menos, tão cristã, evitei tanto: dizer o mal, fazer o mal, sempre aquele dever do bem, de não tocar o mal... E aqui ela fala assim: “não comerei coisas impuras”. Ela recorre muito a textos bíblicos, que, no final das contas, permeiam o meu universo. Como eu fui criada de uma maneira a ler o texto bíblico e a interpretá-lo, essas palavras estão girando, consteladas, perto de mim. Então, a experiência do impuro é a de olhar para o que realmente é. Porque a verdade é a barata na parede, você não pode ser indiferente àquilo, não tem como você ser indiferente, porque ela está ali, ela existe. Era disso que eu falava antes, sobre querer não enxergar o que existe, de querer ser indiferente àquilo que se mostra, que aparece. E aqui entra a paixão: você experiencia aquilo que é ruim, que você não quer ver, que quer rejeitar em você, aquilo que é impuro em você, aquilo que é podre em você, e que, na verdade, é aquilo que também faz com que você tenha sobrevivido até então. É uma coisa muito importante. Ai, me deixa ver quê mais... Eu quero falar sobre a esperança. Esse livro infelizmente não é o meu (folheando), mas enfim... Achei! Ah não, puxa vida... puxa vida.

Entrevistadora: Tome seu tempo!

Laura – Tá, tudo bem! Puxa vida, não sei, talvez você lembre de onde está...

Entrevistadora: Pode tentar dizer livremente, mesmo que não seja uma citação tão correta...

Laura – Então, é quando ela fala sobre isso, sobre a esperança... Ela fala que às vezes, a gente vive ou não vive; que muitas vezes a gente imagina que é melhor viver na esperança da cura da dor do estômago do que a cura em si, porque a gente não vai saber lidar com o desconhecido: que é não ter a dor de estômago. A Clarice fala isso de maneira tão clara... é mais ou menos assim: você às vezes não muda determinada situação, não atenta, não melhora, você permanece naquilo que te aflige por desconhecer o que é não ter aquela aflição. É ali que ela explica que a esperança não está no futuro: a esperança se faz no agora; é no agora que se realiza aquilo que você espera. Saber disso foi e é muito importante para mim. É uma pena, eu realmente queria lembrar, achar, porque realmente esse texto é muito bom. Ah, outra coisa que lembrei e que me tocou: “o inferno é o meu máximo”. A busca do inferno é que era o próprio motivo.

Entrevistadora: Todas essas coisas que você experimentou te transformaram, então?

Laura – Nossa! Me transformaram, sim! Eu posso dizer, com toda certeza, que eu estou viva por causa desse livro! Enfim. Ela também fala sobre a desistência, neste mesmo livro. Ela usa a expressão largar. De modo geral, desistir é uma coisa feia, o bonito é ser persistente, é estar grudado no seu objetivo, meta, no foco, aquelas coisas todas. A Clarice diz que largar é uma coisa tão abominável, que a pessoa que se atreve a dizer essa deveria ser trancafiada, proibida de falar com os outros! Porque é algo tão fora da realidade, tão abominável para o ser humano, porque é uma coisa muito difícil. Mas a desistência é uma sabedoria; largar, no final das contas, é uma sabedoria. Romper, deixar algo por ser muito difícil pra você. Eu sou uma pessoa muito apegada, era muito mais antes disso,

continuo ainda lutando com os apegos. Foi ela que me disse primeiro que, antes de tudo, tinha que largar, tinha que largar e deixar, e desistir, e que não é uma desonra desistir. Muitas vezes desistir, largar, é a salvação, é aquilo que é sábio fazer por si mesma. Ainda estou tentando, porque é difícil largar, realmente é uma palavra difícil. Mas ela me ensinou que não há desonra em desistir, que não há desonra na fraqueza, que não há desonra em deixar de fazer o que os outros esperam de você. E também é um exercício, não é de uma hora pra outra que você consegue largar.

Entrevistadora: Você leu mais romances, contos...você leu um pouco de tudo, né?

Laura – Li, li um pouco de tudo. Li até aquela fotobiografia dela, que é legal. Aquela outra biografia que até foi um norte-americano que fez...

Entrevistadora: Benjamin Moser.

Laura – Isso, essa eu não li. Eu também não li outro livro porque, pra mim, foi meio sagrado ver uma foto dela deitada na grama, sorrindo. Você tem esse livro, eu já vi aqui.

*Entrevistadora: O livro de cabeceira? **Clarice na cabeceira**. São vários autores.*

Laura – É, esse. Foi a única foto assim que eu vi (olha que li essa fotobiografia) em que ela está sorrindo, está relaxada, no sol. Não quis ler, não quis ler.

Entrevistadora: Esse é uma coletânea de outros textos. Você já deve ter lido alguns que estão lá!

Laura – Devo já, é? Eu não sei, é que aquela foto me parou. Ela, nesse livro da fotobiografia, fala sobre sua origem. Ai, as pessoas se apegam a coisas tão bobas! Que é tem ela ter nascido fora do Brasil, se ela era brasileira de alma? Foi uma coisa cobrada dela essa naturalidade brasileira, naturalização brasileira.

Entrevistadora: Ela quis também.

Laura – Ela quis, e veio pro Brasil e, isso tem nas crônicas, ela fala que veio com dois meses. Depois diz que não, que ela veio aos quatro meses. Ah, grande diferença! Mas ela quis pertencer ao Brasil, ponto. Aquela fotobiografia dela é tão bonita, ela é uma pessoa muito bonita.

Entrevistadora: Os textos que você teve mais carinho você já citou, né? É isso?

Laura - Já, já citei. O resto é o que outras pessoas me disseram. Mas eu procuro não me contaminar com o que dizem sobre ela. Eu até tenho aquele livro do Benedito Nunes, O dorso do Tigre, que eu fui tentar ler a parte dela. Mas eu não li, fiquei hesitante. Respeito ele e tudo o mais, mas creio que não queria saber o que ele disse sobre ela. Por causa dessa experiência pessoal que, em minha opinião, cada um tem que ter com ela. Podem dizer mil coisas, eu li uma frase do Chico Buarque sobre ele: “A Clarice Lispector é desconcertante”. Significa dizer que, para cada um, ela vai representar uma coisa. Portanto, o que se deve fazer é ler e não temer a experiência, porque ela é uma experiência, e ela muda a vida da gente, ela muda a gente.

Entrevistadora: É um contato pessoal?

Laura – É bem pessoal, é muito pessoal, é muito subjetivo. E agora sim, que fique claro que primeiro você tem que estender a mão para aquela que te é oferecida por ela. Você tem que querer ver, você tem que querer ouvir, tem que ser honesto com os sentimentos. Aí sim, você tem uma modificação.

Entrevistadora: É uma experiência exigente?

Laura – Não, não é exigente. Eu fui por necessidade e fui acolhida por ela. Ela nunca foi hermética, como muitas vezes a classificaram. Hermético é aquele que não quer se abrir para ela, a diferença é essa. Eu nunca senti dificuldade de

entender o que ela estava dizendo, por mais inconsciente que fosse a linguagem. E também posso dizer, tomando o exemplo dessa amiga que nunca leu nada, que também ela não teve dificuldade de entender o que eu li pra ela. Então ela não é hermética. Ler Clarice é uma experiência na qual, se você se entregar, se você se abrir, você vai. **Água viva** ainda não consegui ler porque é uma coisa meio sem controle pra mim, não consegui ainda chegar no ponto dessa entrega. Eu fiz mergulho há pouco tempo, uma experiência bastante diferente do meu cotidiano. E eu lembrei dela, por causa dessa questão do mar, da vida primeira, daquilo que é instintivo na gente, que nos faz humanos. Esse nascimento do mar - porque imagino que ela deva ter tido uma relação muito próxima com o mar, já li várias vezes ela falar sobre o mar e água viva - o que eu ia dizer era isso: quando eu vi coisas transparentes debaixo da água, me lembrei da água viva que ela observou de uma maneira tão minuciosa...ela se deteve tanto naquela imagem! Mas aí o texto..., o texto é outra coisa. Outra coisa interessante é a experimentação dos sentidos: ver, ouvir, identificar coisas, as sensações. É o inconsciente em você. Há uma coisa inexplicável que ela tem muito: você vê aquilo que ela te diz, ela te conduz pra visão. Por exemplo, quando eu citei essa questão do nojo, “o nojo me fecunda”, você começa pensar no que é o nojo. Eu consegui enxergar uma planta que foi crescendo daquele adubo, daquela coisa que apodreceu, eu consegui “ver” isso. A barata: eu “vi” a barata, mas a de verdade, dentro de mim, eu reconheci o que era a barata em mim, que eu não queria ver. É assim: ela te conduz a essa experiência, além da visão, até mais que visão, de iluminação, iluminar, tornar claro, assim.

Entrevistadora: Clarice clareia.

Laura – Clarice, é, Clarice clareia mesmo, é, eu nunca tinha pensado: Clarice clareia. E o Lispector eu sempre associo: introspecto, sabe? Introspecto...vamos ver se eu vou lembrar mais alguma coisa, assim pra dizer.

Entrevistadora: O mais importante é que você lembre de coisas que te marcaram mesmo, conto, algum texto, algum trecho. Acho que é uma experiência de lembrança.

Laura - Bem, foram esses livros aí que mais me marcaram. Tem a também a maneira como ela expõe a crueldade. Ah, sabe o que eu fiquei lembrando? Mas não foi num texto, foi nessa entrevista que eu assisti, que ela fala sobre um bandido que é assassinado pela polícia. Esse texto até não achei, que é um conto que ela escreveu; o criminoso levou treze tiros e ela falou que ela vai descrevendo cada tiro, porque ela acha um excesso, é um absurdo. Tudo bem, mata com um, mata com dois, se sobrevive. Primeiro, nem mata, mas enfim. Bem mas se chegou nesse ponto: que treze tiros é uma coisa absurda e ela fala sobre isso. Eu não consegui ler esse texto, mas eu entendo perfeitamente o que dói nisso, que é o absurdo: pra quê tanta desolação, pra quê essa coisa tão terrível?

Entrevistadora: “Mineirinho”.

Laura – “Mineirinho”.

*Entrevistadora: **Para não esquecer.***

Laura – É. Então ela disse que no décimo terceiro foi ela que morreu, foi o tiro que a matou. Tem um texto bem legal e que me norteia: “Tudo é uma questão de vida e morte”. É uma frase dela “tudo é uma questão de vida e morte” e é mesmo, se você pensar bem em tudo aquilo que faz pra poder viver.

Entrevistadora: Re-situa o lugar da morte.

Laura – Oi?

Entrevistadora: Ela pode re-situar o lugar da morte

Laura – Sim, ela re-significa a morte, re-significa porque é uma morte que dá a vida. Há várias mortes, coisas que precisam morrer, a vida que precisa vir, enfim,

é tudo uma questão de vida e morte mesmo, são os extremos. Aceitar essa nossa humanização que é lidar com esse paradoxo de vida e morte. Porque a vida e a morte são um paradoxo, é difícil você viver nessa ponte. Por falei da galinha, porque no momento em que a galinha é retratada, ela é personalizada, a existência dela está garantida. Ela existiu. Então, é essa delicadeza do olhar dela sobre as coisas. Eu leio bastante, sempre fui leitora e eu sinceramente, amo Fernando Pessoa, Dostoiévski, Kafka, já li muita gente, escritores brasileiros que eu considero muito bons, mas ela, de todos, é a que (fica até meio suspeito falar) mais me ajudou, por causa dessa companhia que ela me deu. Encontrei o trecho em que ela fala do largar: “Em mim está doendo o que me era o mundo. Largar é uma atitude tão áspera e agressiva, que a pessoa que abrisse a boca para falar em largar, deveria ser presa e mantida incomunicável. Eu mesma, prefiro me considerar temporariamente fora de mim a ter a coragem de achar que tudo isso é uma verdade”. Aqui ela fala: “Dá-me tua mão, não me abandones”. Ela pede pra a gente ficar junto com ela, mas na verdade ela é que nos acompanha. E agora o texto do estômago, sobre a esperança: “Juro que eu também não queria, eu também vivia bem, eu era uma mulher de quem se poderia dizer vida e amores de G.H. Não posso pôr em palavras qual era o sistema, mas eu vivia num sistema. Era como se eu me organizasse dentro do fato de ter dor de estômago, porque se eu não a tivesse mais, também perderia a maravilhosa esperança” Viu? “de me livrar, um dia, da dor de estômago. Minha vida antiga me era necessária porque era exatamente o seu mal que me fazia usufruir da imaginação de uma esperança que sem essa vida que eu levava não conheceria. “Então, isso é o que eu falei sobre essa esperança de: ah, um dia, eu vou parar de ter dor de estômago, na verdade não, essa esperança se realiza hoje, é agora! É deixar o que passou e enfim, fazer o agora. Pronto, era isso! (risos) Acho que deu, era esse texto aqui que eu queria falar.

Entrevistadora: Você tá satisfeita com o que você disse?

Laura – Tô. Se eu tiver realmente alguma outra coisa para acrescentar...

Entrevistadora: Podemos, marcamos outro dia...

Laura – Tá bom! Espero que para você também tenha sido bom!

Entrevistadora: Foi ótimo! Obrigada!

5.2.1. ANÁLISE

O interesse pela escrita clariciana partiu de certa semelhança, vista por uma amiga da leitora, entre a escritora e Laura. Aproximou-se de Clarice Lispector quando percebeu que além do estilo ou temática, elas tinham em comum o impulso irresistível para escrever e a insônia. Uma passava a noite escrevendo; enquanto a outra passava suas noites lendo.

O contato com a obra de Clarice Lispector foi para Laura mais que a leitura de um texto, foi um encontro intenso com alguém que se tornou uma companheira, amiga e cujas palavras sustentaram-na em momentos terríveis, quando nada mais parecia orientar. Ouviu o que a escritora dizia: peça e receberá! Frase dita por pessoa muito querida, próxima e que dá um conselho, tem maior credibilidade de que a própria recomendação de Cristo.

Por que o texto de Clarice Lispector desperta em alguns leitores o sentimento de estar conversando diretamente com uma amiga? Clarice se expunha ao mundo e às emoções que não eram só dela: vulnerabilidade, terror, vazio. Estar em companhia de alguém para enfrentar esses sentimentos parece ter sido um ingrediente fundamental para a modificação na leitora: sentiu-se acolhida pelo texto da escritora. A companhia revelou-se ora na figura da mão amiga, ora na oração ao “deus”. A escrita clariciana mergulha nas grandes e pequenas questões humanas, mas também vislumbra o sobre-humano. Por meio do “deus” imperfeito e que precisa de nós, Laura reaproximou-se de sua espiritualidade.

Uma amiga de Laura que não cultivava o hábito da leitura, entendeu muito bem e ainda rapidamente o que a escritora comunicou. Laura fez até oficinas literárias para compreender esse “poder das palavras”, entender como a escrita e a leitura tocam e ampliam horizontes. Baseada na sua experiência e na de

amigos, Laura acredita no potencial que a obra clariciana tem de alterar as pessoas.

A biografia de Clarice e não apenas o seu texto a impressionou. Descobriu que a escritora não se envergonhava por estar deslocada em festas ou reuniões: chegava e ficava quieta, não falava com ninguém e ia embora. A leitora admira a força e a capacidade de recuperação de Clarice quando sofreu o acidente que lesionou sua mão e continuou escrevendo, apesar das dificuldades físicas e de ver arranhada sua vaidade de mulher bonita. Pela mediação da história da escritora, começou a olhar mais para suas necessidades e desejos e sentir-se menos pressionada pelas expectativas dos outros. Foi libertador perceber que havia lugar no mundo para os tímidos e reservados como ela, para todo tipo de pessoas e para suas idiossincrasias. A leitora é sensível a um dos pontos centrais da obra clariciana que é a questão dos núcleos singulares indevassáveis. Um dos contos que encantou Laura foi “Uma galinha”, publicado no livro **Laços de Família**. A galinha personalizada, única entre as demais, heroína, mãe, uma vida, que deixou marcas, mesmo que tenha se esvaído de forma banal, como a vida de outros bichos e humanos.

Os livros da escritora são de cabeceira para ela. O texto cuidadosamente escrito começa a encantar a leitora no aspecto formal: nenhum signo é aleatório ou desperdiçado, é um texto respeitoso. A leitura encontra prazer já no contato com os significantes. Laura admira também a simplicidade alcançada por ideias bem trabalhadas. Apesar da escrita inovadora, não considera o texto de Clarice Lispector hermético: ele não se abre para quem não se entrega a ele, ideia condizente com o que chamamos de atitude neutra. Quando Clarice dá a mão, é preciso estender também a nossa em sua direção, querer ver, ouvir, ser honesto com os próprios sentimentos, tornado mais viável alguma cura.

Laura enfrentava sérias batalhas pessoais enquanto lia **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres** e **A paixão segundo G.H.**. Clarice escrevia sobre o furacão emocional a que o mundo vivo nos chama, descrevendo-se dentro deste

furacão e tornado-se assim, solidária com quem nele também estivesse. Laura sentiu-se compreendida, sustentada, aliviada e menos sozinha com as próprias dores. O desafio para Laura foi não ter medo da experiência pessoal a que a leitura convida. Cada um precisaria ter sua experiência com Clarice Lispector, refletiu. Chico Buarque teria dito que “Clarice é desconcertante”. A leitora sente que acompanhar o texto clariciano principalmente pelo roteiro de seus comentadores e críticos pode influenciar de maneira incômoda porque pode distanciá-la da leitura singular.

Reconheceu em **A paixão segundo G.H.** a forte presença da questão corporal, que pode ficar ofuscada pelos momentos epifânicos desta grande obra. A respeito deste livro, a leitora lembrou-se de outros relacionados: **A via crucis do corpo**, de Clarice, e **O corpo** de Drummond. Nos dois casos, o corpo, com suas exigências, levando a múltiplas experiências, aparece em destaque.

A paixão segundo G.H. narra a história de uma mulher que sai do conforto arrumado da área social do seu apartamento, que poderia ser a metáfora de sua vida organizada, protegida demais, e vai para os fundos, para a área de serviço onde vivia Janaína, a empregada, a fim de limpar o quarto da moça que partira. O que segue surpreende: não limpa o que pretendia, e sim ingere o impuro, o nojento. Como sabemos, o corpo foi historicamente considerado impuro, imolado diversas vezes. Neste livro, Clarice coloca as impurezas e os impulsos em evidência. O que temos dificuldade de aceitar compõe aquilo de que depende nossa sobrevivência. Clarice nos adverte: negar a “sujeira” nos afasta das forças que nos impelem à manutenção da vida e que são as mesmas forças que nos impelem em direção ao mundo vivo.

A palavra “paixão” remeteu Laura às torturas vividas por Cristo: sofrimentos físicos que visavam punição exemplar, mas também atingir e humilhar o torturado, entregando aquele que queria salvar nossas almas à preponderância das lancinantes dores corporais. A paixão clariciana foi uma paixão de Cristo às avessas: o desejo pelo impuro, ao invés de rebaixar, atacou o nojo e o asco

civilizados, caminho que torturou a alma para alcançar ascensão através do corpo. Redimido e religado à alma, o corpo integrado em Clarice tornou-se capaz de pensar sentindo e sentir pensando. Laura enfatizou: *O nojo me fecunda*.

Como a paixão de Cristo, a clariciana terminou em morte. Não a morte que é supressão da vitalidade, mas a morte que aponta para rupturas, mudanças de fase após conhecer um processo penoso: *tudo é uma questão de vida e morte*. Aceitar e superar o nojo foi uma etapa intermediária entre a morte e uma nova vida alcançada, um tipo de ressurreição.

No livro **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**, a leitora aprendeu a querer vida. Ler sobre o passarinho, sua beleza e liberdade recuperou a beleza de Laura, ou seja, aquilo que é autêntico e primordial em si. A imagem do cavalo clariciano que apesar de selvagem, é suave e come na mão da mulher, orientou Laura sobre a natureza da agressividade, que descobriu não precisar ser destrutiva. Identificou a temática dos impulsos agressivo-sexuais e sexual-agressivos, cuja vitalidade e força respeitadas podem ser aproveitadas. Clarice sugeria confiança no trato com animais e com os impulsos primitivos todos: quando a mulher aproxima-se do cavalo e dá-lhe de comer, demonstra não temê-lo e assim pode temer menos o animal que habita nela. A leitora também citou a crônica “Minha truculência” que está em **A descoberta do Mundo**, onde o prato “galinha ao molho pardo” é comentado por Clarice: retirado o verniz civilizado, é revelada a nossa face selvagem.

Algumas vezes, faltou à leitora sentido para a vida. Leu em Clarice que ele dependia de um tipo de esperança presente e não daquele que aguarda pelo futuro:

Era como se eu me organizasse dentro do fato de ter dor de estômago porque, se eu não a tivesse mais, também perderia a maravilhosa esperança de me livrar um dia da dor de estômago: minha vida antiga me era necessária porque era exatamente o seu mal que me fazia usufruir da imaginação de uma esperança que,

sem essa vida que eu levava, eu não conheceria. (Lispector, 1964/1998, p. 160)

Esperança presente exige certo desapego das aflições, exige movimento imediato, apesar do medo do desconhecido que qualquer ação desperta. A esperança quando é presente, e não adiada para o futuro, enfraquece a resistência à mudança. Junto com a esperança, o amor parece ter sido um forte impulso para a modificação na leitora. Tal como Laura pôde reconhecê-lo, o amor inspirado por Clarice, é como um “sim” à vida, ao mundo, é a finalidade da existência.

Se por um lado, aprendeu a ter esperança, também aprendeu a ver a desistência de outra maneira. Socialmente, a desistência é muito mal vista: desistir supõe fraqueza, preguiça, é errado, vergonhoso, uma desonra. É preciso persistir!. Descobriu que largar, romper pode ser alivante, momento de retomada da própria vida, momento de autonomia, de decisão, uma sabedoria, portanto.

Não leu **Água-viva**. Percebeu que o livro exigia liberdade para ser lido, talvez uma liberdade parecida com aquela necessária para ser escrito. Nele, a escritora fala do incapturável “momento-já”, “o que está atrás do pensamento”, e que a busca do que quer que seja se faz tateando, às escuras. É uma proposta ousada, onde o leitor precisa desistir de querer compreender tanto, é chamado a viver a experiência do momento, experiência atual. A imagem do animal água-viva remeteu Laura à fundamental temática clariciana do aquático originário, do mar primitivo gerador da vida. Ela reconhece na obra da escritora uma tendência a formar imagens que veiculam mensagens, como nos processos primários freudianos, como nos sonhos.

Clarice pede nossa mão, mas é ela quem nos acompanha. Por causa desse acompanhamento, cuidado e acolhimento, Clarice Lispector é uma escritora especial para a leitora: deu-lhe a mão num quarto escuro e apontou-lhe uma porta.

5.3. AURELIANO

Entrevistadora: Esta entrevista tem o objetivo de colher experiências de leitores de Clarice Lispector, a experiência da leitura marcante de Clarice Lispector, suas leituras da obra da escritora. Antes de tudo, quero colher memórias da sua experiência de leitura, Mais que ideias ou afetos, colher lembranças suas. A memória vai naturalmente conduzir a opiniões, sentimentos, mas vamos em busca da memória mesma. Memória é revelação do passado e, ao mesmo tempo, sua expressão e elaboração. Então, tudo vai interessar muito, tudo o que você lembrar. É a memória que nos deve guiar!

Aureliano: Como eu achei que tinha alguma coisa da memória... Da memória e não da presença atual, eu preferi deixar meio sem uma coisa de... – eu sou obsessivo demais – de voltar a ler, de pegar todas as coisas. Então, na verdade, eu resolvi não pegar o roteiro, não fazer uma leitura, deixar preservar em mim um pouco do que foi passado da minha leitura de Lispector, e voltar a folhear um pouco, na cabeceira de cama, o livro que foi mais importante pra mim que é **A Paixão Segundo GH**. Então, foi nesse sentido que eu imaginei que o meu depoimento, o que eu tinha pra falar, foi o que seria mais vivo em termos da memória dessa maneira. Por isso que eu não quis ver o teu (roteiro) antes, não quis ter nenhum fio que pudesse, digamos, redigir minha leitura, ou alguma coisa desse tipo.

Entrevistadora – A primeira questão que eu te faria, Aureliano, é como foi o seu primeiro contato com um texto de Clarice Lispector? Se você se lembra, se você pode contar...

Aureliano: Bom, o primeiro é difícil dizer. Era uma época, isso fazia parte de uma época, início de estadia aqui em São Paulo – eu sou do interior – e eu vim pra cá com dezessete, dezoito anos pra fazer cursinho. Naquele momento, era uma coisa de... eu queria fazer Engenharia, então tinha um determinado, uma perspectiva de

estudo e de desenvolvimento. E aqui eu reencontrei alguns amigos do interior e comecei a frequentar o curso de jornalismo na PUC. Então, enquanto eu fazia engenharia, às noites eu ia até a PUC. Fazia engenharia na FEI, em São Bernardo, e à noite eu ia pra PUC. E aí que tinha uma coisa de vida universitária, então era um momento muito efervescente, assim de muita juventude, era um movimento onde... da retomada dos movimentos operários... isso é oitenta, oitenta e um, mais ou menos. Nesse ambiente se discutia, se falava de muita literatura, então eu acredito que foi mais ou menos aí, eu não sei se precisar qual foi o primeiro momento, mas esse era um momento, um pouco desse, de efervescência assim e eu me lembro da surpresa quando eu comecei a ler Lispector. Primeiro, porque não estava acostumado com o tipo de literatura assim, na verdade, eu não estava muito acostumado com literatura em geral, porque até a minha vinda pra São Paulo, eu lia muito pouco. Vivia numa cidade do interior e na minha casa não havia muita tradição de leitura, em casa não tinha biblioteca. Então, quando eu vim pra cá, eu não conhecia muita coisa de literatura. Mas aí foi via esse grupo de pessoas que estavam na PUC, todas muito próximas a leitores assim da história da literatura, que eu fui conhecendo, que eu conheci Lispector, que eu conheci Kafka, que eu conheci Elias Canetti, e depois, mais pra frente, eu falo um pouco da experiência, Proust, então eu acredito que Lispector e Proust, Lispector, Proust e Kafka foram os grandes autores que me fizeram perceber coisas da literatura assim, Canetti também, mas que foram leituras significativas, não se tratava só de uma curiosidade.

Tem uma coisa interessante, esta é também – assim eu vou te contando as coisas e as coisas vão se misturando, não sei se é essa a direção –, mas era um momento onde junto com as leituras, nós estudávamos Canetti, Pierce, Kant, Semiótica, Pierce, tinha um monte de coisas assim, mas, em especial Deleuze, era um estudo, era um momento de... Deleuze fazia muito sucesso e estava chegando no Brasil um pouco, de uma certa maneira, sucesso mundial.

Mas Deleuze, quando começa a comentar a literatura, em especial ele tem um livro importante sobre Proust, ele faz certas referências ao modo de se aproximar

da literatura que é via um autor. Quando você começa a ler muito um autor, você começa a ter experiências na sua vida que são daquele tipo. Então você começa a viver aquele tipo de coisa. Isso é um pouco mais claro com Proust talvez, porque Proust tem uma obra extensa assim, eu me lembro, acho que passei seis meses em que eu só lia Proust e com regularidade, todo dia, **Em busca do tempo perdido**. Obsessivamente, li na ordem, era no mínimo dez páginas por dia. Mas os personagens, o modo de pensar, o modo de escrever, o modo de desenvolver o próprio pensamento, o modo de articular as coisas. Você vai lendo um autor assim e aquilo começa a fazer parte da sua vida, e começa a fazer parte, os personagens começam a fazer parte da sua existência. Então eu lembro tem uma situação gozada até, na época eu já fazia análise e a minha analista comentou:

- Mas você comenta dos personagens do livro como se fossem pessoas da sua vida.

E eu não lembro o que eu disse, mas hoje eu diria:

- Mas eram.

E... mas o importante, talvez, nisso, é que aquele tipo de experiência descrita começava a acontecer. É como se, via esses grandes literatos, e as pessoas que tem esse tipo de capacidade, eles abrissem a possibilidade, não de ver uma experiência, mas de ter uma experiência. Então aquela sequência de coisas lidas produzia esse tipo de experiência pessoal. Então, eu tenho uma lembrança muito viva de quando eu li **A Paixão Segundo GH** pela primeira vez. Então o texto tem uma, uma situação curiosa até. Eu tinha vindo pra São Paulo, tinha começado a fazer engenharia, fiz uns dois anos de engenharia, dois, três anos, alguma coisa. Realmente, não era muito o meu universo e eu acabei abandonando, mas, abandonei a faculdade de engenharia, meus pai falaram: – Muito bem, meu filho, ótimo, tudo bem, mas você vai trabalhar, né? E eu comecei, fiz alguns cursos, tudo, e acabei trabalhando como programador de computador. Eu trabalhava na cooperativa agrícola de Cotia, no CEAGESP. Então eu entrava – o meu horário de entrada era oito e meia, oito, oito e meia, acho que era isso – e eu saía dezessete

e trinta, dezoito. O que aconteceu é que eu chegava no trabalho e, ao invés de trabalhar, a primeira hora de trabalho era lendo Clarice Lispector, era lendo **A Paixão Segundo GH**. E aquilo era um universo – hoje eu posso falar disso com mais clareza, mas na época não podia falar, eu não entendia o que era isso – mas era um universo metafísico, de tal maneira, o mais real do real, assim da existência, as questões, hoje eu posso falar, as questões que Clarice Lispector coloca são as questões fundamentais do Ser, o Ser comum assim, mas neste momento eu não tinha essa... eu não tinha nem formação filosófica, nem formação como psicanalista, mas aquilo me tocava numa, de uma maneira que eu entrava naquela história como se eu fosse presente no livro, como se eu estivesse vendo aquilo que Clarice estava descrevendo. Então, em termos de primeiro contato, acho que tem esse momento que eu lembro que era, eu lembro da... de uma coisa assim sensória, eu lembro do livro, eu não tenho mais esse livro, esse exemplar eu não tenho mais, não sei o que aconteceu. Eu – nunca à caneta – mas eu sempre risco os meus livros, e então este exemplar do **A Paixão Segundo GH** não sei o que aconteceu com ele, ele está todo riscado, está todo ... como o meu exemplar de Proust . Quando eu penso que eu quero dar o Proust pros meus filhos lerem, eu vou ter que comprar outro porque esses num...

Entrevistadora: É seu!

Aureliano: Não é que é meu, é que ele é tão poluído com traços, com escritos que ele fica difícil de ser, de interagir com o próprio texto no sentido de fazer comen...não é estudo, é diferente de texto de ciência, psicanálise, onde você marca o conceito, vê qual o outro lugar onde ele também está citado. Nesse não! No caso de Lispector, isso não é ... talvez seja possível, mas isso não é o ... eu tenho guardado em mim a ambiência, o fluxo de pensamento, o fluxo de reflexão, me lembra muito o Wim Wenders no filme “Asas do Desejo”, onde ele ... os anjos vêm e observam as coisas reais, as coisas reais podem ser, são preocupações banais, mas são as pessoas com elas mesmas, às vezes num banco de metrô, numa escada, situações mais trágicas, alguém prestes a se matar, situação de alguém numa biblioteca fazendo coisas...mas, então a maneira como Lispector

escreve... ela...eu sempre tive muita dificuldade em ler romances onde a história é mais clara. Às vezes, certos romances com os personagens... quando eu comecei a ler Shakespeare... tem uma certa dificuldade de guardar os personagens, de saber quem é quem, de saber um pouco qual é a história, **Dom Quixote** e Balzac, esta literatura eu acho interessante, mas são literaturas que você assiste a uma história, e aprende com isso, tem coisas importantes. No caso de Lispector não, você tem que entrar numa história, é muito parecido com Kafka, é muito parecido com **Cem anos de solidão**, é muito parecido com Hilda Hilst, são fluxos de pensamento, onde a distinção leitor-obra, personagem-autor se borra.

Entrevistadora: Romance moderno.

Aureliano: É, tem uma coisa do romance moderno assim, mas esse fluxo de pensamento assim então, é muito difícil, você pode fazer um filme sobre Proust, sobre o que Proust escreve, um pouco assim, mas na hora em que você faz isso, você empobrece o Proust, num certo sentido, porque...no início do **Em Busca do Tempo Perdido**, Proust passa, eu lembro disso, eu tenho marcado isso, trinta páginas pra descrever ele acordando, o raio de luz que faz uma fresta na janela, que chega até a cama, ele ainda sonolento, este raio de luz que atravessa o quarto naquela escuridão, onde ele não sabia distinguir isso daquilo, e aquela, o raio de luz que iluminava a poeira, no quarto. Esse tipo de descrição, assim, ao mesmo tempo em que te leva também à percepção, é diferente do que Lispector faz. Lispector te coloca numa situação mais de entranha, são as entranhas do Ser que ela te leva a viver. É também um pouco diferente do que o que Elias Canetti faz, Elias Canetti – olha, eu estou me permitindo ir associando, não sei se é esse o... né?

Entrevistadora: Daqui a pouco eu faço...

Aureliano: O Canetti, nesse livro **O Auto de Fé**, ele conta uma história, é um homem que ama os livros, as letras, a biblioteca e ele casa com a mulher que cuida bem da biblioteca. E a mulher começa a ter necessidades, desejos e... exigências femininas e de mulher, né? E ele não suporta, ele sai, aí começa uma

coisa meio fantástica, ele põe a biblioteca na cabeça e vai embora. Toda noite ele tira os livros da cabeça. E ele começa a encontrar, no mundo, personagens: um anão bandido, um miserável, são todos personagens que me parecem o exército de Brancaleone. E você vai se identificando com esse personagens, de repente você se vê torcendo pelo anão perverso. Então, ele te leva a este tipo de sensibilidade assim, de identificação com o personagem. No caso de Clarice, esse personagem se esvai, então me vem muito no **Os Laços de Família**....

Entrevistadora – Eu ia te perguntar isso, você já leu outros textos da Clarice?

Aureliano: Eu li diversas coisas, então eu li **Laços de Família**, **A Hora da Estrela**, **A Paixão Segundo GH** e tem coisa que eu já não lembro mais...

Entrevistadora: Os contos, muitos contos?

Aureliano: Então, porque eu li muitos contos. E tem uma passagem de um conto dela, tem a coisa das galinhas, tem esse... os pintinhos, eu lembro que me tocou com uma lembrança infantil assim, porque eu tive um pintinho em casa, e uma das vezes em que eu estava andando na casa dos pintinhos pisei em um, então....

Entrevistadora: Aquela experiência...

Aureliano: Uma experiência meio trágica assim. Então, eu lembro que, como neste momento de leitura, eu tinha tendência pela obsessividade também, a ler muito de um autor, então o que acabava acontecendo é que eu lia – essa tendência um pouco de ler obras completas então, não que eu tenha realizado sempre isso, mas isso tinha um impulso nessa direção – e aí era um autor escolhido, de tempos em tempos e eu lia assim. No caso de Clarice, eu lembro desse momento de, onde eu lia no trabalho, eu li, eu lembro de como eu fique impactado com aquilo e agora então eu li de novo, eu entendi um pouco o impacto do que foi aquilo porque era uma leitura onde eu não guardava muito a história, eu guardava a experiência sensível que estava sendo descrita, né? O mais fundo de mim, isso não importa nada, então um misto de uma relação com o nada, com a futilidade da existência e com o que que é a autenticidade da existência em que... quando eu li aquilo eu

falei: – Pô! Isto é verdadeiro! Então, você veja, é diferente um pouco também de uma história como o Guimarães Rosa, que você demora umas trinta, quarenta páginas pra entrar naquele universo, você entende o universo... como você vê, eu gosto dessas coisas mais clássicas assim e são essas leituras. A literatura um pouco de consumo, eu não tenho muita paciência. Acho interessante, mas não tenho muita paciência para me aprofundar, ou para me dedicar a uma leitura mais sequencial assim.

*Entrevistadora: Destas obras que você leu de Clarice, fora **A Paixão Segundo GH** que foi a primeira.. essa também foi a mais importante, essa foi a que mais te tocou especialmente?*

Aureliano: Qual, a...

*Entrevistadora: **A Paixão**?*

Aureliano: Foi **A Paixão Segundo GH**.

Entrevistadora: Por que motivos? O que isso alterou em você? Modo de sentir, pensar, naquela época? Você se lembra de alguma coisa assim?

Aureliano: Eu descobri que aquilo, que o que eu passava era verdadeiro, que não era uma loucura da minha parte, que não era um desvario da minha parte. Então, esse fluxo de consciência, ou de inconsciência, não sei. Esse modo como Clarice descreve as coisas, eu me via quando eu me via ali, isso me deu uma possibilidade de existir de uma maneira de que eu duvidava. Então, o fato de ter encontrado na literatura um lugar pra isso, e ter me encontrado naquela experiência tão...

Entrevistadora: Foi um apoio pra você?

Aureliano: Foi mais que um apoio.

Entrevistadora: Mais que um apoio?

Aureliano: Foi uma validação, houve uma validação. Uma validação. Eu sou cientista, eu escrevo textos de ciência, eu não tenho a capacidade de escrever como a Clarice Lispector faz, mas nas horas vagas, eu fantasio... mas quando eu li Lispector, isso validou um modo de sentir, um modo de ver, um modo de... um devaneio do pensamento que eu achava esquisito em mim, eu achava desorganizado, louco, sem forma e quando eu encontrei isso em Lispector – é... na época eu não pensei isso – na época, o que aconteceu foi uma, um certo apaixonamento, um certo interesse, eu lia todo dia, eu carregava aquilo. Nem é algo que eu comentasse, não era algo que servia como valor de conversa em ambiente culto, literatura, ou mesmo com os meus amigos. Isso era uma experiência pessoal.

Entrevistadora: Em Clarice, isso costuma ser um tanto angustiante, como é que era ler todos os dias?

Aureliano: Ah, era familiar. (rsrsrs) Familiar porque eu vivia aquela angústia. Então, isso não era um... pra mim eu não estava entrando numa angústia que eu não conhecia, pelo contrário, a Clarice, com aquela maneira de descrever as coisas, me falava de experiências que eu conhecia muito bem. Não só conhecia muito bem como o fato... foi o único livro que eu peguei pra ler de novo, eu vi de novo que... Então hoje, com mais instrumentos de compreensão filosófica, de compreensão da psicologia... Mas as angústias que Clarice desperta não são as angústias do relacionamento com o outro: eu sou amado, não sou amado, o que que eu fiz, o que eu não fiz, destruí, quero reparar, não!... elas são as angústias de existir, de poder existir e de ver a futilidade da existência. Então, é muito verdadeiro o que ela fala no início da **A Paixão Segundo GH** é: eu gostaria que este livro fosse lido por pessoas maduras.

Entrevistadora: De alma já formada.

Aureliano: De alma já formada. Pessoas de alma já formada não são pessoas mais velhas, pessoas de alma já formada são as pessoas que perceberam este aspecto da existência que é banal, fútil...fútil que eu digo é, é um acidente. Me

tocou muito também quando eu vi a entrevista que Clarice Lispector deu na TV Cultura.

Entrevistadora: Do Júlio Lerner.

Aureliano: Ela falando, e a própria maneira de ela se colocar, sem nenhum glamour com relação à literatura. Se não escrevesse, poderia acontecer algo pior. A maneira de ela lidar com isso, que eu vejo, não tem nenhuma afetação ideológica, nenhuma afetação... ela não escreve pra ser lida, pra ser famosa, pra ter um lugar no mundo da literatura. Ela escreve pra existir. Ela escreve pra dar existência àquele sentimento e a partir do mais particular da sua existência, ela vai para algo mais primitivo e universal no ser humano. Agora aconteceu, quando eu estava lendo Lispector, e eu me perguntei – na época não me fiz essa pergunta – mas depois eu fiz, fiz agora lendo: por que a barata é um ser tão repugnante? E é até curioso, depois eu vou pegar num, eu estava viajando assim, eu escrevi uma página um pouco sobre isso de sonhos meus, das... e lembro muito das descrições, a barata como um ser que está aí, o homem vai desaparecer e ela vai continuar aí, então é como quase que a expressão da estrutura básica do ser sem alma. Então eu acho que a barata talvez seja o mais angustiante dos seres, pelo menos pra mim assim, não consigo imaginar a barata, a barata é um ser sem desejo, sem nada, ela parece um pouco o Alien, mas o Alien ainda é humano. O Alien é humano, ele é humano, ele tem olho, ele tem alguma coisa que às vezes é até pessoal, a barata, não! A barata é, tem, eu acho que me vem isso, ela é fria, eu acho que a maneira que eu formulei, tentando descrever um pouco porque que me tocou tanto é que é a essência de um zumbi, é estar vivo sem ter alma, então sem nada, fria, sem desejo, sem maldade, quer continuar a existência tal qual – no mínimo é uma máquina – então é uma coisa, por isso tão repugnante, né? Por isso tão... por um lado repugnante, mas é o mais primitivo de todo ser então...

Entrevistadora: A obsessão dela pela origem, os inícios.

Aureliano: Pelos inícios, tem essa coisa do... é interessante isso porque também na psicanálise a preocupação com os inícios, com o início, foi e tem sido uma das

minhas grandes preocupações seja pelo caso do tratamento e do cuidado com os pacientes mais graves. Eu lembro muito um comentário que Deleuze fazia sobre os psicóticos e eu não... estes tem verdadeiros problemas, e são os problemas existenciais – não são os problemas sexuais, sexo dá problema também –, é que esses problemas existenciais me chamaram sempre a atenção, então todos os... mesmo na história da psicanálise, a maneira pouco tateante com que Freud não soube muito dizer como é que surge o sujeito psicológico; aquela maneira especulativa, matemática de Lacan; a maneira do conflito entre o amor e o ódio que Klein tenta colocar assim; e depois em Winnicott, a maneira como a mãe ambiente gera esse Ser, essas questões aí, então eu acabei seguindo um caminho dentro do pensamento de Winnicott. Mas essas questões, hoje talvez eu tenha uma maturidade pra dizer que Lispector fez na literatura algum tipo de descrição destes elementos essenciais da existência que não tinha na literatura, quer dizer, talvez tenha, eu acho que Kafka faz um pouco disso, o Gabriel Garcia Marques de uma maneira indireta, alguns esquizofrênicos tem. Tem um texto de Vijinski que talvez tenha uma coisa parecida com o que Clarice faz, mas a maneira de falar sobre o mais primitivo em geral seja na filosofia, seja nessa literatura mais romanceada; é uma maneira um pouco explicativa, um pouco de definir o que é o Ser, estabelecer categorias, e é o que Lispector faz. Ela te leva à experiência e mostra de uma maneira muito crua que grande parte da existência e dos problemas cotidianos são banalidades. O fundamento da experiência que ela te leva a ter são os fundamentos do mais profundo e... é estranho, né? Por que é o mais profundo e o mais perene da existência, ao mesmo tempo, tem estes elementos...

Entrevistadora: Ela começa com um elemento cotidiano e te leva pra outro lugar.

Aureliano: É, a questão cotidiana aí são questões cotidianas banais, vestido, limpar o quarto, os compromissos de dona de casa.

Entrevistadora: Você diria Aureliano, que a Clarice foi ou é uma escritora importante pra você?

Aureliano: Ah...sim, quer dizer, acho que nesse sentido, ela me levou a...quando eu li **A Paixão Segundo GH** eu achei que G.H. era a abreviação de um nome, e nunca pensei mais no assunto. E atualmente, quando eu li, G.H. é o gênero humano, então eu formulei isso, isso exigiu um amadurecimento meu para poder formular isso assim. Mas então a Clarice, eu diria, tanto que eu estive há pouco no Canadá e eu tive um encontro muito feliz. Eu encontrei, fiz um amigo, encontrei ele, a esposa, uma coisa muito desses encontros de alma gêmea, desses assim, e eu, eu queria dar alguma coisa importante pra eles, e eu procurei, eu vi que tinha traduções de Lispector e eu mandei, então, pra eles assim como uma coisa tipo...ela é uma escritora universal, não é escritora regional evidentemente, e o fato dela ser brasileira tanto faz, não tem a mínima importância. A mínima importância na obra dela porque ela está falando da questão mais primitiva. Olha só, quando a gente fala da questão mais primitiva do Ser a gente tem que lembrar que, tem que lembrar o fato que é angustiante da própria existência que é o seguinte: o fato de existir o homem neste planeta é um acidente improvável, é um... exigiu tantas variáveis juntas no surgimento da vida e depois tantas outras para o surgimento do homem e a vida pode ser desfeita num momento...

Entrevistadora: Fragilidade da existência.

Aureliano: A fragilidade... não basta ser um grande homem, é uma metafísica sem Deus evidentemente; e uma metafísica, uma apreensão assim. Esse ano morreu o Cesar Ades que era um amigo meu, uma pessoa que eu tinha uma grande admiração e houve um acidente, foi atropelado.

Entrevistadora: Foi professor meu na USP.

Aureliano: Então, homens notáveis, no início da vida, produzindo: Vygotsky, Barthes morrem, Abraham, uma espinha, uma inflamação. Pulhas como o Pinochet vegetam até... então não há justificativa, sentido algum. Meu filho mais velho está entrando na adolescência e fica bufando pelos cantos, vendo as coisas tudo: –Isso não é justo, e eu brinco com ele, falo: – Cara, a vida não é justa! Mas o sentido das coisas, o sentido do que talvez Clarice mostre de um jeito angustiante,

é que a vida não tem sentido. Isso não significa que é ruim viver, não é nada disso, mas não tem nenhum sentido transcendental na vida. A vida é um pouco, deste ponto de vista existencialista sim, a vida é o que você faz dela, e acabou, acabou. Então lendo um pouco um verso do Manoel Bandeira que é: “duas vezes se morre, uma vez na carne e outra no nome”. Mas é um pouco o que a Clarice faz, ela traz pra coisas extremamente importantes num meio de banalidades, futilidades, acho que ela mostra esta conjunção, e é angustiante porque você é levado não a pensar aquilo, a raciocinar aquilo, você é levado a viver aquilo.

Entrevistadora: Essa experiência que é pessoal, que você teve com a obra dela, você acha que muitos outros leitores podem ter, quaisquer leitores podem ter...

Aureliano: Quaisquer não! Só os que tem estes problemas, que chegaram a isso, estão abertos a este tipo de coisa, isto não é uma literatura pra... isto é uma literatura para quem está exposto a estas questões. Então quem não está exposto, seja pela própria existência, seja pela própria procura, seja pelo próprio momento, não vai conseguir ler. Mais ainda, não é para ser lido a qualquer momento, dependendo de onde você está, do momento aonde você está, não é possível ler Lispector, seja porque está muito distante, de um outro universo mais objetivo do que às vezes você está tratando, seja porque está muito próximo... mas isso eu diria é muito pessoal, pessoal que eu digo é... alguém pode estar passando por um momento de grande sofrimento e desorganização e encontra ali um espelho, um apoio, alguém que fala daquilo que está sendo vivido e isso dá uma tranquilidade. Pra outra pessoa, aquilo intensifica a própria desorganização, eu não saberia dizer. Mas só pessoas abertas a essa perspectiva, eu diria, só pessoas que estão em certos momentos metafísicos assim poderiam ler Lispector.

Entrevistadora: Pra compreender mesmo.

Aureliano: Senão é uma leitura enfadonha, senão é uma leitura que não dá continuidade: do que que essa mulher esta falando? Pra lá, pra cá... Ela estava falando de um negócio, agora está falando de outro. Nem a pontuação ela faz direito! Então, isso é necessário... que o tônus espiritual, existencial, esteja mais

ou menos naquela sintonia pra você poder seguir aquele tipo de coisa. Ou então você precisa caminhar até a este universo, isso também, tem alguns autores que eu diria: Guimarães Rosa é assim, Proust é assim, que você precisa caminhar um determinado tanto para que a sua percepção funcione daquela maneira, pra que o seu... no caso de Proust é mais claro, eu acho, **Grandes Sertões** também, eu acho, que são as duas grandes referências que eu tenho. No caso do Proust é necessário que você tenha, desenvolva a paciência, desenvolva a construção da possibilidade de construir a ambiência que ele constrói passo a passo: o raio de luz, a poeira, o degrau, o sapato, o chá... enfim, todas aquelas coisas que ele vai apontando, mas pra isso precisa paciência, tempo, precisa ler as orações subordinadas todas, não precisa querer saber qual que é a história. Então, no caso de Lispector também, se você lê procurando qual que é a história, você não vai conseguir. Uma analogia ou uma maneira de também entender isso é jamais – eu acho, tenho quase certeza disso, a não ser que apareça uma exceção enorme – Hollywood vai filmar uma Clarice Lispector ...

Entrevistadora: A Meryl Streep ia estreitar...

Aureliano: Pode fazer a história dela. Pode fazer a biografia da Clarice Lispector. Mas o universo Clarice Lispector não é passível de ser filmado em Hollywood. Ele precisa de Godard, ele precisa de um cinema Europeu, precisa de um Tarkóvski, ele precisa diretores metafísicos pra chegar a isso porque não é história, não é história e não é sequência de ações, e não é drama interno, isso é uma coisa também, acho importante em Clarice Lispector que o que ela passa não é uma viagem interior de conflito interior. Ela é uma viagem de conflito metafísico.

Entrevistadora: Alfredo Bosi fala isso.

Aureliano: Então, não é uma questão de conflito entre relacionamentos, é conflito com relação a ser e não ser, ponto. Então, num certo sentido, é aquilo que – eu gosto muito de uma passagem que Winnicott fala sobre uma interpretação da clássica formulação do **Hamlet** do ser e não ser e ele diz que um ator que entendesse o que ele, Winnicott, está falando interpretaria esta passagem do

Shakespeare fazendo uma pausa depois da primeira frase: “Ser ou não ser ... .. eis a questão”. É aí a questão. Depois as questões, o que é melhor para o espírito, sofrer, dados, isso é fazer. São outras questões que vem depois. Depois na obra de Winnicott eu encontrei alguma coisa assim: primeiro eu “sou”, aliás, primeiro “sou”, depois “eu sou”. Este “sou” ele é de uma grande individualidade, mas não é um “eu”, não é interno. Ele diz respeito a ser no mundo, e este ser no mundo não é uma identidade, é uma experiência de Ser. Então eu acho que Lispector nos leva, pela experiência, a este tipo de coisa. Hilda Hilst também, eu acho, que é uma outra escritora metafísica que produz esse tipo de coisa. Então, são fluxos de pensamento, de reflexão, reflexão talvez nem seja, eu diria mais fluxo de pensamento mesmo porque... bom, pode-se dizer também reflexão entende, não tem importância isso, mas isso é o que te dá a... você não explica isso.

Entrevistadora: Professoral.

Aureliano: Você não explica. Você cria as condições para isso ser experimentado, ok?

Entrevistadora: Tem mais alguma coisa que eu não tenha perguntado que você queira dizer?Alguma coisa que te ocorreu durante a entrevista e não disse?

Aureliano: Só que quando a gente começa a falar de Clarice dá vontade de... segue... e começa a associar e falar, tem um milhão de coisas pra... acho que é um pouco esse misto entre falar de si mesmo e falar de alguma coisa que é para além de si mesmo. O que eu acho da experiência com Clarice Lispector é que... você veja, é um paradoxo, não é? É o mais primitivo de toda existência, mas você, pra poder chegar a estas questões, você precisa retirar todas as outras questões, digamos assim, das identidades, das ideologias, dos valores sociais. Ela não fala sobre valor social, ela não fala sobre o horizonte de uma época, ela não fala sobre os critérios de beleza ou de valor, os critérios morais, ela não... nem sobre os critérios estéticos, nada disso.

Entrevistadora: Foi tachada de alienada.

Aureliano: Acredito que ela diria: – Isso não importa, não tem importância alguma. Acredito, sei lá, quem sou eu pra dizer isso, mas ela talvez dissesse alguma coisa assim: olha, eu estou escrevendo sobre o que importa.

Entrevistadora: Ela disse, uma vez, que a fome, as questões sociais, são tão básicas que não há motivo pra escrever sobre isso.

Aureliano: Agora, levar alguém a ter esta experiência, é só alguém que também conhece essa experiência. Pode te levar pra experimentar aquilo, é um caminho, digamos, aquilo que ficou vulgarizado e banalmente feito de uma maneira simplória pelo Paulo Coelho, ela fez efetivamente.

Entrevistadora: Você fez um movimento como se fosse da mão, ela faz muito isso: te leva.

Aureliano: Ela te leva a essa experiência, ela te leva a esta experiência e não diz pra você... veja isso, você está vendo isso que eu estou vendo, não, ela te leva pra ver do lugar aonde ela está vendo. A partir deste lugar você vê as suas coisas. Então ela... É diferente de alguns livros, eu nunca li Paulo Coelho, nunca tive paciência, mas é uma coisa um pouco banal, diretiva, ele quer ensinar, tem coisas que quer ensinar, o mestre. Ela talvez seja... tanto que eu acho que tem alguns aspectos próximos ao Budismo, ou este tipo de livros. O importante não é o conteúdo, é o levar a ter aquele tipo de experiência, então esse tipo de... Agora, um caminho difícil, árduo, um pouco vertiginoso, eu acho que talvez ela é a autora que mostra de uma maneira... faz ver de uma maneira experiencial, que o ser humano não é simples. Chegar ao ser humano é chegar a uma certa vertigem.

Entrevistadora: Complexidade.

Aureliano: Essa profundidade.

*Entrevistadora: O que te marcou mais na **A Paixão Segundo GH** foi a experiência metafísica, a lembrança fica mais viva nesse sentido, algum outro ponto que você se lembre...*

Aureliano: Não, acho que essa experiência no sentido de que eu não... eu me senti menos louco, eu me senti mais no mundo. Depois disso: na sequência da vida, você vai identificando que diversas pessoas tocaram nesse tipo de coisa com mais ou com menos desespero. O que me... por exemplo, uma coisa que me chama a atenção, veja, tem um autor que é Cioran. Cioran se depara com o sem sentido da vida de uma maneira desesperada. Eu diria que Clarice Lispector não se depara, ela se depara de uma maneira fria, de uma maneira fria no sentido de que ela diz: não é o fim do mundo, ela diz: é assim.

Entrevistadora: Suporta, não é?

Aureliano: Cioran escreve... o primeiro livro dele é “Do inconveniente de ter nascido”. Então ele diz: desde que cheguei ao mundo percebi que a vida era isso, sem sentido, quis logo sair dela. Não é isso que Clarice faz.

Entrevistadora: Ela não briga.

Aureliano: Ela não briga contra a vida, ela fala assim: olha, a experiência verdadeira passa por isso. O que você vai fazer com isso em relação à sua vida ou o que cada um vai fazer, não é questão dela. Ela não quer ensinar, ela quer, ela tem a necessidade, aí isso é uma coisa bonita assim, eu acho que a Clarice Lispector não é literata por algum ideal do que ela quer ser, ela é literata por uma necessidade de ser. Então na hora que ela é, então ela encontrou aí uma maneira dela poder ser: não Clarice, ser! Ela é Clarice na hora em que ela escreve, no livro ela não é Clarice, no livro ela é outra coisa, e aí o caminho quando você faz, lendo aquilo que te leva a essa outra coisa. Isso é um... em termos da literatura que tem esta importância assim, mas tem esse outro lado, que é a importância de talvez, conhecendo isso, a importância do reconhecimento deste tipo de problema clínico. Porque isso não é um problema relacional, isso não é um problema, num certo sentido nem é mesmo um problema que advém da sua história pessoal. Isso é um problema que advém da estrutura do você existir como um ser. Por isso que os psicóticos tem problemas assim, por isso que muitos pacientes atualmente se deparam com esse tipo de coisa. Agora, para quem não chegou nisso, é daltônico,

não vai ouvir. Então essa angústia que aparece no **A Paixão Segundo GH** com um psicanalista freudiano clássico, ortodoxo, que lê isso como um problema de sexualidade reprimida, perdeu tudo. Não tem repressão, não é questão de repressão. É mais questão de cisão, é de não ter chegado lá. Então, a maneira de cuidar da angústia também não é explicativa. A maneira é o contato com a experiência de... Então talvez Clarice tenha conseguido fazer nos seus livros... cenas que eu lembro assim... eu me lembro de uma cena bonita, eu estava lendo num coletivo e me lembro de ter marcado assim... ou alguma coisa que eram dois deficientes, dois cegos trocando as suas deficiências, era alguma coisa assim, não lembro mais aonde está isso.

*Entrevistadora: Talvez n' **A Descoberta do mundo...***

Aureliano: Pode ser, mas eu lembro dessa... dois cegos trocando suas deficiências, então eu acho que tem essa... ela tornou possível uma experiência terapêutica no sentido de integrativa, de validação daquilo que se vive da existência; e que para o cientista, para o psicoterapeuta, psicanalista ele precisa conseguir isso de outras maneiras, pelo contato, pela comunicação, pelo não escamoteamento dessa questão do ser, ou não obscurecer isso com questões: você quer me matar, você está angustiando porque você me fere. Então é talvez um pouco nessa direção que os literatos vão na nossa frente.

Entrevistadora: Mais alguma coisa?

Aureliano: Não, está bom assim!

Entrevistadora: Obrigada!

Aureliano: Obrigado você!

5.3.1. ANÁLISE

Aureliano viveu eminentemente uma *experiência* com a leitura de **A paixão segundo G.H.**, muito pessoal, muito intensa, sensorial, pré-reflexiva e reflexiva: *na época, o que aconteceu foi (...) um certo apaixonamento, um certo interesse, eu lia todo dia, eu carregava aquilo. Nem é algo que eu comentasse, não era algo que servia como valor de conversa em ambiente culto, literatura, ou mesmo com os meus amigos. Isso era uma experiência pessoal.* Mais que aprendizagem, Aureliano descreveu a leitura do livro como um caminho percorrido com a escritora. Sentia que ela o levava. Não sentia assistir a uma história, mas entrar e tomar parte nela, sentia-se um leitor participante.

De outros textos, traz comovido as lembranças um tanto isoladas dos pintinhos e dos cegos. Os pintinhos o remetem à infância interiorana e às suas próprias experiências com eles: lembra o acidente de haver pisado num deles em casa. Terá com Clarice aí reconhecido a nossa falta de jeito com a vida e os vivos?

Os cegos são figuras muito presentes na obra de Clarice Lispector de acordo com Mendes de Sousa (2000):

Em figuras de cegos ou em comparações e analogias, a cegueira manifestar-se-á como uma das formas mais próximas do conhecimento pelo paradoxal não entendimento. Somos conduzidos àquele ponto que inquestionavelmente é um núcleo de resistência, o que reafirma a todo o momento: a impossibilidade de racionalmente se dizer e compreender o mundo. (p. 224)

Aureliano julga ter lido em Clarice Lispector algo bonito sobre “dois cegos trocando as suas deficiências”. Possivelmente a lembrança corresponde, sob forma modificada, mas em mesmo sentido, às trocas entre o cego e Ana no conto

“Amor”: a mulher sendo levada pelo cego a uma experiência que precede, excede, confunde e pode orientar o conhecimento. Qualquer que seja a fonte dessa evocação modificada, a imagem de dois cegos trocando suas deficiências parece corresponder muito bem ao que o leitor muito profundamente assinalou sobre sua leitura de Clarice Lispector. Aureliano viveu pela leitura a validação de sentimentos que, não tivessem nunca sido validados por outros humanos tal como os sentiu validados pela escritora, então o deixariam sob suspeita de viver sentimentos de pessoa “perturbada”, sentimentos de um “louco”, um “doido”. A escritora parece ter protegido o leitor contra a desmoralização. Validação é a impressionante palavra que Aureliano escolheu, designando o que recebeu da leitura como algo bem maior do que um apoio passageiro: os caminhos percorridos pela escritora, para os quais foi trazido o leitor e nos quais o leitor reconhecia parentesco com seus próprios caminhos, validaram seus caminhos.

Validação de quê? Terá sido perceptível o quanto este leitor aproxima sua compreensão de Clarice Lispector da tradição de pensamento existencialista em que ele também mostra ter encontrado validação. Validação de quê? A escrita de Clarice Lispector, lembra ele e ela mesma o disse mais de uma vez, era uma necessidade para ela, salvava de desesperar no sem sentido da vida banal cotidiana: *Ela escreve pra existir*, diz Aureliano. Tornando-se escritora por necessidade, tornando-se seu leitor por necessidade, ela e ele escreviam ou liam para existir, para assumir sem horror que o sentido da vida não dispõe de nenhuma garantia externa que tornasse suficiente apenas obedecer às instituições. O sentido da vida não dispensa nossa responsabilidade, nossa decisão, nossa ação, nossa liberdade: Aureliano acentua muito isso, reunindo sem hesitação a condição de leitor de Clarice Lispector à condição de leitor dos existencialistas. A leitura de Clarice Lispector, opina ele, é angustiante como é angustiante a existência: *é angustiante porque você é levado não a pensar aquilo, a raciocinar aquilo, você é levado a viver aquilo*. Aureliano reconhece e aprecia a maneira *crua, pouco explicativa*, que a escritora tem de mostrar quanta banalidade há no mundo. Também sua maneira de despir o mundo *levando os leitores a viver*

as *entranhas do Ser*, partindo do que tantas vezes é fútil ou também do que é demais particular, a escritora alcança o que é *mais primitivo e universal no ser humano*.

Tal como na interpretação de Alfredo Bosi (1994) sobre **A paixão segundo G.H.**, Aureliano também acredita que as questões sejam ali metafísicas. Aureliano faz interessantes observações sobre quanto Clarice Lispector afasta-se das abordagens psicologizantes: ela não aborda problemas locais e transitórios do relacionamento com os outros, tampouco fala de um eu interior ocupado apenas consigo mesmo e desligado do mundo, no máximo concentrado em experiências de identidade e nunca em experiências de Ser: *Este “sou” (...) é de uma grande individualidade, mas não é um “eu”, não é interno. Ele diz respeito a ser no mundo, e este ser no mundo não é uma identidade, é uma experiência de Ser.*

Não há necessidade de colocarmos sob forma polêmica ou controvertida a proximidade que Aureliano viveu entre Clarice Lispector e o existencialismo ou também entre ela e certas formulações de Deleuze. Como já o dissemos, o que para nós ficou decisivo foi que Aureliano viu-se como que curado de um sentimento de desmoralização. Suas perguntas sobre o ser ganharam legitimidade.

Este leitor sustenta que as angústias de existir permeiam a obra de Clarice. Angústia da escritora, angústia do leitor, angústia humana. Angústia que repele, angústia que atrai, que fere e que cura. Na experiência de Aureliano, não assustava entrar em contato com essas angústias, pelo contrário, elas lhe pareciam familiares: *eu me senti menos louco, eu me senti mais no mundo*. Houve quem tivesse sentido com a leitura de Clarice Lispector crescer na capacidade de viver angústias. O que sentiu Aureliano parece ligeiramente diferente: já dispunha de uma capacidade assim, mas que se tornou mais que nunca reconhecida como uma capacidade. A leitura pareceu sustentar como uma experiência exigida de todos nós pelo mundo o que ele, sem identificá-la em ninguém, talvez tivesse julgado como uma experiência alienígena, isolada, própria de um louco. O texto da

escritora trouxe o leitor para a autenticidade do que vivia: *não era uma loucura da minha parte (...) a possibilidade de existir de uma maneira de que eu duvidava*. O texto clariciano validou um modo outro de sentir, mais desorganizado e louco, que lhe era necessário e que é de lamentar quando fica socialmente desacreditado, desonrado e desencorajado.

Aureliano não acredita que qualquer leitor possa ser alterado pela escrita de Clarice Lispector. Ele pensa que é uma literatura para quem já está exposto a questões metafísicas, para quem está no momento certo de leitura, para quem não lê procurando uma história tanto quanto uma experiência. Além disso, apontou que a angústia de ser desencadeada no texto e no leitor, pode trazer desorganização tranquilizada ou desorganização intensificada. E Aureliano abriu também uma outra possibilidade: o leitor ser tocado pelo universo clariciano, caminhar pelo texto até ele, mesmo não estando previamente preparado. O leitor vai “formando” sua alma gradualmente, com a ajuda do texto. Observemos, nós psicanalistas, a maneira como Clarice Lispector “formava almas”: validando e integrando angústias.

****

5.4. MARGARIDA

Entrevistadora – Esta entrevista tem o objetivo de colher experiências de leitores de Clarice Lispector, a experiência da leitura marcante de Clarice Lispector, suas leituras da obra da escritora. Vou dizer algo que vai entender: antes de tudo, quero colher memórias da sua experiência de leitura, mais que ideias ou afetos, colher lembranças suas. A memória vai naturalmente conduzir a opiniões, sentimentos, mas vamos em busca da memória mesma. Memória é revelação do passado e, ao mesmo tempo, sua expressão e elaboração, então, tudo vai interessar muito, tudo o que você lembrar. Você entendeu, né, é a memória que nos deve guiar!

Você se lembra da primeira vez que você entrou em contato com um texto de Clarice Lispector?

Margarida – Houve vários começos, então eu posso falar dos três começos. O primeiro foi no colégio acho que como todo mundo, então, li alguma coisa, mas era aquela questão de você decorar os títulos e colocar na prova, então não valeu de muita coisa, nem me lembro qual foi o texto. A segunda vez foi na faculdade. Aí me chamou atenção realmente. E o terceiro momento foi quando eu mesma ganhei um livro do meu ex-marido, na época era meu namorado. Ele me perguntou o que eu queria de presente, eu disse que queria uns livros da Clarice e ele foi num sebo e comprou vários. Então eu comecei a ler. O primeiro início foi aí, na verdade. E o primeiro texto que eu escolhi pra ler - foi numa viagem, a gente foi pra um hotel fazenda - eu escolhi **Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres**. Eu acho que esse, na verdade, foi o que conta, o livro inaugural, a narrativa inaugural pra mim.

Entrevistadora: Esse primeiro momento na escola foi assim indiferente ou ele deixou algum tipo de traço?

Margarida: Foi bem indiferente porque era muita coisa realmente pra decorar, pra guardar, era mais uma escritora brasileira, pra mim não significou nada.

Entrevistadora : O primeiro momento significativo foi o segundo?

Margarida – É, porque me levou ao terceiro.

Entrevistadora – E o terceiro parece que foi aquele de um contato direto seu com um texto?

Margarida – Isso.

*Entrevistadora – Acho que esse então é o que mais conta...Pode falar um pouquinho desse terceiro momento em que você leu **Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres**?*

Margarida – Esse momento era um momento de vida muito interessante porque eu estava iniciando, acho que era o segundo ano do relacionamento. Eu ainda estava muito angustiada, perdida, sobre como me relacionar, sair de um mundo próprio pra entrar num mundo em conjunto. Então, este livro trata justamente disso, eu escolhi assim, meio a olho e acabou acertando o meu momento. Acho que os livros da Clarice me parecem assim, quando a gente acerta o momento que a gente vive com o que o texto está dizendo, acho que realmente acontece um encontro. Pra mim, este foi meu primeiro encontro com a Clarice e o texto dizia sobre isso, como aprender a se relacionar, como sair das angústias da solidão, do não se conhecer, como o outro ajuda a gente a se conhecer, como é possível aprender a se relacionar, e pra mim isso tudo foi muito importante, me ajudou muito, aprender a se entregar. Acho que essa era uma questão muito difícil pra mim. O meu primeiro namorado reclamava disso, de como eu não me entregava, então a Clarice me ajudou nesse segundo relacionamento, muito. Assim, na época, meu ex-namorado, tinha até mais qualidades que o Ulisses, porque o Ulisses era todo professoral, ele era meio didático, mas a minha experiência foi até melhor do que a da Lóri eu acho, mas valeu assim, eu acho que o livro me

encaminhou bastante bem para esse começo de relacionamento. Então, eu tenho essa gratidão com a Clarice por ter me ajudado num momento fundamental da minha vida, e aí houve outros livros depois, por alguns motivos, que eu gosto, mas este foi o primeiro e foi bem importante porque foi este que me levou aos outros.

Entrevistadora – Essa experiência de entrega que você alcançou especialmente com a leitura desse livro, o que você descobriu sobre essa vivência de entregar-se?

Margarida – Acho que comparado ao momento anterior em que eu vivia, consegui trocar, me abrir, escutar o outro. Sair de certas verdades, de silêncios próprios. Eu era muito reservada, escolhia datas pra encontrar com o meu primeiro namorado. Com o segundo namorado, na época, a gente misturou as vidas, era uma coisa muito diferente da primeira experiência, que era muito mais controlada. Eu tinha medo das emoções, então eu segurava, eu não permitia o contato, a frequência. Já com o segundo relacionamento houve muito mais conversa, troca, abertura pras diferenças, eu comecei a gostar de coisas que ele gostava e vice-versa, então houve um relacionamento, uma troca, então, eu acho que a primeira experiência que eu tive foi um ensaio, eu não posso chamar de um relacionamento.

Entrevistadora – O livro te encorajou?

Margarida – Eu acho que sim, acho que ele me mostrou que é possível mudar, aprender, que você não nasce assim e vai ser assim pro resto da vida, que é possível aprender a se relacionar, a se questionar. Talvez não tenha sido uma transformação perfeita, talvez eu tenha muito, acredito ainda, a me transformar nessa área, mas deu um grande empurrão em relação ao que eu era antes, isso é bem claro pra mim.

Entrevistadora – E agora eu vou exigir um pouco mais de você pela memória: você se lembra, você saberia me dizer que textos você leu de Clarice?

Margarida – Eu li quase todos os textos, os contos, os romances, com a exceção de **O Lustre**, **A Cidade Sitiada**, do **Um Sopro de Vida ou Pulsações** e um dos infantis que é **Como Nasceram as Estrelas**. Esse das estrelas eu não tenho, os outros eu tentei ler umas três vezes cada um, e eu não consegui, a história não conseguiu me pegar. Talvez num outro momento de vida eu consiga ler, mas por enquanto ainda não consegui. E eu estou lendo ainda o **Para Não Esquecer** e **A Descoberta do Mundo. Outros Escritos** também é um texto que eu continuo lendo, que são aqueles escritos iniciais. Eu li duas biografias e tenho a fotobiografia. Li alguns comentadores também.

Entrevistadora – Destes todos que você recorda ter lido, quais foram os mais marcantes?

Margarida – Acho que teriam dois que eu elegeria, por motivos diferentes. Um, eu vou começar com o que foi marcante pelo motivo menos importante, foi **Água Viva**. **Água viva** pra mim é um texto muito importante, muito caro. Eu gosto muito, já li várias vezes. É um texto que, num primeiro momento, na primeira leitura, me deixou muito aborrecida, eu pensava: - Poxa vida! Que autora desrespeitosa com os seus leitores. É um *brainstorm*, uma leitura enfadonha e eu pensei: - Mas que horror! Larguei o texto. Aí, um belo dia eu comecei a ler de novo, aí eu li, aí foi diferente, aí eu segui a sugestão que ela coloca no início, ela diz mais ou menos assim: embarque nessa viagem comigo e não se exija demais, vá deixando as páginas passarem, depois você entende, não queira entender tudo num primeiro momento. E eu segui o que ela disse, então o texto se abriu pra mim e eu entendi que era uma viagem que era como se eu tivesse mergulhado na cabeça da autora e viajasse com ela ao longo de músicas e flores. É encantador o livro, fiquei encantada com a beleza, artes plásticas de que ela fala também, de autores e metáforas. É uma carta, este texto é uma carta pra um ex-amante. Ela escreve a carta endereçada a alguém, ela faz questionamentos existenciais, filosóficos, assim, incrível. Eu adorei, fiquei encantada. Descobri que é possível um reencontro, mesmo com os textos que não te impactaram num primeiro momento. Acho que pode acontecer um reencontro, dependendo do seu momento, da sua

abertura, sei lá, de muitas coisas, mas é possível o reencontro. Isso foi uma coisa que eu aprendi muito nesse texto, foi uma lição pra mim, pro meu pré-julgamento: este texto é horrível, ruim. De repente eu consigo ver ali uma obra fantástica, mudou radicalmente. E é um texto difícil porque as pessoas costumam gostar de textos que tenham um enredo mais clássico, personagens, uma história, e este texto não tem. É um texto que gera angústia, são pensamentos de uma pessoa, então eu me encantei pela diferença, pela proposta. Eu gosto muito de desafio e este texto me desafiou. Ele me dizia: - Tem um obstáculo ali a ser encarado! Quando eu consegui uma chave de leitura, fiquei muito feliz, então isso me encantou.

Entrevistadora – Que obstáculo?

Margarida – Esse de eu ficar incomodada, num primeiro momento, era um obstáculo ficar incomodada com o tipo de texto e eu não compreender, e eu achar que era desrespeitoso porque eram pensamentos jogados.

Entrevistadora – Hermético?

Margarida – Sem nenhum trabalho, eu pensei. É uma pessoa que está com preguiça de pensar numa história e pôs lá tudo o que estava pensando e isso é muito desrespeitoso! Eu achei que era isso, num primeiro momento, mal sabia o trabalho que ela teve pra escrever todo este texto. Mas eu achava: - Nossa, que autora preguiçosa! Põe lá tudo o que estava pensando. E aí, num segundo momento: - Nossa!

O outro texto me marcou por motivos mais profundos, foi **A Maçã no escuro**. É um texto que eu li depois da **Aprendizagem**, por causa da **Aprendizagem**. Eu fiquei muito encantada, eu falei: - Vamos pra um outro romance! E fui para o segundo romance (**Água Viva** eu li bem depois). Nesse romance, tudo acontece por causa de uma ruptura. Martim supostamente matou a mulher e a partir daí ele vai, errante em busca da própria vida, se reconstruindo e me lembra muito a Edith Stein quando ela fala alguma coisa sobre os elementos da natureza que trazem

uma simbologia pra nós humanos. As rochas dão aquela sensação de estrutura e firmeza, a água dá a sensação da fluidez...Ele foi revivendo todas essas etapas. A proposta dele era abrir mão, desistir de quem ele era e entrar numa outra experiência. Então ele começou a ser como as rochas, depois como as plantas, ia revivendo sem linguagem, isso era muito interessante. Ele refez todo este percurso até reencontrar seres humanos, os próprios sentimentos e a linguagem depois. Conheceu duas mulheres muito interessantes, muito diferentes. Uma muito fechada, muito magoada, a outra muito ingênua, apaixonada. As duas se encantaram por ele, que estava vivendo aquela experiência. Este texto, pra mim, fala de toda experiência humana. De símbolos, de sensações, de relacionamentos, de dificuldades, de facilidades, de amor, de muita coisa assim. É um livro completo, com muitas questões importantes. Eu tenho vários trechos, várias frases de que gosto muito e até já fiz uma seleção, que agora não estou com ela. Tem várias frases desse texto que são muito marcantes pra mim. Uma delas é a questão da desistência, que desistir é a única coisa realmente importante que você faz, às vezes na vida; a questão do erro também, que o erro tem que ser precioso pra poder te salvar. Quando você erra, você descobre um monte de coisa que você não sabia antes, então isso é muito importante. Ela fala umas frases nesse texto sobre o amor... muito, muito importante. Ela falou que uma pessoa às vezes tem tanto medo que ela só consegue dizer “não”, mas, na verdade ela tem vontade, ela quer. São essas oposições, essas dificuldades no relacionamento com alguém. Esse texto me ajudou muito a pensar minhas questões, muito importante!

Entrevistadora – Desistir, depois o erro e o amor. O que é desistir? O que é isso? Você poderia explica melhor o que você quis dizer.

Margarida – Desistir pra Clarice, nesse livro... ele desistiu da vida dele. Martim largou tudo para encontrar uma outra vida, se reencontrar, se ver com outros olhos, então ele se reinventou praticamente. Desistir tem a ver com desapegar, e as pessoas acham que o desistir tem a ver com uma falha, com um fracasso, você não foi forte o suficiente. Mas desistir é ter buscado muito, é ter lutado muito e

descobrir que realmente não é possível. Ele descobriu isso. Quer dizer, eu preciso largar tudo o que eu entendo como vida e me reinventar, então desistir é matéria de salvação. Você precisa desistir pra poder recomeçar, reinventar-se. É uma força desistir, não é uma fraqueza. Acho isso muito importante, poder largar aquilo que você está apegado, agarrado e recomeçar.

Entrevistadora – E o erro precioso?

Margarida – Sobre o erro precioso ela fala até num outro conto, não me lembro... ela fala como o erro te aponta novos caminhos... se você acerta você continua no que você já sabia, quando você erra, você tem a possibilidade de se impactar com a realidade das coisas e falar: - Poxa, agora eu preciso mudar de posição, de pensamento porque não está correto, estou entendendo errado, não percebi. É este tipo de coisa que eu gosto em Clarice, ela gosta de chacoalhar, de mostrar pra gente outras verdades. Você precisa repensar, reelaborar, eu acho que é na mesma onda da desistência o erro. É precioso quando você descobre porque você errou e o que pode se reinventar. Podemos ficar apegados no erro ou ignorá-lo: - Poxa errei, deixa pra lá. Não é importante o que aconteceu aí. Então só pode te salvar se seu o erro for precioso...

E o amor, que é um tema muito grande, mas nesse livro eu achei que ela enfoca com uma beleza incrível. Uma das mulheres era Vitória, uma mulher muito severa, a dona de uma chácara. Ela tinha uma paixão recolhida por ele e não conseguia dizer porque ela já tinha sido muito machucada. Não queria se expor, era um tanto orgulhosa, não queria dizer que gostava. Ela maltratava ele. Já a outra era aquela pureza, ingenuidade, trazia flores, trazia coisas pra ele, agradava, fazia uma comida, era de um amor, de uma dedicação. As duas eram instigantes, em alguma medida, pra ele. Elas, cada uma no seu ponto de vista, falam a respeito do amor. Uma sobre como é difícil se expor, como é importante se esconder, mas também a angústia de querer dizer e não conseguir. A outra, sobre como é lindo o amor, quando você encontra uma pessoa, o encanto, como é se entregar sexualmente. Então são belezas muito diferentes, mundos diferente e pontos de

vista diferentes sobre o amor. Isso me chamou muito a atenção neste livro, por isso este livro é importante pra mim.

*Entrevistadora – Voltando um pouquinho, aqueles dois livros: **A Maçã no Escuro**, e...*

Margarida – **Água Viva**?

*Entrevistadora – **Água Viva**, você disse que, **A Maçã no Escuro** veio antes de **Água Viva**?*

Margarida – Veio. Foi logo na sequência, depois da **Aprendizagem**.

*Entrevistadora – E mesmo tendo passado por **Uma Aprendizagem** e por uma **Maçã no Escuro**, você chegou em **Água Viva** e foi aquela experiência que você disse?*

Margarida – Foi. Porque eu esperava uma história, esperava personagens, acho que como todo mundo. E eu me deparei com pensamentos, uma carta. Não entendi que era uma carta. Depois da terceira leitura, talvez, que eu entendi que era uma carta, eu li várias vezes, mais de quatro vezes o livro. Eu li uma vez, no mesmo dia eu li o livro todo. Depois li num outro dia e então fui entendendo cada pedacinho por vez. Não me lembro em qual vez entendi que era uma carta.

*Entrevistadora – **Água Viva** e a **A Maçã no Escuro** são os dois textos que você destacaria, apesar da impressão, da experiência com **Uma aprendizagem ou O Livro dos Prazeres** ter sido inaugural e ter aberto a sua relação com a Clarice Lispector? Você elegeu esses dois como os mais marcantes dos textos?*

Margarida – Sim, há muitos contos de que gosto do ponto de vista intelectual, de admirar a história, mas estes dois livros me marcaram na memória, pessoalmente.

Entrevistadora – O seu contato com a literatura de Clarice Lispector teve marcos, momentos especialmente importantes para você, mas eu queria saber se para

além desses marcos ou talvez graças também a estes marcos, a Clarice Lispector continuou sendo pra você uma autora importante.

Margarida – Muito importante! Depois dessas leituras que eu já citei, eu fui a um congresso sobre linguagem em Brasília, fui apresentar um trabalho e ouvi uma mesa que falava de Clarice. Eles enfatizavam a questão da linguagem, da diferença da linguagem em Clarice, da escrita, da maneira como ela escreve. Achei trabalhos interessantes, mas há algo muito importante sobre Clarice que estava faltando ali. Eu sempre acho que preciso entender mais um pouco dela. Ela me desafia e isso é muito importante pra mim. Ela é uma companheira. Quando eu leio Clarice, saio um pouco da vida, da obviedade, da rotina. Ela vê as coisas de forma diferente, é como uma amiga, uma interlocutora.

Entrevistadora – O que você diria que os textos de Clarice fazem em geral com os leitores? Você acredita que o que você viveu, por exemplo, possa ser vivido em geral, por outros leitores de Clarice Lispector. Você acha que o que a leitura te trouxe poderia trazer a quaisquer leitores?

Margarida – Eu acredito que o que a leitura me trouxe possa ser vivido por muitos leitores, mas não todos. Acho que por muitos sim, porque as pessoas têm suas subjetividades, elas conseguem fazer encontros, mas principalmente porque há nos textos da Clarice alguma coisa que provoca esse encontro, ela pede o encontro, ela escreve pra alguém, então ela consegue, ela pede um contato, ela pede interlocutor. Então isso é algo que realmente é possível de acontecer, mas com muitos leitores, todos não! Tem gente que não consegue, não se identifica com o estilo, com os temas, não consegue, não aguenta por motivos pessoais, então tem gente que odeia mesmo, tudo bem. Acho que um leitor que se proponha a ler uma coisa com maior desprendimento, acho que é capaz de algum encontro. No meu caso, foi um encontro muito rico. Eu acho que tem muitos leitores também que tiveram experiências fecundas com os diversos livros de Clarice, com questões diferentes, eu acho que sim.

*Entrevistadora - E você falava antes, a respeito de **Água viva**, de um tipo de leitura que encontra orientação na própria leitura...*

Margarida – Sim, não é tão diretivo, mas são dicas importantes, a leitura da Clarice dá dicas de leitura que o leitor pode adotar. Eu acho que por conta da solidão, ela buscava interlocutores, ouvintes, companhia. A escrita pra ela era uma companhia. Então acho que ela provoca essa sensação de companhia no leitor também. O leitor sente que é escrito pra ele, isso é muito forte, parece muito pessoal o contato. **Água Viva** é uma carta, ela sempre com essas idéias de escrever pra alguém, tem a mão na **A paixão segundo G.H.**, tem o interlocutor... em Clarice sempre aparecem estas evidências de que ela não está sozinha, ela está escrevendo pra alguém, não é um texto hermético, um texto fechado, é um texto que exige a participação do leitor pra se descobrir, pra se abrir. A Clarice permite que o texto dela seja de co-autoria com o leitor, isso me parece algo assim democrático, mas é o estilo dela, ela permite.

Entrevistadora – O que você quis dizer com tem a mão?

Margarida – A mão é importante, acho que aparece em vários textos. Ela explica a importância da mão que dá esperança, a mão que orienta, a mão que suporta a solidão, pede companhia nos momentos de angústia. Tem um dado biográfico dela que diz que ela pede... a única coisa que ela gostaria, na morte, era que alguém segurasse a mão dela pra que ela não morresse tão sozinha. É a única coisa que ela pede antes de morrer e acontece isso: a Olga Borelli dá a mão pra ela antes da morte. Essa imagem da mão aparece nos textos e na vida. Ela era uma pessoa só e precisava muito de companhia mesmo.

Entrevistadora – Obrigado. Você quer dizer mais alguma coisa?

Margarida – Acho que é isso mesmo.

5.4.1. ANÁLISE

Margarida leu muitos textos de Clarice Lispector e escolheu como marcantes aqueles com os quais parece mais ter realizado uma relação viva de crise, revivências, revisão e amadurecimento. Embora ela tenha destacado **Água viva** e **A maçã no escuro** como os dois textos mais marcantes, **Uma Aprendizagem ou o livro dos prazeres** pareceu ter sido bem importante também. O caminho clariciano da entrega amorosa foi identificado por Margarida, que se reconheceu aprendiz do livro que traz no título a aprendizagem. Seguindo os passos de Lóri e de Ulisses, Margarida percebeu-se em condições de questionar-se e mudar: aprender a se relacionar, sair de si para se encontrar através do outro. É mais um leitor que vive com Clarice Lispector o paradoxo de encontrar-se saindo de si próprio, uma descoberta mediada por outrem.

Em **Água Viva**, houve uma relação da leitora com a escritora e com as capacidades da escritora, uma relação com Clarice Lispector muito direta. A leitura foi uma conquista alcançada por meio de uma atitude de abandono, **atitude neutra** como já falamos, em resposta à proposta de prosseguir sem entender. A atitude de considerar que a experiência segue, mesmo quando ela escapa ao entendimento; e não só segue como até mesmo segue uma ordem maior de revelações. Essa leitora mostra ter encontrado com as sucessivas leituras de Clarice Lispector a atitude prévia indispensável para a experiência de uma obra assim: outro paradoxo, a leitora alcançou pela progressiva experiência da obra a atitude que a obra supõe e exige antes de ser experimentada.

Retirei de **Água viva** um trecho que a escritora, por assim dizer, deixa uma instrutiva orientação para os leitores. Provavelmente, a leitora chegou àquela compreensão pela leitura deste e de outros trechos da autora, onde Clarice parece conversar com o leitor:

Ouve-me, ouve o silêncio. O que te falo nunca é o que te falo e sim outra coisa. Capta essa coisa que me escapa e no entanto vivi dela e estou à tona de brilhante escuridão. Um instante me leva insensivelmente a outro e o tema atemático vai se desenrolando sem plano mas geométrico como figuras sucessivas num caleidoscópio. (Lispector, 1980, p. 14)

Aceitar uma tal proposta permitiu à Margarida uma releitura finalmente bem-sucedida de **Água Viva**. Ouvir o silêncio do outro, das coisas, o próprio silêncio; ouvir não o que é silenciado mas o que é dito nas entrelinhas e cuja compreensão total sempre nos escapa, deixando-nos nas trevas da ignorância, sábia ignorância. Cada palavra e frase lidas nos instantes vão se sucedendo, palavras ao vento, palavras tentando pescar não-palavras, formando temas sem forma, disformes. Palavras soltas e sem objetivos definidos demais buscando através de jogos de espelhos e de cores diversas desenhar figuras como num caleidoscópio.

Quando prosseguiu sem se perturbar por não entender e até aguardando pra ver, esse não entendimento representou um começo ainda não reconhecível, mas de um novo entendimento, onde aí o objeto falasse mais. O desencontro inicial se tornou depois um fecundo encontro. O que parecia obstáculo no texto clariciano, como a escrita ou a temática, alavancou na leitora alterações surpreendentes, que evidentemente não esgotam as possibilidades de crescimento. Um processo curativo foi despertado e seguir com ele será sempre uma escolha.

Um processo curativo – que poderia ser descrito como libertação da excessiva vontade de saber e decifrar o objeto e libertação para uma condição de quem mais vive o objeto do que o conhece. Isso é muito clariciano: a gente aprende a se pronunciar sobre o que nos atingiu vivamente sem nos apegarmos a nenhum pronunciamento. A enunciação viva prevalece sobre os enunciados mortos.

Margarida encarece muito o tema da desistência, tal como enfrentado em **A maçã no escuro**. “Um homem tinha uma vez que desistir. E só então poderia

viver, como ele agora vivia, na latência das coisas”. (p. 83). Desistir de um curso, de certos laços familiares, desistir de namorados ou maridos, desistir de um casamento, desistir de um emprego, desistir de uma dieta, de tratamentos, de ginástica, de performances sociais. Desistir fala de libertar-se de um dever sentido como opressor, vazio, obsediante. Libertar-se para resgatar-se, talvez voltando um passo, ou recuando, tirando da exterioridade e das alienações do ativismo, recuperando as sombras e segredos da autenticidade profunda contra a vaidosa perseguição dos holofotes.

No acerto parece haver uma coincidência entre o sujeito e a realidade, como se a realidade ficasse coberta pela competência do sujeito; e no erro a realidade excede. Quando o texto encontra um leitor disposto a desistir de si próprio e assumir sua caminhada errante, seus passos mancos no mundo, a narrativa dá orientações ao leitor então preparado para movimentos novos e ações. Percebendo o descompasso entre seus recursos e a realidade, pode alargar a compreensão dela.

O erro só é precioso quando for realmente uma oportunidade de alteração, como discutido no conto “Mineirinho”. A história de uma pessoa é a história de seus erros preciosos. Para quem não se assustou demais com eles e teve apoio para aproveitá-los, o erro ajuda a atingir os próximos degraus do percurso, pois eles estabelecem assimetrias, dão trabalho, fazem sofrer, fortalecer e talvez curar.

Margarida acentua que o amor, em **A maçã no escuro**, vem junto com o medo de amar, o movimento centrífugo do amor vem junto de movimentos introvertidos que o querem contrariar. As lutas contra o amor já são o próprio amor. Amor com medo exagerado que impede a experiência amorosa, amor com medo moderado e por vezes medo comunicado, amor que ainda não se sabe amar, além do ódio mortal de amor. Amor um tanto impedido, mas revelado na sua ambiguidade. Amor que é abertura para o mundo, para o outro, entrega sem orgulho, sem vaidade, capaz de transformar sacrifício em oferenda, em **A maçã**

no escuro, é feito também do que contradiz isso tudo, podendo vencer ou ser vencido.

A leitora enfatizou que a escrita clariciana destinava-se a alguém, ao leitor, não apenas como receptor, mais como interlocutor que faz a obra respirar, continuar inspirando respostas e interpretações. A narrativa clariciana dava, pedia a mão e a companhia do leitor que, muitas vezes, quando tocado, doa-se de volta: “[...] estava desamparado e sentia necessidade de dar, que era a forma como uma pessoa desajeitada sabia pedir”. (Lispector, 1978, p. 106-107)

Parece reconhecível que a passagem por Clarice Lispector devolveu vitalidade à Margarida, que passou a ter mais disposição para as contradições da vida como ela é. Passagem que parece ter devolvido a leitora com menos medo da ambiguidade, com mais confiança e esperança que a mistura do bem e do mal, do extrovertido e do introvertido, pudessem, várias vezes, conhecer a prevalência do bem.

6. A CURA: ALGUMAS CONCLUSÕES

[...] descobria de que modo
eu curava: quem me amasse,
assim eu teria curado quem
sofresse de mim.

Clarice Lispector

Quem aceitou o convite e a mão de Clarice Lispector passou por caminhos tortuosos, reencontrando ora a tragédia e a desgraça no texto e na vida, ora a esperança. Nada fica igual ao que era depois de ter sido tocado pelo olhar e pela palavra da escritora. Algo é movimentado, criando impasses que marcam e dão oportunidade de mexer na própria alma.

A consciência que se altera através da leitura do texto não é devida apenas à maturidade individual do leitor. Há algum amadurecimento que sobrevém com a leitura. As histórias de Clarice levam ao descentramento, arrancam-nos para fora, para olharmos em companhia de alguém, propõem reflexões que nos reapresentam o mundo: por meio dessas vivências, nossas mais íntimas respostas são exigidas e encontradas. A obra da escritora surpreende também aqueles que se enganam com a aparência demais psicológica do seu texto e dos seus temas: uma leitura atenta não pode negar as fortes dimensões metafísicas, éticas e políticas de sua escrita.

Atinamos melhor com a prosa de Clarice Lispector quando uma narrativa serviu de apoio para a leitura de outra. A tarefa é infinita. Compartilhamos algumas ligações intertextuais que nos permitiram encontrar caminhos a que os leitores parecem solicitados.

“A Festa do termômetro quebrado” é uma narrativa que nos faz vibrar, assim como vibram suas festivas bolinhas de mercúrio, núcleos íntegros que guardam um isento segredo. “A geléia viva como placenta” nos apavora, exigindo que o

pesadelo seja interpretado: o persistente vivo convoca e atendê-lo é tarefa inevitável dos vivos. Nem sempre estamos preparados para ele e por isso tentamos fugir, cobrindo-o e sufocando-o. As duas crônicas iniciaram as análises porque fundaram alicerces que podem polarizar o que passamos a compreender como cura clariciana: as figuras do núcleo e do mundo vivo.

Na crônica “A geléia viva como placenta”, a gelatinosa, úmida e mole placenta é representante do vivo terrível. No conto “As águas do mundo”, a mulher prepara-se para o encontro com a água viva, aqui mais atraente que assustadora. Ela entra em atitude neutra que possibilita o encontro com o mar. A experiência com a água torna-se então fértil, energizando, animando, erotizando, acentuando, como num rito primitivo, a mútua atração dos seres incognoscíveis e sua comunidade primordial.

Se em “A Festa do termômetro quebrado”, a frieza e isenção dos núcleos separam as bolinhas mercuriais, as feras e os humanos, em “Menino a bico de pena”, o núcleo foi penetrado, amortecido, precocemente disciplinado. Em “Mineirinho” e em “Encarnação involuntária”, houve possessão de um núcleo por outro: a narradora alterando-se em bandido e missionária, uma incorporação sem despersonalização, uma alienação paradoxalmente enriquecedora.

Escolhi “Menino a bico de pena” porque há tanta coisa em Clarice Lispector sobre a vitalidade e autenticidade do mundo selvagem e dos núcleos selvagens que a natureza acentua e que a civilização descobre ou cobre, acalenta ou congela. A natureza é colo e fera em Clarice Lispector; a civilização, quando exército adverso, ameaça e seca. Há tanta coisa em Clarice Lispector sobre o medo, a soberba, a prepotência, orgulho dos que querem subordinar a vida a uma técnica de prosperidade, roupagem, êxito, segurança, força e retidão. Em Clarice Lispector o vivo é susto, risco, vertigem, é desapego, despojamento, nudez, é sinuosidade, é irregularidade, erro, crueza, é paradoxo, é sagrado e profano.

Escolhi “Os obedientes”. Ressecado estava o casal, distante demais dos núcleos e do mundo vivos, sem notícias da vida que, inutilizados os seus poderes

hidratantes, ficou banal, vazia ou cheia de futilidades. Estavam despreparados para o chamado intenso e vivificante: não suportaram. Por isso escolhi também “A legião estrangeira”.

Escolhi “Mineirinho” porque há tanta coisa em Clarice Lispector sobre o núcleo pisado, banido, policiado e que, invencível, explode. Escolhi “Mineirinho”, “Encarnação involuntária” e “A legião estrangeira” porque há tanta coisa em Clarice Lispector sobre os poderes da mão de alguém na formação da capacidade de viver. A mediação dos outros humanos para que sejam possíveis os estados não-integrados que não são desintegradores. Viver por filiação, por encarnação do outro, pelo urgente socorro do outro, pelo necessário uso do outro, por comunidade de destino, por parceria. Viver com os outros os desafios do vivo provenientes de fora e finalmente de dentro.

Escolhi “Perdoando Deus” porque há tanta coisa em Clarice Lispector sobre os poderes da atitude neutra que dá passagem ao mundo, sem interceptação e embaraço da subjetividade armada, pré-formada, presunçosa. O mundo limpo e sujo, bonito e feio, atraente e aversivo, ambíguo, ambivalente, contraditório. O recuo da subjetividade para a epifania do mundo. A subjetividade sacrificada, a renúncia de mim que não são despersonalização. Escolhi “Perdoando Deus”, “As águas do mundo” e “A legião estrangeira” porque há tanta coisa em Clarice Lispector sobre os poderes da ignorância e do não entendimento que dão mais o objeto, seus sentidos e seu mistério, do que o conhecimento que supõe previsível o nosso destino e decifrados os objetos todos. O impulso para o mundo, involuntário, instintivo, primitivo, atávico, universal, e ao mesmo tempo desejo tão pessoal, contato do núcleo de mim com a vida do mundo. O silêncio de que são feitas as vozes do mundo e que Clarice Lispector não cansa de recomendar.

No universo de Clarice Lispector, os fenômenos mais banais e cotidianos são vistos através de uma lupa, enfatizando pequenos movimentos, quase insignificantes a olho nu. As personagens ora têm *insights*, ora desequilibram-se; algo comum é visto por um ângulo tal que se altera em extraordinário.

No tempo curto dos contos, somos arrastados à coragem que quebra paredes, defesas, ideologias, máscaras, em busca do primitivo, do selvagem restaurador de uma vitalidade e autenticidade perdidas. Viajar com Clarice por essas paisagens dá certa vertigem, porque o mundo nu, cru, vivo, angustia. Tudo fica movediço. Se por um lado, garantia liberdade para pessoas de alma já formadas, podia também levar à despersonalização.

Se o texto perturba almas demais adaptadas, dá as mãos para os angustiados cujo sofrimento parece não caber no ambiente social. A mão que apoia é bem diferente da que passaria pela cabecinha dos lamuriosos. Refletir junto sobre o medo não é compactuar com ele: é encorajamento.

Destacamos a importância e a frequente aparição dos seguintes temas difíceis: o aquoso, as referências religiosas, o erro, a ousadia, a ignorância, e o amor. A água tem função essencial na poética clariciana a respeito da origem da vida, do primitivo que lava, refresca, restaura.

Clarice nos convida a sair de caminhos repisados que nos recomendam esforço para não errar. Ela alarga objetivos quando inverte os sinais, valorizando o erro: aprender com os erros é melhor do que apenas sofrer com o fracasso, sofrer por não ter acertado. Olhar de forma positiva para o que a civilização entende como negativo é um dos presentes que Clarice nos deixou.

A aceitação, o “sim”. Aceitação que difere de adaptação acomodada. Adaptação e comodismo impedem, bloqueiam a ação política, os gestos espontâneos, sufocam e matam a singularidade para que ela não conflite com a civilização. Neste campo, paradoxalmente, desistir pode ser insistir em viver.

O amor em Clarice não é só carinho, não é amar o próprio amor. Amar é ação eficaz. Às vezes é terno, mas na maioria das vezes o amor clariciano é quase cirúrgico: é com certa agressividade que as flechas mortais são arrancadas da carne.

Fica a possibilidade, nem mais e nem menos, de uma cura pela leitura. As condições subjetivas podem apoiar ou largar um caminho assim. Mas não seria necessário supor confissões demais. Objetivamente, há um texto que deixou materialmente um caminho, a memória e a escavação de um caminho. O leitor cuja leitura de Clarice Lispector seja sentida como um caminho, não como uma operação, e um caminho que o levou a discriminar e nomear por muitos lados experiências que antes lhe pareciam unívocas, este leitor testemunha já uma influência do texto, mas de que toda literatura maior é capaz. Se testemunhar algo como um caminho que variou por temas que pareçam associar ao que temos delineado como mundo, mundo vivo, o vivo, os núcleos, a mediação da mão ou de alguém, então diremos que efetivamente leu Clarice Lispector e que a influência que viveu é característica de sua escrita. São figuras que não exaurem a obra, mas são figuras que a obra nos exigiu e que se abriram para nós. Se o leitor finalmente acrescentar ter com a leitura alcançado algo como uma alegria difícil, teremos, ao que tudo indica, ao menos um leitor em nome de quem se poderá justificar alguma aproximação entre a cura e a obra de Clarice Lispector.

*****

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA sagrada: antigo e novo testamento. Trad. João Pereira de Almedida. Brasília, Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

ARÊAS, V. **Clarice Lispector com a ponta dos dedos.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ARENDT, H. (1958) **A condição humana.** Trad. Roberto Raposo. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____(1963) **Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal.** São Paulo: Cia das Letras, 1999.

_____(1971) **A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar.** Trad. Antônio Abranches. 4ª. ed. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2000.

_____**O que é política.** Trad. De Reinaldi Guarany. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007.

AUERBACH, E. **Figura.** Tradução de Duda Machado. Revisão de José Marcos Macedo e Samuel Titan Jr. São Paulo: Ática, 1997.

BARBOSA, R.C.K. & GONÇALVES FILHO, J.M. “A geléia, o mercúrio e a placenta: um convite de Clarice Lispector à Psicanálise” **TRIEB.** Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Psicanálise e Literatura, v. VI, n. 1, junho 2007, p. 51-60.

BENJAMIN, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. (1936) In **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BORELLI, O. **Esboço para um possível retrato.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix/Ed. da Universidade dE São Paulo, 1977.

_____. História concisa da Literatura brasileira. 32ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BOSI, E. “A atenção em Simone Weil”. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 14, n. 1, 2003.

ECO, U. “Interpretação e história” In **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ENCYCLOPAEDIA Britannica do Brasil. São Paulo, Encyclopaedia Britannica Editorial Ltda, 1984.

FREUD, S. (1912) “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise” In **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. Jayme Salomão. v. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. (1919) “O Estranho” In **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. Jayme Salomão. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

_____. (1921) “Psicologia de grupo e análise do ego” In **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Trad. Jayme Salomão. v. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

GOMES DE SOUSA, H. J. A culpa é minha: perspectivas levinasianas para uma leitura da obra A Hora da Estrela, de Clarice Lispector. **Artifícios**: Revista do Difere, Pará, v. 1, n. 2, p. 1-18, 2011.

GONÇALVES FILHO, J. M “Problemas de método em Psicologia Social: algumas notas sobre a humilhação política e o pesquisador participante” In BOCK, A. M. B. (Org.) **Psicologia e o compromisso social**. São Paulo: Cortez, 2003, p. 205-213.

GOTLIB, N. B. **Teoria do conto**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1990.

GUIRADO, M. **Instituição e relações afetivas: o vínculo com o abandono**. 2ª. Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. **Vocabulário da Psicanálise**. Verbete: Atenção (uniformemente) flutuante. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LÉVINAS, E. **Ética e Infinito**. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 1988.

LISPECTOR, C. (1944) **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____ (1960) **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____ (1960) “Amor” In **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____ (1960) “A imitação da rosa” In **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____ (1960) “Feliz Aniversário” In **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____ (1961) **A maçã no escuro**. 5ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

_____ (1964) **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____ (1964) **A legião estrangeira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____ (1968) **A mulher que matou os peixes**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____ (1969) **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

_____ (1971) **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____ (1971) “Felicidade clandestina” In **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____ (1971) “As águas do mundo” In **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. (AAM)

_____ (1971) “A legião estrangeira” In **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. (ALE)

_____ (1971) “Encarnação Involuntária” In **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. (EI)

_____ (1971) “Menino a bico de pena”, In **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. (MBP)

_____ (1971) “Perdoando Deus” In **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. (PD)

_____ (1971) “Os desastres de Sofia” In **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. (ODS)

_____ (1971) “Os obedientes” In **Felicidade clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. (OO)

_____ (1971) “O ovo e a galinha” In **Felicidade Clandestina**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____ (1972) “A festa do termômetro quebrado” In **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. (AFTQ)

_____ (1972) “A geléia viva como placenta” In **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. (AGVP)

_____ **Água viva**. São Paulo: Círculo do livro, 1973.

_____ (1974) **A via crucis do corpo**. 5ª. Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

_____ (1974) **Onde estivestes de noite**. 7ª. Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

_____ (1975) **De corpo inteiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____ (1977) **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____ (1978) “Mineirinho” (1978) In **Para não esquecer**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. (M)

_____ (1979) **A bela e a fera**. 5ª. Ed. Francisco Alves, 1995.

_____ (1984) “Uma experiência” In **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MERLEAU-PONTY, M. (1964) **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

MEZAN, R. “A inveja” In Sérgio Cardoso. **Os sentidos da Paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

MOISÉS, C. F. “Clarice Lispector: ficção em crise”. **Remate de Males**, Campinas, n.9, p. 153-160, 1989.

MONTERO, T. (Org.) **Clarice Lispector: correspondências**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

MONTERO, T. & MANZO, L. (Org.) **Clarice Lispector: outros escritos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

MOSER, B. **Clarice: uma biografia**. Trad. José Geraldo Couto. São Paulo : Cosac Naify, 2009.

NUNES, B. "O mundo imaginário de Clarice Lispector" In **O dorso do Tigre**. 2ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

OGDEN, T. "Uma questão de voz na poesia e na psicanálise". **Revista Brasileira de Psicanálise**. v. 32, n. 3, p. 585-604, 1998.

PESSANHA, J.A.M. "Clarice Lispector: o itinerário da paixão". **Remate de Males**, Campinas, n.9, p. 153-160, 1989.

PIRES, L. Concepções da Infância em Clarice Lispector. In: Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências, 11, 2008, São Paulo. **Anais eletrônicos XI Congresso Internacional da ABRALIC Tessituras, Interações, Convergências**. São Paulo: USP, 2008. Disponível em:

http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/048/LUCIANA_PIRES.pdf. Acesso em: 17 jan. 2013.

PONTIERI, R. **Clarice Lispector: uma poética do olhar**. 2ª. Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

PRADO, A. "Leitura" In **Bagagem**. 27ed. Rio de Janeiro. Record. 2008.

ROSENBAUM, Y. **Metamorfoses do mal: Uma leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2006.

_____ **Clarice Lispector**. São Paulo: Publifolha, 2002.

_____ A Ética na Literatura: Leitura de "Mineirinho", de Clarice Lispector. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 24, n. 69, p.169-182, 2010.

ROSENFELD, A. "Reflexões sobre o romance moderno" In **Texto/contexto**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Vozes; Lorena: Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, 1979.

_____ **Clarice Lispector: a travessia do oposto**. 2ª ed. São Paulo:

Annablume, 1999.

SAFRA, G. **A face estética do self: teoria e clínica**. São Paulo: Unimarco, 1999.

_____**A poética na clínica contemporânea**. Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2004.

_____**Desvelando a memória do humano: o brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio**. São Paulo: Edições Sobornost, 2006.

SOUSA, C.M. “Escrever o âmago” In **Leitores e leituras de Clarice Lispector**. São Paulo: Hedra, 2004.

_____**Clarice Lispector: figuras da escrita**. Braga: Universidade do Minho/ Centro de estudos humanísticos, 2000.

VARIN, C. “Clarice Lispector e o espírito das línguas” In **Leitores e leituras de Clarice Lispector**. São Paulo: Hedra, 2004.

WEIL, S. A gravidade e a graça. A atenção e a vontade. In **A condição operária e outros estudos sobre a opressão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

WINNICOTT, D.W. **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro; Francisco Alves, 1988.

_____(1953) “Objetos transicionais e fenômenos transicionais” In **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____(1956) “A tendência antissocial”. In **Da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro; Francisco Alves, 1988.

_____(1958) “A capacidade para estar só” In **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

_____ (1960) “Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self”. In: **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

_____ (1962) “A integração do ego no desenvolvimento da criança” In **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

_____ (1963) “Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos” In **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

_____ (1963) “O medo do colapso”. In: **Explorações psicanalíticas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____ (1968) “O uso de um objeto e relacionamento através de identificações”. In: **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____ (1970) “A cura” In **Tudo começa em casa**. Trad. Paulo Sandler. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ANEXO

AMOR

Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde. Depositou o volume no colo e o bonde começou a andar. Recostou-se então no banco procurando conforto, num suspiro de meia satisfação.

Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. Mas o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas. E cresciam árvores. Crescia sua rápida conversa com o cobrador de luz, crescia a água enchendo o tanque, cresciam seus filhos, crescia a mesa com comidas, o marido chegando com os jornais e sorrindo de fome, o canto importuno das empregadas do edifício. Ana dava a tudo, tranqüilamente, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida.

Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela. Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se. No entanto sentia-se mais sólida do que nunca, seu corpo engrossara um pouco e era de se ver o modo como cortava blusas para os meninos, a grande tesoura dando estalidos na fazenda. Todo o seu desejo vagamente artístico encaminhara-se há muito no sentido de tornar os dias realizados e belos; com o tempo, seu gosto pelo decorativo se desenvolvera e suplantara a íntima desordem. Parecia ter descoberto que tudo era passível de aperfeiçoamento, a

cada coisa se emprestaria uma aparência harmoniosa; a vida podia ser feita pela mão do homem.

No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha — com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e o escolhera.

Sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções. Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto — ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido. Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na. Assim chegaria a noite, com sua tranqüila vibração. De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres. Encontrava os móveis de novo empoeirados e sujos, como se voltassem arrependidos. Quanto a ela mesma, fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo. E alimentava anonimamente a vida. Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera.

O bonde vacilava nos trilhos, entrava em ruas largas. Logo um vento mais úmido soprava anunciando, mais que o fim da tarde, o fim da hora instável. Ana respirou profundamente e uma grande aceitação deu a seu rosto um ar de

mulher.

O bonde se arrastava, em seguida estacava. Até Humaitá tinha tempo de descansar. Foi então que olhou para o homem parado no ponto.

A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado. De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego.

O que havia mais que fizesse Ana se aprumar em desconfiança? Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles.

Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar — o coração batia-lhe violento, espaçado. Inclinação, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mascava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir — como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio. Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada — o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás, o pesado saco de tricô despencou-se do colo, ruiu no chão — Ana deu um grito, o condutor deu ordem de parada antes de saber do que se tratava — o bonde estacou, os passageiros olharam assustados.

Incapaz de se mover para apanhar suas compras, Ana se aprumava pálida. Uma expressão de rosto, há muito não usada, ressurgia-lhe com dificuldade, ainda incerta, incompreensível. O moleque dos jornais ria entregando-lhe o volume. Mas os ovos se haviam quebrado no embrulho de jornal. Gemas amarelas e viscosas pingavam entre os fios da rede. O cego interrompera a mastigação e avançava as mãos inseguras, tentando inutilmente pegar o que acontecia. O embrulho dos ovos foi jogado fora da rede e, entre os sorrisos dos passageiros e o sinal do condutor, o bonde deu a nova arrancada de partida.

Poucos instantes depois já não a olhavam mais. O bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascando goma ficara atrás para sempre. Mas o mal estava feito.

A rede de tricô era áspera entre os dedos, não íntima como quando a tricotara. A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido; não sabia o que fazer com as compras no colo. E como uma estranha música, o mundo recomeçava ao redor. O mal estava feito. Por quê? Teria esquecido de que havia cegos? A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente. Mesmo as coisas que existiam antes do acontecimento estavam agora de sobreaviso, tinham um ar mais hostil, perecível... O mundo se tornara de novo um mal-estar. Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam. Expulsa de seus próprios dias, parecia-lhe que as pessoas da rua eram periclitantes, que se mantinham por um mínimo equilíbrio à tona da escuridão — e por um momento a falta de sentido deixava-as tão livres que elas não sabiam para onde ir. Perceber uma ausência de lei foi tão súbito que Ana se agarrou ao banco da frente, como se pudesse cair do bonde, como se as coisas pudessem ser revertidas com a mesma calma com que não o eram.

O que chamava de crise viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas, sofrendo espantada. O calor se tornara mais abafado, tudo tinha ganho uma força e vozes mais altas. Na Rua Voluntários da Pátria parecia prestes a rebentar uma revolução, as grades dos esgotos estavam secas, o ar empoeirado. Um cego mascando chicles mergulhara o mundo em escura sofreguidão. Em cada pessoa forte havia a ausência de piedade pelo cego e as pessoas assustavam-na com o vigor que possuíam. Junto dela havia uma senhora de azul, com um rosto. Desviou o olhar, depressa. Na calçada, uma mulher deu um empurrão no filho! Dois namorados entrelaçavam os dedos sorrindo... E o cego? Ana caíra numa bondade extremamente dolorosa.

Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite - tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca.

Só então percebeu que há muito passara do seu ponto de descida. Na fraqueza em que estava, tudo a atingia com um susto; desceu do bonde com pernas débeis, olhou em torno de si, segurando a rede suja de ovo. Por um momento não conseguia orientar-se. Parecia ter saltado no meio da noite.

Era uma rua comprida, com muros altos, amarelos. Seu coração batia de medo, ela procurava inutilmente reconhecer os arredores, enquanto a vida que descobrira continuava a pulsar e um vento mais morno e mais misterioso rodeava-lhe o rosto. Ficou parada olhando o muro. Enfim pôde localizar-se. Andando um pouco mais ao longo de uma sebe, atravessou os portões do Jardim Botânico.

Andava pesadamente pela alameda central, entre os coqueiros. Não havia ninguém no Jardim. Depositou os embrulhos na terra, sentou-se no banco de um atalho e ali ficou muito tempo.

A vastidão parecia acalmá-la, o silêncio regulava sua respiração. Ela adormecia dentro de si.

De longe via a aléia onde a tarde era clara e redonda. Mas a penumbra dos ramos cobria o atalho.

Ao seu redor havia ruídos serenos, cheiro de árvores, pequenas surpresas entre os cipós. Todo o Jardim triturado pelos instantes já mais apressados da tarde. De onde vinha o meio sonho pelo qual estava rodeada? Como por um zunido de abelhas e aves. Tudo era estranho, suave demais, grande demais.

Um movimento leve e íntimo a sobressaltou — voltou-se rápida. Nada parecia se ter movido. Mas na aléia central estava imóvel um poderoso gato. Seus pêlos eram macios. Em novo andar silencioso, desapareceu.

Inquieta, olhou em torno. Os ramos se balançavam, as sombras vacilavam no chão. Um pardal ciscava na terra. E de repente, com mal-estar, pareceu-lhe ter caído numa emboscada. Fazia-se no Jardim um trabalho secreto do qual ela começava a se aperceber.

Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel. Havia no chão caroços

secos cheios de circunvoluções, como pequenos cérebros apodrecidos. O banco estava manchado de sucos roxos. Com suavidade intensa rumorejavam as águas. No tronco da árvore pregavam-se as luxuosas patas de uma aranha. A crueza do mundo era tranqüila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos.

Ao mesmo tempo que imaginário — era um mundo de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dalias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas folhudas, o abraço era macio, colado. Como a repulsa que precedesse uma entrega — era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante.

As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia. Quando Ana pensou que havia crianças e homens grandes com fome, a náusea subiu-lhe à garganta, como se ela estivesse grávida e abandonada. A moral do Jardim era outra. Agora que o cego a guiara até ele, estremecia nos primeiros passos de um mundo faiscante, sombrio, onde vitórias-régias boiavam monstruosas. As pequenas flores espalhadas na relva não lhe pareciam amarelas ou rosadas, mas cor de mau ouro e escarlates. A decomposição era profunda, perfumada... Mas todas as pesadas coisas, ela via com a cabeça rodeada por um enxame de insetos enviados pela vida mais fina do mundo. A brisa se insinuava entre as flores. Ana mais adivinhava que sentia o seu cheiro adocicado... O Jardim era tão bonito que ela teve medo do Inferno.

Era quase noite agora e tudo parecia cheio, pesado, um esquilo voou na sombra. Sob os pés a terra estava fofa, Ana aspirava-a com delícia. Era fascinante, e ela sentia nojo.

Mas quando se lembrou das crianças, diante das quais se tornara culpada, ergueu-se com uma exclamação de dor. Agarrou o embrulho, avançou pelo atalho obscuro, atingiu a alameda. Quase corria — e via o Jardim em torno de si, com sua impersonalidade soberba. Sacudiu os portões fechados, sacudia-os segurando a madeira áspera. O vigia apareceu espantado de não a ter visto.

Enquanto não chegou à porta do edifício, parecia à beira de um desastre.

Correu com a rede até o elevador, sua alma batia-lhe no peito — o que sucedia? A piedade pelo cego era tão violenta como uma ânsia, mas o mundo lhe parecia seu, sujo, perecível, seu. Abriu a porta de casa. A sala era grande, quadrada, as maçanetas brilhavam limpas, os vidros da janela brilhavam, a lâmpada brilhava — que nova terra era essa? E por um instante a vida sadia que levara até agora pareceu-lhe um modo moralmente louco de viver. O menino que se aproximou correndo era um ser de pernas compridas e rosto igual ao seu, que corria e a abraçava. Apertou-o com força, com espanto. Protegia-se tremula. Porque a vida era periclitante. Ela amava o mundo, amava o que fora criado — amava com nojo. Do mesmo modo como sempre fora fascinada pelas ostras, com aquele vago sentimento de asco que a aproximação da verdade lhe provocava, avisando-a. Abraçou o filho, quase a ponto de machucá-lo. Como se soubesse de um mal — o cego ou o belo Jardim Botânico? — agarrava-se a ele, a quem queria acima de tudo. Fora atingida pelo demônio da fé. A vida é horrível, disse-lhe baixo, faminta. O que faria se seguisse o chamado do cego? Iria sozinha... Havia lugares pobres e ricos que precisavam dela. Ela precisava deles... Tenho medo, disse. Sentia as costelas delicadas da criança entre os braços, ouviu o seu choro assustado. Mamãe, chamou o menino. Afastou-o, olhou aquele rosto, seu coração crispou-se. Não deixe mamãe te esquecer, disse-lhe. A criança mal sentiu o abraço se afrouxar, escapou e correu até a porta do quarto, de onde olhou-a mais segura. Era o pior olhar que jamais recebera. Q sangue subiu-lhe ao rosto, esquentando-o.

Deixou-se cair numa cadeira com os dedos ainda presos na rede. De que tinha vergonha?

Não havia como fugir. Os dias que ela forjara haviam-se rompido na crosta e a água escapava. Estava diante da ostra. E não havia como não olhá-la. De que tinha vergonha? É que já não era mais piedade, não era só piedade: seu coração se enchera com a pior vontade de viver.

Já não sabia se estava do lado do cego ou das espessas plantas. O homem pouco a pouco se distanciara e em tortura ela parecia ter passado para o lados

que lhe haviam ferido os olhos. O Jardim Botânico, tranqüilo e alto, lhe revelava. Com horror descobria que pertencia à parte forte do mundo — e que nome se deveria dar a sua misericórdia violenta? Seria obrigada a beijar um leproso, pois nunca seria apenas sua irmã. Um cego me levou ao pior de mim mesma, pensou espantada. Sentia-se banida porque nenhum pobre beberia água nas suas mãos ardentes. Ah! era mais fácil ser um santo que uma pessoa! Por Deus, pois não fora verdadeira a piedade que sondara no seu coração as águas mais profundas? Mas era uma piedade de leão.

Humilhada, sabia que o cego preferiria um amor mais pobre. E, estremecendo, também sabia por quê. A vida do Jardim Botânico chamava-a como um lobisomem é chamado pelo luar. Oh! mas ela amava o cego! pensou com os olhos molhados. No entanto não era com este sentimento que se iria a uma igreja. Estou com medo, disse sozinha na sala. Levantou-se e foi para a cozinha ajudar a empregada a preparar o jantar.

Mas a vida arrepiava-a, como um frio. Ouvia o sino da escola, longe e constante. O pequeno horror da poeira ligando em fios a parte inferior do fogão, onde descobriu a pequena aranha. Carregando a jarra para mudar a água - havia o horror da flor se entregando lânguida e asquerosa às suas mãos. O mesmo trabalho secreto se fazia ali na cozinha. Perto da lata de lixo, esmagou com o pé a formiga. O pequeno assassinato da formiga. O mínimo corpo tremia. As gotas d'água caíam na água parada do tanque. Os besouros de verão. O horror dos besouros inexpressivos. Ao redor havia uma vida silenciosa, lenta, insistente. Horror, horror. Andava de um lado para outro na cozinha, cortando os bifés, mexendo o creme. Em torno da cabeça, em ronda, em torno da luz, os mosquitos de uma noite cálida. Uma noite em que a piedade era tão crua como o amor ruim. Entre os dois seios escorria o suor. A fé a quebrantava, o calor do forno ardia nos seus olhos.

Depois o marido veio, vieram os irmãos e suas mulheres, vieram os filhos dos irmãos.

Jantaram com as janelas todas abertas, no nono andar. Um avião estremecia,

ameaçando no calor do céu. Apesar de ter usado poucos ovos, o jantar estava bom. Também suas crianças ficaram acordadas, brincando no tapete com as outras. Era verão, seria inútil obrigá-las a dormir. Ana estava um pouco pálida e ria suavemente com os outros. Depois do jantar, enfim, a primeira brisa mais fresca entrou pelas janelas. Eles rodeavam a mesa, a família. Cansados do dia, felizes em não discordar, tão dispostos a não ver defeitos. Riam-se de tudo, com o coração bom e humano. As crianças cresciam admiravelmente em torno deles. E como a uma borboleta, Ana prendeu o instante entre os dedos antes que ele nunca mais fosse seu.

Depois, quando todos foram embora e as crianças já estavam deitadas, ela era uma mulher bruta que olhava pela janela. A cidade estava adormecida e quente. O que o cego desencadeara caberia nos seus dias? Quantos anos levaria até envelhecer de novo? Qualquer movimento seu e pisaria numa das crianças. Mas com uma maldade de amante, parecia aceitar que da flor saísse o mosquito, que as vitórias-régias boiassem no escuro do lago. O cego pendia entre os frutos do Jardim Botânico.

Se fora um estouro do fogão, o fogo já teria pegado em toda a casa! pensou correndo para a cozinha e deparando com o seu marido diante do café derramado.

— O que foi?! gritou vibrando toda.

Ele se assustou com o medo da mulher. E de repente riu entendendo:

— Não foi nada, disse, sou um desajeitado. Ele parecia cansado, com olheiras.

Mas diante do estranho rosto de Ana, espiou-a com maior atenção. Depois atraiu-a a si, em rápido afago.

— Não quero que lhe aconteça nada, nunca! disse ela.

— Deixe que pelo menos me aconteça o fogão dar um estouro, respondeu ele sorrindo.

Ela continuou sem força nos seus braços. Hoje de tarde alguma coisa tranqüila se rebentara, e na casa toda havia um tom humorístico, triste. É hora de dormir,

disse ele, é tarde. Num gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver.

Acabara-se a vertigem de bondade.

E, se atravessara o amor e o seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. Antes de se deitar, como se apagasse uma vela, soprou a pequena flama do dia.

*****